



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FCS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL (PPGAS)

KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA

DESENHAR PARA CONHECER:
Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA

3. Título do trabalho

DESENHAR PARA CONHECER: Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Katianne De Sousa Almeida, Discente**, em 05/09/2024, às 14:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 06/09/2024, às 12:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4692215** e o código CRC **5F2BE7E2**.

KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA

DESENHAR PARA CONHECER:

Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Área de Concentração: Antropologia Social

Linha de pesquisa: Etnografia dos conhecimentos e experimentações etnográficas

Orientador: Professor Doutor Glauco Batista Ferreira

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Almeida, Katianne de Sousa

Desenhar para Conhecer [manuscrito] : Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia / Katianne de Sousa Almeida. - 2024.

235 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira .

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. desenho. 2. experimentações. 3. ensino. 4. epistemologia gráfica. 5. narrativa gráfica. I. Ferreira , Glauco Batista, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 006/24-D da sessão de Defesa de Tese de **KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA**, que lhe confere o título de Doutora em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos vinte e oito dias do mês de agosto de 2024, às 14:00 horas, via webconferência, realizou-se a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de **KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA**, intitulada *DESENHAR PARA CONHECER: Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia*. A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: Glauco Batista Ferreira (PPGAS/UFV - presidente); Fabiana Bruno (membro externo - PPGAS/UNICAMP); Patrícia dos Santos Pinheiro (membro externo - PPGA/UFV); Ema Claudia Ribeiro Pires (membro interno - PPGAS/UFV) e Bruna Nunes da Costa Triana (membro interno - PPGAS/UFV). A candidata apresentou seu trabalho, foi arguida pela Banca e respondeu às arguições. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído à doutoranda o seguinte resultado: **aprovada** pelos seus membros. Reabertos os trabalhos, o presidente proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ele e os/as demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Suzane De Alencar Vieira, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 05/09/2024, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glauco Batista Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 06/09/2024, às 12:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Nunes Da Costa Triana, Professora do Magistério Superior**, em 06/09/2024, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ema Claudia Ribeiro Pires, Professora do Magistério Superior-Visitante**, em 09/09/2024, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufv.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4692214** e o código CRC **3EF14904**.

Referência: Processo nº 23070.036209/2024-69

SEI nº 4692214

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA

DESENHAR PARA CONHECER

Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira (PPGAS/UFG) Orientador e Presidente da Banca

Profa. Dra. Ema Cláudia Ribeiro Pires (PPGAS/UFG) – Membro titular interna

Profa. Dra. Bruna Nunes da Costa Triana (PPGAS/UFG) – Membro titular interna

Profa. Dra. Fabiana Bruno (PPGAS/Unicamp) – Membro titular externa

Profa. Dra. Patrícia dos Santos Pinheiro (PPGA/UFPB) – Membro titular externa

Profa. Dra. Luciene de Oliveira Dias (PPGAS/UFG) – Membro suplente interna

Profa. Dra. Daniele Borges Bezerra (PPGA/UFPel) – Membro suplente externa

Profa. Dra. Isabel Wittmann (PPGAS/USP) – Membro suplente externa

Prof. Dr. Alexsânder Nakaóka Elias (PPGD/Unimontes) – Membro suplente externo

Aos sonhos de Antônio e Emília que puderam desabrochar nestas grafias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à generosidade das trocas entre as interlocutoras Aina Azevedo, Karina Kuschnir, Patrícia Reinheimer e Tatiana Lotierzo e o interlocutor Luis Felipe Hirano que autorizaram minha participação em suas aulas ou atividades. Para além da relação da pesquisa fomos criando laços mais íntimos de uma amizade que espero continuar a florescer.

Agradeço pela obstinação de minha mãe que madrugou em filas de colégios públicos para que eu pudesse ter a melhor formação possível para uma família de baixa renda.

Agradeço ao meu pai, que mesmo desencarnado, eu acredito, que torceu por mim durante a jornada.

Agradeço pelo afeto das amigadas ao longo da caminhada do doutorado, a Adriana Nunes por ter me ajudado na revisão do meu texto da qualificação. À Juliana Martins por me mandar memes quase todos os dias trazendo um pouco de risos e levezas em dias tensos e sombrios. À Geovana e seus gatos por nosso amor por papelaria e desenhos.

Aos integrantes do LABareDA pelas oportunidades de desenhar e compartilhar nossas artes em um espaço fértil e colaborativo.

Agradeço ao meu orientador Glauco Batista Ferreira que sempre apoiou minhas ideias e permitiu que o texto fluísse e eu me reconhecesse nesse processo.

Agradeço à minha professora de desenho e aquarela Cacilda Vitória que me ensinou a desenhar nas tardes do Centro Livre de Artes.

Agradeço à Ana Clara Damásio e ao podcast “Antro: Como faz” que me ajudaram muito quando eu me sentia perdida no caminho do doutorado.

Agradeço pelo companheirismo de Mônica Bié, em que seus gestos de amor foram imprescindíveis para a minha sustentação nos longos dias destes quatro anos de formação.

Agradeço aos ensinamentos e conselhos de minha tia Josefa Deusa de Sousa.

Agradeço às professoras Ema Pires e Fabiana Bruno pelas considerações feitas na qualificação deste trabalho mostrando possibilidades diversas que a pesquisa podia desencadear.

Agradeço pelo apoio da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás que proporcionou quatro meses de licença aperfeiçoamento para que eu pudesse realizar a pesquisa em Campinas e São Paulo, onde pude aprender tanto e estreitar ainda mais as relações com pesquisadoras e pesquisadores que se interessam pela relação do desenho com a Antropologia.

“Os pensamentos não conhecem fronteiras”.

Aby Warburg

RESUMO

O caminho da construção de uma tese desenhada é sinuoso, como qualquer outro elemento orgânico, se desenvolve aos poucos, em processo. Entre bate-papo com colegas, professoras(es) e com as interlocutoras(es) da pesquisa, as relações foram se entrelaçando e também modificando a forma como eu inicialmente pensava a pesquisa e a relação da Antropologia com o desenho. Assim como o meu traço foi acompanhando esse processo ramificado de compreender o que seria experimentar na Antropologia. Em dois cadernos (caderno 01: desenhar conceitos e caderno 02: desenhar etnografias) que se avolumam em cinco brochuras compartilho uma manufatura do pensar, de forma a experimentar várias linguagens dentro da estrutura de construção do pensamento científico, contendo desenhos, fotografias e poesias, pois as produções gráficas se expandiram durante o percurso. O interesse da pesquisa foi destacar o desenho como um caminho possível para a produção etnográfica, além de salientá-lo como um recurso pedagógico para a formação antropológica, dentro da estrutura disciplinar acadêmica na universidade. Na medida em que desenvolvia a ideia de desenhar conceitos eu construía uma narrativa gráfica sobre o meu processo como uma mulher negra na pós-graduação que precisava articular as teorias antropológicas e suas fissuras no contemporâneo. Ao pesquisar sobre o ensino de Antropologia com desenho, ou seja, fazendo uma Antropologia da Antropologia, se estabeleceram as conexões e rupturas epistêmicas entre a escrita e o desenho nas várias formas em se produzir conhecimento na Antropologia.

Palavras-chave: desenho, experimentações, ensino, epistemologia gráfica, narrativa gráfica.

ABSTRACT

The path to constructing a drawn thesis is winding, like any other organic element; it develops gradually. Through conversations with colleagues, professors, and research interlocutors, relationships were intertwined, and they also modified the way I initially thought about the research and the relationship between anthropology and drawing. Just as my drawing followed this branched process of understanding what it would mean to experiment in Anthropology. In two notebooks (notebook 01: drawing concepts and notebook 02: drawing ethnographies) that grow into five brochures, I share the production of thought, to experiment with various languages within the structure of constructing scientific thought, containing drawings, photographs, and poems, since graphic productions expanded along the way. The interest of the research was to highlight drawing as a possible path for ethnographic production, in addition to highlighting it as a pedagogical resource for anthropological training, within the academic disciplinary structure at the university. As I developed the idea of concept drawing, I constructed a graphic narrative about my process as a black woman in graduate school that is fundamentally about articulating anthropological theories and their fissures in the contemporary world. When researching the teaching of Anthropology through drawing, that is, doing an Anthropology of Anthropology, connections, and epistemic ruptures were established between writing and drawing in the various ways of producing knowledge in Anthropology.

Keywords: drawing, experiments, teaching, graphic epistemology, graphic narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Ramificações	21
Figura 02 – Em busca da pesquisa desenhada	23
Figura 03 – Pedregulho	25
Figura 04 – Um respiro nas aulas TERremotas	27
Figura 05 – Cartaz PPV 2020	29
Figura 06 – Participantes da I Mostra de Desenho Etnográfico - PPV 2020	30
Figura 07 – Site do PPV 2022.....	32
Figura 08 – Caminhos	33
Figura 09 – Escolhas.....	40
Figura 10 – O caldeirão	42
Figura 11 – Em nossas mãos	44
Figura 12 – As linhas e seus nós	49
Figura 13 – Salmões-pássaros	54
Figura 14 – Desenrolar	59
Figura 15 – Navegar-se	62
Figura 16 – Duelo	64
Figura 17 – A cura prática	66
Figura 18 – As dobras laboratoriais	68
Figura 19 – telas-janelas.....	70
Figura 20 – Mesa de Debate “Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” com as expositoras Aina Azevedo (UFPB), Letícia Ferreira (UFRJ), com a debatedora Magda Ribeiro (UFMG) e a mediadora Amanda Serafim (PPGAS/Unicamp)	72
Figura 21 – Captura de tela da descrição da Oficina “Técnica aguada com café”	77
Figura 22 – Apresentação dos princípios da aquarela usando café solúvel no LABareDA.....	78
Figura 23 – Paisagem usando técnica aguada com café solúvel.....	78
Figura 24 – Flores do campo com cúrcuma.....	79
Figura 25– Borboleta-fogo-no-ar- Labareda	81
Figura 26– O mundo onde possam caber muitos mundos	83
Figura 27 – Os filhos da compostagem	84

Figura 28– Desenhar mundos possíveis dentro das ruínas é um modo de resistência política	85
Figura 29– Outros mundos a ressurgir	86
Figura 30 – Fazendo parentes com outras espécies para se proteger da extinção.....	87
Figura 31 – Engajamento responsável em que se repensa o mundo onde a reprodução biológica não é fundamental	88
Figura 32 – Caminhante do cerrado goiano.....	89
Figura 33 - Inscrições pelo caminho em apoio à comunidade	90
Figura 34 – Se veste com as costuras de mundos possíveis.....	91
Figura 35 – Pedagogias desenhadas.....	92
Figura 36 – Imagem de uma calçada	94
Figura 37 – Desenho a partir das rachaduras de uma calçada	95
Figura 38 – Karina Kuschnir	96
Figura 39 – Exercício – Traços de Steinberg	97
Figura 40 – Traços de Steinberg	97
Figura 41 – A cadeira sendo olhada – exercício do espaço vazio.....	99
Figura 42 – Tentativas de desenho de cadeiras por meio do espaço negativo.....	100
Figura 43 – Desenho cego de pássaros n.01 e 02.....	101
Figura 44 – Desenho cego de pássaros n. 03 e 04.....	101
Figura 45 – Férias em Taubaté	102
Figura 46 – São Luiz do Paraitinga - SP	102
Figura 47 – Patrícia Reinheimer.....	103
Figura 48 – Feijões – processo inicial do broto nascendo.....	104
Figura 49 – Broto se desenvolvendo.....	104
Figura 50 – broto em crescimento sobre algodão.....	105
Figura 51 – broto em crescimento com medições	105
Figura 52 – broto com anotações de crescimento. Informações de medições das folhagens, caule, horário e dia de observação.....	105
Figura 53 – Emaranhados.....	106
Figura 54 – Luis Felipe	107
Figura 55 – desenho 1 de Luis Felipe.....	108
Figura 56 – desenho 2 de Luis Felipe.....	108
Figura 57 – desenho de Karina Kuschnir “O que vejo da minha janela”	109

Figura 58 – Da minha janela.....	110
Figura 59 – Da minha janela 2	110
Figura 60 – Da minha janela 3	111
Figura 61 – Autorretrato ao acordar.....	112
Figura 62 – Autorretrato à tarde.....	113
Figura 63 – Autorretrato à noite.....	113
Figura 64 – Desenho de movimento 01.....	117
Figura 65 – Desenho de movimento 02	118
Figura 66 – Desenho de movimento 03 e 04.....	118
Figura 67 – Aina Azevedo.....	121
Figura 68 – Aterrissagem – desenho de Aina Azevedo.....	122
Figura 69 – Tatiana Lotierzo.....	124
Figura 70 – Foto quilca – trama inicial a qual os desenhos podem aparecer	125
Figura 71 – Foto quilca 2 – trama inicial a qual os desenhos podem aparecer.....	125
Figura 72 – Amoreira no pátio do IFCH/Unicamp.....	127
Figura 73 – Plantas no pátio do IFCH/Unicamp	127
Figura 74 – A dança.....	128
Figura 75 – Conversas	128
Figura 76 – ritual Umsebenzi.....	129
Figura 77 – Os caminhos do Desenho.....	131
Figura 78 – Vozes Pretas	133
Figura 79 – Lentes Américas.....	134
Figura 80 – Iris Apfel – ícone de moda nonagenário	140
Figura 81 – Convite para a exposição no Expolab – FAV/UFG.....	141
Figura 82 – Painel conceitual n. 04	142
Figura 83 – Viagem ao mercado de pulgas.....	144
Figura 84 – Estampas adoçadas.....	145
Figura 85 – movimento do salmão.....	146
Figura 86 – Desenho cego – parte 1 da obra salmões-pássaros.....	147
Figura 87 – Iluminar.....	151
Figura 88 – Iluminar 2.....	151
Figura 89 – Iluminar 3	152
Figura 90 – Iluminar 4	152
Figura 91 – Iluminar 5.....	152

Figura 92 – Mapa Mental da Obra “Ficar com o problema” construído no aplicativo MindNode.....	156
Figura 93 – Painel Conceitual “Desenhando o Entrelaçar do Cerrado Goiano com as Ruínas: em Busca de uma Simbiose Possível entre Humanos e Não Humanos.....	161
Figura 94 – Mapa Mental da obra “Escute as Feras” construído no aplicativo MindNode.....	163
Figura 95 – Painel Conceitual da obra Escute as Feras.....	167
Figura 96 – O espelho/fronteira.....	168
Figura 97 – O encontro.....	169
Figura 98 – Posicionalidade.....	172
Figura 99 – Dryas iulia	173
Figura 100 – Labareda no cerrado.....	174
Figura 101 – Asas no quarto.....	175
Figura 102 – Redes.....	176
Figura 103 – Semear.....	177
Figura 104 – As nuvens-dragões.....	182
Figura 105 – Polo fechado.....	185
Figura 106 – Polo intermediário.....	186
Figura 107 – Polo aberto	187
Figura 108 – Desenhando o contexto.....	188
Figura 109 – mão direita – coisas próximas.....	192
Figura 110 – mão esquerda – coisas intermediárias	193
Figura 111– duas mãos – coisas distantes.....	194
Figura 112– caminho de volta – mão esquerda – coisas intermediárias	195
Figura 113 – caminho de volta – mão direita – coisas próximas.....	196
Figura 114 – Mariza Peirano.....	197
Figura 115 – Comunidade das aranhas.....	198
Figura 116 – Aranhas em comunidade.....	199
Figura 117 – Tiôtka e as zibelinas.....	200
Figura 118 – Despedida.....	202

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Decodificação do painel conceitual n. 04	143
--	-----

SUMÁRIO

Carta Convite	18
CADERNO 01 – DESENHAR CONCEITOS	20
Prefácio.....	21
O Ponto: Início da Conversa.....	25
Experimentações para uma Manufatura do Pensar.....	45
BROCHURA 01 – AS LINHAS E SEUS NÓS.....	49
Desafios teóricos e epistemológicos.....	51
Os nós pelo caminho.....	57
BROCHURA 02 – AS DOBRAS LABORATORIAIS.....	68
Fabulações no LABareDA	69
BROCHURA 03 – PEDAGOGIAS DESENHADAS.....	92
BROCHURA 04 – OS CAMINHOS DO DESENHO.....	131
CADERNO 02 – DESENHAR ETNOGRAFIAS.....	171
BROCHURA 05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207
ANEXOS.....	215
ANEXO I – EMENTAS DE DISCIPLINAS.....	216
ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	228
APÊNDICES.....	231
APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO	232
APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	233

CARTA CONVITE

Aparecida de Goiânia, 01 de agosto de 2024.

Querida(o) leitora(leitor),

esta tese tem uma proposta experimentativa de compartilhar reflexões por meio de uma manufatura do pensar e foi desdobrada em dois cadernos. O primeiro caderno desembrulha a possibilidade em se desenhar conceitos, refletindo sobre o uso dos desenhos tanto em seus aspectos teóricos quanto práticos. Além disso, destaca como o desenho foi apresentado em algumas disciplinas, dentro dos cursos de Antropologia no Brasil, pensando o seu uso como produção do conhecimento.

O primeiro caderno está dividido em quatro brochuras¹. A primeira brochura denominada “As linhas e seus nós” discorre sobre a minha primeira experiência de campo, em sala de aula, em que presenciei o uso do desenho como dinâmica de aprofundamento dos temas abordados na disciplina *Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias* ministrada pelo Prof. Dr. Luis Felipe Hirano no PPGAS-UFG de forma online no primeiro semestre de 2021.

Na segunda brochura “As dobras laboratoriais” demonstro meu engajamento como integrante do LABareDA (Laboratório de Desenho e Antropologia), relatando alguns dos encontros semanais que se seguiram no ano de 2021, em que foram compartilhadas técnicas, dicas de materiais, cursos, leituras, assim como as(os) pesquisadoras(es) partilhavam seus projetos e desenhos. Nessas interações e por meio de uma certa indisciplina, pois os encontros não tinham um formato vertical de uma classe, abriu-se a oportunidade para a serendíпия do desenho.

A terceira brochura “Pedagogias Desenhadas” apresenta outras experiências de ensino de Antropologia no Brasil usando o desenho como uma dimensão da experimentação gráfica e seus usos *na e para a* etnografia, dentro da disciplina *Antropologia e Desenho*, voltada para as(os) estudantes de graduação da UFRJ, com algumas(alguns) pesquisadoras(es) convidadas(os), ministrada pela Prof^a. Dr^a. Karina Kuschnir de forma online entre os meses de novembro de 2021 a fevereiro de 2022. Para além de uma atividade curricular, outro espaço em que fiz campo foi o curso de

¹ Aqui utilizo brochura ao invés de capítulo, pois a brochura tem como característica apresentar informações de forma visualmente atraente. A tese também foi pensada como um desdobramento de ideias, ao que as brochuras têm um formato dobrado em diferentes formatos. A tese aqui confeccionada traz concepções de design e disposição do conteúdo de maneira a capturar a atenção e transmitir as mensagens usando desenhos.

extensão *Desenho Etnográfico* que reuniu um público diverso de pesquisadoras(es), estudantes, professoras, interessadas(os), nas experimentações que relacionam a Antropologia com o desenho, entre os meses de outubro de 2021 a fevereiro de 2022 de forma online. Uma terceira experiência em sala de aula, esta com o formato presencial, foi na disciplina *Antropologia e Desenho*, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Tatiana Lotierzo, oferecida para estudantes da pós-graduação no PPGAS-USP no primeiro semestre de 2023 e a breve disciplina “Antropologia Gráfica: nas malhas do desenho”, com três encontros, ofertada pela professora Aina Azevedo no mês de março de 2023 no IFCH da Unicamp.

A quarta brochura “Os caminhos do desenho” expõe meu processo criativo, assim como a trajetória acadêmica para o desenvolvimento da tese. Como eu aprendia Antropologia na experiência com os desenhos, apresentando minha posicionalidade diante das experimentações etnográficas. Nesta brochura eu trago para a superfície as escolhas gráficas e assumo uma metodologia que entrelaça os conhecimentos do Design com a Antropologia que tem como objetivo a produção do conhecimento com a produção de imagens.

O segundo caderno dedica-se à construção de uma narrativa gráfica da etnografia realizada ao longo do processo de construção da tese, dentro das salas de aulas, sejam elas online ou presencial, nos eventos acadêmicos, nas produções gráficas no LABareDA, assim como no LEX (Laboratório de Experimentações Etnográficas) e ao refletir sobre as leituras dos textos que me auxiliaram no amadurecimento dentro da pesquisa.

Enfim, este segundo caderno é um aprofundamento do objetivo em se evocar o desenho como uma linguagem de construção e produção do pensamento antropológico. Logo, foi uma forma de desenvolver o argumento que a Antropologia precisa desmistificar o uso dos desenhos e ressignificá-los, trazendo autoridade para a sua presença dentro da divulgação do conhecimento científico. Ao final, temos a brochura 05 com as considerações finais da tese que aponta o contexto histórico da relação da Antropologia com os desenhos e os desdobramentos dos exercícios das disciplinas pesquisadas.

Espero que aprecie delicadamente as sinuosidades das texturas das folhas e das costuras, caminhe o olhar pela energia das cores, dos volumes e procure ouvir as linhas.

Um abraço demorado (que tem outro sentimento após o COVID-19),
Katieanne

Caderno 01

DESENHAR CONCEITOS

PREFÁCIO

O caminho da construção de uma tese desenhada é sinuoso e, como qualquer outro elemento orgânico, vai se desenvolvendo aos poucos, tal como raízes, num processo através do qual a planta vai crescendo, à medida que vai criando ramificações e penetrando mais profundamente no solo.



Figura 01 - Ramificações

Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.

Dimensões: 2480x3508 px

Produção da autora, 2021

É um percurso de amadurecimento. Entre bate-papo com colegas, as rodas de conversa nos eventos acadêmicos, entre aulas com professoras e professores, com os encontros com o orientador e com as interlocutoras e com o interlocutor da pesquisa, enfim, todas essas relações foram se entrelaçando e também modificando a forma como eu inicialmente

pensava a pesquisa e a relação entre Antropologia e desenho, assim como, também o meu traço foi acompanhando esse processo ramificado, um caminho no exercício de compreender o que seria experimentar na Antropologia.

Ao longo da trajetória da escrita imaginei que seria pertinente dividir a tese em dois cadernos, pois as produções gráficas se expandiram durante o percurso. O interesse da pesquisa foi o de destacar o desenho como um caminho possível para a produção de conhecimento na Antropologia, além de salientá-lo como um recurso pedagógico para a formação antropológica, dentro da estrutura disciplinar acadêmica em diferentes universidades, abordando questões quanto aos fazeres etnográficos e aos processos de análise incorporados nas pesquisas antropológicas acadêmicas brasileiras. A pergunta que orientou a pesquisa foi: “como as professoras Aina Azevedo, Karina Kuschnir, Tatiana Lotierzo, Patrícia Reinheimer e o professor Luis Felipe ensinaram conceitos, perspectivas da Antropologia usando o desenho?”

Durante o processo de compreender os fundamentos do ensino sobre Antropologia eu desenvolvia a ideia de desenhar e compreender conceitos e construía uma narrativa gráfica² sobre o meu processo de aprendizado³ das teorias antropológicas e suas fissuras no debate contemporâneo, assim como se estabeleceram as conexões epistêmicas entre escrita e desenho, por meio das falas das(dos) interlocutoras(es).

Os dois cadernos não devem ser lidos como um confronto entre linguagens, e sim mais como uma decomposição ou desmembramento de uma jornada antropológica experimental que começou a ser trilhada em 2019, com várias incursões em diversos contextos, ou seja, um movimento que considero como uma participação-

² O conceito de narrativa gráfica pra Karina Kuschnir (2014) relaciona-se a experiência do ensino de conceitos de Antropologia para alunas(os) de graduação usando o desenho. Por meio de oficinas práticas, alunas(os) que, em sua maioria, não tinham uma relação íntima, ou melhor, até mesmo eram distantes de atividades em que se usava o desenho, as convenções sobre “eu não sei desenhar”, “só faço palitinho”, “eu não desenho bem”, foram desconstruídas para, em seu lugar, no coletivo descobrir novas formas narrativas capazes de evocar graficamente ideias, encontros, diálogos, observações e percepções sobre a vida social. Portanto, para Karina a narrativa gráfica pode ser uma forma eficaz de comunicar ideias e resultados da pesquisa etnográfica. Ao longo das atividades da disciplina, em que a autora descreve no artigo, as(os) alunas(os) foram capazes de contar histórias e relatar eventos utilizando uma sequência de imagens interligadas. Essa abordagem permitiu que elas(eles) explorassem novas formas narrativas capazes de transmitir informações e experiências.

³ Na brochura 04 exploro melhor o meu processo de aprendizado e como se desenvolveu a criação dos desenhos.

observante, visto que minha investida no campo ia muito além da categórica forma de



Figura 02 - Em busca da pesquisa desenhada
Materiais utilizados: desenho digital no aplicativo Procreate.
Dimensões: 1062x1889 px
Produção da autora, 2021

se pesquisar em Antropologia que denominamos como “observação-participante”.

Digo isso, pois nas aulas, cursos, oficinas e palestras que versaram sobre a relação da Antropologia com o desenho, eu me colocava bastante no espaço, como uma verdadeira entusiasta do tema, trabalhando ativamente na divulgação de trabalhos, de autoras(autores) e atividades. Acrescentei, também, outro recurso do trabalho de campo a criação de um perfil no Instagram sobre Antropologia e desenho (@antropologiaydesenho) para divulgar eventos acadêmicos, cursos, chamadas de revistas, editais, entre outros.

Com tal engajamento, o desenho ficou entranhado na minha forma de pensar, assumindo outra temporalidade, atenção, olhar e sensibilidade para compreender as

diversas dinâmicas em se ensinar, aprender e divulgar a Antropologia no Brasil. Logo, para a leitora e para o leitor é importante para mim que acompanhe a história também pelos desenhos, em um caderno exclusivo (Caderno 02 – Desenhar Etnografias), para se incentivar e estimular a polissemia das linguagens e impulsionar a visibilidade do desenho dentro da formação antropológica.

Em resumo, a tese foi uma construção por um campo que se deu entre antropólogas(os), em salas de aula e também em congressos científicos, um campo

feito com antropólogas(os) em seus lugares mais comuns de frequência, numa Antropologia da Antropologia que se faz no Brasil em torno do desenho.

O Ponto: início da conversa

A maioria dos inícios são duros como pedra⁴. O meu começo tinha a textura de um pedregulho, amorfo, com aquelas irregularidades incômodas, cheio de pontas ásperas e deveras irritante.

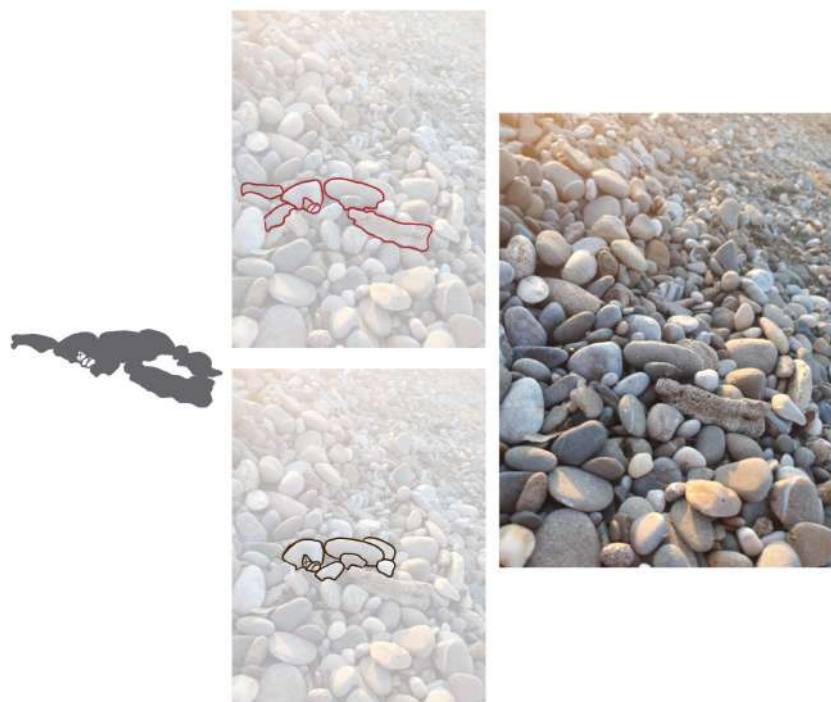


Figura 03 - Pedregulho

Exercício de imaginação - encontrar uma imagem que se assemelha ao corpo humano entre as pedras.

Técnica: Fotografia com intervenção de desenho digital no aplicativo Procreate, fotografia disponibilizada de forma gratuita no site Unsplash, intervenção em desenho digital.

Dimensões: 2391x2048 px

Produção da autora, 2023.

⁴ O exercício de imaginação com pedras foi inspirado em uma das atividades que a antropóloga Karina Kuschnir realizou em uma de suas aulas da disciplina Antropologia e Desenho. Este exercício descrito no artigo “Ensinando antropólogos a desenhar” (2014) tinha como objetivo proporcionar oportunidades para que as(os) alunas(os) praticassem o ato de desenhar, em que suporte que não era uma folha em branco (material que, muitas vezes, afasta as pessoas, pois muitas acreditam que lhes faltam talento ou que não conseguem produzir um “desenho bonito”, ou seja, o suporte inicial eram fotografias de calçadas quebradas. Ao olhar atentamente para as linhas disponíveis as(os) alunas(os) eram incentivadas(os) a procurar formas e significados nas relações entre elas. Nessa experiência a professora Karina fez a mediação para que as(os) alunas(os) procurassem pelas linhas, figuras de pessoas, animais ou criaturas fantásticas. Considero que o principal propósito desta atividade aliado aos objetivos em se ensinar a perspectiva de análise antropológica é estranhar o familiar (Velho, 2013), pois apresenta uma nova forma de ver um elemento da vida urbana (calçadas), dando-se início ao processo de renovar nosso olhar sobre elementos que nos são aparentemente familiares na cidade em que vivemos.

O março de 2020 veio com uma notícia estarrecedora de uma pandemia em escala mundial. Tudo o que se falava na televisão, redes sociais e nos e-mails era a COVID-19⁵. As formas de contaminação transformaram as maneiras que nos relacionávamos e também como seriam os processos de aprendizagem em universidades e escolas. As aulas foram canceladas no formato presencial e durante seis meses a minha turma do Doutorado 2020, no PPGAS-UFG, ainda não sabia como transcorreria o primeiro semestre, ou melhor o 2020/1.

Quem podia estava isolada(o) em suas residências, quem não podia continuava a usar o transporte público, ora com suas máscaras de forro duplo de algodão, ora com a N95⁶. A máscara era um artefato obrigatório, tanto pelo compromisso comum de saúde coletiva, quanto normalizado por lei. Sem a vacina no Brasil, a máscara e o isolamento eram os únicos recursos da maioria da população para evitar a contaminação pelo vírus da SARS-COV-2.

Diante da necessidade de se retomar as atividades da pós-graduação, a Universidade Federal de Goiás (UFG), assim como outras Universidades pelo país, instituíram o Ensino Remoto Emergencial (ERE), no qual as aulas seriam ministradas em formato online durante o período de emergência sanitária, pois era necessário manter o distanciamento físico entre o público universitário.

O desenho n. 04 materializa a minha estratégia para lidar com o distanciamento social e a impessoalidade das aulas pela tela de um computador. Eu colocava uma planta ao lado no notebook para indicar que ainda havia esperança e vida, mesmo que o contexto trazia uma marca de 321.515 mil mortes de brasileiras(os) no dia 31 de março de 2021⁷.

Nas condições do Ensino Emergencial Remoto, as aulas diminuiriam seu tempo de duração, ou seja, se uma disciplina de 64 horas semestrais tinha uma aula semanal de forma presencial que durava quatro horas, no formato online, a aula tinha a duração de duas horas. A plataforma escolhida pela UFG foi o *Google Meet*.

⁵ Houve uma emergência mundial desencadeada pela pandemia do vírus SARS-COV-2, responsável pela doença COVID-19, que modificou completamente o modo de vida da população mundial trazendo: o medo da contaminação; a mudança de diversos comportamentos sociais (proibição quanto ao agrupamento; o impedimento quanto à permanência em locais fechados e até mesmo a alteração da forma de se cumprimentar).

⁶ Tipo de máscara que filtra pelo menos 95% das partículas transportadas pelo ar.

⁷ Notícia destaca que 1 a cada 5 brasileiros vítima da Covid-19 morreu em março de 2021. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/1-a-cada-5-brasileiros-vitima-da-covid-19-morreu-em-marco-de-2021/>. Acesso em janeiro de 2023.

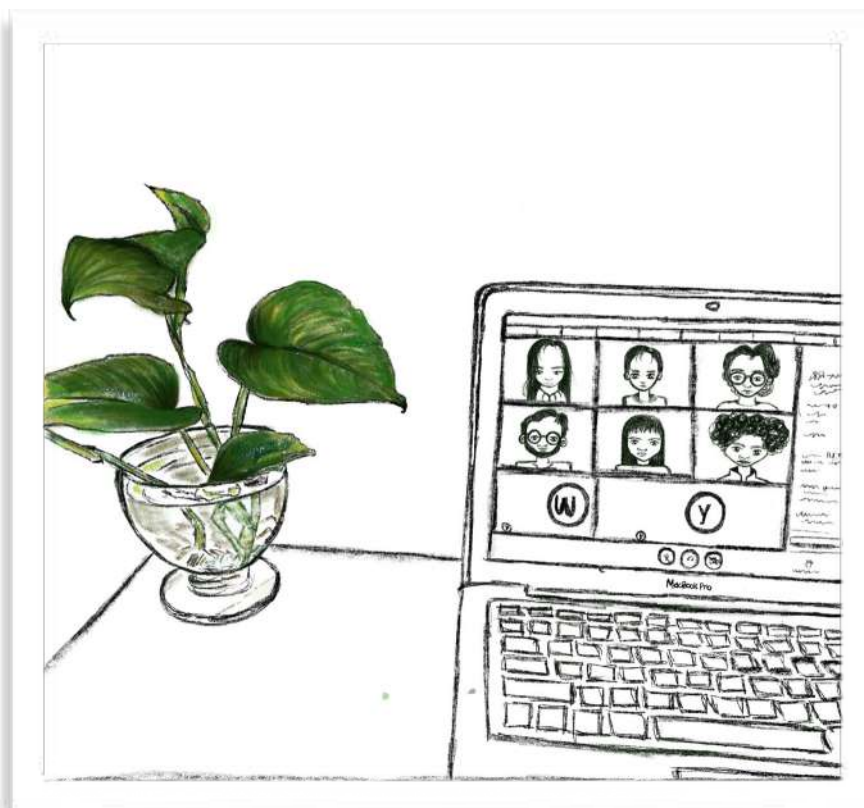


Figura 04 - Um respiro nas aulas TERremotas

Técnica: desenho em pb no aplicativo Procreate com destaque em cor para a planta, ou seja, aquela responsável por dar um respiro durante as aulas em formato online pelo Google Meet.

Dimensões: 2048x2048px

Produção da autora, 2021.

Algumas(alguns) professoras(es) alternavam as orientações das aulas hora pelo SIGAA⁸, ora pelo Google Classroom, entretanto, as aulas expositivas eram pelo Meet.

Nesse ambiente novo e estranho para um curso pensado, planejado e que deveria ser executado em formato presencial, estar

com uma câmera ligada de dentro de nossas casas tomou uma proporção demasiadamente solitária. Se muitos escrevem em seus diários, redes sociais e, atualmente, fazem *memes*⁹ indicando que o período da pós-graduação é um caminho solitário, entretanto, o peso da solidão na época da pandemia da COVID-19 tinha se tornado duro e frio como a pedra.

No desenho 03 “Pedregulho”, por meio de uma montagem de imagens foi importante expressar como foi esse não-lugar, esse deslocamento e a sensação do frio e solidão de não experimentar, presencialmente, as relações entre os colegas de turma, entre alunas(os), professoras(es), comunidade acadêmica, nos espaços

⁸ Plataforma utilizada na UFG para compartilhar diversas informações como: as(os) alunas(os) matriculadas(os), o número da matrícula, curso, disciplinas, recados das(dos) professoras(es), fóruns de atividades, notas, histórico escolar, etc.

⁹ Meme é um dos fenômenos da internet referindo-se ao fato de uma informação se espalhar entre vários usuários rapidamente alcançando sua popularidade em pouco tempo. A maioria dos memes tem um tom de humor e sarcasmo diante a eventos cotidianos.

comunitários, como restaurante universitário, café ou nos deslocamentos pelos corredores, pátios, transporte, etc.

Sem uma reunião de recepção das(dos) novas(os) alunas(os), os dias a partir do mês de agosto de 2020 se arrastaram em aulas com telas, em mensagens pelo SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas), ou lembretes de atividades para serem entregues no *Google Classroom*. As vivências carregavam um tom de dias nublados e sem esperança, ainda mais porque a poucos dias anteriores ao início efetivo do semestre letivo, no mês de junho, tinha me despedido materialmente de minha mãe, por conta de uma metástase do câncer de mama que havia atingido os ossos e se espalhado por outros órgãos.

Sentir a morte tão perto, junto com todas aquelas notícias de falta de espaço para enterrar as(os) inúmeras(os) brasileiras(os) sem oxigênio¹⁰, ou com o agravamento dos sintomas da contaminação pelo COVID-19, afogou muitos dos sentimentos de alegria por finalmente ter entrado no doutorado em Antropologia e realizar uma pesquisa de um tema que começou a ser forjado em 2017, com o contato com a palestra "O que faz o desenho na Antropologia ou como fazer Antropologia com desenho?" proferida por Aina Azevedo dentro do Ciclo dos Ipês no Auditório do Prédio de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais.

Naquele dia da palestra fiz uma pequena nota no meu celular, na qual imaginei escrever um texto com apenas imagens, incentivando a leitura das imagens ou deveria evitar ao máximo o uso das palavras onde fosse possível. Essa era a ideia de uma escrita criativa na pós-graduação em Antropologia.

Portanto, a tese aqui proposta foi germinada a partir das considerações da professora Aina Azevedo em sua palestra e visa construir fundamentos imagéticos e teóricos sobre o uso do desenho como produção do conhecimento e uma narrativa gráfica capaz de potencializar a argumentação na elaboração do pensamento científico antropológico.

Muito além de uma ferramenta ou técnica de pesquisa, a hipótese da pesquisa que aqui se propõe é considerar o desenho na sua dimensão processual e experimental em compor narrativas gráficas nas etnografias e produções

¹⁰ Covid-19: Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher. Fonte: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/14/covid-19-manaus-vive-colapso-com-hospitais-sem-oxigenio-doentes-levados-a-outros-estados-cemiterios-sem-vagas-e-toque-de-recolher.ghtml> Acesso em 08 de abril de 2023.

acadêmicas em Antropologia, além de relatar as estratégias pedagógicas das professoras Aina Azevedo, Karina Kuschnir, Patrícia Reinheimer, Tatiana Lotierzo e do professor Luis Felipe Hirano para o ensino de Antropologia usando o desenho.

No ano de 2020 comecei meu campo participando de forma online da I Mostra de Desenho Etnográfico da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) dentro do Prêmio Pierre Verger (PPV) da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), com o trabalho “Epistemologias Negras Ilustradas”. Essa I Mostra tinha o caráter não competitivo. Abaixo segue o cartaz da I Mostra do PPV:



Figura 05 – Cartaz PPV 2020



Participantes da I MOSTRA DE DESENHO ETNOGRÁFICO

Epistemologias Negras Ilustradas

Katianne de Souza Almeida (UFG/FCS/PPGAS)

O grupo urban sketchers - Natal/RN: a metalinguagem do desenho na pesquisa de campo

Emanoel Aquila Bezerra de Souza (UFRN/CCHLA/DAS/NAVIS)

Mulherio Urbano

Marielen Baldissera (UFRGS/IFCH/PPGAS)

Do fundo da cozinha

Jefferson Carvalho da Silva (UFV)

"Quero marcar meu corpo com algo bom": a tatuagem na construção da subjetividade de mulheres feministas

Hydalice de Andrade (UERJ/PPCIS) e Paula Lacerda (UERJ/PPCIS)

"DAQUI DÁ PRA VERI!" Um olhar sobre a liminaridade das tipologias arquitetônicas no Terreiro de Candombé

Aisha — A. L. Diéne (PPGAS/DAN/UnB)

Graffiti sobre pele

Thayanne Tavares Freitas (UFRGS/IFCH/PPGAS)

Pescadores são também cientistas e pontes são artefatos versáteis para técnicas de coletividades inventivas

Ivan Gomes (UFSC/CFCH/DAN/CANOVA)

O auto do consenso de Viena: etnografia da gestão do problema mundial das drogas na ONU

Dayana Rosa Duarte Morais (UERJ/IMA)

Gestos de amor, gestações de lutas: Desenhos etnográficos sobre o movimento Mães pela Diversidade

Kaito Campos de Novais (University of Oregon/Anthropology Department)

Movimentos de uma antropologia gráfica: desenhos em relação

Sophia Pinheiro (PPGCine-UFF)

Descobrir caminhos, desenhar a cidade: temporalidades do bairro Porto em Pelotas

Flávia Reith (DAA/ICH/UFPeI)

Diante do espelho: aposentadoria e a experiência do envelhecimento entre as mulheres da indústria da tecnologia

Cora Lima Sales (Faculdade Frassinetti do Recife - Fafire) e Cleonardo Maurício Junior (PPGA/UFPE)

Ritmos e movimentos: etnografia e diário gráfico numa feira-livre paraibana

João Vítor Velame (UFPB/CCAE/DCS/AVAEDOC)

COMISSÃO ORGANIZADORA DA I MOSTRA DE DESENHO ETNOGRÁFICO:
Aina Azevedo (Presidente - UFPB)
Lisabete Coradine (Coordenadora do Comitê de Antropologia Visual - UFRN)
Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB)
Karina Kuschnir (UFRJ)

Figura 06 – Participantes da I Mostra de Desenho Etnográfico – PPV 2020

O ano de 2021 foi muito profícuo, mesmo com todas as atividades em formato online, devido a pandemia do COVID-19. Neste ano participei dos encontros¹¹ do LABareDA (Laboratório de Desenho e Antropologia) coordenado pela Professora Doutora Aina Azevedo, vinculada à Universidade Federal da Paraíba(UFPB); da disciplina¹² Antropologia e Desenho ofertada pela Professora Doutora Karina Kuschnir, vinculada ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o curso de extensão¹³ Desenho Etnográfico sob a coordenação das Professoras Doutoras Patrícia Reinheimer, vinculada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Karina Kuschnir; a disciplina Tópicos em Antropologia 1 – Antropologia da percepção: fluxos, subjetividades e grafias¹⁴ ministrada pelo Professor Doutor Luis Felipe Kojima Hirano, vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás(UFG).

No início do ano de 2022, até o mês de fevereiro, continuaram a disciplina Antropologia e Desenho e o curso de extensão Desenho Etnográfico. Também no ano de 2022 aconteceram a 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), a Edição do Prêmio Pierre Verger (PPV) com a 1ª Mostra Competitiva de Desenhos Etnográficos, em que eu também participei como expositora com o trabalho “Entrelaçando Grafias: O Desenho para Ensinar, Aprender e Divulgar a Antropologia Brasileira”.

¹¹ Encontros *online* pela plataforma *Google Meet*.

¹² Disciplina ofertada para alunas, alunos e alunas da graduação e também recebeu convidadas(os) externos à UFRJ. Os encontros online síncronos eram pela plataforma *Google Meet* e as atividades assíncronas pela plataforma *Google Classroom*.

¹³ Os encontros eram quinzenalmente às segundas-feiras de 15h às 17h pelo *Google Meet* e com atividades assíncronas pelo *Google Classroom*.

¹⁴ Disciplina ofertada para as turmas de bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais às quartas-feiras com carga horária de 64h e às segundas-feiras para as turmas de mestrado e doutorado com carga horária de 64h. As aulas síncronas eram pela plataforma *Google Meet*.

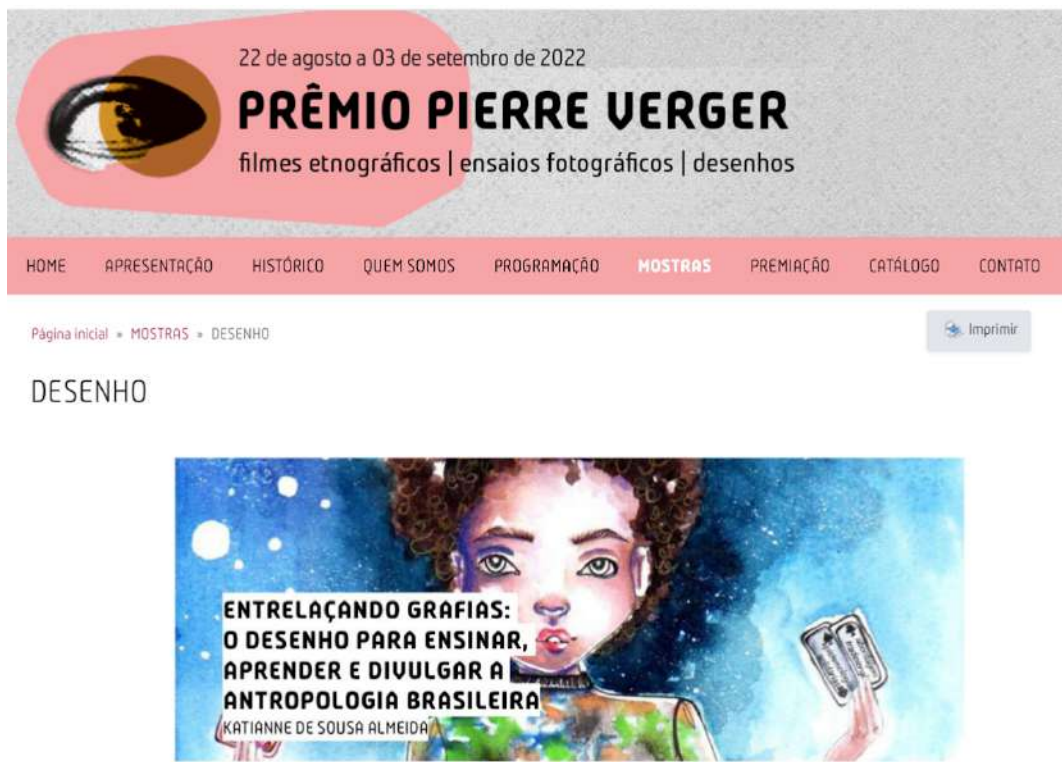


Figura 07 – Site do PPV 2022

Continuei o campo no ano de 2023 me mudando para a cidade de Campinas, interior de São Paulo, para acompanhar presencialmente a disciplina Tópicos Especiais em Antropologia I: Antropologia Gráfica: nas malhas do desenho ofertada pela Professora Doutora Aina Azevedo dentro da Universidade de Campinas (Unicamp) e a disciplina Antropologia e Desenho¹⁵ ofertada pela Pós-doutoranda Tatiana Lotierzo Hirano na Universidade de São Paulo (USP).

Por último acompanhei a oficina, como evento Pré – XIV RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul), “Desenhando-etnografando na Zona Portuária do Rio e na Praça da Cantareira”, em Niterói nos dias 31 de julho e 1º de agosto de 2023.

Nesta longa trajetória percorrida em quatro anos, uma das frases que mais escutei em campo foi “O desenho é bom para pensar”. E foram diversas vezes que fizeram ecoar esta frase. Vozes que percorreram os caminhos descritos acima. Trago

¹⁵ Disciplina ofertada às sextas-feiras das 9h às 13h no auditório do LISA (Laboratório de Imagem e Som em Antropologia) - USP.

o desenho n. 08 presente no caderno de campo para pensar nos atravessamentos destes caminhos e suas encruzilhadas.

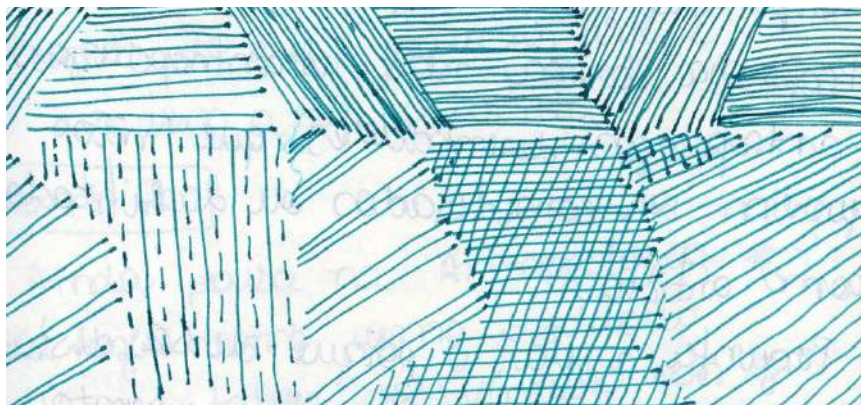


Figura 08 – Caminhos
Exercício de hachuras realizado no curso de extensão “Desenho Etnográfico” em 29/11/2021.
Técnica: caneta azul sobre papel marfim 70g/m²
Dimensões: 7 cm x 17 cm
Produção da autora, 2021.

Trazendo esse imaginário para a superfície juntamente com os comentários das interlocutoras e interlocutor da pesquisa seja em aulas, em oficinas, atividade de extensão, palestras em eventos científicos o desenho é pensado como uma forma de conhecer.

E como seria esse conhecer pelo desenho? Por meio do gesto do traço, no movimento do corpo que não se resume às mãos, ou braços, mas toda a corporalidade daquela(daquela) que desenha. Conforme Gomes:

Desenganem-se aqueles que creem que a articulação do pulso perfaz o movimento do desenho. Não é verdade, aprendi-o há cerca de dez anos. O desenho faz-se da dança, do corpo que se move em busca da linha, do ombro que se faz à amplitude, do cotovelo que movimenta o antebraço, o pulso, a mão, os dedos que se firmam com suavidade no lápis (Gomes, 2016, p.75-76).

No desenho estamos a questionar o gesto, refletimos sobre nossos movimentos, trazendo por meio de linhas a nossa relação com o espaço.

Como explora Ingold:

Quer traçada no ar, quer no papel, seja com a ponta de um bastão, seja com uma caneta, ela surge do movimento de um ponto que é livre para ir aonde

quer, pelo próprio movimento em si. A linha se desenvolve livremente e, no seu próprio tempo, sai pra dar uma volta (Ingold, 2022a, p.100).

Há uma relação intrincada entre a ação de desenhar para conhecer e a ação estou conhecendo, porque estou desenhando. O conhecimento também se configura e visibiliza na diferença da percepção em torno e através do tempo, pois o desenho evoca um tempo outro, um tempo que abarca tanto a observação, a contemplação, a descrição ou até mesmo o questionamento daquilo que se vê.

Na aula de Antropologia e Desenho proferida por Karina Kuschnir o desenho era considerado como uma maneira de se enxergar melhor, perceber melhor e conhecer melhor. Ao explicar sobre o que estuda a Antropologia a professora fez uma relação com o desenho:

A Antropologia estuda processos, ela pensa sobre a relação com; assim também são os desenhos, que são processos de observar as coisas e como se imaginam as coisas (diário de campo, 23 de novembro de 2021).

Na sua experiência em sala de aula, Karina explica que a relação do desenho com a Antropologia o foco não deve estar no realismo, pois quanto a ele precisamos nos “despir” da “roupagem realista” que nos obriga a seguir uma representação figurativa e construída com o intuito de representar fielmente aquilo que foi ou é visto. Os sentidos que precisam ser fomentados quanto ao desenho é a expressão da corporalidade em campo, o seu processo reflexivo e engajado. Importante destacar que os afetos também integram a linguagem do desenho.

O desenho como forma expressiva é um processo de pensar por meio do fazer como explicita Ingold (2022b, p.15) “é observando, ouvindo e sentindo – prestando atenção ao que o mundo quer nos dizer – que aprendemos”.

O desenho é um ato gráfico transformador, transforma o desenhista, ao fazer seu trabalho, e transforma os que o seguem, *olhando com* ele. *Corresponder com* o mundo através do desenho, portanto, é praticar não a etnografia, mas a Antropologia gráfica, ou, para cunhar um termo, a antropografia (idem, p.169, grifos meus).

Durante o campo observei que o emprego do desenho pelas professoras e pelo professor (interlocutes da pesquisa) poderia aparecer nos trabalhos como um desenho de observação, num diário gráfico, nas margens do diário de campo, ou poderia ser uma representação visual de um conceito, ou uma ideia, um recurso para se trabalhar a memória. Na disciplina do professor Luis Felipe, por exemplo, os

desenhos apresentavam a dimensão do sensível, do invisível, ou seja, daquilo que é difícil mensurar e também de enxergar diretamente, tornando assim a representação com os desenhos menos figurativa e talvez intencionalmente abstrata.

Considero nesta tese que o desenho, como uma forma expressiva, tem uma dimensão experimental, em que o registro gráfico para as pesquisas em Antropologia no contemporâneo não tem a necessidade de um realismo pictórico, ou seja, ao desenhar não necessariamente as antropólogas e antropólogos desenhadores estão preocupados em registrar aquilo que se enxerga, há que se aceitar a imperfeição do traço.

Nas pesquisas e em sala de aula, os exercícios práticos envolviam práticas gráficas em que o desenho aparecia como uma relação com o corpo, a relação com o tempo e, principalmente, o estranhar o familiar.

Se a Antropologia é uma forma de olhar, assim também é o desenho, ele é uma forma de se treinar o olhar, é um modo de ver e de conhecer o mundo. O desenho para as interlocutoras e para o interlocutor tem o sentido de expressar a dimensão do cotidiano, a dimensão das relações humanas e a dimensão dos espaços compartilhados.

O desenho é um caminho que desperta muitos sentidos, dois deles são, tanto tornar compreensível certo assunto, quanto transmitir conhecimentos sobre determinada área. Tendo esses dois aspectos como sustentação, o desenho nesta pesquisa assume um caráter experimental, em que se explora as potencialidades das narrativas gráficas (Kuschnir, 2014) com o objetivo de proporcionar maior detalhamento sobre o tema abordado.

As(os) antropólogas(os) frequentemente, em suas etnografias, precisam criar estratégias para compreender as complexas subjetividades de seus campos de estudo, sendo assim, os desenhos podem assumir o lugar de um recurso criativo no diálogo com suas(seus) interlocutoras(es) promovendo uma relação dialógica entre os conjuntos de pensamentos científicos trazidos pela academia e as histórias silenciadas de grupos sociais.

Antes de iniciarmos uma pesquisa buscamos conhecer diferentes autoras e autores e interpretar variados conceitos. A maioria destes, posso apostar sem receio, nos são apresentados, na sociedade contemporânea, dentro da linguagem escrita. Os espaços acadêmicos nos demandam relatórios, resenhas, artigos e nos congressos as exigências seguem os mesmos formatos. Para as inscrições em simpósios, grupos

de trabalhos, mesas redondas e até nas oficinas e minicursos as propostas seguem a padronização da escrita, como uma abordagem legítima para se compartilhar o conhecimento.

Em face dos desafios em se produzir um pensamento científico mais colaborativo e menos hierarquizado pela escrita somam-se os estímulos da Antropologia Visual e da Antropologia Verbal:

Elas pressentiam e intuía, é verdade, que não se poderia mais, num futuro próximo, falar do homem apenas 'descrevendo-o'. Haver-se-ia de 'mostrá-lo', 'torná-lo visível' para melhor descobri-lo, sendo a objetividade de tal pesquisa e de tal empreendimento não mais ameaçada pelo 'visor' da câmara do que pelo 'caderno de campo' do antropólogo (Samain, 1994, p.33).

Quando propus uma tese desenhada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social dentro da Universidade Federal de Goiás (PPGAS-UFG), a intenção foi colaborar com o debate que almeja potencializar o alcance dos conceitos científicos, assim como sinalizou em seu chamado urgente o antropólogo indígena Gersem Baniwa:

A disciplina deve ceder lugar a indisciplina metodológica para dar lugar à diversidade, do inesperado, ao sonho humano, ao possível e sobretudo à busca pelo desconhecido e pela liberdade de pensar, de fazer e de viver; e estimular e valorizar o espontâneo, o que não é conduzido, pelos dogmas criados e impostos, para que o homem recupere sua capacidade de pensar, inventar, criar, acertar e errar, enfim ser humano e não máquina ou peça de uma máquina pré-moldada, ou seja, humano como humano ou o índio como índio (Baniwa, 2019, p.49-50).

A sugestão de uma indisciplina não fica isolada na exposição acima, ela também é um manifesto de algumas antropólogas e antropólogos¹⁶. Especificamente, gostaria de citar espaços que participei ora como ouvinte, ora como comunicadora na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em 2020. Nas discussões que ocorreram nos simpósios, mesas redondas e grupos de trabalho, especialmente nos Simpósio Especial 27 Sensorialidades e Decolonialidade: Imagens e Movimentos; GT 03: Antropoéticas: outras (etno)grafias; GT 60: No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia e na Conferência: Tom, o Naturalista; as falas, textos e imagens foram ótimos exemplos de contribuições para a produção de uma ciência antropológica mais viva e fluida.

¹⁶ Nestas linhas de raciocínio, recomendo como leitura as produções de Dias (2019), Krenak (2019), Quintiliano (2019), Novais (2018), Collins (2016) e Neale Hurston (2019).

As ideias destas pesquisadoras e pesquisadores nos textos e nos eventos acadêmicos expressaram dimensões éticas, estéticas, políticas e teóricas da Antropologia, em seu contexto contemporâneo, onde as sutilezas de um campo disciplinar, compostas por gêneros invisíveis, inaudíveis e indizíveis, não trazem respostas prontas e objetivas, mas coloca este campo o tempo todo em questão, ou melhor em tensão apresentando suas rupturas e deslocamentos. De acordo com Patrícia Hill Collins:

Como *outsiders within*, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo. Trazer esse grupo – assim como outros que compartilham um status de *outsider within* ante a sociologia – para o centro da análise pode revelar aspectos da realidade obscurecidos por abordagens mais ortodoxas (Collins, 2016, p. 101).

A arte, por exemplo, pode ser uma aliada na ação de romper com a ideia do círculo fechado da produção antropológica, ou seja, ela pode ser um vetor de expansão daquilo que fica restrito ao espaço de debate apenas entre antropólogas(os). Ela também pode ser um caminho mais acessível para se compartilhar ideias, conceitos e resultados.

Para não ficar generalizada a abordagem da arte como recurso epistêmico, trago como proposta os desenhos como mecanismos agregadores dentro da construção teórica na Antropologia. Os desenhos atuam como mecanismos para facilitar a comunicação, o entendimento e são expressões criativas permitindo que conceitos abstratos ganhem formas visuais. Os desenhos podem expressar emoções e sentimentos de maneira que as palavras muitas vezes não conseguem. O desenho, portanto, pensado como mecanismo pode ser tratado como dispositivo visual a partir do qual, na relação com os conceitos e com as palavras produzem conhecimentos antropológico. Os trabalhos de Azevedo (2014, 2016), Kuschnir (2012, 2014), Gomes (2016), são alguns exemplos de como é possível potencializar a argumentação usando desenhos para a elaboração do pensamento científico antropológico.

Se para as antropólogas e para os antropólogos é importante desenvolver habilidades para a compreensão das complexas subjetividades em seus campos de estudos, tais competências também precisam compor o contexto em que se divulgam os trabalhos científicos. E desta forma, a sugestão vem por intermédio dos desenhos, em que se pode construir um espaço fértil e criativo de diálogo com as(os)

interlocutoras(es) promovendo uma relação solidária e igualitária na transformação conjunta da linguagem acadêmica.

Desenhar como experimentação da dimensão gráfica da experiência e da *relação com* é assumir o desafio de romper com os limites das palavras que, várias vezes, não são ditas ou pela dor, ou pela disputa por narrativas universalizantes.

O conceito de *relação com* é o alicerce deste trabalho e está em íntima associação à proposta de Ingold no seu livro “Fazer” (2022b). Assim ele descreve essa perspectiva:

O meu objetivo, pelo contrário, é substituir a Antropologia *de* por uma Antropologia *com*. É olhar para a arte, em primeiro lugar, como uma *disciplina*, que partilha com a Antropologia uma preocupação de voltar a despertar nossos sentidos e permitir que o conhecimento brote de dentro do ser, na vida que se desenvolve. Realizar a Antropologia *com* arte, é corresponder ao seu próprio movimento de crescimento ou de devir, em uma leitura que avança ao invés de recuar, e seguir os caminhos aos quais nos conduz. E consiste em ligar arte e Antropologia através da correspondência de suas *práticas*, e não em termos de seus objetos, respectivamente históricos e etnográficos. [...] Segundo a nossa perspectiva de se estudar *com*, todo o território do conhecimento é reconfigurado. Ao invés de ter uma superfície territorial segmentada em domínios de campos de estudo, temos algo mais parecido com uma corda, amarrada em correspondentes fios, ou linhas de interesse. Ao amarrar esses fios, nosso objetivo tem sido desfazer a territorialização do conhecimento implicada na forma como as disciplinas são entendidas normalmente, e celebrar a abertura do conhecimento a partir do seu interior (Ingold, 2022b, p. 24-30).

O desenho, a partir de uma leitura inicial, que seria um exercício de identificação, admite a interpretação que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo. Logo, ele como documento, como fonte, revela aspectos da vida material que, algumas vezes, a compreensão de fontes escritas não revela. Desta forma, as narrativas gráficas contribuem para a promoção do rompimento da construção canônica do pensamento científico e a ampliação dos horizontes epistêmicos.

[...] Antropologia e desenho são modos de ver e também modos de conhecer o mundo. Colocar esses dois universos em diálogo permite, na minha hipótese de pesquisa, um enriquecimento mútuo — isto é, desenhar contribui positivamente para a pesquisa antropológica, e vice-versa: pesquisar antropológicamente contribui para desenharmos o mundo à nossa volta (Kuschnir, 2014, p.28).

Tenho refletido que quando se evoca a linguagem dos desenhos busca-se traduzir para além das palavras (estas que são canonicamente aceitas como instrumentos capazes de produzir e reproduzir o pensamento científico) interpretações visuais de conceitos. Sendo assim, é imperativa a necessidade em abrir o debate e

tensionar de forma criativa as concepções pré-estabelecidas em torno dos modos de se comunicar o pensamento científico. Diante desta perspectiva, assim pondero:

[...]Posto isto, sabe-se da multiplicidade das linguagens de apresentação da diversidade cultural dos grupos sociais, contudo para o campo da produção científica essa pluralidade é questionada no momento de validá-la como um argumento científico, quero dizer que, academicamente somente a escrita é o formato ratificado na ciência. Tal aprisionamento das ideias é questionado pela filósofa, socióloga negra norte-americana Patrícia Hill Collins (2012), em seus argumentos ela explicita a linguagem como um campo de disputa. [...] A produção do conhecimento não deve ter seu alicerce ancorado apenas em um tipo de linguagem (a escrita), pois as epistemes são também táteis e não exclusivamente abstratas (Almeida, 2019, p.111).

Recuperando o debate das(os) pesquisadoras(es) marginalizadas(os) dentro do panorama canonizado pela ciência, ou seja, as produções de indígenas, negras(os), daquelas(es) que integram o sul-global, aquelas(es) que não dominam a escrita e a fala da língua inglesa, das mulheres pretas, entre outras(os) pesquisadoras(es) subalternizadas(os) suas respostas para vencer os subterfúgios de seus silenciamentos e apagamentos, na participação da composição do pensamento científico, são formular e efetivar estratégias agregadoras, em outras palavras, é vital para a virada solidária e igualitária na Antropologia, com métodos e conceitos que sejam capazes de mostrar um outro caminho para as construções argumentativas e que deem vazão à outras formas narrativas.

O próximo desenho faz uma analogia ao jogo de cartas em que a(o) jogadora(jogador) precisa demonstrar sua habilidade por meio da escolha. Os critérios para essa escolha são tanto objetivos, definidos pelas regras estabelecidas, quanto subjetivos, pois não se sabe ao certo o resultado final, logo depende das estratégias de seleção.

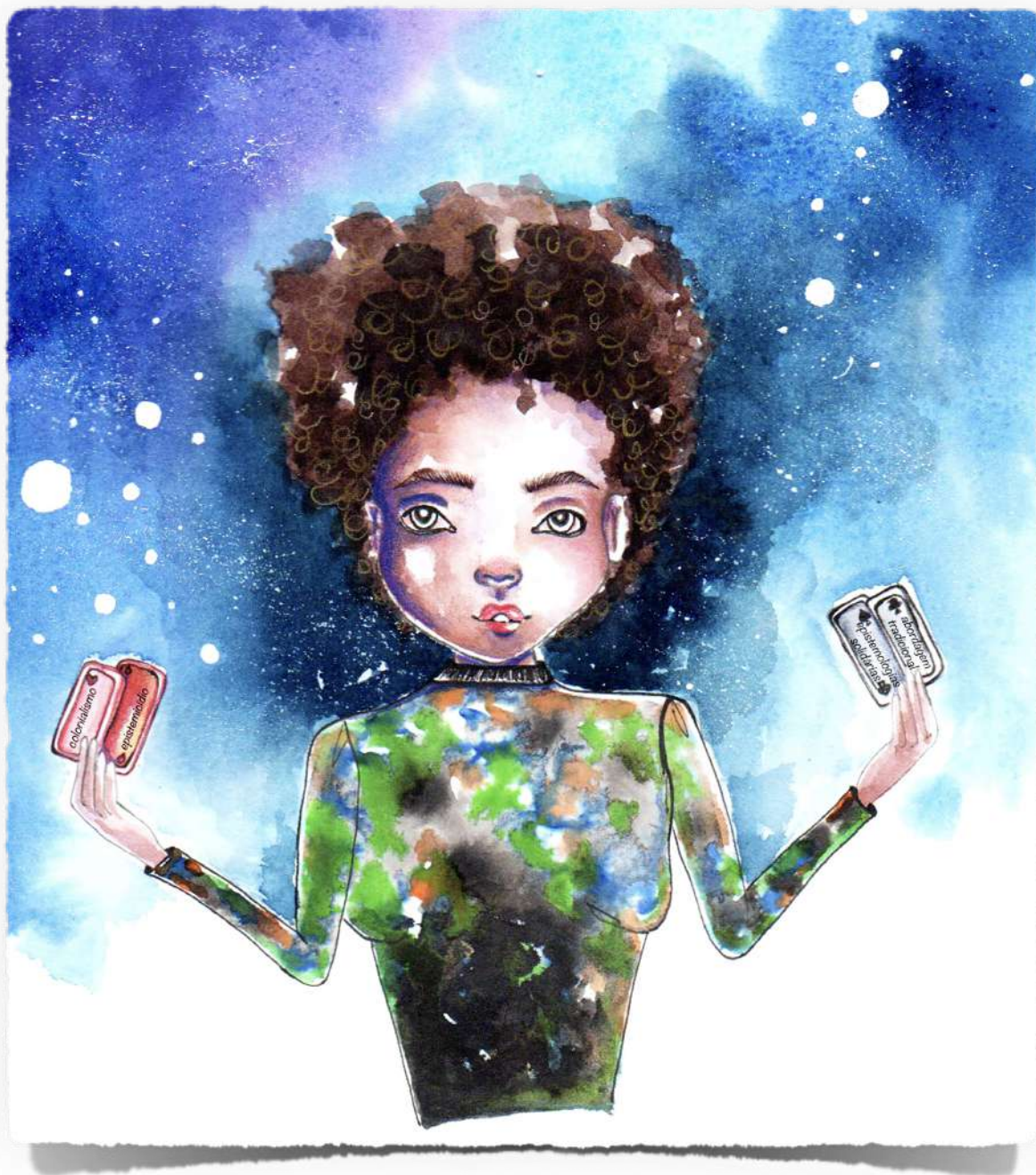


Figura 09 - Escolhas

Técnica: aquarela, lápis de cor e caneta nanquim sobre papel 100% algodão Arches 300g/m² - textura cold pressed

Dimensões: tamanho A4

Produção da autora, 2020.

Entretanto, em qualquer dos contextos existe a(o) personagem que delinea os rumos das jogadas. Ao correlacionar as escolhas da(o) jogadora(jogador) de cartas

com as antropólogas e os antropólogos, chamo a atenção para as responsabilidades na pesquisa, que são na verdade, compromissos éticos que precisam ser assumidos na produção do conhecimento. Logo, reitero as palavras de Gersem Baniwa:

[...] urge pensar novas metodologias e epistemologias no âmbito da disciplina, capazes de implementar processos efetivos de diálogos interculturais no âmbito da produção e transmissão de conhecimentos que superem definitivamente o processo de colonização técnico-científica (Baniwa, 2019, p.41).

Na tese, portanto, procuro refletir sobre as relações entre ensino de Antropologia com o desenho e quais as estratégias as professoras e professores utilizam para que o desenho possa contribuir com o desafio de ser uma ferramenta aliada para se romper as fronteiras de nosso campo disciplinar, em que a Antropologia não deve limitar seu alcance e seus debates apenas nas “rodas de antropólogos(os)”.

As diferentes linguagens e metodologias devem ser prestigiadas, pois é por meio desse caldeirão de ideias que se encontram misturas heterogêneas capazes de criar os questionamentos, as inovações, o colapso da totalidade, o fragmento das fronteiras, são todas essas dinâmicas que trazem à vida os pensamentos críticos da Antropologia no contemporâneo.

O desenho n. 10 - o Caldeirão - apresenta uma das perspectivas da virada epistemológica na Antropologia que vem mediada pelo reencantamento do uso do desenho na disciplina, assim como o seu interesse em desenvolver lentes sensíveis para as etnografias contemporâneas. As(os) antropólogas(os) estão sendo convocadas(os) por seus próprios pares a darem vida aos seus trabalhos com uma escuta unida à práxis mais sensível e efetivamente coparticipativa com suas(seus) interlocutoras(es).



Figura 10 - O caldeirão

Aquarela sobre papel Arches 300g/m² de tamanho A4 com intervenção de desenho digital. Produção elaborada pela autora, 2021.

Este desenho foi publicado dentro do artigo "Experimentações Gráficas na Etnografia: Observações e Visualidades sobre a 32^a Reunião Brasileira de Antropologia".

Posso citar como exemplo deste chamamento as falas proferidas em mesas redondas, grupos de trabalho e simpósios especiais durante a 32^a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) organizada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) no ano de 2020, em que algumas participantes e alguns participantes evidenciaram

que a Antropologia produzida nas universidades ficou produtivista e sem tempo para se entusiasmar com o processo.

Logo, a proposição sugerida pela minha pesquisa é de uma escrita e desenho criativos que desafie certa prescrição em torno de uma autoridade etnográfica (Clifford, 2011) não questionada, sugerindo um tipo de rompimento com limites estabelecidos por Antropologias centrais, onde as fronteiras em vez de serem descritas como paradoxais sejam tratadas como engrenagens.

Almeja-se que os resultados das produções científicas sejam energicamente políticos e criativos, conseqüentemente, que sejam ampliados os horizontes epistêmicos. Enfim, desenhar conceitos é um projeto para se debruçar sobre os significados do campo de dentro para fora.

Quando nos colocamos diante do exercício de criar linhas, formas, texturas e cores aprofundamos a análise dos temas que estamos nos propondo a estudar e, conseqüentemente, a analisar.

A palavra “ilustrar” tem origem latina e significa “iluminar”. Quando ilustramos, não estamos apenas retratando a realidade, estamos também produzindo algo novo, trazendo ao mundo uma visão nova e individual. Além de serem capazes de explicar e esclarecer, as ilustrações têm o poder de complementar, transmitir e aprofundar (Scheinberger, 2019, p. 4).

Diante do que se expõe, imagino o cenário do décimo primeiro desenho como o lançamento de possibilidades que aspiramos para os desdobramentos da produção antropológica no contemporâneo. Aqui estou me alinhando com as considerações de Ortner quando ela define aquilo que denomina de uma Antropologia da Resistência:

Eu uso o termo ‘resistência’ aqui para cobrir uma gama de modos de engajamento (antropológico) com questões políticas: discussões teóricas críticas; estudos etnográficos críticos; estudos de movimentos políticos de todos os tipos; Antropologia ativista; e outros (Ortner, 2016, p. 61) [tradução minha].



Figura 11 - Em nossas mãos

Materiais utilizados: aquarela sobre papel 300g com tamanho A4 com finalização digital no Illustrator
Produção da autora, 2021.

Para a referência quanto ao protagonismo dos sujeitos marginalizados pela ciência citei diversas abordagens ao longo destas primeiras páginas. A virada solidária e equalitária é o eixo substancial que sugiro para se alcançar efetivamente uma ciência viva, inovadora, dinâmica e criativa. E ao final de todo esse processo o elemento agregador é um recurso fluido que desorganiza, ou seja, a desestabilização das fronteiras disciplinares. Pode parecer contraditório, mas são as incertezas os mecanismos que nos impulsionam para as experimentações e a dissolução dos conhecimentos canonizados.

O diálogo com os pontos, linhas, formas, texturas, cores e tintas tem o potencial para aprofundar a investigação daquilo que nos propomos a compreender e, conseqüentemente, a teorizar. O desenho também colabora na perspectiva afetiva

dos fundamentos que se almejam para a composição da ciência contemporânea. Ao estimular aquilo que nos deixam afetar abrimos outros caminhos de expressão, caminhos estes muitas vezes fechados diante das epistemologias consagradas.

Experimentações para uma manufatura do pensar

A ideia de realizar uma tese desenhada não foi concebida ao acaso¹⁷, houve uma trajetória percorrida dentro da minha segunda graduação¹⁸, em Design de Moda (2012 a 2018) e na especialização em Processos e Produtos Criativos (2017 a 2018), ambos os cursos realizados na UFG. O design veio a mim como uma nova oportunidade de mergulho intelectual na academia, entretanto, dessa vez, muito mais que pesquisas teóricas, era chegado o momento de explorar outras habilidades de expressão, ou seja, por meio do ponto, da linha, da forma e da cor.

Sendo assim, o processo de construção do eu como designer adveio com o percorrer do caminho como ilustradora, conhecendo técnicas de luz e sombra, proporcionalidade, figura humana e desenho de moda. A técnica que mais me identifiquei, nesse percurso, para expressar todo o conhecimento acumulado nesses anos, foi a aquarela. Ela foi a ferramenta em que me debrucei tanto no aspecto prático, quanto teórico e é o meio através do qual sinto mais segurança para comunicar e expressar através das formas e desenhos como enxergo o mundo ao meu redor.

O olhar atento¹⁹ é a primeira relação de contato da(do) pesquisadora(pesquisador) com o seu tema de pesquisa. Durante a pesquisa, o olhar transborda a perspectiva da visão para outros segmentos corporais, a exemplo da fala, quando compartilhamos nossas observações com nossas(os) colaboradoras(es) ou com nossas(os) colegas, a escuta para compreender a diversidade dos contextos e também temos as mãos, quando fazemos anotações em nossos cadernos de campo, além dos registros fotográficos ou fílmicos, portanto existe uma performance corporal para se compreender certo assunto. O desenho faz parte dessa performance, pois alonga o alcance de nossas mãos ressaltando uma sensibilidade dos sentidos,

¹⁷ Explico com mais detalhes a minha trajetória na Brochura 04.

¹⁸ A primeira graduação foi em Ciências Sociais sendo bacharelado com habilitação em Antropologia e licenciatura em Ciências Sociais, ambos realizados na Universidade de Brasília (UnB).

¹⁹ Segundo Ingold “nenhuma transformação genuína nas maneiras de pensar e sentir é possível se não se fundamentar em uma observação atenta e próxima” (Ingold, 2022b, p. 19).

principalmente no desempenho e experiência tátil, visual e gráfica de quem está observando.

Dentro dessa perspectiva, nas palavras de Ingold “a Antropologia, há muito tempo, e com razão, tem insistido que o caminho para o entendimento encontra-se na participação prática” (Ingold, 2015, p.41). O que mais me interessa no seu argumento tanto na obra *Estar Vivo* (2015), quanto em *Fazer* (2022b) é a ideia do engajamento *ao conhecer o mundo e pensar o mundo com* os materiais. Ao fazer²⁰ criamos conhecimento e damos aos conceitos vida. Assim ele escreve no livro *Fazer*:

É observando, ouvindo e sentindo – prestando atenção ao que o mundo quer nos dizer – que aprendemos. Meus colegas não me informaram sobre o que existe, para me pouparem de ter de pesquisar por minha conta. Foi mais como se tivessem me contado como eu deveria descobrir as coisas. Ensinaram o que eu deveria procurar, como rastrear as coisas, e que o conhecimento é um processo de seguimento ativo, de continuar. Eram pessoas que sempre tinham vivido pescando, caçando e reunindo rebanhos de renas, e assim para eles a ideia de que conhecemos as coisas à medida que as fazemos era uma segunda natureza – o que não quer dizer que conhecemos por meio do movimento, mas que conhecer é movimento (Ingold, 2022b, p.15).

Neste espaço compartilho o meu movimento acadêmico e também minhas escolhas artísticas. A forma como conheço o mundo está nesse movimento. Quando comentei sobre a minha trajetória e a relação pessoal com a aquarela tracei como propósito, no projeto de pesquisa do doutorado, aproximar duas áreas do conhecimento: Antropologia e arte, usando o desenho como um caminho que vai além de uma simples ferramenta ou técnica de pesquisa. Portanto, o objetivo de uma pesquisa desenhada é identificar estratégias que compartilhem o uso do desenho como uma dimensão da experimentação gráfica e da experiência da *relação com*, ou seja, a sua capacidade em mostrar uma outra abordagem para as interpretações nas etnografias na Antropologia.

De acordo com Fradique e Lacerda “as conexões parciais entre Antropologia e arte são uma arena reflexiva e sensível a que devemos estar atentos e que devemos ativamente potencializar para encontrarmos e atualizarmos outros mundos possíveis” (Fradique e Lacerda, 2022, p.31)

A aproximação epistêmica entre escrita e desenho na produção antropológica brasileira tem se destacado, principalmente, pelas contribuições dos trabalhos de Aina

²⁰ Para Fradique e Lacerda (2022, p.24) “fazer, refazer e desfazer relações são processos imperativos para examinar o passado, compreender o presente e engendrar o futuro”.

Azevedo e Karina Kuschnir²¹. As pesquisadoras têm produzido artigos sobre os desafios das pesquisas antropológicas e perspectivas que emergem do ato de se ensinar a desenhar e construir narrativas gráficas no (e sobre o) trabalho de campo.

O desafio em ter uma postura transdisciplinar na construção do pensamento científico significa criar fissuras nas barreiras disciplinares que, por muito tempo, tinham uma configuração quase intransponível e hermética, numa aversão aparente ao possível diálogo criativo, dinâmico e heterogêneo entre disciplinas e áreas de conhecimento e suas epistemes próprias. A ampliação dos horizontes epistêmicos segue os movimentos das linguagens e das metodologias, isto é, modifica o fluxo no exercício constante de um pensamento crítico que desafia a maneira tradicional de se validar o que é ciência²² e quais são os conhecimentos válidos em contextos acadêmicos.

No contemporâneo, as multiplicidades das linguagens e os diversos agentes de produção do conhecimento forçam cada vez mais a abertura do que foi padronizado pela ciência clássica que era também colonialista e hierarquizada, ou seja, o conhecimento válido era aquele produzido por homens cisgêneros brancos europeus e, conseqüentemente, esta postura silenciava mulheres, negras(os), pessoas LGBTQIAPN+, e pesquisadoras(es) do sul-global.

Nesse processo de silenciamento e disputa, Anzaldúa nos alerta que escrever e também acrescento que a produção do conhecimento por pessoas não-brancas é o ato mais atrevido e o mais perigoso. Em suas palavras ela reitera:

O homem branco diz: Talvez se rasparem o moreno de suas faces. Talvez se branquearem seus ossos. Parem de falar em línguas, parem de escrever com a mão esquerda. Não cultivem suas peles coloridas, nem suas línguas de fogo se quiserem prosperar em um mundo destro (Anzaldúa, 2000, p.230).

Nos desdobramentos de seus argumentos, Anzaldúa declara que é preciso jogar fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Que devemos seguir nosso caminho sem anteparos e assim alcançar mais pessoas. Deve-se evocar as realidades pessoais e sociais – não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Assim, ela finaliza:

²¹ Aina Azevedo e Karina Kuschnir são, além das minhas referências teóricas, duas de minhas interlocutoras na pesquisa do doutorado.

²² Me apoio nas considerações de Haraway quando ela afirma “a relevância em se desmascarar as doutrinas de objetividade porque elas ameaçavam o sentimento de subjetividade e atuação histórica coletiva e as versões ‘corporificadas’ da verdade” (Haraway, 1995, p.13).

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos (idem, p.235).

Com sua carta como um verdadeiro empurrão para todas as mulheres do terceiro mundo, Anzaldúa alega que uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. Da mesma forma, ao produzir conhecimento fora dos cânones “nos salva da complacência que nos amendontra” (idem, p.232).

A seguir na Brochura 01 “As linhas e seus nós” proponho evocar diversas estruturas de linguagem (texto, ilustração e poesia) para compor uma grande teia narrativa e epistemológica que desafia os tradicionais hábitos mentais de construção argumentativa dentro da produção acadêmica antropológica. Instigada pelas abordagens pós-coloniais e seus esforços para desdobrar as teorias clássicas de produção do conhecimento, que tinham como pilar as dicotomias integrantes das metanarrativas, ou seja, as fragmentações entre sujeito versus objeto, campo versus teoria, objetividade versus subjetividade, natureza versus cultura, coloco em questão as estratégias para se escapar dos dualismos evidenciando as possibilidades, os imprevistos, assim como os riscos da experimentação na Antropologia.

Brochura 01

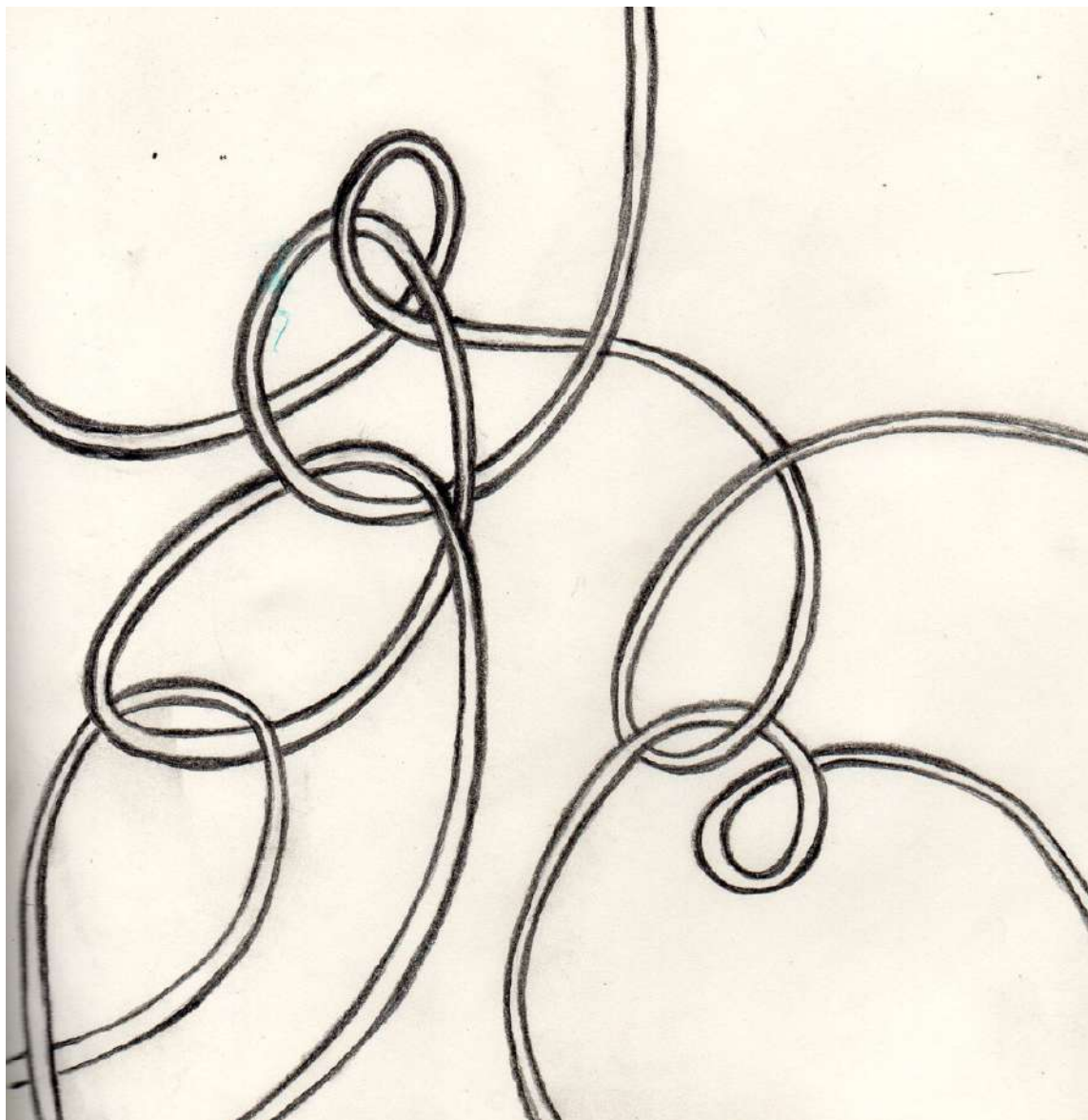


Figura 12 – As linhas e seus nós
Técnica: lapis 7B sobre papel marfim 70g
Dimensões: 17,3 x 17,3 cm
Produção da autora, 2024

As linhas e seus nós

A partir de exercícios da disciplina Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias proferida pelo professor Luis Felipe Hirano que incorporaram percepções, movimentos, corporalidades e grafias, busquei conduzir um diálogo com diferentes abordagens e referências, dando conta de uma polissemia própria das diversas linguagens empregadas, com suas autoridades e interdependências. Essa foi uma tentativa de se aliar a outras pesquisas que pretendem ampliar e diversificar os modos de se produzir ciência, pois há tantas outras epistemologias e formas de se conceber o que sejam os conhecimentos e como também em se produzir tais conhecimentos.

Neste amplo campo de debate, escolhi ser uma aliada de outras pensadoras(es), a partir de provocações de rupturas e crises disciplinares e institucionais, com a proposta de se abrir brechas, tendo como alicerce as leituras e diálogos com as teorias produzidas por antropólogas(os) e pensadoras(es) indígenas e negras(os), ao refletirem sobre uma Antropologia da ciência que se faz necessário a abertura de oportunidades para outras abordagens na forma de produzir antropologias.

A partir deste cenário de reflexão disciplinar da Antropologia indico que o desenho assumiu um lugar de destaque nas publicações, desta forma, é preciso desmistificar o seu uso apenas como ferramenta figurativa ou da cultura material, como explica Aina Azevedo:

Os desenhos feitos por antropólogos têm uma história passada e atual pouco conhecida na antropologia, tanto é que, na maior parte das vezes, a menção ao assunto é prontamente mal interpretada como uma variação de interesses relacionados a tudo (cultura visual, grafismo indígena, pintura corporal, pintura rupestre, grafite, antropologia visual, etc.), menos aos desenhos feitos por antropólogos (Azevedo, 2016b, p. 16).

Esta brochura 01 compartilha abordagens sobre o uso do desenho como recurso pedagógico e epistemológico para a formação antropológica dentro da estrutura disciplinar acadêmica da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, especificamente a disciplina “Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias” ofertada tanto para o curso de Ciências Sociais (no caso para a graduação²³)

²³ Bacharelado e Licenciatura.

como também para a pós-graduação em Antropologia Social pelo PPGAS da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O objetivo, portanto, é divulgar as estratégias de ensino de Antropologia utilizando o desenho para se compreender de forma prática as diversidades, as sutilezas e as temporalidades existentes no ensino de Antropologia e nos modos como eu mesma, em meu trabalho de campo antropológico, emprego e concebo o desenho como parte da produção de conhecimentos.

As criações gráficas dentro da disciplina especificada acima evidenciaram o meu engajamento ao evocar a linguagem do desenho nas investigações e observações, buscando ampliar o debate acerca das diversas possibilidades em se compartilhar os trabalhos acadêmicos para além das palavras ou talvez em parceria com elas, em linguagens que se cruzaram e se complementaram.

1.1 Desafios teóricos e epistemológicos

Escolhemos uma à outra
e as fronteiras das batalhas de cada uma
a guerra é a mesma
se perdermos
um dia o sangue das mulheres coagulará
sobre um planeta morto
se vencermos
não há como saber
procuramos além da história
por um encontro mais novo e mais possível (Audre Lorde).

Abrir este tópico com a poesia de Audre Lorde, escritora feminista negra e ativista dos direitos civis, significa um desejo ambicioso de amparo diante da jornada por novos caminhos e, conforme suas palavras, “toda mudança implica crescimento, e crescer pode ser doloroso” (Lorde, 2019, p.140). Ao preparar a sua imersão – leitora ou o leitor – em águas poéticas a intenção é iniciar a navegação conduzida pela seguinte questão *o que as rupturas de fronteiras dentro de um campo disciplinar podem vir a nos dizer dentro da produção antropológica contemporânea?*

Ainda mediante essa proposta de interlocução gostaria de compartilhar ao longo deste texto, assim como Audre Lorde, poesias e desenhos, de minha autoria,

que visam extrapolar a roupagem tradicional de produção de conhecimento antropológico fazendo uma bricolagem entre texto, imagem e poesia como um desafio experimental em narrar as tensões existentes na contemporaneidade, por intermédio dos desdobramentos políticos, como as lutas contra o colonialismo dos saberes, as intervenções das(os) aliadas(os) e pesquisadoras(es), resultantes das políticas de ações afirmativas, diante ao epistemicídio, além do apagamento das produções latinas e das mulheres negras.

A estratégia criativa de produção sensível e viva da ciência, por meio da combinação das linguagens textuais, imagéticas e poéticas é um chamado urgente para a transformação epistemológica da Antropologia. Dentro desta perspectiva, o desenho é pensado como uma maneira de investigação e uma forma de se aprender a fazer Antropologia. A primeira experiência de campo, em sala de aula, que presenciei a relação entre ensino e aprendizagem na Antropologia com o desenho foi na disciplina “Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias” ministrada pelo Prof. Luis Felipe Kojima Hirano. Ao todo foram realizadas seis grafias que conectaram o desenho com a poesia, como um projeto antropográfico, em que o foco estava no “aprender-fazendo” e no “pensar-fazendo”.

Ingold reforça que nós aprendemos fazendo:

Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura – são meios de pensar por meio do fazer, isto é, o contrário de fazer por meio de pensamento que, em instituições educacionais avançadas, tendem a colocar teóricos e práticos em lados opostos da cerca acadêmica. No entanto, penso também que fazer coisas seja equivalente a um processo de crescimento (Ingold, 2022b, p.12).

Os exercícios das aulas do professor Luis Felipe incorporaram percepções, movimentos, corporalidades e grafias que conduziram um diálogo quanto à polissemia das linguagens, suas autoridades e interdependências, ao que Ingold (2022b) citando Gibson (1979) chama de *educação da atenção*, em que se aprende a ver as coisas, e a ouvir e a senti-las também. Portanto, era importante descrever as sensações que apareceriam tanto durante o exercício proposto quanto ao se fazer o desenho.

A partir de outras leituras de Ingold (2015), fui sensibilizada a produzir conhecimentos que trouxessem a vida de volta para a Antropologia. Logo, a vida é percebida por meio de fluxos, como movimento, ou seja, compreender outros modos de existir que percebem o mundo. Neste caso, a percepção é um modo de subjetivação.

Ao refletir sobre o processo de produção dos desenhos e das experiências desencadeadas pelos movimentos propostos durante a disciplina me aproximo das considerações de Scott (1999) sobre o interesse em se aprofundar o questionamento das narrativas antigas sobre a legitimidade na autoridade da experiência da(do) pesquisadora(pesquisador)²⁴ que aprende a ver e a desvendar as vidas. Em suas palavras:

Experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem auto-evidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político. Sendo assim, o estudo da experiência deve questionar sua posição enquanto origem na narrativa histórica. [...] Experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar. Esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência de sujeitos; ao invés, interroga os processos pelos quais sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/a historiado/a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança (Scott, 1999, p.51).

O primeiro movimento²⁵ e grafia 01 da disciplina foi nomeado como “Checando a visão do todo²⁶”. O objetivo estava em conhecer a partir de si mesmo outras grafias e reconhecer de outra maneira o campo, ou seja, produzir Antropologia a partir da ontologia do fazer, se diferenciando das metodologias passivas. Nesta primeira atividade produzi o desenho e a poesia que seguem abaixo:

²⁴ A perspectiva da autora é sobre os historiadores, como falo a partir da Antropologia, considero melhor colocar pesquisadora(pesquisador).

²⁵ **Movimento 1:** Atmosfera: o exercício deve ser realizado debaixo do chuveiro. Caso não se sinta à vontade. Fazer sentado no quarto, como fizemos em aula. 1) Coloque as conchas ou copos próximos aos ouvidos. Ouça um som que se assemelha ao o som do mar ou da cachoeira. Esse som deverá continuar durante todo o exercício. 2) Caminho do olhar e centro de força: a) Com os olhos fechados, ouvindo o som do mar e sentindo a água cair na pele. Fique com os olhos soltos, verifique para onde seu olhar se dirige ou tenta se dirigir. Perceba as cores ou flashes de luz que surgem com os olhos fechados.

b) Tente caminhar levemente com as pupilas para esquerda, veja se as pupilas são puxadas para o centro do seu olho ou para outro lugar. Repita esse movimento para direita, para cima e para baixo. A ideia é ver se os olhos estão soltos ou se estão sendo puxados para alguma região. Faça o movimento calmamente. 3) Observando o espaço como um “todo” com os olhos soltos: deslocando a atenção perceptiva: como fizemos em aula, tente olhar com os olhos fechados para toda extensão do campo visual. Preste atenção nas margens dos olhos. Tente ver o campo visual como um todo. 4) Abra os olhos calmamente, observe a atmosfera do lugar, as sensações na pele, na visão e na audição.

Grafia 1: 1) Pegue um papel em branco, lápis, giz de cera ou caneta. 2) Não utilize borracha. No desenho como diz Ingold cada linha leva uma continuação. A borracha além de servir como um sensor, pode reprimir a emergência de uma linha singular. 3) Não olhe para o desenho, tente movimentar as mãos conforme as sensações que o exercício provocou. 4) Desenhe quantas vezes quiser.

²⁶ Adaptado em conversa com a Javiera Abufhele do exercício: Reorganizando-se (entre o “campo do lugar” e o campo pessoal). Do livro Tarefas V3 da terapia Arte Org. por Jovino Camargo Jr.



Figura 13 - Salmões-pássaros

Materiais utilizados (da esquerda para a direita) - quadro 01 - caneta nanquim sobre papel sulfite 75g de tamanho A6, quadro 02 - bastão de carvão vegetal sobre papel colorido 200g de tamanho A4 - quadro 03 - lápis pastel seco sobre papel colorido 200g de tamanho A4 - quadro 04 - lápis pastel seco sobre papel colorido 200g de tamanho A4. Quadros reunidos no aplicativo Canva. Produção da autora, 2021.

Salmões-pássaros

Entra, fecha a porta. Cria-se uma atmosfera de segurança, respira fundo.

Não é um ato banal de higiene, estou no exercício.

Ligo o chuveiro, cheiro de água, toque frio, a água escorre e a cabeça se entrega às sensações.

Dois copos estão na bancada e eles são ferramentas do exercício.

Copos, água, banheiro, frio e chuva.

Espaço, ferramentas, sons e vem o suspiro.

O ar entra mais profundamente pelo nariz, garganta, esôfago, pulmões e preenche o corpo.

A água toca cabelo, face, costas, frente e dedos dos pés.

Copos nos ouvidos e eu me preencho de mim mesma e das memórias antes do mundo acabar e logo retorno para aquele janeiro de 2020 dentro do mar, onde eu gritei: até logo!

Só que esse logo não veio e nem sei quando ou se virá.

Fecho os olhos e tento alcançar essa memória numa sensação mais profunda e já me desloco para o barulho das correntezas, aquelas pequenas quedas d'água que possuem pedras brilhantes.

Seriam pedras ou vagalumes?

Vou levando os olhos para os espaços múltiplos e pequenas luzes que se assemelham ao prisma brilhando incandescentes.

Eu criei os vagalumes, mas, de repente, eles se dispersaram e viraram pequenos focos de luz branca em dias de natal.

Porém, essa luz em forma de pontos cada vez se torna mais embaçada e esparsa e vira um enorme borrão e, então, os pensamentos retornam.

Copos, olhos fechados, água do chuveiro são: som, visão e tato, tudo torna-se um mergulho dentro daquilo que se quer preencher.

Quando se entra no oceano é você que o preenche ou ele que está te preenchendo?

O movimento de zigue-zague é cheio de dualidades ou dubiedades.

Dentro da água é possível sentir a sensação de mergulhar e também a sensação de voar.

O som dos copos também traz a sensação de estar em um avião ou pular de uma ponte.

Mergulhar com peixes, voar como vagalumes, repousar como as memórias.

O banheiro tornou-se um santuário e foi um refúgio para toda a influência externa de sentidos e de informações.

Dentro desse equilíbrio forjado, o desenho construiu-se como um momento de afago. Continuava o clima de reduto protetivo e não estavam implicadas as regras de forma, volume e cores.

Na memória eram somente os salmões de Ingold subindo as cachoeiras e que eu os tinha transformado em pássaros.

E este olhar era exclusivamente meu dentro daquela experiência.

Durante a realização dos exercícios era importante compreender que toda observação é uma forma de participação, portanto devíamos superar a dicotomia pensamento versus ação. Ingold (2012) critica o fato de que o foco da experimentação na Antropologia está no trabalho de campo e que é necessário um movimento para que ela aconteça também em sala de aula.

Para somar com esse pensamento, outra intelectual que corrobora com o questionamento da cisão entre mente e corpo, temos bell hooks (2013) que afirma que o espaço de sala de aula, na maioria das vezes, tem professores que chegam a desprezar qualquer abordagem ao aprendizado nascida de um ponto de vista filosófico que enfatiza a união de mente, corpo e espírito e tomam como pacífico a separação entre esses elementos.

Ao se ensinar Antropologia por meio de atividades com desenhos, o professor se coloca em fluxo para repensar os modos de pedagogia²⁷, ao tensionar conceitos, para a valorização dos processos, ao invés dos produtos, portanto criando um espaço fértil de engajamento para se romper com os cânones que estruturaram a Antropologia clássica.

De forma muito sintética, eu diria que, ao trazer o desenho para dentro da Antropologia, problematizam-se duas dimensões centrais da área: a experiência etnográfica e a produção de narrativas a partir dela. Da primeira, se desdobram questões como as do diálogo entre as subjetividades de investigadores e interlocutores, da busca de horizontalidade entre esses universos, da evocação de memórias, da produção de trocas e colaboração, mas sobretudo do projeto de viver uma experiência de campo num tempo alongado, de modo sensível, focada em captar o momento e consciente das próprias limitações desse empreendimento. Da segunda, fruto dessa consciência, se enfrentam os problemas da representação e fabricação de uma alteridade sistematizada, objetificada, pela linearidade da voz antropológica e seus jogos hermenêuticos (Ramos, 2010, p. 25). Contra essas armadilhas, os textos e as imagens artesanais evocariam fragmentos das múltiplas dimensões do processo vivido, dando a ver as possibilidades e impossibilidades da produção (e divulgação) do conhecimento etnográfico e antropológico (Kuschnir, 2016, p.11).

Sendo assim, a escrita deste trabalho assumiu uma postura sensível para o diálogo com aquilo que foi observado, ou melhor, foi por meio das grafias que se pretendeu tornar viva a produção do conhecimento. Recorro a Kofes (2020) para trazer o sentido de grafia enunciado nesta tese. Para a autora a palavra grafia está associada, em seu sentido etimológico *graphein*, *grapho*, a sinais de rastreamento, a linhas, a gravar, a arranhar, e escrever, sendo considerada como “ampliando a visibilidade do sensível no processo de conhecimento, não se restringindo a inscrições ilustrativas e, portanto, interferindo na reflexão e na análise” (p.19).

A produção científica divulgada pelos eventos acadêmicos e pelas revistas especializadas de Antropologia estão, necessariamente, conectadas a uma análise

²⁷ Ingold (2022b) reflete sobre isso ao perguntar: Será que algumas práticas de arte, por exemplo, poderiam sugerir novas formas de se fazer Antropologia?

crítica de ações humanas em tempo real, entretanto, há o mundo do sensível que a escrita canônica acadêmica, por vezes, não alcança e dentro da proposta da Antropologia gráfica temos mais uma dimensão capaz de capturar alguns desses elementos que se esquivam.

1.2 Os nós pelo caminho

O ato de experimentar é, na maioria das vezes, um salto no desconhecido, tanto por suas características inovadoras e ousadas, quanto por enfrentar uma posição de fluidez que, para alguns, pode significar uma desestabilização perigosa no campo da construção do pensamento científico.

Experimentar é um estado de vivacidade, ou seja, é construir uma ciência viva capaz de duvidar de si mesma constantemente. A dúvida é um dos pilares, ou também podemos dizer a curiosidade, daquilo que compõe a produção científica e a pesquisa. Pesquisamos porque queremos entender, compreender, analisar, teorizar, enfim, em todos esses verbos estamos vivenciando um modo de experiência científica.

Retomando as palavras de Audre Lorde, certa que o crescimento é doloroso, trago também para o debate a contribuição de Manuela Carneiro da Cunha (2009, p.320) que entende a contemporaneidade como “tempos de reflexividade representacional e de ansiedade intelectual”. Por efeito desta perspectiva, a Antropologia perante as viradas (ou poderiam ser imaginadas como verdadeiras capotadas) linguísticas, epistêmicas, ontológicas, ecológicas é interpelada pelas(os) suas(seus) produtoras(es) de conhecimento, quanto ao direito de narrar e ao direito de imaginar o mundo sem muros, por vezes, tidos como intransponíveis dentro de categorias analíticas ortodoxas. Entretanto, mesmo que se identifiquem as viradas epistêmicas, *o diálogo para além da fronteira acadêmica foi alcançado ou ainda estamos vivendo em um círculo fechado de construção do conhecimento?*

Por intermédio da perspectiva de Goldman (2011) reforçam-se os argumentos da necessidade visceral, dentro da prática antropológica, para que se efetive o processo criativo da virada antropológica, ou seja, em que se desestremem as bases colonialistas, imperialistas do arcabouço disciplinar da Antropologia.

Diante da perspectiva deste autor de um “fim da Antropologia”, o propósito, na verdade, não é a sua extinção, mas sim o de tornar a Antropologia “mais segura

de si e menos cínica”, segundo as palavras de Roy Wagner, tornando-a mais transparente. A Antropologia no contemporâneo deve abraçar sua característica criativa e inventiva para enfim tornar-se concretamente dialógica, ética e prática, como sugerido por Ortner (2011, p.439), isto é, “com os pés no mesmo chão dos nativos”.

A potencialidade de uma produção sensível e performática no campo antropológico faz parte da disputa colocada em evidência, principalmente, por pesquisadoras(es) indígenas e negras(os). O reencantamento da Antropologia para além das dualidades que separam sujeito do objeto, natureza e cultura, estrutura da ação, objetividade da subjetividade, o eu e o outro, é uma tentativa de romper com a versão opaca das narrativas controladas pelo olhar hegemônico.

Para compor a interlocução desse conceito de reencantamento da Antropologia trago as contribuições de Ingold (2015) que mostra um caminho para abrir a percepção de dentro para fora e assumir uma ideia diferente de recepção passiva do conhecimento. Ingold é um dos autores que tentam superar a dicotomia natureza versus cultura, pois por meios de seus argumentos sobre as maneiras como a vida se desdobra ele afirma que ela não é exclusiva dos seres sencientes, as coisas possuem vida e a vida é constituída de fluxos contínuos.

A fim de dar um desdobramento para esta reflexão segue o segundo poema e desenho, provocadas a partir do movimento e grafia 02²⁸ da disciplina “Antropologia da Percepção”:

²⁸ Pauta do **movimento 2 e grafia 2** da disciplina Antropologia da Percepção:

- 1) Consiga um novelo de fio grosso ou de lã e leve um destes emaranhados de fios com você.
- 2) Sente-se na sala de casa, mas de tal forma que você tenha uma parte da sala em sua visão panorâmica. (Caso não seja possível fazer na sala de casa, faça no quarto com a janela aberta, pois é um exercício a ser realizado num lugar intermediário entre o fechado (banheiro) e o aberto (varanda, quintal ou em parques).
- 3) Dedique os próximos minutos a desenrolar e enrolar os fios. Ora olhe para os fios, ora olhe para algum lugar da sala e tente manter sua visão panorâmica como ilustrado no segundo círculo maior na figura acima.
- 4) Modifique sua postura corporal, a velocidade das mãos, o lugar para onde você está olhando, a visão panorâmica da sala, de tal forma que você encontre um jeito de ficar com os fios e com você com tranquilidade.
- 5) Depois desenhe e escreva sobre a experiência. a) Descreva como foi a sensação tátil ao enrolar e desenrolar os fios; b) Descreva o caminho do olhar; c) Descreva de que maneira a mudança na postura corporal, mudou sua sensação tátil e o campo de visão; d) Descreva de que maneira mexer nos fios em velocidades diferentes provocaram outras sensações. Do livro Tarefas V3 da terapia Arte Org. por Jovino Camargo Jr.

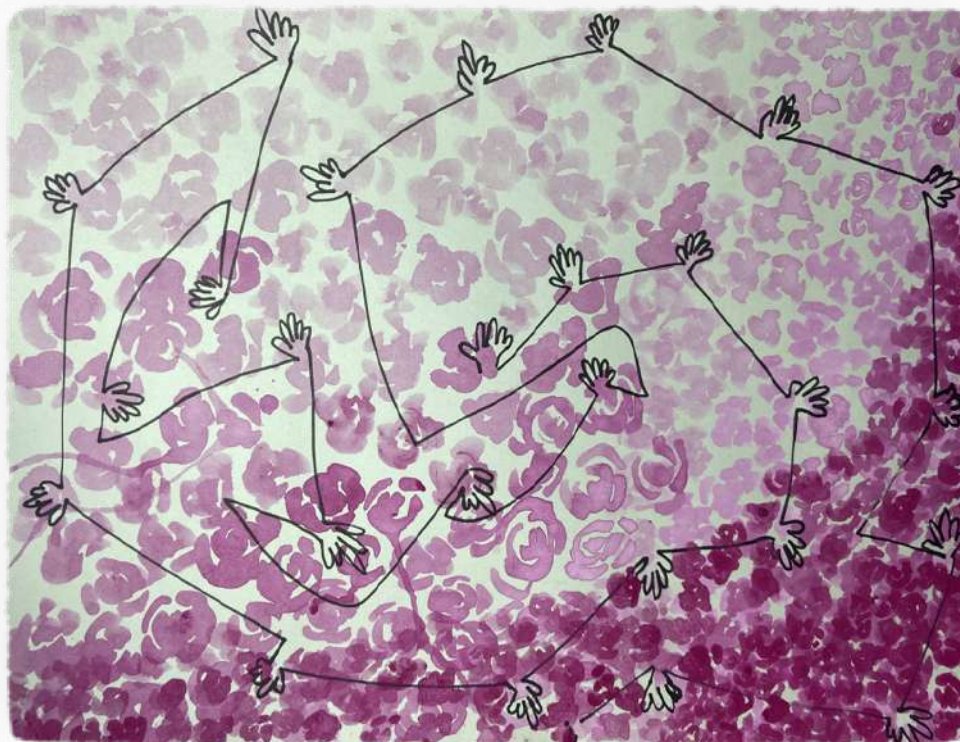


Figura 14 - Desenrolar
Materiais utilizados: aquarela e caneta nanquim sobre papel colorido 250g/m²
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

Desenrolar

Foi mais barulhento dessa vez, pois o som do chuveiro não estava mais lá.

A água com os copos fez eco na mente e abafou os pensamentos.

Sem esse subterfúgio eles gritavam, eles: os pensamentos.

No ato de desenrolar o cordão grosso de algodão seu material, orgânico como a pele, parecia se integrar como tecido, entrelaçando a trama.

Cada enrolar dos fios, como uma cobra que se adapta à superfície, fazem vibrar os microporos sensoriais e levantam os meus pelos, como uma sensação de arrepiar-se ao medo do sufocamento.

Volta o barulho, como muitas vozes a pedir atenção e querem apoderar-se do meu corpo.

Entretanto, rapidamente quanto mais fios preenchem dedos, braços, cabeça, pescoço, o calor aumenta e sinto que vou preenchendo e silenciando os pensamentos.

O cordão que enrola também desenrola e volta ao seu quilo de barbante.

No pulsar do encontro tátil há também a experiência do olhar.

O estar ao centro não é tão confortável, pois o centro é o espaço do confronto.

Lembro-me das vozes e as faço escapar também fugindo do olhar.

O olhar vai para cada margem da sala e sempre para cima, as quinas da parede e os desenhos de cada canto são também cada parcela dos fios do barbante de algodão que encostam na pele e novamente a aquece.

Sento, deito e me enrolo junto com o longo barbante que me prende, mas também aquece, são braços que sufocam ou que protegem?

Não sei distinguir a diferença, porque os pensamentos voltam a gritar.

O desenrolar rápido traz uma sensação de libertação, mas a matéria sem a presença de outra matéria diminui a sensação de calor e volto a enrolar os fios calmamente para sinalizar a despedida do movimento e acalmar as mãos enlouquecidas dos pensamentos que tentam gesticular abraços necessários a me preencher e abraçar dizendo que vai ficar tudo bem.

Para essa atividade foi importante tirar os contornos e abrir o espaço para os fluxos, ou seja, estar aberta aos processos. Esse é um movimento importante para o engajamento político dentro da produção científica, pois ao se engajar no mundo que o percebemos e a partir desta percepção que compartilhamos nossas subjetividades e, conseqüentemente, as percepções estão sempre em transformação.

Dentro desta perspectiva trago como embasamento os argumentos de Haraway:

A meta de uma epistemologia e de uma política de posições engajadas e responsáveis das teóricas feministas de perspectiva permanece notavelmente potente. A meta são melhores explicações do mundo, isto é, "ciência." [...] Posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado (Haraway, 1995, p.27-32).

A Antropologia, como campo disciplinar, que teve sua base inaugural postulada na dicotomia do sujeito do conhecimento em contrapartida ao objeto do

conhecimento, é questionada pelos grupos periféricos e marginalizados (feministas, movimento negro, pessoas LGBTQIAPN+, ambientalistas, indígenas, quilombolas, entre outros) quanto às suas metanarrativas (etnógrafo versus nativo; sujeito versus objeto; campo versus teoria; ocidente versus oriente) na contemporaneidade. O campo do saber da disciplina antropológica tanto nos países centrais como nos periféricos está “envolvido agora na tarefa de descolonização das paisagens mentais, a qual implica uma revisão radical dos seus cânones, tanto teóricos como temáticos” (Carvalho, 2001, p.111).

Sendo assim, é crucial trazer os conhecimentos forjados nas margens para o centro, não de forma polarizada, mas pulverizada e dinâmica, como um movimento migratório de produção de conhecimento multissituado.

Diante dessas considerações é evidente a urgência em se revisar as ferramentas analíticas consagradas na Antropologia clássica, ou seja, verificar se elas continuam sendo suficientes para o atual contexto contemporâneo em que as fronteiras estão borradas, ou seja, onde elas estão em processo de dissolução.

As experiências atravessam as corporalidades da(do) pesquisadora(pesquisador) em campo e neste trabalho foi por meio das grafias que repensei alguns elementos chave do trabalho do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000) que definiu a tríade: o olhar, o ouvir e o escrever.

Ao me abrir para as grafias, os fluxos, os emaranhados propostos por Ingold (2015) percebi que não há uma só maneira de olhar, ou seja, *olhamos para, olhamos com, ouvimos vendo*. Para refletir sobre as transformações nas formas de conhecer trago o desenho e a poesia que foram consequentes ao movimento e grafia 04²⁹ proposto na disciplina “Antropologia da Percepção”:

²⁹ **Movimento e Grafia 4:** “Entre o ver, o escutar e o sentir” atmosfera: o exercício de polo fechado para ser realizado debaixo do chuveiro. Atenção: não permaneça muito tempo com olhos fechados e debaixo da água quente, pois pode dar tontura. Caso venha algum desconforto mude de posição da cabeça, do corpo ou abra os olhos.

- 1) De pé, coloque as conchas ou copos iguais próximos aos ouvidos. Ouça um som que se assemelha ao som de conchas nos ouvidos. Esse som deverá continuar durante todo o exercício.
- 2) Caminho do olhar e centro de força: com os olhos fechados, ouvindo o som e sentindo a água cair na pele. Fique com os olhos soltos, verifique para onde seu olhar se dirige ou tenta se dirigir. Perceba as cores ou flashes de luz que surgem com os olhos fechados.
- 3) Deixe a água cair em diferentes partes do corpo: na cabeça, peito, costas, barriga e etc.
- 4) Olhe calmante para cima e para baixo e depois para os lados.
- 5) Agache e faça o mesmo procedimento que fez em pé. Se tiver dificuldade de ficar agachado, utilize um banquinho.
- 6) Levante-se com calma, saia da ducha. Sem os copos, com os olhos fechados, observe, o som, a pele e a visão.



Figura 15 - Navegar-se
Materiais utilizados: fotografia com intervenção de desenho digital no aplicativo Procreate.
Dimensões: 1956x2044 px
Produção da autora, 2021.

Navegar-se

Pulsa a energia do universo mesmo diante à ansiedade intelectual.

Espaço e ferramentas de uma experiência e cada etapa é um aprofundamento tanto do sentir, da gota que cai, do frio do ambiente úmido, das luzes que não se cansam de dançar formando uma galáxia dentro do vazio dos meus olhos e do som que engole os pensamentos para o precipício da intimidade.

Sinto-me dentro de uma concha, pequena, navegando sobre meus próprios pensamentos, já que não há subterfúgios para a fuga do fluxo contínuo.

Dentro do vácuo deste mundo tudo acontece em câmera lenta a água que percorre o corpo simula um barco que avança ao movimento do vento.

O barco não tem qualquer máquina para deslocar-se aquém do que a natureza ou a sorte o podem oferecer.

A embarcação percorre cabeça, ombros, abdômen, costas, pernas, dedos
Eu estou sendo minuciosamente explorada e fico com medo, porque o conhecimento também traz esse efeito, ele escancara o que, por vezes, pode estar escondido.
Ao agachar, o medo se dissipa e me sinto segura, mas é uma sensação frágil uma vez que meu tamanho fica menor,
estar confortável pode não ser suficiente.
E, muitas vezes, são essas as escolhas que fazemos em nosso cotidiano: ora estar seguro, ora estar confortável, ora estar grandioso, ora estar em paz consigo mesma.
Observo tudo ao redor daquele ambiente, olho para aquele espaço e parece que eu não o conheço ou desconheço a mim mesma, ou estou naufragando, ou se estou dentro do barco.
São esses os motivos que trazem à fotografia uma maquiagem borrada que esvai uma produção externa vulnerável de se manter forte em circunstâncias tempestuosas.

Neste contexto turbulento de produção de conhecimento me alio a outros trabalhos de antropólogas, antropólogos e antropólogues que fazem um chamado para a construção de outras Antropologias com a respectiva quebra de paradigmas coloniais, racistas, misóginos, sexistas, homofóbicos, transfóbicos, capacitistas. Por último, concisamente, coloco em questão: *Que lugar é esse da Antropologia em tempos sombrios?*

As antropólogas, os antropólogos e antropólogues são interpelados igualmente por seus pares, já que não se pode escapar da posicionalidade, como apontado por Abu-Lughod (2018), e pelos grupos outrora identificados como objetos de pesquisa, a darem vida aos seus trabalhos e uma escuta unida à práxis mais sensível e efetivamente coparticipativa com seus interlocutores.

Inspirada pela provocação de Abu-Lughod (idem) apresento o desenho abaixo que carrega como símbolo o duelo das apresentações dicotômicas e a engenhosa habilidade, por meio de um toque sutil, que encontros transdisciplinares podem se tornar estratégias para provisórias transgressões aos binarismos, as dualidades e, principalmente, o rompimento com a linguagem compartimentada produzida pela modernidade e pelo cânone cartesiano e copernicano.

A transdisciplinaridade é uma abordagem, em que o sujeito assume todas as dimensões do conhecimento, o qual é integrado pela ciência e pela natureza (ou também podemos considerar as relações entre humanos e não-humanos) e, conseqüentemente, compreende a existência do sagrado para transcender os limites da fragmentação.

Assumir a complexidade das coisas como espaço frutífero é aprender a viver em conjunto, aprender a conhecer, aprender a fazer e, assim, construir uma nova ontologia capaz de abraçar pedagogias experimentais.

A Antropologia na contemporaneidade sente-se impelida a desenvolver uma performance proativa de construção de significados e recursos mais sensíveis quanto aos processos comunicativos.

Para engrossar o caldo deste debate

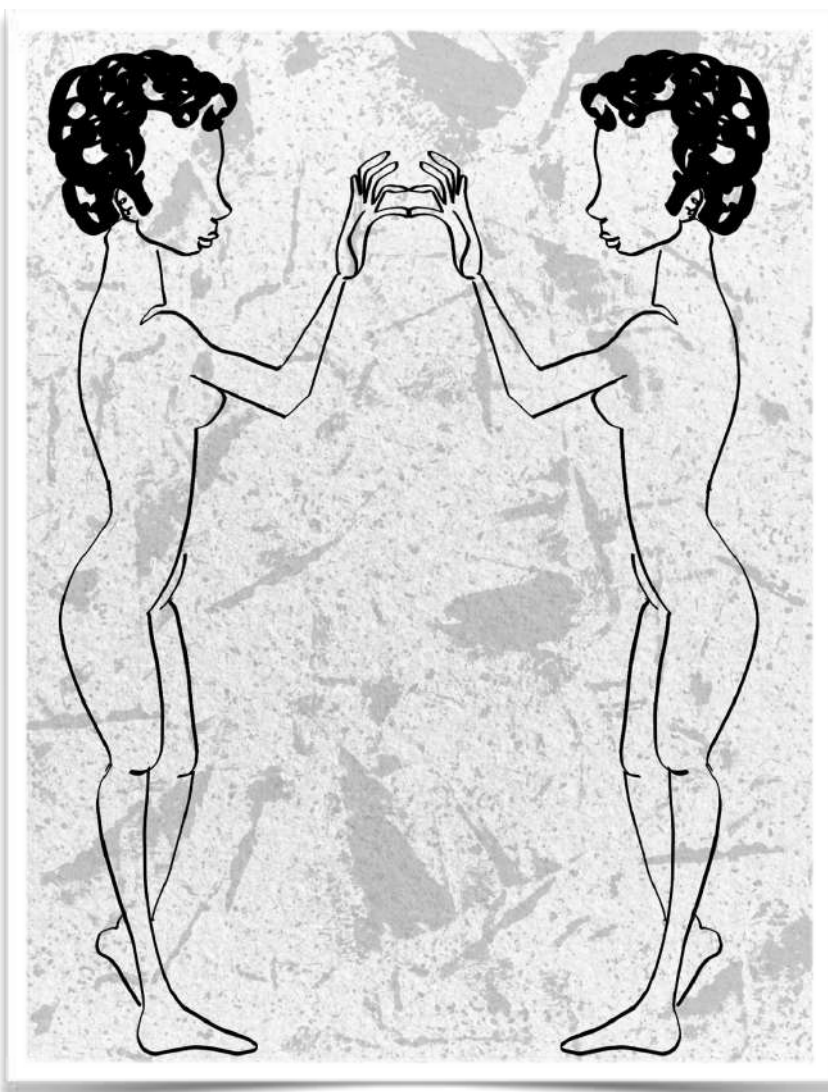


Figura 16 - Duelo
Materiais utilizado: desenho digital no aplicativo Procreate.
Dimensões: 1418x1819 px
Produção da autora, 2021.

cito os argumentos de Shah (2020), em que ela questiona os limites da produção do conhecimento na Antropologia e a inevitabilidade em se buscar estratégias potencialmente revolucionárias como uma forma de engajamento da(o) pesquisadora(pesquisador), em suas palavras “precisamos ser cada vez mais claros sobre o que fazemos, por que fazemos e por que isso é importante” (idem, p.375).

Como estratégia criativa de produção sensível e viva da ciência trago a linguagem das grafias como mais um reforço para a virada epistemológica e ontológica da Antropologia. Posto isto, para reafirmar a multiplicidade das linguagens nesta brochura, pois acredito que as epistemes são também táteis e não exclusivamente abstratas, sinalizo que os desenhos e as poesias articulados às produções textuais são caminhos interessantes para a combinação dos afetos e o desenvolvimento da produção do conhecimento.

Colocar em cena processos da diversidade humana, ao qual é o esforço da empreitada antropológica, é uma demanda tão complexa e tão profunda que as palavras não são suficientes.

O recurso às imagens – fotografias, vídeos, desenhos e bricolagens – tornou-se indispensável para dar conta da complexidade do fenômeno estudado, sobretudo a intensidade das trocas estabelecidas em campo, a profusão de sentidos e sensações oriundos dessa vivência da alteridade, a efemeridade de cenários, relações e vidas compartilhadas, difíceis de serem incorporadas pelo registro escrito e pela descrição realista (Magni, Herzog, Banemann, Barreto & Rodrigues, 2018, p. 139).

Em concordância com o pensamento feminista negro em que se afirma que nossos passos vêm de longe concatenado às fabulações de Donna Haraway (2016) sobre as Histórias de Camille precisamos costurar colaborações improváveis sem se preocupar muito com os tipos ontológicos convencionais, pois outros futuros são possíveis, mesmo que agora os vejamos como implausíveis, todavia eles são reais (idem, p.136).

Não gostaria de terminar este tópico com um nó que encerra ou dificulta outras possíveis continuidades, pois a particularidade da linha é emaranhar-se por tantas outras trajetórias. Deixo, portanto, neste espaço final da brochura 01 uma poesia e uma ilustração sobre o amor.

A palavra amor apresentada como dispositivo analítico numa tese pode ser melindrosa, mas é este sentimento capaz de dar energia suficiente para enfrentar desgastes e os tensionamentos nas fronteiras epistemológicas. Diante desse embate

não posso me esquivar de assumir riscos, porque ao final não é possível controlar os imponderáveis da vida cotidiana.



Figura 17 - A cura prática
Materiais utilizados: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 1566x1714 px
Produção da autora, 2021.

O amor dentro da pesquisa

Com afeto escrevo sobre o sentimento mais inquieto e que nos move cotidianamente. Perpassando todas as lembranças, as vivências presentes e os sonhos futuros: o amor.

O amor é um sentimento companheiro.

Ele nos dá o apoio quando queremos desistir ou quando nos sentimos enfraquecidos.

O amor tem a textura do beijo que acalenta e afaga, que protege e faz um carinho que nos enche de tranquilidade.

Entretanto, ao mesmo tempo que ele traz a calma, a paz e o sossego o amor carrega suas contradições e perturbações.

Ter amor, fazer amor, estar embriagada de amor é também estar mergulhada no desejo e na paixão.

Nos devaneios de passos e descompassos entusiasmada com as chamas desse sentimento que aquece o peito o amor nos envolve em dor, em perdas e saudades.

Só que no final, o amor significa o meu cordão umbilical com o mundo, a metáfora do apego o que me faz ser o que sou.

Brochura 02

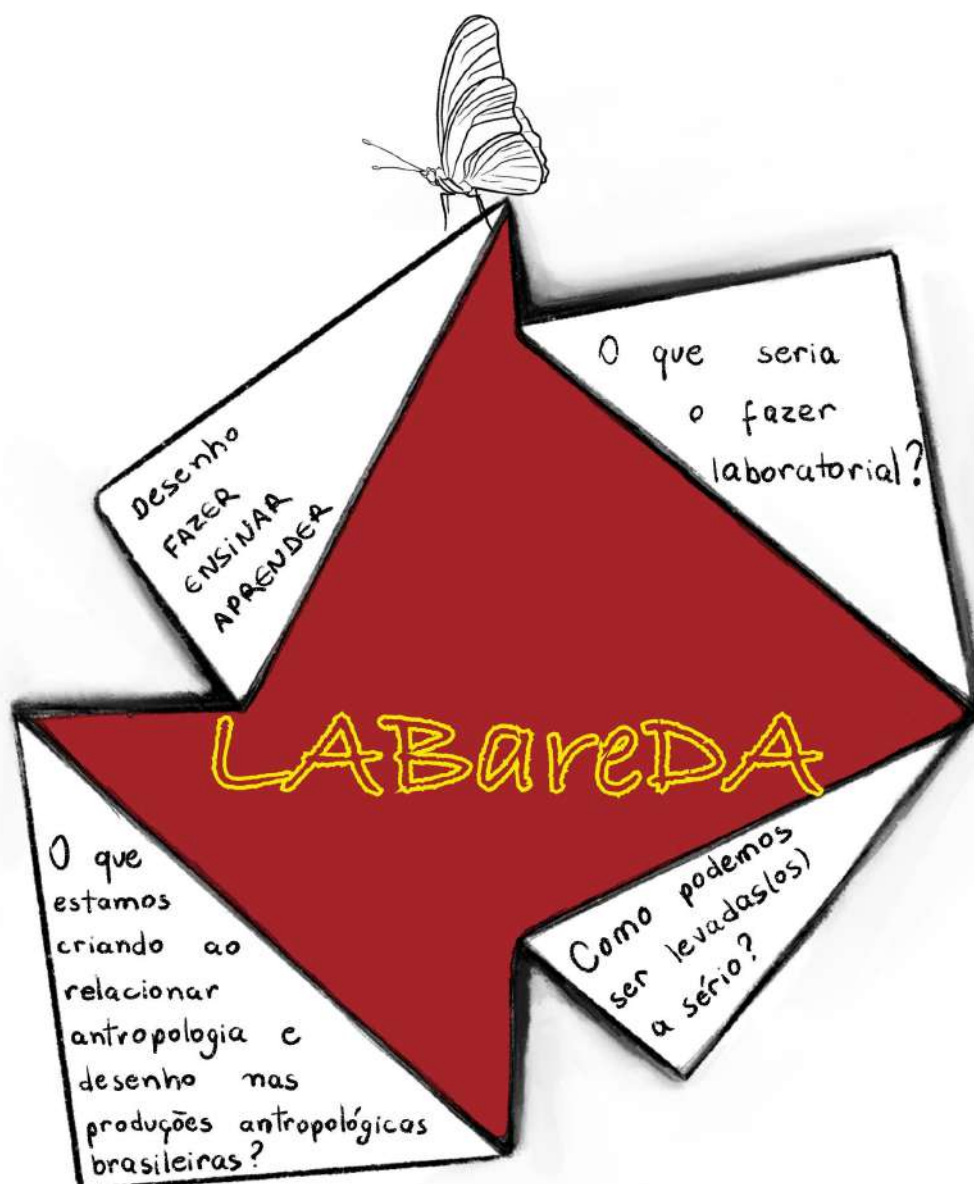


Figura 18 – As dobras laboratoriais
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 2048x2048 px
Produção da autora, 2023

As dobras laboratoriais

2.1. Fabulações no LABareDA

Um dos projetos selecionados para ser compartilhado nesta tese foi concebido ao longo das reuniões do Laboratório de Desenho & Antropologia (LABareDA) no ano de 2021.

O LABareDA foi idealizado no contexto da epidemia do COVID-19 com pesquisadoras(es), em diferentes níveis de sua formação, ou seja, graduandos(as), mestrandos, doutorandos(as), dos mais diversos estados brasileiros, a citar: São Paulo, Paraíba, Goiás, Santa Catarina e Bahia e contou também com participação de um pesquisador que estava fora do Brasil. O laboratório esteve sob a coordenação da professora Aina Azevedo, vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A articulação para a criação do LABareDA chegou até mim por meio de um e-mail, enviado pela professora Aina Azevedo em abril de 2021. No documento, Aina indicava que a ideia do laboratório, para além de formalizar uma rede de pesquisa dentro do CNPQ, também serviria de espaço para que o grupo de pesquisadoras e pesquisadores interessadas(os) na relação entre Antropologia e desenho pudessem se encontrar, fazer leituras, apresentar seus trabalhos, pensar em exposições, oficinas, assim como realizar trocas e experimentações.

Nos e-mails que preparavam o início dos encontros, a professora Aina sinalizou que o objetivo preliminar era pensar **em conjunto** de que forma **o grupo** poderia se encontrar e com que frequência, alternando as atividades entre grupo de leitura, conversas com autoras/artistas, realização de oficinas e talvez, no futuro, as(os) integrantes do laboratório pudessem ser responsáveis por um projeto **comum**, ou uma publicação em **conjunto**. Destaquei a palavra conjunto, pois bell hooks (2013) enfatiza que “um espaço comunitário aumenta a probabilidade de haver um esforço coletivo para criar e manter uma comunidade de aprendizado” (p.18).

O primeiro encontro do LABareDA ocorreu no dia 19 de maio de 2021 pelo *Google Meet* às 16h e contou com a participação de nove pesquisadoras(es), contando comigo. O encontro teve a finalidade de cada integrante se apresentar e pensar, como coletivo, o desejo em realizar atividades em conjunto relacionadas ao laboratório.

Após a primeira reunião houveram alguns encaminhamentos como a confecção do e-mail do laboratório (laboratorio.labareda@gmail.com) e a organização dos encontros do grupo que foram decididos como semanais (todas às quartas-feiras)

das 16h às 18h. O objetivo dos encontros semanais seria construir um espaço para se desenhar e fazer outras experimentações.

Na segunda reunião pelo *Google Meet*, no dia 26 de maio de 2021, as (os) pesquisadoras(es) se encontraram para desenhar e em silêncio, cada uma(um) com sua câmera ora ligada, ora desligada, a depender como estava a conexão de internet na casa de cada uma(um), sem um tema específico, ficaram a desenhar e a se concentrar nos materiais que tinham em suas mãos, fossem tintas, canetas, lápis de cor e os variados tipos de papéis. Portanto, foi uma reunião para desenhar e, às vezes, alguma pesquisadora ou pesquisador abria o microfone e fazia algum comentário sobre as possibilidades e propostas para a próxima reunião, como uma forma de se amadurecer as ideias para as dinâmicas seguintes do laboratório.



Figura 19 – Telas-janelas
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 2048x2048 px
Produção da autora, 2021

Neste desenho apresento as janelas como metáfora para as telas, ora abertas, ora fechadas.

Apesar de utilizar exclusivamente a plataforma digital, *Google Meet*, para os encontros síncronos³⁰, as reuniões do LABareDA tornaram-se um espaço-tempo dedicado exclusivamente para se pensar as relações entre desenho e Antropologia. Neste espaço estava se constituindo uma experiência pedagógica coletiva, de caráter laboratorial, em que se privilegiava o “conhecer por meio do fazer” (Ingold, 2015).

De acordo com a antropóloga portuguesa Ana Isabel Afonso:

O desenho revelava-se um dispositivo metodológico interessante, não só ao nível puramente técnico de gerar informação, mas também na *sedimentação da relação entre o investigador e os sujeitos da sua pesquisa*. Retenho esta como a sua maior riqueza, porventura ofuscada pelo poder atractivo e estético da imagem desenhada, face ao hermetismo do texto escrito ou à banalidade da fotografia digital. Na verdade, esta *abordagem experimental* evidenciou que a *plasticidade do desenho permitia dar forma às abstracções captadas a partir de relatos de memória, ao mesmo tempo que tornava visível como essas narrativas eram filtradas pelo olhar do antropólogo*. No vai-vem do terreno para o atelier do artista, e deste de volta ao terreno, *pela mão do antropólogo em campo, se tornavam explícitos esse olhar e essa interpretação*, deliberadamente não cristalizados em texto, nem tão pouco susceptíveis de ser fixados pela voracidade fácil (e imutável) da máquina fotográfica (Afonso, 2016, p.94, grifos meus)

Pois bem, aqui não tenho o interesse em fazer um juízo de valor se o desenho seria melhor ou não que o uso da fotografia em campo, esta não é minha intenção, pois a relação com o material, seja o lápis, a tinta, o caderno, o celular ou uma máquina fotográfica tem muito a ver com as escolhas pessoais e o contato que a(o) pesquisadora(pesquisador) teve com esses materiais ao longo da sua formação como antropóloga(antropólogo) e até mesmo anteriormente à escolha dessa carreira profissional. Trago esta citação para salientar a potência experimental do desenho e o valor do seu caráter processual e não somente seu recurso estético.

Ao longo dos encontros semanais que se seguiram no LABareDA, compartilhamos técnicas, dicas de materiais de desenho, cursos online, assim como as pesquisadoras(es) partilhavam seus projetos e o andamento de suas pesquisas. Nessas interações e por meio de uma certa indisciplina, pois os encontros não tinham um formato vertical de uma classe, em que um sujeito ensinava e as(os) outras(os)

³⁰ Os encontros síncronos são feitos ao vivo, ou seja, acontecem em tempo real, significando que o grupo interage ao mesmo tempo em um espaço virtual, online, dentro de uma plataforma de vídeo. Diferentemente de um espaço de conversa assíncrono como seria o e-mail ou em fórum de discussão.



Figura 20 - Mesa de Debate “Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” com as expositoras Aina Azevedo (UFPB), Letícia Ferreira (UFRJ), com a debatedora Magda Ribeiro (UFMG) e a mediadora Amanda Serafim (PPGAS/Unicamp).

Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2048x2048 px
Produção da autora, 2021.

aprendiam de forma passiva, ou melhor, apenas escutando, abriu-se a oportunidade para a serendípi³¹ do desenho.

Em uma fala dentro do evento acadêmico “Jornadas John Monteiro”, no ano de 2021, a professora Aina Azevedo na mesa de debate “Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” discorreu que o crescente interesse pelo desenho como técnica de pesquisa

e forma de exposição do conhecimento na Antropologia, não é acompanhado pela sua incorporação massiva em cursos de formação dos estudantes.

Para Aina parte dessa lacuna relaciona-se à ausência de profissionais com formação adequada para levar adiante cursos específicos, assim como existe a predominância de uma pedagogia alicerçada na leitura, discussão e produção textual.

³¹ Serendípi, conforme Luísa no podcast “Mundaréu”, especificamente no episódio “Serendípi: Há espaço para amizade no trabalho de campo?”, define a palavra como: a capacidade de encontrar coisas que não se esperava, de ver situações inusitadas, seus potenciais de renovação e assim, fazer outros tipos de vínculo e, no caso da pesquisa de campo, fazer avançar a Antropologia.

Isto é, no predomínio da linguagem escrita como forma hegemônica de aprendizagem e circulação do conhecimento na Antropologia. Tanto é que, na crítica feita por Clifford e Marcus (2016) à escrita etnográfica e suas vicissitudes, não se pensou em questionar a centralidade da própria escrita, enquanto linguagem privilegiada na Antropologia.

Sendo assim, me pergunto se a virada epistêmica, a partir das teorias pós-modernas, além das interpelações feitas por autoras(es) decoloniais, feministas, indígenas, transformaram apenas a pesquisa e a teoria antropológica ou há percepções de abalo na estrutura em se ensinar e aprender Antropologia?

As inquietações eram comuns nas partilhas dos encontros do LABareDA. Conversamos sobre como o desenho ajuda a pensar o próprio trabalho, bem como o desenho contribui para a sintetização de conceitos, além de auxiliar na compreensão das várias dimensões de um trabalho de campo. Uma das participantes comentou que o desenho propicia o giro epistêmico e coloca questões importantes para o campo da Antropologia Visual, como: a) O que a gente está criando ao relacionar Antropologia e desenho nas produções antropológicas no Brasil?; b) Para além do Taussig e do Ingold para nos referendar o que nós podemos criar com essa relação entre Antropologia e desenho?; c) como nós, que produzimos desenho e Antropologia, podemos ser levadas(os) a sério?

Diante de tais indagações o grupo compartilhou algumas propostas para se avançar no tema, como por exemplo: a) conversar e dialogar para fora da bolha (da Antropologia) poderia ajudar; b) experimentar e ousar é importante ao longo do percurso; c) entender por meio da prática o que seria e o que não seria fazer Antropologia.

No primeiro encontro se comentou que o desenho é um percurso e uma das participantes pontuou por se tratar de um laboratório que seria interessante uma perspectiva de atuação mais prática, ou seja, ter mais oficinas. Após o primeiro encontro, a professora Aina enviou um *feedback* por e-mail para as(os) integrantes do laboratório. Nessa mensagem foram compartilhados dois documentos que ficaram disponíveis no *Google Drive* e que poderiam ser acessados por todas(todos) do grupo, a saber: arquivo bibliografia e arquivo oficinas. Este último para receber sugestões de ideias e pessoas para que ela organizasse o convite em nome do LABareDA.

No arquivo compartilhado no *Drive do Google*, Aina escreveu um esboço de como seriam as estruturas das oficinas. Segue, abaixo, o trecho do documento:

As oficinas do LABareDA são abertas a propostas que busquem experimentar com o desenho e outras grafias. A ideia é que o(a) proponente da oficina compartilhe alguma técnica ou sugestão de construção narrativa, dando espaço para a prática. Quando necessário, podem ser enviados materiais de estudo audiovisuais ou bibliográficos antes da realização da oficina. É imprescindível indicar com antecedência os materiais que serão utilizados na oficina, como lápis, caneta, aquarela, papel, tesoura, linha, tecido, fotografias impressas, revistas, cola, entre outros (documento do drive, Aina Azevedo, 2021).

Nestas primeiras diretrizes começou a se pensar o que seria o *fazer laboratorial*, ou seja, como seria o processo criativo. O ato de experimentar teria um caráter coletivo e compartilhado, com a ênfase nas práticas e nos processos. O foco, portanto, estaria centrado nas experiências e não nos resultados. Sendo assim, haveriam desdobramentos improváveis durante os encontros semanais do laboratório e por meio destas vivências estaríamos experimentando formas de se ensinar e aprender horizontalizadas e orgânicas.

Como assinala bell hooks (2013) a experiência do aprendizado deve ser tomada como um processo revolucionário, pois o aprendizado em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador. Para a autora, ao aliar a pedagogia crítica de Paulo Freire, com o pensamento feminista negro e o papel do entusiasmo na prática do ensino se transgridem as fronteiras estabelecidas da relação entre o ensinar e o aprender. Em suas palavras “o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula” (hooks, 2013, p.21).

O laboratório se constituiu como uma estratégia de se repensar as práticas de ensino e com suas atividades múltiplas e dinâmicas (uma semana era o desenho desprezioso, outra semana uma leitura dirigida, outra semana tinha uma convidada ou convidado discorrendo sobre sua obra, outra semana era uma oficina) conclamava a todas, todos e todes a se engajarem cada vez mais, assim como evoca bell hooks (idem) “a se tornarem partes ativas no aprendizado” (idem, p.22).

Vislumbro, portanto, que o laboratório na Antropologia possa ser um espaço de entusiasmo pelas ideias e a vontade de aprender, apresentando novas maneiras de saber e estratégias diferentes para partilhar o conhecimento.

Na Antropologia é uma prática consagrada estranhar o que é aparentemente familiar. O que se estranha, portanto, no espaço do laboratório quando se assume o valor centralizado nas experiências e não nos resultados? Existem, talvez,

características que se queiram diferenciar do espaço do laboratório, do espaço da sala de aula, ou de um espaço de pesquisa?

No campo da Antropologia da Educação, a pesquisadora Schweig (2022) aborda as potencialidades da Antropologia enquanto ciência-prática e de que forma as práticas colaborativas e experimentais problematizam as fronteiras entre o que seria pesquisa e intervenção ou produção do conhecimento e aplicação. Ao fazer o seguinte questionamento “*de que forma pesquisar e praticar etnografia junto a sujeitos que educam modifica algo do próprio fazer etnográfico?*” A autora explora o saber-fazer não distanciado, compreendendo que há uma transformação da subjetividade das(dos) antropólogas(os) quando se faz o entrecruzamento de práticas profissionais e as produções de dados para a pesquisa e nesse movimento *entre si e para si* se recria o próprio campo de produção do conhecimento antropológico. Assim ela explica:

Essa ‘mudança metodológica’- ou ‘virada ontológica do grupo’, como costumamos brincar - passou a marcar uma transformação em nosso modo de compreender o fazer da pesquisa (e da docência), levando-nos a prestar atenção às questões que emergiam nesses momentos de estudo e intervenção propostos em rodízio pelos integrantes da equipe. Neles, era possível observar o surgimento de questões sobre a aprendizagem e o fazer da docência (e da etnografia) que não se evidenciavam por meio da escrita ordinária dos diários de campo baseados na observação participante das práticas dos professores nas escolas. (Schewig, 2022, p.337).

Diante deste deixar-se afetar pelo modo de fazer uma Antropologia experimental e laboratorial que vem a ressignificar e alargar as maneiras em se produzir conhecimento, me aproximo da abordagem de bell hooks (2013) quando ela afirma que “as(os) educadoras(es) têm o dever de confrontar as parcialidades que têm moldado as práticas pedagógicas em nossa sociedade e de criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar conhecimento” e que há um ponto de vista privilegiado quando se mistura os modos experimental e analítico do conhecimento, em suas palavras:

Somo minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade. (hooks, 2013, p.23-24).

Em vista das considerações de bell hooks(idem) é no movimento de pensar e repensar a prática do ensino que se transforma a educação em uma prática libertária. No contexto específico do trabalho de campo no LABareDA observou-se que era por meio da prática do desenho que se visualizava a renovação e o rejuvenescimento do ensino de Antropologia.

Na primeira reunião do LABareDA foi colocado que um dos pontos importantes de se construir um espaço coletivo de aprendizagem, especialmente nessa relação do trabalho antropológico com o desenho, foi a possibilidade de se aprender um com o trabalho do outro, compartilhando técnicas, modos de fazer e descobertas.

Um dos participantes ressaltou que no contexto da pandemia do COVID-19, no ano de 2021, além das pesquisas necessariamente precisarem ser mais solitárias, o uso do desenho em pesquisas, dependendo de onde se está fazendo a pós-graduação, ou seja, o programa que se está vinculado, não há professoras(es) ou colegas que dialogam com as questões que surgem no processo de reflexão da prática do desenho juntamente com o desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, o laboratório tornou-se um espaço de compartilhamento e de trocas com pesquisadoras(es) que se interessam por uma temática em comum.

Além disso, o LABareDA também seria um ambiente para se realizar oficinas, como uma espécie de “oásis”, nas palavras de Aina, em que vamos a um encontro que não necessariamente precisaríamos chegar com algumas páginas lidas para dialogar, mas com materiais, ou ferramentas, que sejam o lápis, uma caneta, para desenhar.

Criar esses momentos são essenciais para desenvolver as experimentações e uma janela dentro do espaço-tempo, em que fiquemos imersos nas produções de nossos desenhos. A criatividade, portanto, precisa antes de tudo de tempo e imersão para ser cultivada e florescer.

A primeira oficina do laboratório aconteceu no dia 03 de junho e eu fui responsável pela atividade. A proposta: “Técnica aguada com café” tinha como objetivo apresentar alguns princípios da aquarela usando o café solúvel. O café é um material acessível e talvez já presente nas casas das(os) participantes do laboratório e que não precisaria de um grande investimento se fosse requisitado o material “oficial” para se fazer uma aquarela que é a tinta aquarela. A intenção de demonstrar uma técnica no laboratório não significou enfatizar um “certo” ou um “errado” no uso

do material, mas um caminho para se conseguir materializar as possibilidades que aquele material poderia oferecer.

Antes do encontro foi enviado um e-mail ao grupo detalhando os materiais necessários para se trazer para a reunião que está descrito no arquivo abaixo:

OFICINA: TÉCNICA AGUADA COM CAFÉ

Data: 02 de junho de 2021 das 16h às 17h30

Proponente: Katianne

Doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS-UFG, designer de moda e aquarelista.

Resumo: Os pigmentos naturais são elementos acessíveis que podem se constituir como um primeiro contato das pessoas anteriormente à aquisição de um produto artístico que demande um valor financeiro considerável, a exemplo da aquarela, o que pode tornar o acesso à arte, por vezes, algo inacessível. Tendo como eixo o desenvolvimento de técnicas artísticas de maior alcance coletivo, a oficina “Técnicas aguadas com café” justifica-se pelo produto, o café, ser barato e também fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas no Brasil.

Materiais necessários:

- **2 folhas tamanho A4 de papel gramatura 300g**

(opções mais baratas: marca Montval, ou papel Bamboo da marca Hahnemühle, ou papel Mix Media XL da Canson ou qualquer outro que você tenha de alta gramatura). A alta gramatura é imprescindível por se tratar de uma técnica bastante aguada.

Importante: as duas folhas devem ser divididas e cortadas em 2 pedaços, totalizando 4 pedaços.

- **100 g de café solúvel**

Importante: eu testei com café normal e não gostei do resultado, por isso estou indicando o café solúvel para o resultado ficar melhor.

- **pincéis com pontas diversas** (1 pincel com ponta redonda, 1 pincel com ponta chata e 1 pincel para detalhes, veja imagem).

Importante: a marca mais barata de pincel é a marca Keramik e também existe o kit da Faber Castell, a marca Sinoart também é barata.



- **Fita crepe**
- **Uma base para prender a folha** (pode ser uma prancheta, ou o papel paraná que fica no final das folhas do bloco de folhas de aquarela, ou seja, aquela folha mais durinha).
- **Toalha de papel**
- **2 copos de vidro de 200ml com água limpa**

Figura 21 - Captura da tela da descrição da oficina “Técnica aguada com café”.

Acervo da autora, 2021.

Com o café e o papel com uma gramatura mais grossa, ou seja, 300g, foi possível apresentar alguns princípios da aquarela como: 1. Técnica molhada³² sobre papel molhado; 2. Técnica molhada sobre papel seco; 3. Técnica seca sobre papel molhado e 4. Técnica seca sobre papel seco.

Após apresentar as técnicas separadas sugeri uma paisagem que agregasse as múltiplas técnicas, com montanhas em diversos planos, água do mar e barcos a vela.



Figura 22 - Apresentação dos princípios da aquarela usando café solúvel no LABareDA. Acervo da autora, 2021.



Figura 23 – Paisagem usando técnica aguada com café solúvel.

Materiais: café solúvel, álcool sobre papel 300g/m² –

Dimensões: 11,5 x 15,5 cm.

Produção da autora, 2021.

Ao unir todas as técnicas o objetivo foi visualizar como elas expressam texturas, profundidades, brilhos. No desenho ao lado, no céu foi usada a técnica molhada sobre molhado e para simular as nuvens usou-se um guardanapo, como uma “borracha” para retirar a tinta e dar mais luz e textura para o desenho. Já na água do mar foram usadas tanto a técnica molhada sobre molhado, como seca sobre seco.

As técnicas, portanto, são um caminho que facilita, ou seja, se expressa com mais segurança no papel aquilo que se observa ou o que se imagina.

Para além do dia da oficina foi mencionado ser possível fazer experimentações com outros matérias acessíveis como a cúrcuma e o hibisco.

³² Técnica molhada significa pincel carregado com bastante água e com menos pigmento e técnica seca significa pincel carregado com pouca água e mais pigmento.

A ideia de se usar materiais que vão além do que é descrito como profissional é propor possibilidades de experimentações acessíveis economicamente às (aos) estudantes e às(aos) pesquisadoras(es) que tenham curiosidade e interesse em usar a linguagem do desenho e não tenham acesso a materiais mais caros e também como recurso



Figura 24 - Flores do campo com cúrcuma.
Materiais: cúrcuma dissolvida em água quente, lápis e caneta nanquim sobre papel 200g/m²
Dimensões: 10x15cm.
Produção da autora, 2021.

descomplicado para as(os) professoras(es) levarem para a sala de aula.

Novamente apoiada pela perspectiva de bell hooks (2013), que foi influenciada pelo educador Paulo Freire, ressalto que a relação ensinar-aprender significa um ato dialógico e imaginativo. Desse modo, os materiais e as técnicas não devem ser vistos como espaços que dificultam ou limitam o uso do desenho em sala de aula ou nas pesquisas, mas como caminhos para o conhecimento que tem como embasamento a experimentação e onde o lugar da imaginação está fora das linearidades e respostas prontas. A partir dessa vivência no LABareDA evoco que a experimentação com desenhos em sala de aula, ou dentro de grupos de pesquisa, laboratório ou nas pesquisas seja um modo de resistência política para se produzir ciência, em que se desnaturaliza como muitas(os) de nós, antropólogas(os), usamos as notas escritas, para a divulgação do conhecimento científico, seja por artigos, capítulos de livros, monografias, dissertações e teses.

Em e-mails seguintes à primeira oficina, em prol de organizar as atividades do LABareDA, a professora Aina detalhou melhor um dos planos do laboratório de se eleger uma leitura mais aprofundada a ser discutida uma vez ao mês. A primeira leitura escolhida para o mês de junho foi o livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* de Donna Haraway, especificamente o capítulo 08 “*The Camille Stories - Children of Compost*”.

A leitura compartilhada do capítulo com pesquisadoras(pesquisadores) engajadas(os) em evocar a linguagem do desenho como uma experimentação trouxe

uma vitalidade para a forma de se contar histórias. Aina, em sua fala na mesa “Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico” expôs que a partir das leituras foi possível criar uma proposta de uma fabulação especulativa que tem o desenho a sua forma de criar enredos para uma futura história.

As(os) integrantes do LABareDA se interessaram em traduzir para além das formas, que são canonicamente aceitas como instrumentos capazes de produzir e reproduzir o pensamento científico, interpretações visuais dos conceitos abordados por Donna Haraway (2016) em histórias de Camille, ampliando, portanto, o debate acerca das diversas possibilidades de se comunicar conceitos para além das palavras.

Nas rodas de conversas no laboratório existia um pensamento partilhado que é: “o desenho é bom para pensar” e dentro do contexto da pandemia da COVID-19 no ano de 2021, em que existiam diversas dificuldades para se desenvolver um trabalho de campo, nos moldes mais conhecidos pelas etnografias tradicionais na Antropologia, foi na ficção e nos desenhos confeccionados que as(os) membras(os) do LABareDA encontraram um espaço frutífero de produzir um trabalho antropológico.

A partir das provocações evocadas nas reuniões do LABareDA por meio das leituras compartilhadas de Histórias de Camille (Haraway, 2016), me senti motivada a desenvolver uma série de desenhos.

O diálogo proposto entre o desenho e a Antropologia vem construindo importantes fundamentos teóricos e imagéticos para potencializar a elaboração do pensamento antropológico ao considerá-lo não apenas como ferramenta de pesquisa, mas uma forma de experimentar a dimensão gráfica que possibilite caminhos outros para as etnografias e escritas antropológicas.

O engajamento especulativo experimental dentro do LABareDA foi, portanto, uma estratégia de criação compartilhada de criação de mundo onde poderiam caber muitos outros mundos. O grupo incentivado pela leitura de Histórias de Camille expressou por desenhos como seria possível florescer novamente dentro de um planeta vulnerável.

Neste projeto, de compreensão dos conceitos da autora citada quanto a aprender a costurar colaborações improváveis e caminhando para além da reflexão da dimensão ficcional de Histórias de Camille, também esteve presente, nas produções criativas, a dimensão analítica e dimensão metodológica, uma vez que uma

abordagem minuciosa foi se construindo ao longo dos debates sobre a teoria do antropoceno e o fazer etnográfico na Antropologia.

Isto posto, levando em conta o estímulo proveniente das leituras, dos debates e da produção dos desenhos, face a face a um planeta danificado³³, os desenhos a seguir tiveram a intenção de refletir sobre seguir com o problema fomentando outras formas de pensar que possibilitaram as construções de tessituras criativas. Ao explicar os conceitos graficamente assumo uma prática pedagógica-metodológica em que o fazer – o aprender – e o conhecer estão encadeados no intuito de eliminar a rígida oposição entre o texto e a imagem.

Tendo a perspectiva das considerações da obra de Haraway (idem) é preciso responder à questão de como viver nas ruínas e imaginar uma sintonia entre humanos e não humanos, por meio de posturas inovadoras. Desta forma, uma série de desenhos buscaram compreender de que forma se pode forjar revoluções ontológicas para formar parentes.

Assim, como apresenta Haraway (2016) e Ingold (2015) na confecção de redes de aprendizado e ao percorrer caminhos que aproximam as ciências e as artes criam-se pontes de conexão entre os fragmentos da dualidade da empiria e da epistemologia usando as experimentações artísticas. Consequentemente, a experimentação colabora com os novos voos analíticos, pois a incompletude, a insegurança, o fracasso, o que não foi possível acontecer, as ambivalências não carregam um sentido negativo de um problema ou contratempo, mas tornam-se uma política de conhecimento.



Figura 25 - Borboleta-fogo-no-ar - Labareda (*Dryas iulia alcionea*)
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2048x2048 px
Produção da autora, 2021.

³³ No cenário atual brasileiro estamos diante de um ataque sistemático às ciências humanas, a desqualificação do trabalho científico, além do empobrecimento maciço da população e a destruição visceral do meio ambiente.

O projeto com nove desenhos realizados a partir da leitura compartilhada teve como título: “Desenhando o entrelaçar do cerrado goiano com as ruínas: em busca de uma simbiose possível entre humanos e não humanos” significou uma tentativa de produção sensível e viva de construção da ciência antropológica, que combinou a linguagem dos desenhos com o texto de modo a me somar aos esforços atuais de variadas(os) pesquisadoras(es) na promoção de transformações epistemológicas que a Antropologia passa no contemporâneo.

Em resumo, o propósito principal dos desenhos aliados as discussões sobre as perspectivas de futuro e seguir com o problema almejam *dialogar com*³⁴ as fabulações de Donna Haraway e não *falar sobre* as histórias de Camille. Esse projeto dentro do LABareDA esteve intimamente ligado ao meu objetivo nesta tese que é construir uma *Antropologia feita com desenhos e não uma Antropologia dos desenhos ou sobre desenhos*.

Para o artista visual Gustavo Diaz (2017) a(o) desenhista não é somente um produtor de informações gráficas, ela(ele) é um mediador de afetos, pois os desenhos são elos de ligações para as expressões de sentimentos. Traduzir o olhar com desenhos é também um processo de mediação. Assim sendo, os desenhos são modos de agência dentro da pesquisa.

Tendo como base de estudo uma especulação fabulatória, ou seja, as Histórias de Camille, os desenhos produzidos no projeto citado acima foram produções possíveis em que se quis mediar o visível com o não-visível, usando as imagens para transmitir imaginários. Para além de uma tradução da história, ao alargar as palavras de Haraway (2016), o desenho é uma proposta viva de recriação de histórias e potencialidades para ideias que são intraduzíveis no campo textual.

³⁴ A perspectiva de “dialogar com” repercute a partir da reflexão de Trinh T. Minh-ha em “Speaking Nearby” (1992). A cineasta e teórica literária vietnamita nos convida, em suas obras, a enxergar que o processo de fazer um filme não se identifica com uma prática de captura de um objeto, ou para explicar um evento cultural, ou, muito menos, com um panfleto informativo. Quando se emite uma imagem, uma palavra ou mesmo o silêncio eles têm um conjunto de significados, uma função e um ritmo próprio dentro do seu próprio mundo. E para se alcançar o objetivo de “dialogar com” em vez de “falar sobre”, a linguagem é onde se materializa a reflexividade e a multivocalidade, pois quando se quer “dialogar com” o nosso tema não pode se apresentar como distante, ou com sujeitos distantes, ou mesmo estar ausente o lugar de fala. A postura de “dialogar com” reflete sobre como o meu trabalho como pesquisadora é apresentado e como eu me coloco neste trabalho, pois “dialogar com” não é uma técnica ou metodologia, na verdade, é uma atitude na vida, uma forma de se posicionar em relação ao mundo.

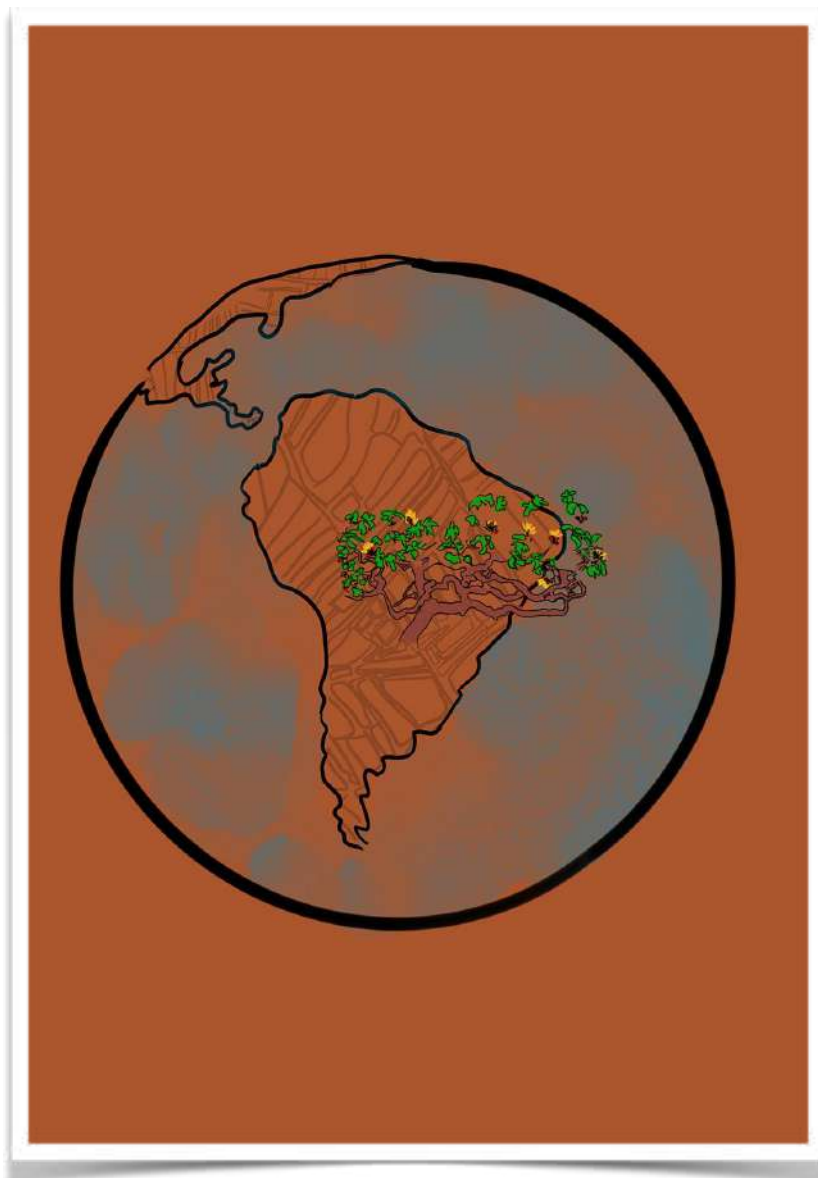


Figura 26 - O mundo onde possam caber muitos mundos
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo
Procreate no Ipad.
Dimensões: 2480 x 3512 px
Produção da autora, 2021

Devemos levar a sério as implicações do parentesco como abrangendo todas as relações humanas e não humanas. Permanecer com o problema, no desenho n. 27, é aprender a contar numa narrativa gráfica histórias que fortaleçam a capacidade de resposta ecológica num mundo caracterizado pela irresponsabilidade ambiental.

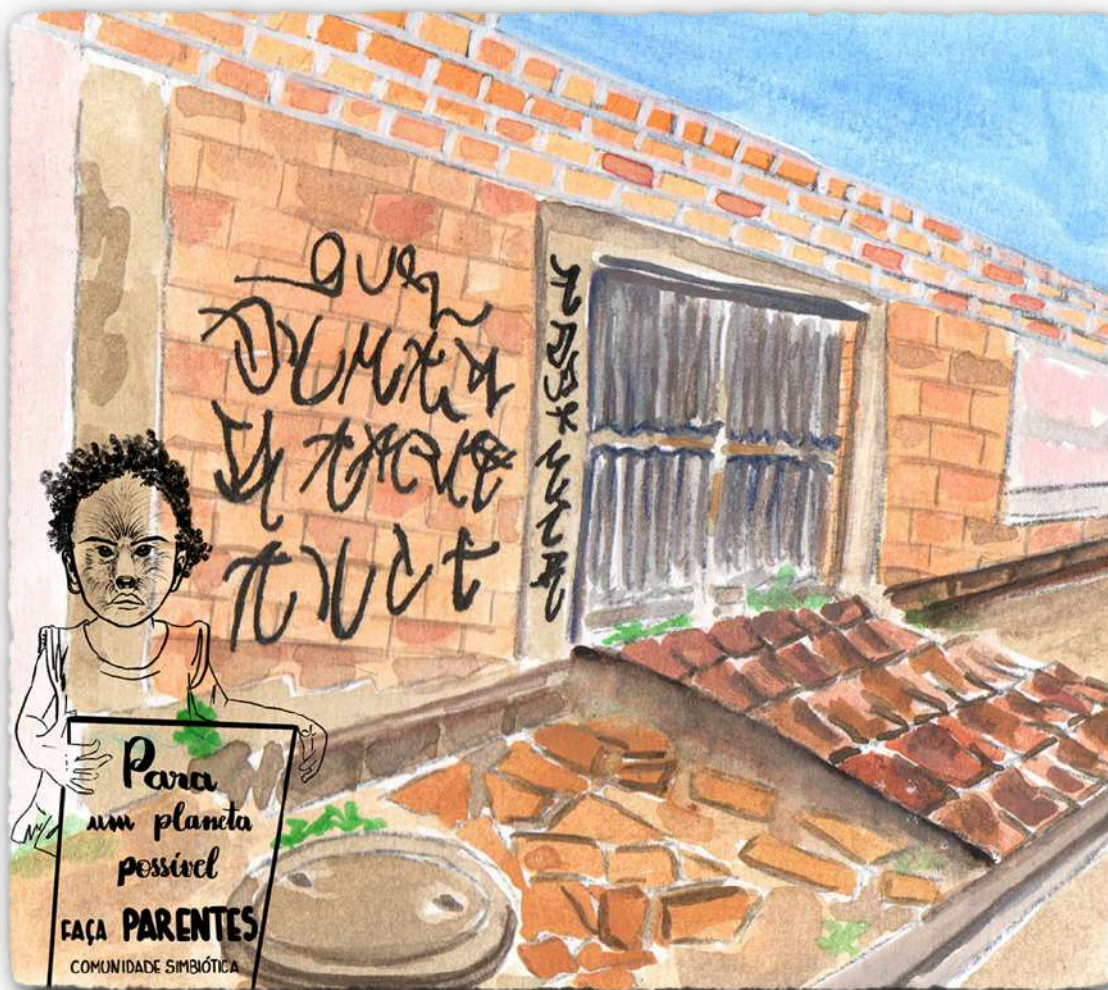


Figura 27 - Os filhos da compostagem

Materiais utilizados: guache sobre papel mix media 250g/m² –

Dimensões: tamanho A6 com intervenção de desenho digital realizada no aplicativo Procreate no Ipad.
Produção da autora, 2021



Figura 28: Desenhar mundos possíveis dentro das ruínas é um modo de resistência política
Materiais utilizados: lápis pastel seco com detalhes em caneta nanquim e caneta em gel branca sobre papel kraft 250g/m².
Dimensões: A4
Produção da autora, 2021

Donna Haraway nos desafia a repensar nossas relações com outros seres e com o planeta que habitamos. No desenho n.28 o conceito de fazer parentes com a espécie lobo guará do habitat do cerrado é uma forma de forjar alianças e colaborações através de diversas fronteiras, incluindo espécies, culturas e tecnologias. Este conceito não se trata de criar laços familiares tradicionais, mas sim de construir conexões inesperadas que promovam o respeito mútuo, a empatia e a solidariedade.

Fazer parentesco no Chthuluceno³⁵ não significa construir laços familiares tradicionais, mas sim forjar alianças e colaborações inesperadas. Haraway (2016) argumenta que é necessário a solidariedade com outros humanos, mas também com outras espécies, pois os problemas que enfrentamos, como a mudança climática, a desigualdade social e a injustiça ambiental estão interligados. No desenho n.29 exploro de forma criativa formas de se encontrar esperança num mundo danificado.



Figura 29: Outros mundos a ressurgir
Materiais utilizados: aquarela, lápis de cor e tinta nanquim sobre papel 100% algodão Arches 300g/m² - textura cold pressed –
Dimensões: papel A4. Finalização da ilustração com intervenção do Photoshop.
Produção da autora. 2021.

³⁵ Chthuluceno é um termo cunhado por Haraway que questiona a ideia do Antropoceno, sendo que este coloca o ser humano como o centro das mudanças climáticas que a Terra vem sofrendo. Diferente do Antropoceno, o Chthuluceno considera as interações e conexões complexas entre humanos e não humanos e a habilidade coletiva de agir e de responder aos desafios atuais.



Figura 30 - Fazendo parentes com outras espécies para se proteger da extinção
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 977 x 1307 px
Produção da autora, 2021

O desenho n.30 reflete visualmente o que Haraway (2016) argumenta sobre o mundo marcado por crises como a mudança climática e a injustiça ambiental. Para a autora, em vez de buscarmos soluções mágicas, devemos nos engajar em um processo contínuo de luta e resistência, reconhecendo a incerteza e a incompletude como parte da vida. Temos um mundo com problemas, mas também um mundo onde as possibilidades ainda existem.

Com o cartaz “Faça Parentes” o desenho n. 31 nutre a empatia e o respeito por todos os seres, desafiando a discriminação e promovendo um mundo mais inclusivo e equitativo. Ao reconhecer o valor intrínseco de outras espécies e entidades, podemos avançar para uma coexistência mais harmoniosa.

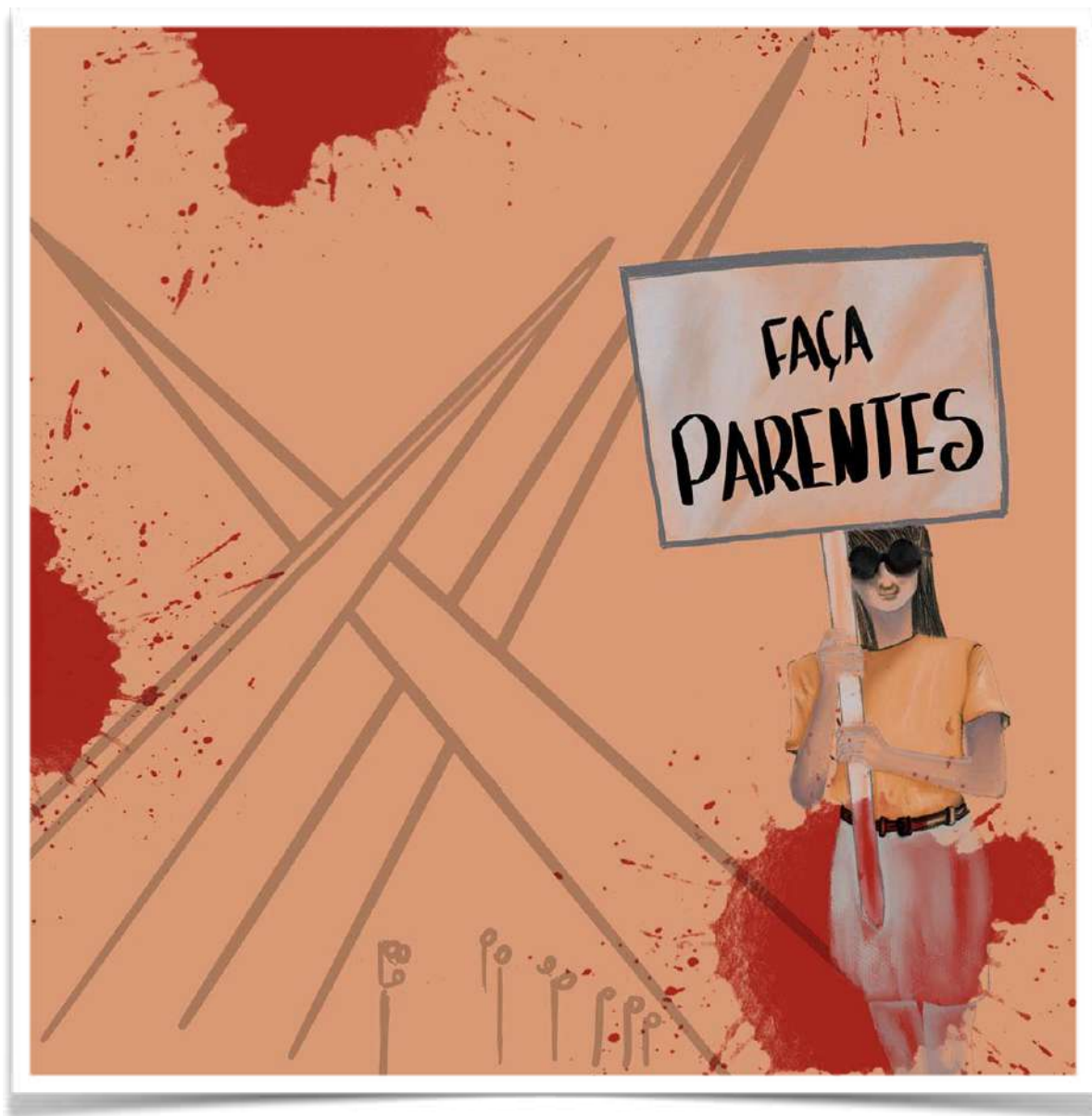


Figura 31 - Engajamento responsável em que se repensa o mundo onde a reprodução biológica não é fundamental
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2039 x 2048 px
Produção da autora, 2021

Fazer parentes não se trata de criar uma utopia ou apagar diferenças. O desenho n. 32 reconhece as complexidades das relações humanas e não humanas ao respeitar as diversas perspectivas e construir alianças para navegar juntos pelos desafios.

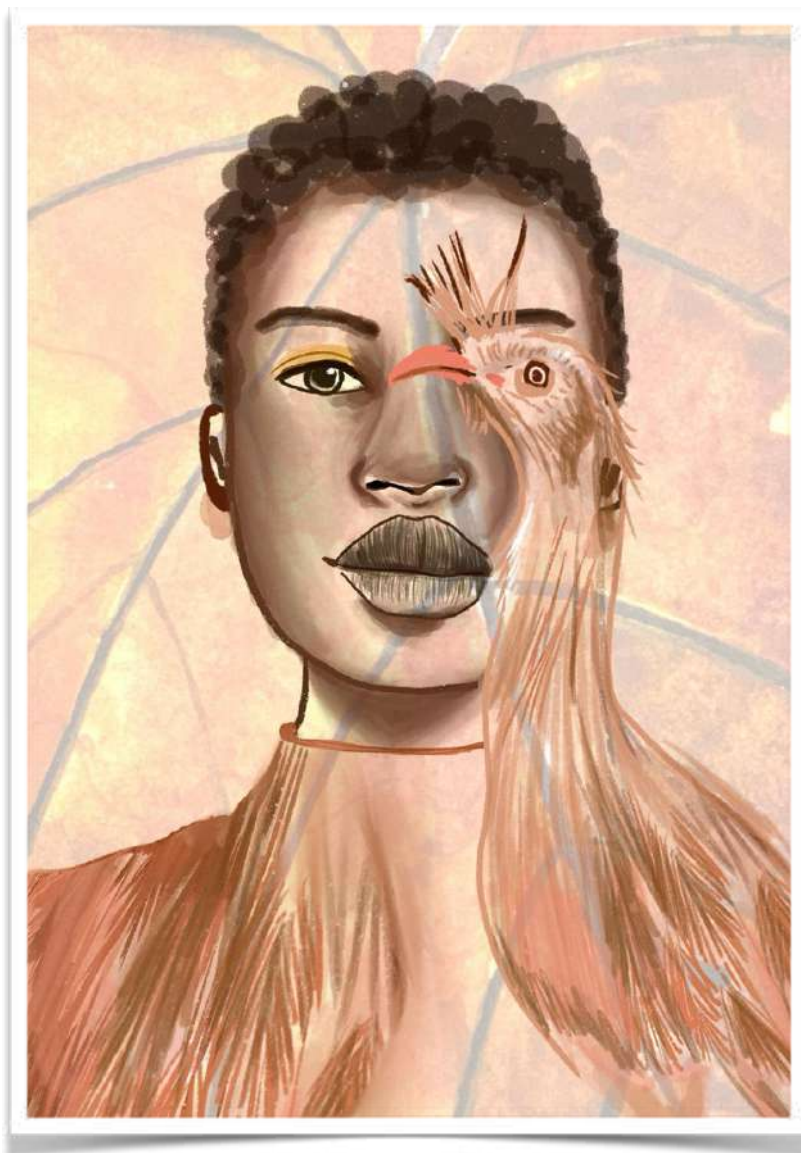


Figura 32 - Caminhante do cerrado goiano
Materiais utilizados: aquarela sobre caderno de desenho 300g tamanho A6 e desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 1668 x 2388 px
Produção da autora, 2022

Haraway em sua obra não oferece soluções fáceis, em vez disso, ela defende o “permanecer com o problema”. Isso significa se engajar com os desafios, mesmo quando não temos todas as respostas. Ao invés de nos esquivarmos dos problemas, devemos buscar compreendê-los e enfrentá-los de forma ativa. Isso pode envolver diferentes formas de ativismo, pesquisa, educação e engajamento comunitário. O desenho n.33 mostra uma proposta de engajamento pelo ativismo.



Figura 33 - Inscrições pelo caminho em apoio à comunidade
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2388 x 1668 px
Produção da autora, 2022

O sentido de fazer parentes no desenho n. 34 visa incentivar a polinização cruzada de conhecimento e perspectivas. Ao nos envolvermos com diferentes maneiras de conhecer e entender o mundo, podemos ampliar nossa compreensão de problemas complexos e encontrar soluções inovadoras.



Figura 34 - Se veste com as costuras de mundo possíveis
Materiais utilizados: desenho digital produzido no aplicativo Procreate no Ipad.
Dimensões: 2388 x 1668 px
Produção da autora, 2022

Brochura 03

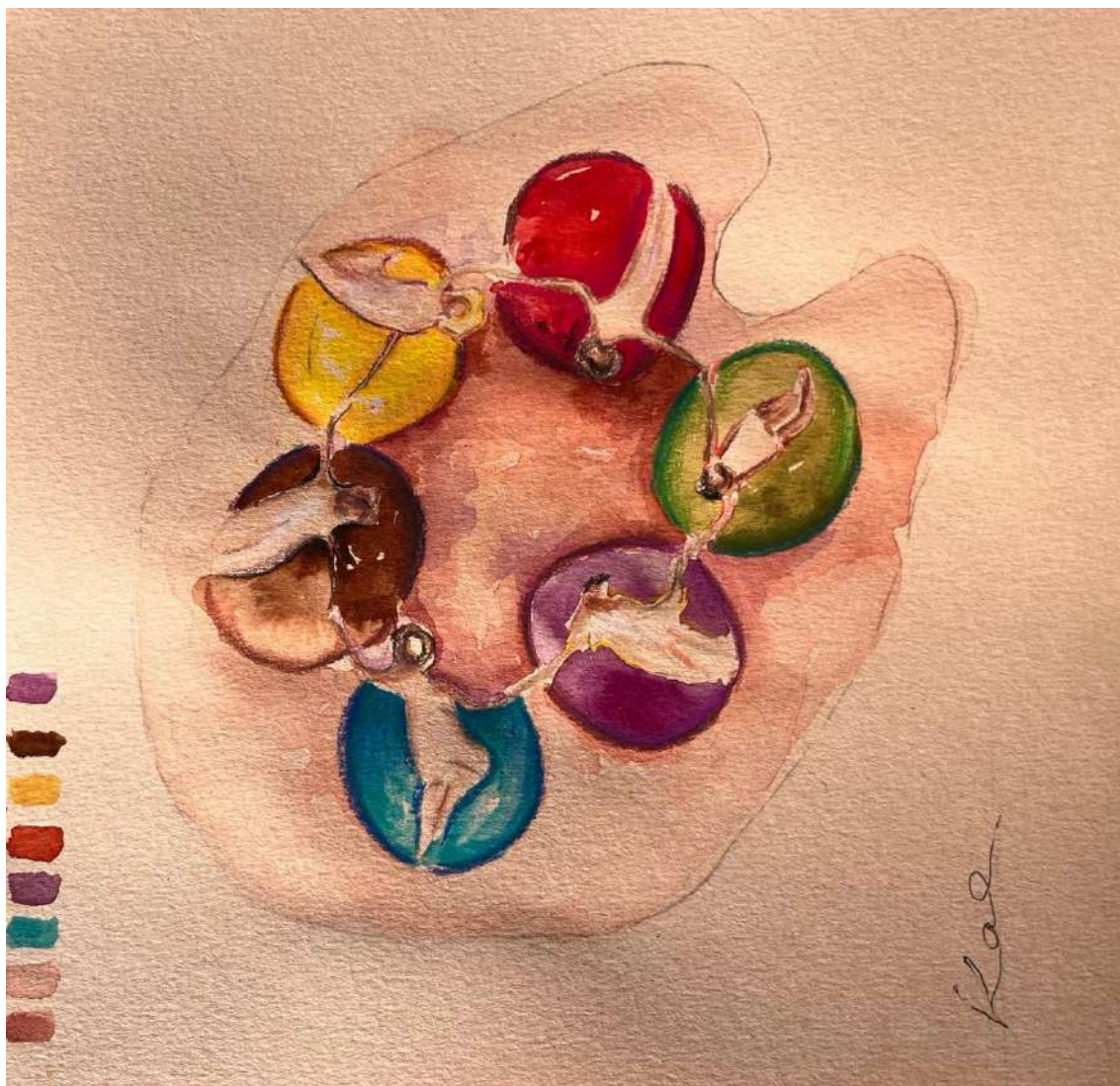


Figura 35 – Pedagogias Desenhadas
Técnica: aquarela sobre papel 250g
Dimensões: 20 x 20cm
Produção da autora, 2023

Pedagogias Desenhadas

Esta pesquisa se interessa em compreender as relações do desenho com o ensino de Antropologia e de que forma as professoras Aina, Karina, Patrícia, Tatiana e o professor Luis Felipe utilizaram o desenho para explicar conceitos antropológicos. Há, portanto, o desejo em se pensar as interfaces entre Antropologia e Educação colocando em questão os modos de se ensinar alguns pressupostos tão caros à Antropologia, como a observação cuidadosa, o tempo dedicado à pesquisa de campo e as sutilezas das relações sociais.

Para as autoras Gusmão (1997), Schweig (2015) e os autores Sanabria e Duarte (2019) há uma escassa produção antropológica sobre educação. Ao pensar sobre o recorte desta tese que seria o desenho, a produção de trabalhos seria menor ainda.

Os entrelaçamentos entre Antropologia, Educação e desenho propostos nesta pesquisa podem ajudar a renovar a visão que Gusmão (1997, p. 09) afirmou em seu trabalho ao comentar que: “Antropologia e educação parecem constituir, um campo de confrontação, em que a compartimentação do saber atribui à Antropologia a condição de ciência e à educação, a condição de prática”.

Segundo bell hooks (2013) a educação é um processo de liberdade e transformação. A autora vê a educação como uma prática engajada com atividades dinâmicas e fluidas. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades.

Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (idem, p.273).

O primeiro exemplo, para falar sobre o cruzamento de fronteiras, temos na disciplina “Antropologia e Desenho” ministrada pela professora Karina Kuschnir como o desenho pode dialogar com a Antropologia. Ela citou três características: 1. A singularidade do observador; 2. O sujeito/pesquisador que usa o suporte e produz resultados diversos; 3. A construção do pensamento a partir daquilo que se observa.

Essas características trazem elementos sobre a etnografia e o fazer antropológico próximos ao que Mariza Peirano (2008) explicita sobre o próprio fazer da pesquisa:

No fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados. [...] A etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação (idem, p.03).

Sobre a etnografia como a própria teoria vivida, um dos exercícios realizados na aula de Antropologia e Desenho proferido pela professora Karina Kuschnir no ano de 2021 serviu para trabalhar a ideia da singularidade do olhar de cada pesquisadora(pesquisador), bem como auxiliou na compreensão de como escapar da normatividade dos signos gráficos, ajudando aquelas(aqueles) que acreditaram que não conseguiam desenhar.

O exercício das calçadas assim foi explicado no Google Classroom:

Desenhar a partir das marcas **já existentes** em UMA das imagens anexas, ou fazer a sua própria imagem de um cimento de calçada rachado para a atividade. A imagem pode ser girada para qualquer lado. O objetivo é buscar enxergar uma forma "humana" a partir das linhas, rachaduras, relevos e manchas já presentes na imagem, como mostrado nos exemplos em aula. Você pode desenhar por cima ou, se tiver, ou numa folha transparente.



Figura 36 - Imagem de uma calçada

O resultado deste exercício segue abaixo:

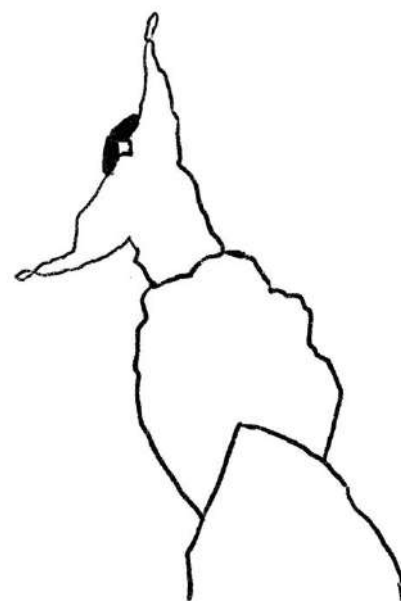
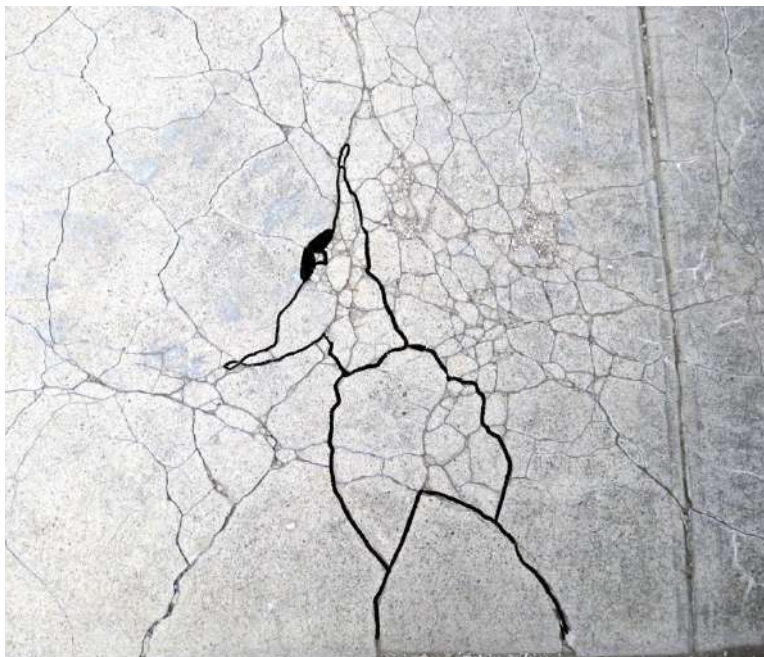


Figura 37 – Desenho a partir das rachaduras de uma calçada
 Técnica: desenho digital realizado no aplicativo Procreate
 Dimensões: 2048 x 2048px
 Produção da autora, 2024

Essa atividade é sempre repetida nos cursos de Antropologia e Desenho ofertados por Karina, pois ela percebe a diversidade de pontos de vista de cada aluna, aluno, alune, e que as formas não se encaixam naquilo que consideramos padrão para uma forma humana. Nos desenhos compartilhados em aula, utilizando essa dinâmica de perceber formas humanas nas linhas de uma calçada, a professora Karina acredita que é uma forma de experimentar o deslocamento do olhar de uma concepção já pronta, num primeiro olhar furtivo, como muitas vezes vamos a campo com as ideias preconcebidas, e, após com um olhar atento, cuidadoso e com o tempo alongado vão se desdobrando os véus das relações sociais que uma antropóloga ou antropólogo observa em campo. Esse exercício, portanto, tem o objetivo de observar uma calçada por outro ângulo.

Sobre o deslocamento do olhar próximo a perspectiva de Peirano (2008) com essa atividade gráfica acima dirigida por Kuschnir:

Contradizer, reformular, repensar, desafiar as categorias do nosso senso comum do dia-a-dia (inclusive o senso comum acadêmico, repito mais uma

vez), que experimentamos e vivemos como a nossa própria cosmologia, é uma tarefa central da etnografia (Peirano, 2008, p.05)

Uma segunda proposta gráfica trazida na disciplina da Karina que trabalhou a singularidade do traço foi o exercício de Steinberg. Nesta atividade foi importante demonstrar a singularidade de cada traço das alunas, alunos e alunes, assim como é singular a escrita. Karina evidenciou que a escrita é uma marca gráfica, assim como o desenho também é. Em entrevista Karina comentou sobre o que é o desenho para ela:

Quando leio ou penso na palavra desenho, múltiplas experiências passam pelo meu pensamento. Lembro de imagens que já vi, sinto o gesto de pegar em canetas ou cadernos, visualizo linhas que já tracei, cursos que já fiz. A palavra evoca uma imensidão de possibilidades (entrevista com Karina Kuschnir, 06/02/2024).



Figura 38 – Karina Kuschnir
Técnica – lápis de cor sobre papel marfim 70g
Dimensões:6,5 x 8 cm
Produção da autora, 2022.

Conforme Ingold (2022a) entre escrever e desenhar não há uma divisão rígida, pois o meio de produzir ambos é a linha. Sendo assim, temos a antropologia gráfica como uma dinâmica de aprendizado em que o fazer, o observar e o descrever são processos de seguir movimentos e traçar linhas como formas alternativas de conhecimento.

A linha é uma maneira de conhecer, este conhecer está no movimento, no gesto, no entrelaçamento, em “sair para dar uma volta” (idem, p.99).

O que andar, tecer, observar, cantar, contar histórias, desenhar e escrever têm em comum? A resposta é que todos eles procedem ao longo de um tipo ou outro de linhas. [...] As linhas estão em todos os lugares. Como criaturas que andam, falam e gesticulam, os seres humanos geram linhas por onde quer que vão (idem, p.23).

Retomando os traços de Steinberg, a figura abaixo à esquerda foi se formando pouco a pouco, aqui demonstro seu aspecto final. Entretanto, as coordenadas para realizá-lo foi por meio do direcionamento por linhas, curvas, ângulos, ou seja, havia uma orientação para treinar o olhar quanto às formas, diferentemente do que cientistas sociais estão acostumados que é o olhar e refletir sobre textos.



Figura 39 – Exercício: Traços de Steinberg
Imagem da aula



Figura 40 – Traços de Steinberg
Técnica: caneta sobre papel marfim 70 g
Dimensões: 12 x 7 cm
Produção da autora, 2021

Abaixo demonstro partes do exercício:





Este exercício mesmo que a turma observasse a mesma tela e seguissem as mesmas orientações da professora, quando se concluiu a atividade notaram-se diferenças nos traçados e no desenho final. Para Karina este exercício é importante para se perceber a singularidade de cada uma, cada um, assim como temos uma ideia da caligrafia que é particular. Outros pontos também foram trazidos por este exercício, como: a construção entre aquilo que se observa e o resultado que se apresenta são diferentes. Lembrando que a construção do pensamento científico não é neutra, há, portanto, a subjetividade da autora e do autor na produção da ciência.

Retomando a relação entre a caligrafia e o desenho Ingold (2022a) afirma que escrever ainda é desenhar. Quando os dois estão juntos um potencializa o outro. Para o antropólogo e desenhador Manuel João Ramos (2010) em seu diário gráfico e diário de viagem, em *Histórias Etíopes*, o desenho potencializou a escrita da sua etnografia. Do mesmo modo, o desenho ajudou na comunicação em campo e foi um disparador de conversas, abrindo diversas portas e, inclusive, foi importante na socialização e auxiliou na manutenção de relações em campo.

Sobre o desenho ser uma caligrafia pessoal Karina apresentou mais um exercício prático: desenhar uma cadeira a partir do espaço vazio. Ao desenhar por meio do espaço vazio, deslocamos a percepção do cérebro sobre a cadeira e vemos as formas de forma processual. Este é um dos exemplos de exercício que usa o lado direito do cérebro, conforme a autora Edwards (2001).

A relação deste exercício com a Antropologia é que a etnografia, sendo uma das importantes atividades da antropóloga, antropólogo ou antropóloga, é um processo de interação com as coisas e as pessoas, sendo necessário demonstrar, por meio dos relatos e observações quem está escrevendo, ou seja, a subjetividade da

autora, ou do autor, ou como ponderou a professora Karina em aula, a impressão digital do texto vem da individualidade da autora, do autor.

Outro objetivo do exercício da cadeira é perceber que existe uma cadeira que está sendo olhada, portanto, é indispensável valorizar o olhar, pois este é único, há, portanto, que se depurar o olhar. Neste exercício o olhar é que importa e não o seu resultado gráfico.



Figura 41 - A cadeira sendo olhada - exercício do espaço vazio

Técnica: lápis sépia sobre papel marfim 70g

Tamanho: 9,5 x 15,5 cm

Ilustração da autora, 2021

Nos traços em cor sépia é possível caminhar o olhar para cada movimento e gesto que foi mobilizado parte por parte para se construir o todo, ou seja, somente ao final se tem a visão de uma cadeira. Anteriormente a etapa final, cada gesto tinha a atenção particular para as formas dos espaços vazios. É possível ver no desenho o esforço em demarcar cada etapa. Neste desenho, o caráter processual é fundamental, pois além de ajudar a aprofundar nossa percepção e prestar uma atenção mais detalhada aquilo que está no entorno, é possível identificar nuances e sutilezas que passariam despercebidas sem um olhar mais atento e demorado.

Esse exercício de olhar o espaço vazio em cadeiras foi repetido por mim algumas vezes para apurar o olhar, abaixo algumas dessas tentativas nos dias 07 e 10 de fevereiro de 2022.



Figura 42 - Tentativas de desenho de cadeiras por meio do espaço negativo
Técnica: lápis de cor e canetinha sobre papel pólen
Produção da autora, 2022.

Um segundo objetivo do exercício de observar o espaço vazio é compreender que o que importa não é o resultado gráfico, mas qual o ponto de vista da pesquisadora/desenhadora (pesquisador/desenhador). O nosso ponto de vista interfere na hora de ver as formas e este é um dos desafios em se depurar o olhar.

Indo para as atividades do curso de extensão Desenho Etnográfico³⁶ um dos exercícios teve a intenção de fazer a turma compreender que o desenho evoca memórias e pode ir além do que é observado. Neste caso foi utilizada a técnica do desenho cego, ou seja, com os olhos fechados foi solicitado que se desenhasse um pássaro. Como pode ser visto a seguir nas quatro tentativas:

³⁶ Este curso ocorreu de forma online nos meses de novembro de 2021 a março de 2022.



Figura 43 - Desenho cego de pássaros n. 01 e 02
Técnica: lápis de cor sobre papel marfim 70g
Dimensões: 17 x 10 cm
Produção da autora, 2021



Figura 44 - Desenho cego de pássaros n. 03 e 04
Técnica: lápis de cor sobre papel marfim 70g
Dimensões: 17 x 15 cm
Produção da autora, 2021

O desenho cego, ou seja, realizar um desenho sem olhar para o papel, em comparação com a atividade antropológica tem a seguinte perspectiva levantada pela professora Patrícia Reinheimer: “no desenho etnográfico não precisamos representar com um realismo pictórico, mas evocar”. Contudo, deve-se atentar que desenhar é uma entrada delicada no contexto do outro. E a pesquisadora/desenhadora (pesquisador/desenhador) escolhe aquilo que quer revelar e aquilo que quer esconder.

Para Tereza Carneiro (2011, p.12) “os diferentes modos de olhar o mundo se constituem e se diferenciam através das maneiras específicas escolhidas por cada desenhadora/desenhador para ‘reter’ e ‘verificar’ o seu olhar sobre o mundo”. Kuschnir (2012) e Carneiro (2011) consideram que tornar-se desenhadora/desenhador é uma jornada de autoconhecimento e tem um quê de autobiográfico.

Nos desenhos das férias de Patrícia Reinheimer é possível ver algumas escolhas e suas formas de conhecer a cidade. Para Kuschnir (2020) esse primeiro desenho em que a pesquisadora desenhadora está na cena é uma estratégia gráfica importante explicada em aula, pois um dos efeitos de desenhar no trabalho de campo é colocar em evidência a presença da etnógrafa(etnógrafo) na narrativa.



Figura 45 - Férias em Taubaté
Técnica: caneta tombow sobre papel
Produção de Patrícia Reinheimer, 2021.
Imagem cedida pela autora



Figura 46 – São Luiz do Paraitinga - SP
Técnica: caneta tombow sobre papel
Produção de Patrícia Reinheimer, 2021
Imagem cedida pela autora

Para Patrícia Reinheimer a temporalidade mais lenta do desenho é o que a mobiliza.



O olhar com cuidado para as coisas, ver a mudança no olhar ao deixar o tempo passar enquanto desenho (entrevista com Patrícia Reinheimer, 16/01/2024).

E sobre como os desenhos a afeta ela afirma que “desenhar me permite recortar o que vejo, colocando ênfase naquilo que parece mais relevante” (entrevista em 16/01/2024).

Para Manuel João Ramos (2010) os desenhos em cadernos de viagem significam um meio de fixar a memória e as visões de locais e pessoas. Não é o resultado final do esforço de representação que importa e, sim, o próprio ato de desenhar em viagens. Para o autor “o desenho é um testemunho gráfico” (idem, p.19).

Ao desenhar, obrigo-me a olhar com mais atenção, a perscrutar formas, cores e acontecimentos, e é assim que os fixo na minha memória. [...] Viajar como desenhador não é essencialmente diferente de viajar com antropólogo. De um modo ou de outro, olho, interpreto, questiono e desperto curiosidade. [...] Escrevo e desenho para lembrar o que é desaparecer do meu mundo habitual e continuar ainda assim vivo, a poder ver, ouvir, cheirar e falar. Faço-o para criar um testemunho gráfico do que sinto como viagens de ida e volta a um mundo ao contrário. (idem, p.17-19).

Conforme Kuschir (2018) o desenho se aproxima da Antropologia, porque ambos são modos de ver e também de conhecer o mundo. Com desenhos também é possível discutir temas relacionados aos desafios metodológicos do trabalho de campo, como acessibilidade, memória, temporalidade, espacialidade, percepção visual, formas de registro, diálogo com informantes, métodos participativos e compartilhamento de resultados (idem, p.329).

Figura 47 – Patrícia Reinheimer
Técnica – lápis de cor sobre
papel marfim 70g
Dimensões: 5,5 x 12 cm
Produção da autora, 2022.

No início do ano de 2022 na aula da Karina foi requisitada uma experiência que lembrava um exercício de aula de ciência que se fazia na infância: observar o crescimento de feijões no algodão. Para essa atividade era importante pensar sobre o tempo da observação e o que traria de diferente cada dia, como a medição do broto, o horário que estava sendo observado, o movimento do caule e das folhas que iam nascendo e crescendo.

Para o exercício foi solicitado que se observasse o crescimento no prazo mínimo de duas semanas. O tempo era o elemento mais importante, como também é essencial para uma boa etnografia, assim como trazer o ponto de vista. No caso do feijão o ponto de vista era o ângulo de observação. O que se assemelha este exercício prático do crescimento do feijão com a atividade antropológica pode ser resgatado nas palavras de Peirano (1993) sobre a prática etnográfica, em seu estilo se tratar de uma produção artesanal, microscópica e detalhista longe de representar a fraqueza da Antropologia é o que faz a teoria rejuvenescer.

O exercício do feijão a partir do lento, cuidadoso e contemplativo olhar me levou também à obra *Estar Vivo* de Ingold. Segundo o autor, desenhar é fundamental para o ser humano – tão fundamental quanto andar e falar. O desenho tem a sua potência, pois é uma maneira de descrever as vidas observadas e das quais também participamos, tanto em movimento quanto em repouso, no que é às vezes chamado de “encontro etnográfico” (Ingold, 2015, p.317)

Ao acoplar os movimentos de fazer, observar e descrever “a antropologia gráfica ou antropografia nos chama a fazer três coisas: seguir os materiais, copiar os gestos e desenhar as linhas” (idem, p.261).



Figura 48- Feijões - processo inicial do broto nascendo

Técnica: pastel seco sobre papel Skizze 130g
Tamanho: 14,8 x 21 cm
Produção da autora, 2022



Figura 49- Broto se desenvolvendo

Técnica: pastel seco sobre papel Skizze 130g
Tamanho: 14,8 x 21 cm
Produção da autora, 2022



Na sua teoria sobre habitar o mundo, Ingold (2015) afirma que estamos entrelaçados em nossos ambientes. Percebemos o mundo *através de* nosso movimento e interações. O conhecimento é algo que criamos ativamente por meio de nossas experiências. Com o experimento de ver o crescimento dos feijões pude compreender uma das constatações do autor sobre o mundo estar em fluxo, assim como perceber que onde quer que haja vida há movimento.

Ingold desafia a ideia de uma separação clara entre humanos e natureza, pois ambos fazem parte de uma complexa rede de relacionamentos. O mundo não é um conjunto de pedaços, mas um emaranhado de fios e caminhos. A teoria de Ingold, portanto, enfatiza a importância da experiência, do movimento e do engajamento contínuo com o mundo.

No próximo desenho foi importante pensar que ao longo dos dias, vendo os feijões crescerem, linhas estavam sendo criadas e havia um movimento contínuo tanto nas raízes, quanto no caule. Cada uma dessas linhas era para mim um caminho *através de* e não um caminho *pelo*, foi, portanto, no movimento desse olhar atento e com o tempo alongado que foi possível compreender que a etnografia é um movimento de conhecer o mundo.

Na antropologia vamos estudar *com* pessoas. E esperamos aprender *a partir delas*. O que poderíamos chamar de "pesquisa, ou mesmo "trabalho de campo", na realidade é uma espécie de aula-magna prolongada, na qual o novato gradualmente aprende a ver as coisas, e a ouvir e senti-las também, como fazem os seus mentores (Ingold, 2022b, p.17)

Dia 02 - 21.02.2022
Feijão 08 às 23h50



Figura 50 – broto em crescimento sobre algodão
Técnica: ilustração digital no aplicativo Procreate
Tamanho: 2048 x 2048px
Produção da autora, 2022

Feijão 08 24.02.2022 Dia 05
às 21h40

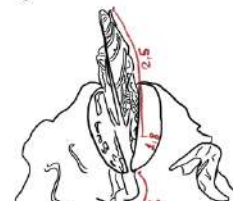


Figura 51 – broto em crescimento com medições
Técnica: ilustração digital no aplicativo Procreate
Tamanho: 2048 x 2048px
Produção da autora, 2022

Feijão 04 Dia 25.02.2022 Dia 06
galho: 6cm às 23h15
folha D: 3,7 cm
folha E: 4,5 cm

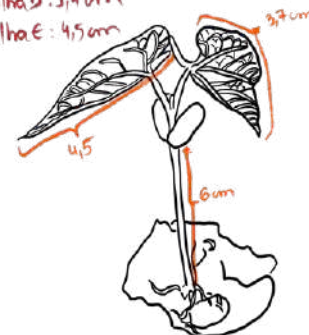


Figura 52- broto com anotações de crescimento. Informações de medições das folhagens, caule, horário e dia de observação.
Técnica: ilustração digital no aplicativo Procreate
Tamanho: 2048 x 2048px
Produção da autora, 2022



Figura 53 – Emaranhados

Técnica: lápis de cor e corda de barbante sobre papel marfim 70g

Dimensões: 17,5 cm x 23,5cm

Produção da autora, 2022

Para este desenho acima sinto que exista uma aproximação à outra obra de Ingold (2015) no seguinte trecho:

A Terra está “terrando”, continuamente crescendo e brotando como uma mistura de fluxos de materiais, atividades práticas, observações perceptivas e histórias pessoais, e a sua forma é tecida a partir de tudo isso. Os desenhos são pequenos pictogramas por meio dos quais contamos histórias particulares sobre nós mesmos e sobre a nossa compreensão do mundo em que vivemos [...] O desenho molda o mundo em que vivemos, ao mesmo tempo em que molda a nossa própria humanidade (idem, p.178).

A disciplina do interlocutor Luis Felipe³⁷ discutiu, em sete aulas, a obra *Estar Vivo*. A leitura dos capítulos estava associada à produção de grafias (desenho, fotografia, filme, escrita) que derivaram de práticas de percepções e expressões, nas quais se pretendia produzir conhecimento tanto pelo fazer quanto pelo pensar³⁸.

Em entrevista Luis Felipe definiu o desenho como uma forma de perceber o mundo pelo movimento gestual.



Tendo a concordar com o Ingold de que o desenho é um movimento gestual e perceptivo que produz inscrições em alguma superfície (entrevista 04/03/2024).

Em continuação a entrevista quis saber o que o afetava e o que o mobilizava nos seus desenhos.

O que me afeta são as lembranças, que os desenhos trazem do momento que eu os fiz. A maioria dos meus desenhos foram feitos depois de realizar exercícios da terapia Arte Org. Então, os desenhos trazem lembranças de sensações desses exercícios. O que me mobiliza nos meus desenhos é lembrar de sensações e percepções. O movimento dos braços e das mãos. As cores dos lápis e giz de cera. (entrevista 04/03/2024).

Figura 54 –Luis Felipe
Técnica – lápis de cor sobre papel
marfim 70g
Dimensões:5,6 x 11,5 cm
Produção da autora, 2024.

³⁷ Essa disciplina ocorreu entre o dia 08 de março de 2021 a 26 de julho de 2021. Às segundas-feiras no período vespertino para alunas, alunos, alunes da pós-graduação e às quartas-feiras no período matutino para alunas, alunos e alunes da graduação em modo online com encontros pelo *Google Meet*.

³⁸ No Caderno 2 estão alguns desses movimentos e grafias, além da Brochura 01 ser, especificamente, sobre a aula do professor Luis Felipe.

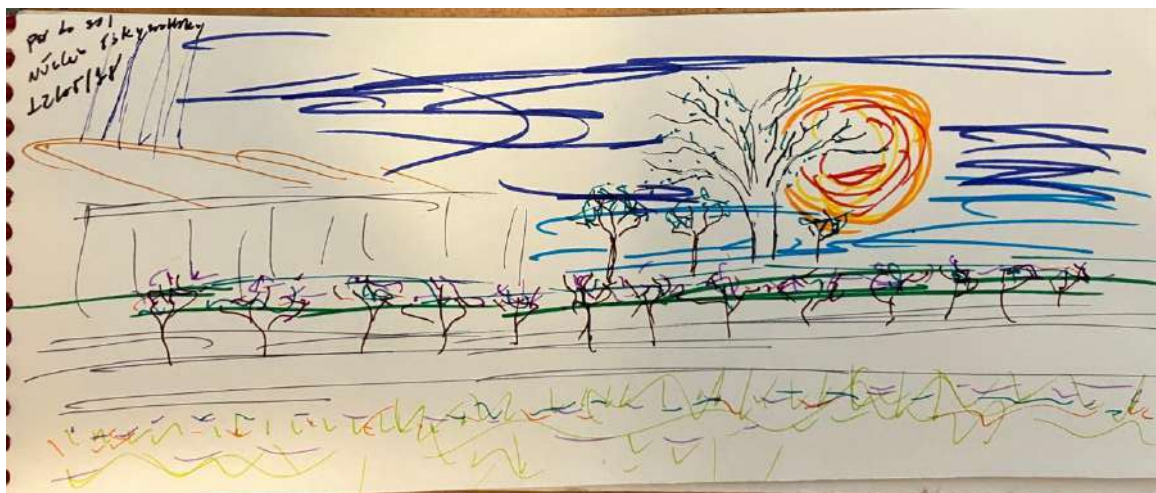


Figura 55- desenho 1 de Luis Felipe
Técnica: canetinha sobre papel
Dimensões: 22 x 09 cm
Imagem cedida pelo autor

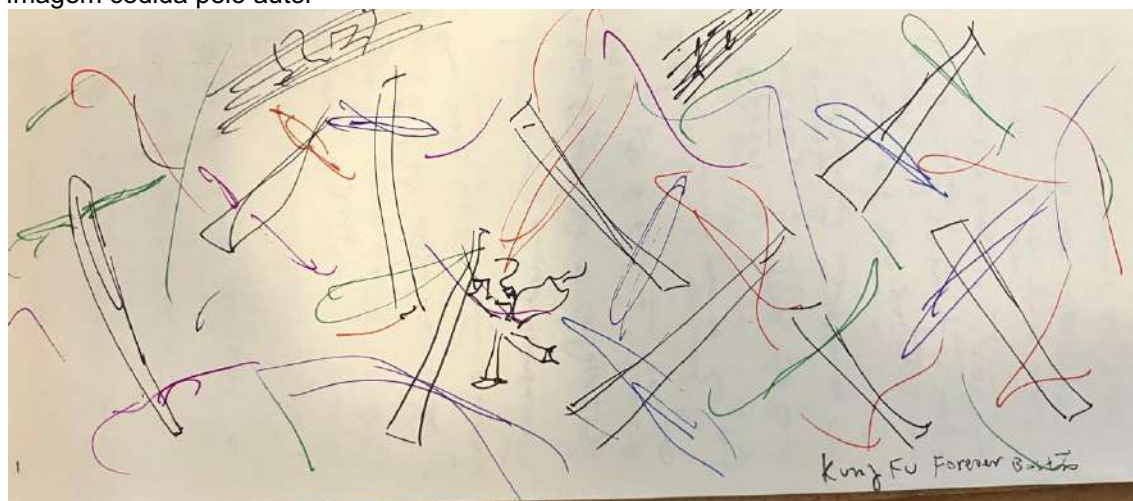


Figura 56 – desenho 2 de Luis Felipe
Técnica: canetinha sobre papel
Dimensões: 22 x 09 cm
Imagem cedida pelo autor

Aproximo as considerações de Luis Felipe à abordagem de Ramos (2010) quando expressa que o desenho é uma forma de criar e compartilhar experiências vividas, como um testemunho do olhar.

Nesse sentido retomo a relação do desenho com a memória. Para Berger (2005, p. 68) “o desenho é mais que uma lembrança é um dispositivo para trazer de volta memórias do passado”. O desenho, portanto, é um lugar de memória, ou seja, o traço no papel, com suas linhas, formas e texturas é uma porta onde a memória pode entrar. Em consonância a este argumento Ingold (2022a, p.120) afirma que “a linha

da escrita é uma maneira de lembrar, desta forma o conhecimento é integrado *ao longo* de um caminho de movimento”.

No final de dezembro de 2021, no curso de extensão Desenho Etnográfico, foi pedido para se desenhar o que se via pela janela. Importante destacar que nesta época estávamos em quarentena por causa da COVID-19. A composição daquilo que se via pela janela tinha destaque de forma diferente para cada integrante do curso. Abaixo está um desenho da Karina Kuschnir e outros três meus:

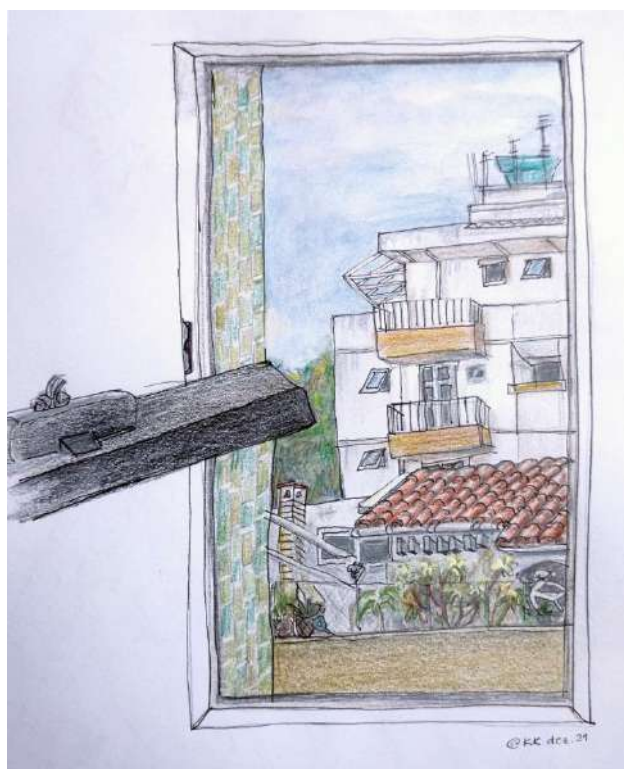


Figura 57 – desenho de Karina Kuschnir – “O que eu vejo da minha janela”.
Técnica: caneta pigma micron 0.1, lápis de cor, aquarela e caneta sakura gel branca sobre papel canson XL extra White 90g.
Dimensões: 13 x 15cm
Imagem cedida pela autora



Figura 58 - Da minha janela
Técnica: aquarela sobre papel Arches 300g
Dimensões: 17x 24 cm
Produção da autora, 2021.



Figura 59 - Da minha janela 2
Técnica: aquarela sobre papel Arches 300g
Dimensões: 17x 24 cm
Produção da autora, 2021.



Figura 60 - Da minha janela 3
 Técnica: aquarela sobre papel Arches 300g
 Dimensões: 17x 24 cm
 Produção da autora, 2021.

O desenho de observação ajuda no trabalho etnográfico a construir e desconstruir ideias iniciais do trabalho de campo. A etnografia, assim como os desenhos, é feita de escolhas e abordagens. Durante o campo notei que as professoras e o professor comentaram que o desenho carregava a subjetividade de cada aluna/aluno/alune para a produção do conhecimento.

Nos desenhos de observação acima é possível enxergar diferentes visões sobre aquilo que se vê pela janela, pois os registros dos ambientes eram também diferentes, assim como eram singulares os laços com a espacialidade observada. Ao final da aula foi importante destacar que o desenho de observação em campo é uma outra forma de se relacionar com o ambiente além da comunicação verbal.

Outro aspecto trazido pelo desenho de observação é que através deles se pode perceber as pessoas no seu aspecto sensorial e/ou emocional. Foi discutido na aula de Antropologia e Desenho que os desenhos têm o potencial de captar o que está além do visual e do verbal. Uma das alunas enfatizou que expressou no desenho

as recordações das pessoas que tinha mais contato, tentando registrar o estado de ânimo delas quando estava numa roda de amigas/amigos.

O exercício de olhar pela janela também teve a intenção de perceber como as alunas/os alunos e alunes registravam suas escolhas, pois o desenho é utilizado para chamar a atenção para algum detalhe, alguma particularidade. Ao se desenhar em campo a intenção não é abarcar a totalidade, mas registrar as escolhas, as peculiaridades.

Nesta aula sobre o desenho de observação Karina destacou que existe uma mistura no desenho entre aquilo que imprimimos no papel e a imagem que temos na memória, comparando esta atividade do desenho de observação com a etnografia temos que seu exercício de vai e vem descreve aquilo que se observa e aquilo que se imagina. Segundo Ingold:

Observar significa ver que o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas (Ingold, 2016, p. 407).

Recuperando o que escrevi em páginas anteriores o desenho é um momento de desacelerar, um momento de atenção prolongada. Nesses desenhos daquilo que se vê pela janela demonstram essa relação do tempo alongado e do olhar cuidadoso.

Para falar mais sobre o tempo, uma das atividades práticas da disciplina Antropologia e Desenho foi o registro de autorretratos. Por meio das selfies da gente mesmo, a orientação era se perceber através dos momentos e qual seria a sensação concebida pelos traços, além da percepção da emoção de cada momento do dia.

Em cada aula, Karina sempre lembrava que o foco estava muito mais na experiência e no processo de desenhar que na obtenção de resultados corretos, de acordo com os paradigmas plásticos de desenho da figura humana. “É muito mais importante aprender uma



Figura 61 - Autorretrato ao acordar
Técnica: lápis de cor sobre papel
Canson XL recyclé 160g
Dimensões: 14,8 x 21 cm
Produção da autora, 2022

nova forma de ver o mundo do que ‘desenhar bem’” (Kuschnir, 2018, p.343).

O essencial do desenho para Karina é pensá-lo como uma atividade processual, ou seja, a atenção deve ser dada ao processo mais que o seu estado representacional. Contudo, é preciso praticá-lo sempre como se estivesse construindo um hábito.

Para Ingold (2022b) a única maneira de se aprender alguma coisa é por meio dos processos. Sua teoria da educação pela atenção sugere que “um dos princípios da investigação antropológica apropriada e criteriosa incluem o compromisso aberto e de longo prazo, a atenção generosa, a profundidade relacional e a sensibilidade ao contexto” (Ingold, 2016, p.405).

Em outra obra Ingold explora que seu objetivo é “dar prioridade aos processos de formação ao invés do produto final, sua atenção volta-se, portanto, aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria” (Ingold, 2012, p.26).

Karina, Patrícia e Aina, minhas interlocutoras, comentaram que o desenho em suas aulas é uma atividade para se construir a atenção, ou seja, é um processo de atenção, assim como é um tipo de engajamento.

Nos autorretratos enfatizei o processo de conhecimento como o resultado emergente do praticar. O uso da água para aquarelar alguns traços em lápis de cor foi para expressar que as coisas vazam, transbordando superfícies temporárias, já que as linhas mudaram conforme o tempo, o horário do dia.



Figura 62 - Autorretrato à tarde
Técnica: lápis de cor e caneta posca sobre papel Canson XL recyclé 160g
Dimensões: 14,8 x 21 cm
Produção da autora, 2022



Figura 63 - Autorretrato à noite
Técnica: lápis de cor sobre papel Canson XL recyclé 160g
Dimensões: 14,8 x 21 cm
Produção da autora, 2022

A partir deste exercício me aproximo do que Schweig escreve sobre o ensino de Antropologia e a dimensão processual da produção do conhecimento antropológico:

Entendo que podemos nos distanciar de uma Antropologia como “ciência pronta” e nos abrir à processualidade da Antropologia como “ciência em ação”, ao atentar às propriedades-possibilidades que envolvem percursos heterogêneos, abertos ao acaso, ao inesperado e a invenções (Schweig, 2024, p.20).

Em campo foi possível perceber que o processo é um princípio fundamental e os imprevistos eram celebrados, pois traziam desdobramentos importantes para a produção do conhecimento. Cada aluna/aluno/alune mostrava sua sensibilidade única para o exercício de se autorretratar. Ao compartilhar o meu olhar para cada fase do dia, percebendo as linhas diversas em cada horário, pude compreender que o engajamento pelo desenho é um desafio experimental em narrar de forma gráfica o cotidiano.

Schweig (idem) cita que “o experimental deve ser pensado como um modo substantivo de fazer: ele não é para quem ainda não sabe; ele é justamente para quem sabe e se põe a correr riscos” (p.20). Durante as aulas de Antropologia e Desenho e das atividades do curso de Desenho Etnográfico assumir riscos era uma abordagem essencial para compreender os conceitos-chaves da Antropologia como: cultura, diferença, diversidade, etnocentrismo, ética no trabalho de campo e, principalmente, sobre etnografia.

As atividades práticas com os desenhos mediadas pelas interlocutoras e pelo interlocutor no campo promoviam uma Antropologia no contemporâneo que se baseia na construção criativa e inventiva para se tornar concretamente dialógica, ética e prática, como sugerido por Ortner.

[...] numa quantidade de trabalhos recentes que questionam filosoficamente se é possível conhecermos verdadeiramente o outro [...] a esta posição só podemos responder: tentem. O esforço é tão importante como o resultado, tanto para nossas teorias como para nossas práticas. A tentativa de ver outros sistemas com os pés no mesmo chão dos nativos é a base, talvez a única base, da contribuição propriamente antropológica para as ciências sociais. É essa nossa capacidade, sobretudo desenvolvida no trabalho de campo, de adotar a perspectiva do povo em terra firme que nos permite aprender qualquer coisa – mesmo na nossa própria cultura – para além do que nós já sabemos (de fato, enquanto um número crescente de antropólogos está fazendo trabalho de campo nas culturas ocidentais, inclusive nos Estados Unidos, a importância de manter a capacidade de perceber a alteridade, mesmo aqui perto, está cada vez mais clara) (Ortner, 2011, p. 438-439).

É evidente que a prática da alteridade é um desafio contra a homogeneização teórica e um manifesto para um modo participativo em todo trabalho antropológico, contudo o esforço para um exercício dialógico, algumas vezes, restringe-se a esferas retóricas denunciadas por pesquisadoras feministas³⁹, assim como pesquisadoras (es) indígenas⁴⁰, negras⁴¹, negros e negres, LGBTQIAPN+⁴² entre outros sujeitos periféricos e marginalizados⁴³.

Por influência dos atuais instrumentos conceituais que estão emergindo na Antropologia, ou seja, nova sensibilidade, novo paradigma, nova relação entre pesquisadora(pesquisador) e pesquisada(o), a reflexividade tem se tornado espaço praticamente obrigatório para a discussão dos rumos da Antropologia hoje. A ciência precisa ter uma abordagem dialética, pois ela constrói e é construída por todas/todos/todes aquelas(es) que ela abarca, tanto os que pesquisam, quanto aquelas(aqueles) que colaboram com ela. Dar o devido valor a esta relação é o passo adiante na democratização dos saberes.

A Antropologia trabalha a diferença por excelência e o seu desafio no contemporâneo é apresentar essa diferença sem hierarquias ou exotizações. A reflexividade dentro do campo disciplinar traz demandas salutaras como: o questionamento quanto aos métodos e quanto à totalidade da teoria.

Não existem fórmulas mágicas para trilhar um campo cheio de batalhas como é a produção do conhecimento, contudo, é preciso formular estratégias para que pelo menos “enxerguemos algumas placas no caminho”, e neste espaço coloco como possibilidade a coexistência das percepções por meio da imagem e da escrita.

Se um dos objetivos mais caros à Antropologia sempre foi o de contribuir pra uma melhor comunicação intercultural, o uso de imagens, muito mais que o de palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que não é imediatamente transmissível no plano linguístico. Certos fenômenos, embora implícitos na lógica da cultura, só podem explicitar no plano das formas sensíveis o seu significado mais profundo (Novaes, 1998, p.116).

³⁹ Segato 2011.

⁴⁰ Luciano; Godoy 2017.

⁴¹ Dias 2019

⁴² Marconi 2017

⁴³ Leal, Ondina Fachel, et al 2014.

A produção de desenhos seja em campo, ou fora dele pode ser uma aliada na ação de romper com a ideia do círculo fechado da produção antropológica, ou seja, ela pode ser um vetor de expansão daquilo que fica restrito ao espaço de debate apenas entre antropólogas/antropólogos/antropólogues. Ela também pode ser um caminho mais acessível para se compartilhar ideias, conceitos, resultados.

Schweig, Sena e Righi (2020) por exemplo, compartilham uma experiência com alunas/alunos/alunes do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em que se utilizou o desenho para promover estranhamentos em relação às categorias “ciência” e “senso comum”. Os autores assim comentam no texto:

Para Isabela, desenhar é “traçar” caminhos; é relacionar-se mais com processos do que com formas acabadas. Desse modo, a partir de sua experiência de artista, vislumbrou criar um dispositivo que propiciasse romper com a necessidade de estabelecer conceitos prévios – já que parece ser disso que a proposta se trata: ampliar sentidos sobre ensino, ciência e senso comum, rompendo com a reprodução de categoriais prontas, naturalizadas. O desenho emergia, portanto, como uma prática potente para operar a multiplicação e a coprodução de novos sentidos (idem, p.07).

Ao longo do artigo os autores reiteram que a dimensão processual e experimentativa da atividade com desenhos realizada tanto no Ateliê de Ciências Sociais e Ensino com alunas/alunos/alunes de licenciatura em Ciências Sociais, quanto em turmas de Ensino Médio foram instrumentos de resgate da atenção e da apreensão do sensível. “Essa prática resgata, também, uma conexão com a intuição e a imaginação como fontes de conhecimento” (idem, p.11).

Desenhar, por conseguinte, foi a maneira encontrada para criar um veículo facilitador da ruptura com a lógica representacional do pensamento, produzindo possibilidades para uma educação da atenção ao plano das forças para além das formas acabadas. Assim, ao habitar um mundo no qual as formas não são tomadas como fixas, torna-se possível problematizar dicotomias como ciência e senso comum, razão e emoção, intelectual e sensível. Com isso, outros modos de se fazer pesquisa e ensino podem ser concebidos como meio para misturar as Ciências Sociais à vida e, assim, não reforçar distâncias. [...]Unindo-se ao potencial subversivo do desenho, a atenção ao sensível parece-nos uma pista para uma pedagogia imanente e, nas palavras de Ingold, labiríntica. (idem, p.14).

O desenho, portanto, cria possibilidades para o exercício de uma pedagogia que enfatiza experiências dinâmicas em vez de formas estáticas. Esse enfoque abre espaço para um projeto de educação que se atente as possibilidades que o *fazer* pode oferecer para o ensino de Antropologia.

Retomando as atividades práticas da disciplina Antropologia e Desenho o último exercício foi desenhar seis pessoas de corpo inteiro escolhendo o estilo de um dos artistas de referência (Eduardo Salavisa, Marina Greshanick, Nelson Paciência e Inma Serrano). O objetivo era tentar captar o movimento dos corpos.

Karina mencionou que o desenho de movimento tem muito a ver com a etnografia, porque quando observamos as pessoas elas estão vivendo suas vidas, elas se mexem e nós como antropólogas, antropólogos, antropólogues ficamos tentando lembrar as ações, os gestos pela memória. No desenho as linhas mais finas, mais grossas, as aguadas, todos esses elementos trazem a sensação de movimento no desenho.

Destaco que os rostos e os detalhes dos pés e das mãos não são importantes quando se pensa o movimento. Às vezes o rosto pouco importa numa etnografia quando o anonimato é uma questão relevante. Um desenho pode ressaltar os detalhes do rosto e os outros pode apenas sugerir, porque o interesse está no movimento, no gestual.

Abaixo trago alguns desenhos dessa atividade.



Figura 64- Desenho de movimento 01
Técnica: lápis de cor multicolorido sobre papel pontilhado 63 g
Dimensões: 15 x 28 cm
Produção da autora, 2022

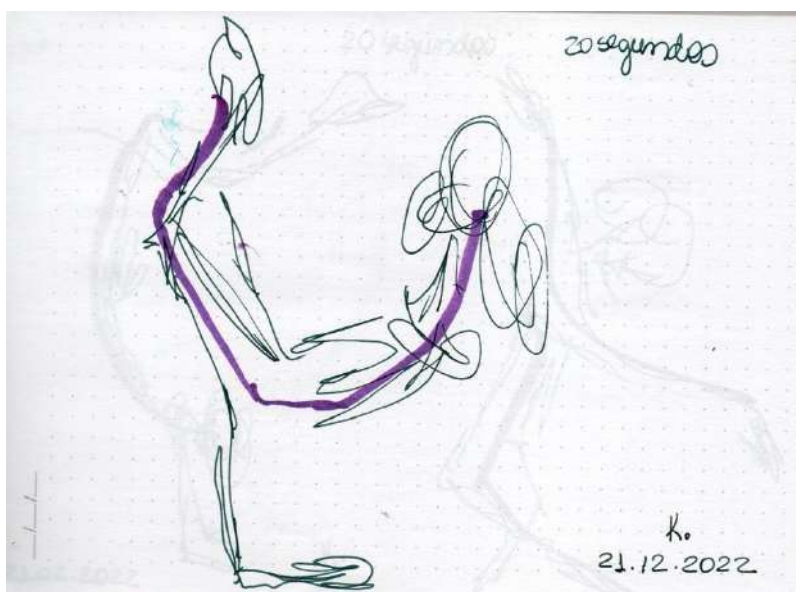


Figura 65– Desenho de movimento 02
 Técnica: caneta uni pin preta e caneta tombow roxa sobre papel pontilhado 63 g
 Dimensões: 20,7 x 14, 5 cm
 Produção da autora, 2022

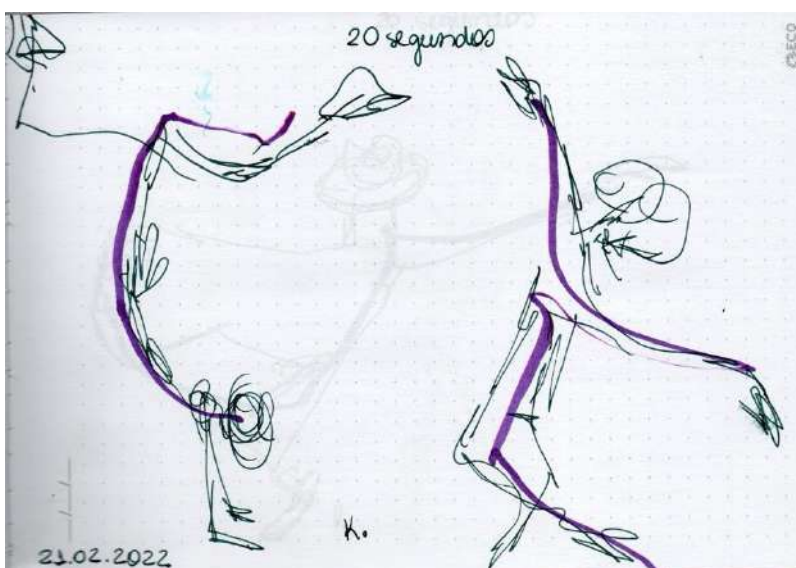


Figura 66 - Desenho de movimento 03 e 04
 Técnica: caneta uni pin preta e caneta tombow roxa sobre papel pontilhado 63 g
 Dimensões: 20,7 x 14, 5 cm
 Produção da autora, 2022

Nos desenhos de movimento Karina nos ensinava a aprender a conviver com a forma incompleta, pois o desenho fora do realismo nos faz mergulhar na ideia e não na reprodução. Assim, também se deve pensar a etnografia, pois a escrita não deve ter a perspectiva totalizante, além de escapar da generalização. Como nos alerta

Clifford (2016, p.60) “as verdades são sempre parciais, pois não podemos mais saber toda a verdade, ou mesmo pretender nos aproximar dela”.

Os desenhos de segundos têm uma relação com o trabalho antropológico, onde o convívio com as pessoas é ao longo prazo, então você está captando os detalhes ao longo do tempo de convívio. Em pouco tempo só é possível captar nuances.

Ao final da disciplina Karina enfatizou que a ideia do curso não era aprender a desenhar, mas desconstruir a ideia que cada uma/cada um tinha sobre o desenho e as várias possibilidades de se desenhar na Antropologia. Em resumo, o desenho assim como as etnografias registram uma experiência única, o processo de desenhar altera a percepção da passagem do tempo e desenhar permite ver o que estava “invisível”, evocar emoções e visões.

O encerramento do curso de extensão Desenho Etnográfico foi no dia 21 de março de 2022, foram, então, 11 encontros com 39 pessoas inscritas, entretanto apenas em torno de 12 pessoas realmente participaram. Ao final, todas/todos e todes comentaram sobre as atividades e fizeram uma avaliação geral.

Um dos participantes considerou que sendo as reuniões semanais pôde perceber o aprimoramento dos seus desenhos, quando os viu em sequência. Além disso, ter um momento para desenhar o deixou mais à vontade com seus desenhos ao colocar coisas banais no papel.

Outra participante comentou que aprendeu técnicas novas que não estava acostumada. E outra aluna achou interessante pensar no curso como uma relação com os métodos de Antropologia. Inicialmente ela se sentiu incomodada com a proposta de desenhar na etnografia e na época pensou: “Para quê desenhar?” e ao final do curso pensou “Por que não desenhar?” A experiência do desenho cego a libertou de alguns aspectos que a prendiam em relação ao desenho.

Um dos participantes comentou que desenhar não é natural quanto possa parecer, mas a oficina criou um espaço de acolhimento para se expor de maneira íntima com o encaminhamento das produções particulares. Outra participante considerou que se permitir ao erro foi um dos méritos da oficina. Citando mais uma aluna, para ela o esforço integrado de envolver a escrita e o desenho foi o que ela pôde destacar na oficina.

Para Patrícia Reinheimer o desenho é mais uma forma de expressão artística e ela não tem o intuito de transformá-lo em “ferramenta”, com uma prática exaustiva

de desenvolvimento dessa habilidade. Ela gosta de uma certa dimensão do imprevisto, da improvisação. Ela estimula suas alunas/seus alunos a prática como forma de ganhar conforto com a experiência do desenho. Patrícia considerou que ter uma etnografia desenhada é um trabalho duplo, porque escrever é difícil assim como desenhar também dá trabalho. Os exercícios propostos pela oficina foi um jeito de que todas/todos e todes ficassem mais confortáveis com seus rabiscos, além de ter o contato com novos autores e suas perspectivas. Então, o objetivo da oficina foi alcançado com as diversas propostas de experimentação.

Karina comparou a oficina com o jazz, como algo que tinha como objetivo a improvisação, a experimentação como deixar fluir, deixar acontecer.

Passando para outra experiência pedagógica de campo a disciplina da professora Aina Azevedo chamou-se “Tópicos Especiais em Antropologia I – Antropologia Gráfica: nas malhas do desenho” e era uma disciplina para alunos da pós-graduação ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp. No dia 09 de março de 2023 foi a apresentação da disciplina que teve apenas 01 pessoa inscrita. O segundo dia de aula, Aina explicou que ganhou uma bolsa de pós-doc na França e não poderia mais ministrar a disciplina em Campinas. Sendo assim, ela ficou apenas no mês de março. As discussões no segundo dia do curso foram sobre como o desenho pode ser um registro do campo, quanto uma produção artística.

No segundo dia da disciplina apareceu um aluno ouvinte e as conversas voltaram-se para a discussão de quatro textos indicados, os capítulos “Ver e Traçar”, “Cavalo, dança e fotografia” de Paul Valery, “Projeções da Terra Floresta: O desenho-imagem Yanomami” de Laymert Garcia dos Santos e “Da Grafia-Desenho de minha Mãe, um dos Lugares de Nascimento de minha Escrita” de Conceição Evaristo.

Aina comentou que sua militância com o desenho na Antropologia não é obrigar todo mundo a desenhar, mas que haja o reconhecimento do desenho como um processo de pensar. Quando o desenho for considerado institucionalmente isso irá se refletir em bolsas, projetos que serão aceitos, além de ser necessário que ele ocupe um espaço academicamente, ou melhor, que seja reconhecido como produção de conhecimento.

Quando foi para fazer a entrevista para o pós-doc fizeram a pergunta: o desenho é método ou técnica de pesquisa? Aina acha cansativa essa pergunta e até contraproducente, pois ao final essas definições interessam a quem e a quê?



O que me fascina e encanta é a sensação de que os desenhos são como portais, nos quais adentramos e podemos sempre descobrir novas relações. Embora os desenhos expressem uma experiência vivida no tempo, eles têm, por sua vez, a sua própria vida. O desenho é para mim um acontecimento (entrevista com Aina Azevedo em 21/02/2024).

Figura 67 – Aina Azevedo
Técnica – lápis de cor sobre papel
marfim 70g
Dimensões: 5,5 x 11 cm
Produção da autora, 2024.

De acordo com Samain (2012) a imagem é um fenômeno, isto é, algo que vem à luz, algo que advém, um acontecimento, como melhor se dizia outrora entender-se-ia que ela é, ainda, uma epifania, uma aparição.

Considerações postas, em resumo, o desenho é uma forma de expressão para Aina. Em sua tese “Conquistas cosmológicas: pessoa, casa e casamento entre os Khubeka de Kwazulu-Natal e Guateng” os desenhos provocaram questões que ela inicialmente jamais tinha imaginado. Ela pondera que as indagações que se fazem para o desenho podem ser expandidas para problematizar a escrita. Assim ela escreve:

Este foi o primeiro desenho que fiz na África do Sul, logo após a aterrissagem naquele país e que motivou a realização de outros 20 desenhos. Aqui, uma mulher negra angolana carrega o seu filho nas costas, preso por uma *capulana* e, desse modo, tem as mãos livres para levar as bagagens. No momento em que desenhei esta mulher, não sabia o que era uma *capulana*, mesmo assim, os traços do desenho guardaram as marcas desta estampa que tão bem define as mulheres moçambicanas e angolanais, distinguindo-as

das sul-africanas que, para esta técnica corporal, usam toalhas lisas ou cobertores (Azevedo, 2014, p.223)

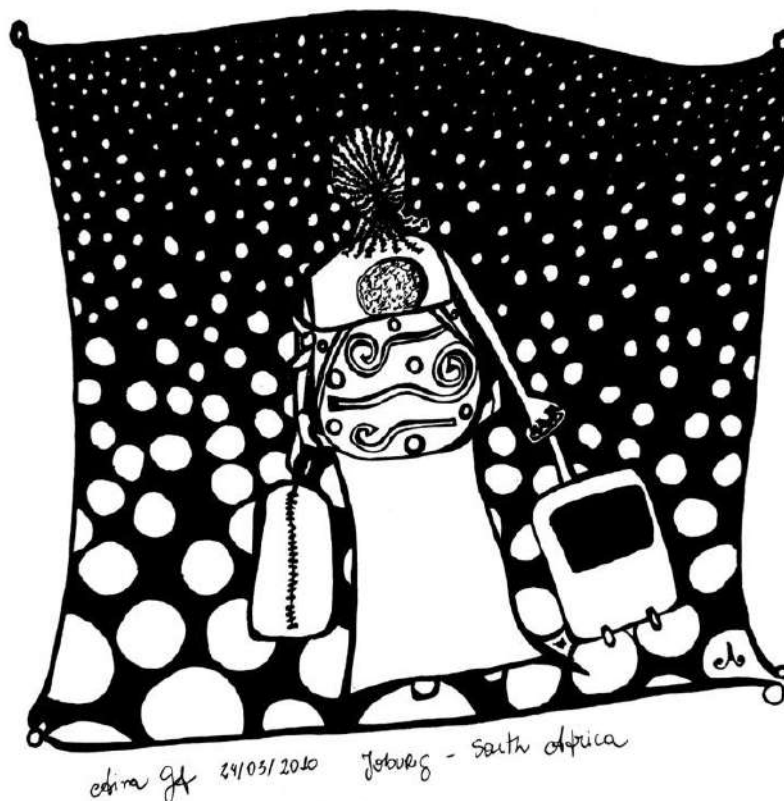


Figura 68 – Aterrissagem – desenho de Aina Azevedo
 Técnica: caneta nanquim uni pin fine line Mitsubishi sobre papel
 Tamanho: 18 x 16 cm
 Imagem cedida pela autora

Segundo Samain (2012) a imagem nos provoca a pensar, nos convoca a pensar:

A imagem é uma “forma que pensa”, na medida em que as *ideias* por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando as olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia, de reaparecer agora no meu *hic et nunc* e, provavelmente, num tempo futuro, ao (re)formular-se ainda em outras singulares direções e formas (idem, p.33).

Tatiana Lotierzo apresentou sua disciplina Antropologia e Desenho, oferecida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) no dia 17 de março de 2023. A disciplina contou com quatro alunos

matriculados e dois ouvintes que, por razões profissionais, não conseguiram continuar no curso, mas mantiveram contato com ela.

A disciplina ocorreu no primeiro semestre de 2023 e teve doze aulas de quatro horas de duração cada. O curso envolveu muita leitura e cinco exercícios práticos, sendo dois exercícios extras propostos por convidadas: as professoras Aina Azevedo e Ana Maria Niemeyer.

O primeiro exercício denominado “Checando a visão do todo”⁴⁴ foi adaptado de uma atividade da Art Org e foi descrito nesta tese na Brochura 01, página 51; o segundo exercício o foco estava nas texturas⁴⁵, a fonte era inspiração livre elaborada por Tatiana Lotierzo a partir de histórias de Kindi Llajtu e proposta de Tim Ingold; o terceiro exercício denominado Tomando água⁴⁶ tinha como fonte a autora Amanda Ravetz em seu texto *Sipping Water: Reverie and Improvisation*; o exercício quarto⁴⁷ proposto por Ana Maria de Niemeyer era perguntar para pessoas que dirigem (taxistas, motoristas de aplicativo, ou motoristas conhecidos) como se orientam na cidade⁴⁸; o quinto exercício⁴⁹, este também extra, era realizar uma atividade comparativa entre o desenho de observação e uma fotografia do que foi observado⁵⁰.

No início da aula Tatiana apresentou sua pesquisa do doutorado. Ela trabalhou com artistas inga do Vale do Sibundoy, na Colômbia. Estes artistas transmitiram um vasto conhecimento sobre o desenho e modos próprios de o conceber, os artistas, portanto, viam o desenho como uma relação, ou seja, relações entre outras relações, com diversos seres; o desenho, em resumo, para eles tinha uma dimensão relacional.

⁴⁴ Este exercício teve a intenção de ajudar a provocar novas questões para a prática do desenho ao ouvir o som do silêncio, provocando a desenhar linhas mais soltas e como se colocar no espaço.

⁴⁵ Sair para caminhar ao ar livre e encontrar uma pedra. 1. Segurando a pedra na mão, ir sentindo suas texturas com os dedos, sem olhar. Desenhar as texturas sem olhar para a pedra. 2. Olhar para a pedra e, sem tocar, ver suas texturas. Comparar com o desenho das texturas.

⁴⁶ Em um lugar tranquilo, sem perturbações. Pegar um copo de água e tomar devagar, concentrando-se nessa tarefa. Sentir o interior do corpo, por onde a água corre. Desenhar o interior da boca (e do corpo) por onde a água corre. Repetir o exercício ao longo de oito semanas e perceber as mudanças entre cada momento.

⁴⁷ Exercício extra.

⁴⁸ Perguntar para pessoas que dirigem sem o uso do Google Maps ou Waze como elas se orientam pela cidade? Quando se deslocam a pé e não podem consultar o celular, como fazem? Tentar assim descobrir o procedimento mental de cada pessoa – conforme profissão, idade, gênero, etc.

⁴⁹ 1. Observar o entorno e escolher algo para fotografar. 2. Tirar uma foto. 3. Guardar o celular. 4. Olhar para o que foi fotografado sem a câmera. 5. Desenhar o que vê. 6. Comparar com a foto tirada anteriormente. O que mudou? O que você percebeu ao desenhar, que não estava presente na foto, e vice-versa. Qual a diferença entre o desenho e a foto?

⁵⁰ Esse exercício estará presente no Caderno 02

Tatiana pensa o desenho da seguinte forma:



O desenho é para mim uma relação que sustenta outras relações. Ele não deve ser tomado unicamente como uma representação de outra coisa, mas sim como um convite a descobrir as relações que estão ali sustentadas.

Nos meus desenhos muitas coisas me afetam, diferentes coisas que sou levada a perceber quando busco desenhar; isso inicia minha “conversa” com o desenho e mexe nas minhas dificuldades para desenhar e no meu esforço para me despojar de projetos prévios sobre como o desenho deve ser. Aquilo que me afeta também passa pela serendíпия, pela surpresa do inesperado (entrevista em 02/02/2024).

Figura 69 - Tatiana Lotierzo
Técnica: lápis de cor sobre papel
marfim 70g
Tamanho: 06 x 09 cm
Produção da autora, 2024

Tatiana levantou as seguintes questões na aula: “De onde vem o desenho? ”, “É só um desejo de representar? ” Ela considera que o desenho está mobilizado com uma série de cadeias que estão no contexto, imerso em uma série de relações com alcances diferenciados, seja em afetos, seja em conhecimento do mundo. Enfim, para ela o desenho é uma forma não verbal de estar no mundo.

O desenho em sua pesquisa era uma maneira de caminhar, em que se estabeleciam relações com territórios existenciais. O desenho, então, era também movimento. O papel do desenho como relação que habilita outras relações é uma questão importante, pois a Antropologia é uma ciência que se interessa pelas relações.

Seguem dois desenhos de Tatiana:



Figura 70 – Foto quilca – trama inicial a qual os desenhos podem aparecer

Técnica: desenho em papel vegetal montado na foto no computador

Dimensões A4

Produção de Tatiana Lotierzo, 2023

Foto cedida pela autora



Figura 71 - Foto quilca 2 – trama inicial a qual os desenhos podem aparecer

Técnica: desenho em papel vegetal montado na foto no computador

Dimensões A4

Produção de Tatiana Lotierzo, 2023

Foto cedida pela autora

Esses dois desenhos integram a pesquisa de pós-doc de Tatiana “Territórios existenciais, territórios visuais: uma Etnografia através de Imagens” que tem como proposta dar vazão a algumas aprendizagens do Doutorado através do desenho. Ela escreveu a tese – que faz uma discussão sobre o texto escrito, a partir de inúmeros diálogos com o artista e amigo Uaira Uaua (artista inga), mas não chegou, no momento da tese, a trabalhar outras formas expressivas e agentivas, o que atualmente faz em sua pesquisa de pós-doc. Sua pesquisa atual com desenho desdobra-se da sua trajetória na Antropologia da Arte, Antropologia Visual e das Formas Expressivas, Agentivas e Modos de Conhecimento.

A proposta pedagógica de Tatiana envolvendo textos e exercícios não teve a intenção de pressionar as alunas e os alunos para desenhar. Os exercícios propostos tinham a intenção de destravar/desbloquear o desenho. A ideia era que os desenhos fossem mais imaginativos e menos representativos, ou seja, desenhar fora das convenções, ir além das regras de proporção e perspectiva.

Na segunda aula de Aina um dos textos trabalhados foi “Da Grafia-Desenho de minha Mãe, um dos Lugares de Nascimento da minha Escrita” de Conceição Evaristo. Neste dia se destacou a ideia do desenho como uma ação visceral, a imagem capaz de articular por completo o corpo. Como expressa Evaristo:

Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão (Evaristo, 2007, p.16).

Para Aina, o sol desenhado no chão pela mãe da Conceição Evaristo era um chamamento, o desenho presentificando o sol, neste caso o desenho assumiu uma agência. Outro ponto que Aina assinalou sobre o texto foi que não há uma separação entre o que é escrita e o que é imagem, pois a página-chão era uma forma de habitar o mundo, o desenho como organizador da vida.

Na última meia hora dessa aula fomos para o pátio que fica em frente do prédio da pós-graduação do IFCH⁵¹ da Unicamp e começamos a desenhar com as amoras sendo o pigmento e os dedos como ferramenta. Nesta experiência trago dois desenhos, o primeiro que destaca a amoreira e o segundo com intervenções de linhas. As linhas foram feitas para explicar sobre a articulação do corpo para se controlar as linhas retas e círculos, ou melhor, este é o processo em cursos de desenho a partir da ampliação das articulações: articulação punho, articulação cotovelo, articulação ombro. Para Aina que ouviu essa explicação considerou que essas normas aprisionam o desenho quando as pessoas se arriscam a desenhar. Neste ponto eu discordo. Não vejo como aprisionamento, mas como um recurso de compreensão, as técnicas auxiliam no processo expressivo. Por exemplo, na técnica da aguada com café que expliquei no LABareDA, página 75, auxiliou as integrantes (os integrantes) a explorar melhor a técnica da aguada em seus trabalhos.

A terceira e última aula da Aina foi com tema livre. Eu desenhei a minha relação com os seres que povoaram minha estadia em Campinas. Eu observava o

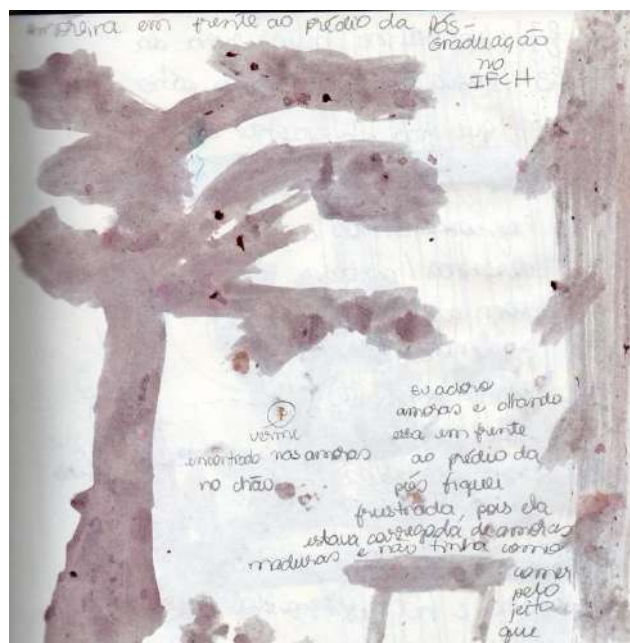


Figura 72 – Amoreira no pátio do IFCH/Unicamp
Técnica: amora sobre papel marfim 70g
Dimensões: 17,5 x 17,5 cm
Produção da autora, 2023.



Figura 73– Plantas no pátio do IFCH/Unicamp
Técnica: amora e lápis sobre papel marfim 70g
Dimensões: 17,5 x 17,5 cm
Produção da autora, 2023

⁵¹ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.



Figura 74 - A dança
Técnica: lápis de cor e caneta nanquim sobre papel marfim 70 g
Dimensões: 17,5 x 17,5 cm
Produção da autora, 2023

tempo passar com a dança das abelhas a polinizar uma palmeira e os passarinhos a conversarem sobre quaisquer amenidades do dia.

Os desenhos aqui expressos permitiram uma conexão diferente que me atravessou durante o campo. Eu ficava horas e horas a olhar cada paisagem, me perguntando o que as imagens poderiam acessar? O que elas poderiam mobilizar? Nessa contemplação povoaram seres visíveis e invisíveis.

Nesse contexto me aproximo do que Taussig escreveu em sua pesquisa em Medellín na obra “I swear I saw this”.

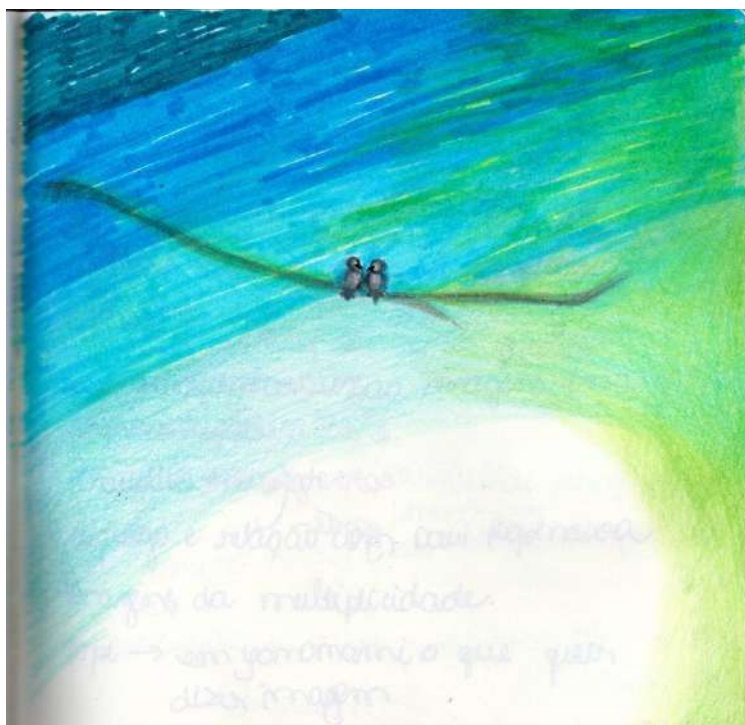


Figura 75 – Conversas
Técnica: lápis de cor e canetinha sobre papel marfim 70g
Dimensões: 17,5 x 17,5 cm
Produção da autora, 2023

Posso escrever eu juro que vi isso quantas vezes quiser, em vermelho, verde, amarelo e azul, mas não será suficiente. O desenho é mais que o resultado do ver. É uma visão que duvida de si mesmo e, além disso, duvida do mundo do homem (Taussig, 2011, p.2, tradução minha).

Para Michael Taussig, o desenho é uma prática que transcende a simples representação visual, funcionando como uma forma de conhecimento e um meio de engajamento sensorial com o mundo. Ele acredita que o desenho permite uma conexão

mais direta e íntima com a realidade, possibilitando a exploração de aspectos ocultos e uma maneira de incorporar a subjetividade, a emoção.

Sendo assim, o desenho pode trazer um tipo de informação, assim como os desenhos podem ser provocados por emoções, podem expressar o que não se consegue pelas palavras e para além disso, certas coisas podem surgir com os desenhos. Em campo, as professoras Aina, Karina, Patrícia, Tatiana e o professor Luis Felipe consideraram que o desenho acende um tipo de conhecimento, uma forma diferente de percepção.

Aina, por exemplo, pontuou que a Antropologia lhe devolveu o desenho como atividade cotidiana. Ela era uma criança que desenhava, mas parou de desenhar na graduação. O seu campo de pesquisa no doutorado provocou um desejo de desenhar. Em 20 desenhos “feitos no calor de eventos e de presenças arredias a uma descrição cuja linearidade da escrita pudesse estabelecer causas e efeitos” (Azevedo, 2014, p.222).

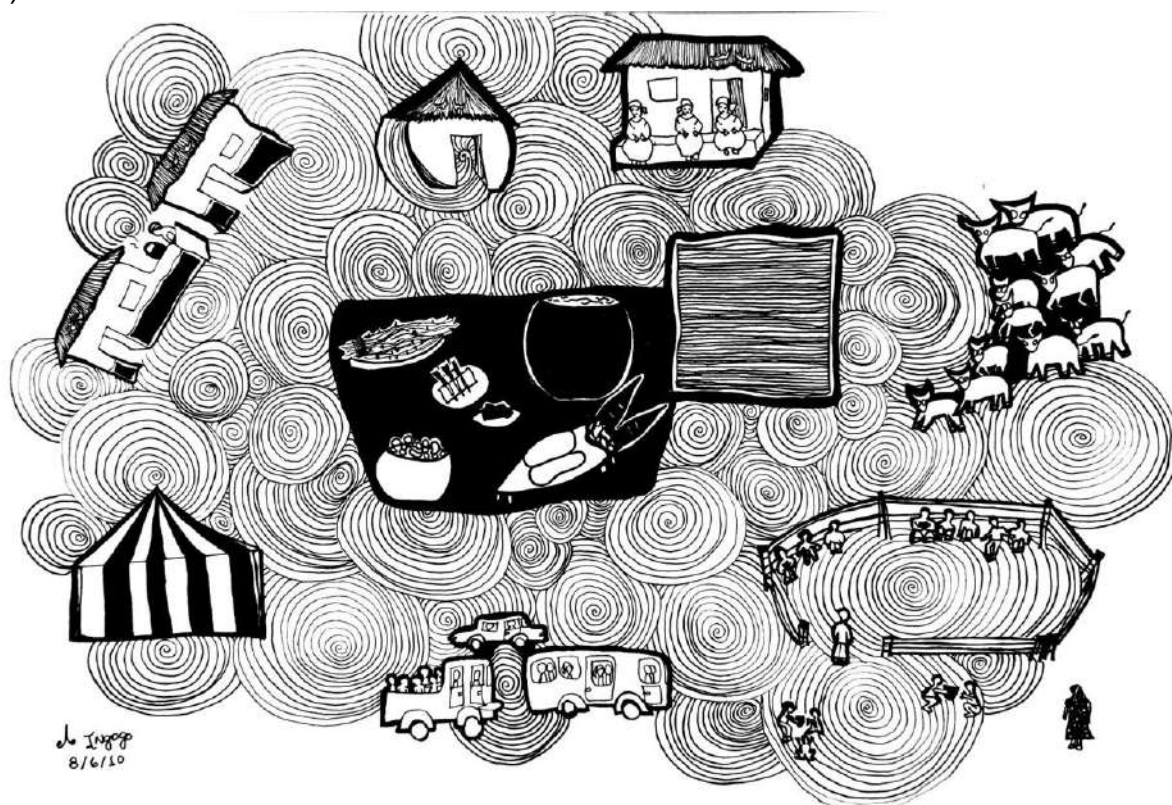


Figura 76 – ritual Umsebenzi

Técnica: caneta nanquim uni pin fine line Mitsubishi diversas espessuras sobre papel

Dimensões: 23 x 15 cm

Imagem cedida pela autora

Nesse seu desenho na África do Sul ela destacou a passagem do tempo do ritual do Umsebenzi ao longo de dois dias principais, o que no desenho pode ser percebido simultaneamente. Os espirais conduziram a narrativa do que depois ela conseguiu expressar em palavras na sua pesquisa entre os Kubheka.

Aina realçou que observar e ver não significa apenas abrir os olhos, pois na Antropologia aprendemos uma educação do olhar. Essa educação do olhar também foi descrita nas aulas da Karina Kuschnir e no curso ministrado por Patrícia Reinheimer. Para as três interlocutoras, o desenho é uma forma de expressar o ponto de vista daquela(daquela) que pesquisa.

Temos que na etnografia a dimensão fundamental é a capacidade de observar, assim o é para o ato de desenhar. A grande virtuosidade do desenho etnográfico reside no seu processo de observação do que efetivamente no seu atrativo estético. Fazer Antropologia com desenhos, portanto, é compreender outros modos de existir, por meio de múltiplas formas de olhar.

A observação cuidadosa e o olhar atento são percepções importantes trazidas pelas interlocutoras e pelo interlocutor. Aproximo essas observações ao que Tim Ingold explora em sua obra *Antropologia e/como Educação* (2020, p.17), para ele “a educação é uma prática de atenção, não de transmissão, que é através da atenção que o conhecimento é gerado e continuado”.

Nesta brochura sobre as pedagogias desenhadas das interlocutoras e do interlocutor pude explorar as perspectivas não lineares das aulas, em que se valorizou um tipo de ensino através do fazer, do sentir e do interagir com as alunas, os alunos e alunes. Nas palavras de Ingold (2022b) conhecemos as coisas à medida que as fazemos.

Ao trabalharem uma Antropologia com desenhos construíram uma pedagogia que integrava a prática com a teoria, promovendo uma educação imersiva e experimental.

Na próxima brochura descrevo os caminhos que os desenhos tomaram, ou seja, como foi o processo criativo da produção dos desenhos ao longo da tese e como eles podem ser lidos como uma narrativa gráfica.

Brochura 04



Figura 77– Os Caminhos do Desenho
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 2048 x 2048 px
Produção da autora, 2023

Os Caminhos do Desenho

A minha primeira composição de desenhos nas pesquisas antropológicas foi como aluna especial⁵² da disciplina “Epistemologias e Feminismos Negros” oferecida pelo PPGAS-UFG no primeiro semestre de 2019. Foi a partir desta disciplina que vi a possibilidade de aberturas, na minha história acadêmica⁵³, das fronteiras entre Arte e Antropologia e entre Antropologia e Design com a finalidade de se experimentar novas, ou não tão novas, metodologias para a construção do pensamento científico na Antropologia.

Em um artigo escrevo:

Trabalhar a imagem e a escrita em conjunto não é uma prática pedagógica-metodológica nova, contudo é necessário desmistificar muitos cânones acadêmicos que não consideram o grande esforço analítico trazido pela produção e interpretação das imagens (Almeida, 2020, p. 298).

Na disciplina citada, a professora Luciana de Oliveira Dias deu abertura para o processo de experimentação dentro do trabalho final e concomitante a participação como comunicadora oral na XIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) no ano de 2019 desenvolvi o artigo “Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros” com seis desenhos que posteriormente foi publicado na revista *Humanidades & Inovação*.

Neste artigo dediquei-me às seguintes obras: “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser” de Sueli Carneiro; “Mulheres, Raça e Classe” escrito por Angela Davis; “Textos escolhidos” de Audre Lord; “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” por Neusa Santos Souza; “Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro” de Patrícia Hill Collins e “Primavera para as Rosas Negras” com textos de Lélia Gonzalez.

A produção do conhecimento é um espaço de poder, conseqüentemente, um espaço de disputa, logo é um ambiente que tem dificuldades em compartilhar abordagens não-hegemônicas. Um dos desenhos desse artigo denominado “vozes pretas” expressa o espírito inquieto que não vê a hora de bradar as possibilidades

⁵² Aluna especial é um vínculo acadêmico temporário, pois não se está regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação dentro da UFG, ou seja, no ano de 2019 ainda não era aluna do doutorado do PPGAS-UFG.

⁵³ Tenho graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia (2006), Licenciatura em Ciências Sociais (2005), ambas pela UnB, Especialização em História Cultural: Imaginário, Poder e Identidades pela UFG em 2009, Mestrado em Antropologia Social pela UFG em 2011, graduação em Design de Moda pela UFG em 2018 e Especialização em Processos e Produtos Criativos em 2018.

criativas na aproximação do desenho com os pensamentos feministas negros para que se ampliem os horizontes epistêmicos.



Figura 78- Vozes Pretas

Técnica: aquarela, caneta nanquim, lápis de cor, guache metálica sobre papel Arches 300g

Tamanho: A4

Produção da autora, 2019

* Esta ilustração faz parte do artigo “Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros”.

Este desenho ressalta a necessidade de abrir o debate e forçar as concepções de quem pode falar quanto ao pensamento científico e que amplia a discussão sobre a tão necessária ação de se expressar (Almeida, 2019, p. 111).

Para complementar os argumentos quanto ao valor dos novos olhares trazidos pelos pensamentos feministas negros e suas capacidades em se abrir o horizonte de captação de conceitos e teorias, com a intenção de forçar os limites da escrita e dos arcaísmos disciplinares clássicos o desenho seguinte – Lentes Américas – dialoga com os conceitos de Lélia Gonzalez e Angela Davis quanto a promoção de novas epistemologias a fim de romper a imparcialidade teórica e o silenciamento de pensadoras negras.



Figura 79 – Lentes Américas

Técnica: Aquarela, guache metálica, lápis de cor e caneta nanquim sobre papel

Arches 300g

Tamanho: A4

Produção da autora, 2019.

* Esta ilustração faz parte do artigo “Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros”.

A antropologia, como um campo disciplinar, é chamada em caráter de urgência para não mais ignorar as vozes dos pensamentos feministas negros, ela não pode continuar com a matriz colonizadora cega, surda e muda para a institucionalização do racismo, do sexismo e do classismo. [...] Na contemporaneidade, a Antropologia precisa ser um campo disciplinar de novas ideias e ter um espírito inquieto, conseqüentemente, das antropólogas e dos antropólogos exige-se o máximo das suas capacidades de criarem meios para a fissura das metodologias clássicas de pesquisa e das epistemologias tradicionais, ou seja, experimentar o seu potencial criativo para aguçar o olhar diante do contexto à sua volta e das possibilidades de expressões dos grupos sociais (Almeida, 2019, p. 115-116).

Como estratégia criativa de produção sensível e viva da ciência trago a combinação da linguagem escrita com a imagem, por meio do desenho como uma chamada para uma Antropologia que desestabiliza as fronteiras disciplinares e cria fissuras nos padrões canônicos do conhecimento. Conforme Ingold (2012) uma ciência viva é um espaço em que as coisas vazam e os processos celebram a criatividade por meio de fluxos. Quando a Antropologia se junta com a Arte cria-se um campo maior de experimentação que se afasta dos protocolos rígidos da ciência tradicional.

A arte e a antropologia possuem relações intrínsecas que as constituem enquanto disciplinas com fronteiras inconstantes, mas estas relações podem produzir outras conexões que originam afluxos distintos sem que estes aniquilem necessariamente aquelas. [...] o objetivo das relações entre as duas disciplinas é frequentemente esse: utilizar a diferença para poder pensar e fazer aquilo que não é possível a partir de apenas uma (Fradique e Lacerda, 2022, p.18)

Às vezes, enquanto acadêmicos, nos perguntamos qual é a nossa contribuição, de forma mais geral, para a ciência produzida a nível local e também global. Acredito que ao estimular criativamente a produção do conhecimento comprometo-me com o pacto de não perpetuar os instrumentos do epistemicídio⁵⁴ na Antropologia, fomentando assim um diálogo transdisciplinar, dinâmico e fluido.

⁵⁴ Epistemicídio é um conceito trabalhado por Sueli Carneiro em sua tese e se constituiu num dos “instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados” (Carneiro, 2005, p. 96). Desta forma, quando me comprometi a não perpetuar os instrumentos do epistemicídio na Antropologia rompi com a ideia de produção de uma única forma de conhecimento válido, em que se exclui a diversidade dos saberes, assim como o processo persistente de enunciação de uma produção teórica no campo disciplinar da Antropologia citando apenas antropólogos brancos, do norte global. Para uma certa produção de conhecimento antropológico, seja ela desde os movimentos coloniais até a contemporaneidade, os corpos negros são vistos como fontes de saber, mas não como produtores de conhecimento, ou como interlocutores no diálogo acadêmico.

Nas considerações acima quis mostrar o que o desenho era para mim. Ele é um espaço de diálogo e pode ser um vetor de fissuras epistêmicas na Antropologia. Para as interlocutoras e para o interlocutor fiz essa mesma pergunta: O que é o desenho para você?”. Em entrevista, Aina Azevedo conta que desde pequena era muito ativa e se por algum acaso ficava quieta, parada, em silêncio, era porque estava desenhando. Ao longo da vida, ela seguiu desenhando, em alguns momentos mais que em outros. Mas em cinco momentos foram significativos e talvez respondam à pergunta sobre o que é o desenho para ela. O primeiro deles foi aos 22 anos, em 2004, quando ficou grávida; o segundo foi antes de completar 30 anos, durante o trabalho de campo na África do Sul; o terceiro foi em 2015, quando fez pós-doutorado em Aberdeen, na Escócia; o quarto foi durante a pandemia em 2020 e 2021; e o quinto, agora em 2023 e 2024, com 42 anos, em Marseille, na França, onde é pesquisadora residente.

O que há em comum em todos esses momentos é que ela estava, de algum modo, vivendo uma experiência transformadora e solitária, e ao mesmo tempo, extraordinária, no sentido de não ser a vida cotidiana, normal. Para Aina, muitas pessoas associam o desenho às viagens, já que durante esses momentos são propícios para se ver coisas novas que nos desafiam, inspiram e encantam. Além dessas ocasiões há um fator muito importante: o tempo para desenhar. Como já apontava Eduardo Salavisa (2008) desenhamos enquanto esperamos um ônibus, um trem, um avião ou um filho que vai nascer. Parte desses apontamentos é verdade para Aina, já que viver em uma situação extraordinária não a coloca diante das mesmas obrigações cotidianas liberando para desenhar. Contudo, o que ela acha fundamental não são essas coisas. Ela desenha para se encontrar.

Esse encontro também foi compartilhado em entrevista com Patrícia Reinheimer. Quando ela voltou a desenhar não foi pensando na Antropologia como disciplina ou no desenho como metodologia, mas no tema de pesquisa que ela vinha realizando. Patrícia investigava a trajetória de sua avó, com quem tinha convivido durante dezenove anos de sua vida. Com sua avó ela tinha experienciado diversas linguagens artísticas que tinham sido abandonadas uma vez ela tendo ingressado no campo antropológico. Ao retornar ao desenho ela também experienciou a gravura, a pintura, a colagem e a escultura. Seu engajamento com o desenho foi pelo viés da arte e não por ter um objetivo com a Antropologia.

Patrícia antes da pandemia tinha proposto uma oficina com desenho, porque queria se aproximar do tema das plantas e da paisagem. Logo, o desenho apareceu nessa ocasião como ferramenta de interação e de ensino-aprendizagem, mas sem a interlocução com a Antropologia. Foi dentro da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) que ela propôs, pela primeira vez, em sua trajetória como professora e também em sua vida, uma interlocução entre as duas dimensões. A intenção era fazer uma oficina em que as pessoas fossem estimuladas a fazerem uma etnografia desenhada da RBA.

Com o advento da pandemia e a transformação do congresso para o formato online, adaptou a oficina para esse formato. Essa experiência a levou a realizar a oficina de Desenho Etnográfico como projeto de extensão da UFRRJ. Foi a partir dessa oficina que a interação com a Antropologia se tornou tema de reflexão, tanto pela dimensão dos usos no trabalho etnográfico, como de questões éticas na relação com o ensino e aprendizagem da Antropologia.

Tatiana Lotierzo considera que a Antropologia não necessita ocupar-se do ensino convencional do desenho e nem aderir a padrões estéticos específicos (por exemplo, da arte ocidental). O que importa para as antropólogas, antropólogos e antropólogues é o que o desenho faz, em diferentes contextos.

Já Karina pontuou em sua entrevista que sua mais remota lembrança com o desenho é o prazer em traçar e colorir, bem como de ver pessoas ao seu redor fazendo isso, assim como apreciar imagens em livros, na TV e no cinema. Ela pensou em fazer uma faculdade de design, mas não gostou do curso. Trocou para o jornalismo e focou no desenvolvimento da escrita e, posteriormente, na pesquisa em Antropologia. Karina nunca perdeu totalmente o contato (nem o gosto) com o desenho. Com o nascimento do seu primeiro filho, em 2001, no entanto, a vontade e a experiência de desenhar como brincadeira ganhou mais espaço. Nessa época ela começou a descobrir livros sobre desenho de observação e participar de fóruns online, bem como ler blogs sobre desenho e aquarela. Em 2008, entrou em um curso de modelo vivo na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e passou a desenhar cotidianamente em cadernos. Dessa época em diante investiu mais e mais na prática, em cursos online e cursos presenciais. Em 2011, a partir de leituras e da participação de um evento do grupo *Urban Sketchers* em Lisboa, entendeu que o desenho poderia “conversar” com a Antropologia e foi dessa experiência que surgiu seu primeiro projeto de pesquisa que relacionava Antropologia e desenho.

Luis Felipe no artigo “Desenhando com a fotografia: habitando dobras entre formas expressivas” escreve que o desenho, em termos metodológicos, assim como a vida, está sempre em aberto. Ele concorda com a perspectiva de Ingold que o desenho é um processo de trazer a Antropologia de volta à vida. Para ele, “há uma série de correspondências entre o desenho e a vida, uma vez que ambos se expressam ao longo de linhas” (Hirano, 2023, p.05).

Continuando com a abordagem de Luis Felipe, ele afirma que o desenho possibilita contar, assim como é um investimento na observação. Luis cita que “Aina Azevedo, Amanda Ravetz, Andrew Causey, Emiliano Dantas e Karina Kuschnir enfatizam a qualidade singular do desenho para estender o tempo de observação, para prover uma atenção às formas geométricas do que está sendo retratado em campo, bem como para tecer relações com interlocutores” (idem, p.18).

O desenho torna-se, assim, uma prática atencional promovendo uma maior colaboração e experimentação com materiais, abrindo novas possibilidades para a percepção e a educação. O desenho, nesse contexto, não é apenas uma forma de criar imagens, mas um processo de investigação e aprendizado que envolve a sensibilidade e a subjetividade.

As interlocutoras Aina, Karina, Patrícia, Tatiana e o interlocutor Luis Felipe me ensinaram formas de perceber a relação entre desenho e Antropologia que eu não imaginava no início do campo. Inicialmente, eu estava preocupada em entender se o desenho era uma ferramenta ou se era uma metodologia de pesquisa, ou seja, estava interessada em colocar o desenho em uma categoria, em uma moldura que o campo me mostrou que ele não cabia, ele vazava, porque o desenho vinha para expandir a ideia de como ensinar a Antropologia para além dos textos.

Comentando sobre os textos, o desenho também não tinha a ideia de competir com a escrita, Karina e Patrícia comentaram bastante que ao escrevermos em nossos cadernos já estamos desenhando as letras, a nossa caligrafia é um tipo de desenho. Essa mensagem era um tipo de conforto para alguma dificuldade técnica em realizar determinada atividade, pois a mensagem de todas as interlocutoras e do interlocutor era que todas, todos e todes podem desenhar.

Aina comentou que, por muito tempo, os desenhos ficavam escondidos nos cadernos de campo, e as(os) pesquisadoras(es) tinham receio sobre o compartilhamento desses desenhos em publicações científicas, seja em artigos ou monografias, dissertações, teses. Nas atividades do campo, seja nas aulas ou em

eventos científicos pude perceber que o desenho vem ganhando espaço como uma forma expressiva de compartilhar ideias, histórias e emoções. Por exemplo, na RBA deste ano, 2024, tivemos a 2ª Edição⁵⁵ da categoria Desenhos Etnográficos dentro do Prêmio Pierre Verger, logo, o desenho tem assumido um espaço de destaque na divulgação de conhecimento científico antropológico.

Lembro quando comecei esta pesquisa muitas dúvidas pairavam sobre a possibilidade de realizar uma tese desenhada e esse projeto foi construído durante os quatro anos do doutorado. O diálogo inicial foi com Aina Azevedo na apresentação do trabalho “Narrativas gráficas na produção acadêmica: novas perspectivas metodológicas com a biografia ilustrada de Iris Apfel” dentro do GT “Antropologia & Experimentações Etnográficas” na VI Reunião Equatorial de Antropologia em Salvador no ano de 2019.

Neste trabalho os desenhos não tinham a pretensão de apresentar a “verdadeira face” de Iris Apfel, o que talvez o senso comum acredita ser o processo de exposição de uma biografia. Todavia, como pesquisadora, eu considerei tratar a biografia como um espaço interpretativo com outros contextos vividos pela biografada e que a transformaram num exemplo de estética inovadora, mesmo⁵⁶ após os seus noventa anos de idade. Os desenhos, neste trabalho, foram um caminho para a síntese e comunicação capaz de sinalizar conceitos e, em especial a referência mais marcante nos discursos de Iris Apfel que era a ideia de autenticidade.

⁵⁵ Em 2020 houve uma Mostra de Desenho Etnográfico, mas não foi em caráter competitivo. Todos que mandaram material tiveram seus desenhos expostos na Mostra. A figura n. 06 mostra os participantes da I Mostra de Desenho Etnográfico.

⁵⁶ A palavra mesmo aqui tem uma ideia de surpresa, pois pela perspectiva da moda, na maioria das vezes, existe uma relação íntima e intrínseca com a juventude.



Figura 80 - Iris Apfel - ícone de moda nonagenário
Aquarela sobre papel arches 300g/m² –
Medições: tamanho A4 com intervenção digital no programa Illustrator
Produção da autora, 2018.

O desenho acima compôs o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no curso de design de moda intitulado – *Autenticidade ilustrada: Iris Apfel e a Moda*, e juntamente com tantos outros desenhos da pesquisa, tinha a intenção de descrever a construção da identidade *fashion* de Iris não apenas com palavras, mas também por meio de uma “narrativa gráfica” (Kuschnir, 2014).

No primeiro momento desta pesquisa realizei uma revisão bibliográfica para assimilar as principais contribuições de Iris Apfel no cenário da moda, concomitante ao estudo literário, fiz uma pesquisa imagética da exposição *Rara Avis: Selections from the Iris Barrel Apfel Collection no Costume Institute no Metropolitan Museum of Art*⁵⁷, posteriormente executei uma decomposição visual e simbólica de cinco fotografias de Iris para revistas de moda e, enfim, comecei os primeiros esboços dos croquis que seriam novas formas narrativas capazes de evocar graficamente ideias, observações e percepções para uma biografia ilustrada de Iris Apfel.

⁵⁷ A exposição foi montada a partir de peças de vestuário e acessórios como colares, anéis, pulseiras, brincos integrantes do acervo pessoal da Iris, ou seja, o museu expos o guarda-roupa dela. O que foi algo inusitado e impensado para pessoas que ainda estavam vivas, assim Iris comenta no documentário *Iris* com direção de Albert Maysels, 2014.

A seguir compartilho um dos painéis conceituais e o seu desdobramento na produção de um dos desenhos que foram expostos no Expolab na Faculdade de Artes Visuais entre os dias 03 a 07 de dezembro de 2018.



Figura 81 - Convite para a exposição no Expolab - FAV/UFG
Produção da autora, 2018

Os painéis conceituais⁵⁸ auxiliaram no processo de materialização da pesquisa, ou seja, da produção das ilustrações de moda, que tiveram como base o conceito de autenticidade trazido por Iris Apfel em seus discursos⁵⁹ e, também, por meio das narrativas visuais de produções fotográficas para revistas usando o cenário de seu apartamento ou montagens em estúdios que exemplificam imagetivamente seu estilo de vida.



Figura 82 - Painel Conceitual n.04
Colagens de referências associada a decomposição da imagem
Produção da autora, 2018

⁵⁸ Painel conceitual é uma ferramenta de apresentação visual do tema de pesquisa correlacionando-o a outras imagens que trazem alguns elementos de semelhança tais como: formas, texturas, efeitos e cores. Os painéis conceituais não são apenas estímulos visuais, eles ampliam o estudo sobre determinado tema e auxiliam os pesquisadores na construção de sentidos, por meio da decomposição dos elementos evocados na imagem. Importante destacar que as imagens não têm um valor ou sentido em si mesmas, elas passam por um processo de significação que só existe pela relação estabelecida por meio da percepção, do contexto usado durante o processo de análise e pelas experiências as quais as(os) pesquisadoras(es) estão envolvidas(os) (Sanches, 2012).

⁵⁹ O conceito de autêntico relaciona-se intrinsecamente ao que Iris expressa em uma coletânea feita de suas frases mais celebradas ao longo de sua carreira (Pollard, 2016):
“Eu não tenho regras, porque eu provavelmente as quebraria (p.71)”;
“Eu gosto de experimentar, sou curiosa e tento fazer coisas (p.24)”;
“Eu gosto da individualidade e, infelizmente, isso se perdeu nos dias de hoje. Há tanta semelhança, tudo está homogeneizado (p.71)”;
“Eu não sou bonita, eu tenho algo muito melhor, eu tenho estilo (p.25)”.
Todas essas frases citadas foram traduções livres da obra que está originalmente escrita em língua inglesa.

Tabela 01 - Decodificação do painel conceitual n. 04

	Palavras-chave	Formas	Textura	Efeitos	Cores
PAINEL 04	geométrico	redondo	pelúcia	xadrez	branco
	rock	retângulos	argila	estampado	azul
	doce	quadrados		tiras	verde
	bichos			vazado	marrom
					vermelho
					cores primárias

Esta tabela faz parte da monografia “Autenticidade ilustrada: Iris Apfel e a Moda” defendida no curso de design de moda da UFG em 2018.

O painel conceitual é uma ferramenta de apresentação visual do tema de pesquisa abordado correlacionando-o a outras imagens que trazem alguns elementos de semelhança tais como formas, texturas, efeitos e cores.

Abaixo apresento duas ilustrações que foram desenvolvidas a partir da figura 82 e da tabela 01:



Figura 83 - Viagem ao mercado de pulgas

Materiais utilizados: aquarela, ecoline, lápis de cor, caneta nanquim sobre papel 100% algodão - Arches 300g/m² - textura cold pressed

Medições: tamanho A4

Produção da autora, 2018.

Com a figura 83 – viagens ao mercado de pulgas, exemplifico como a compreensão analítica, por meio de desenhos, expressa imageticamente a dimensão eclética de uma biografia de uma senhora, de mais de noventa anos, que se tornara um ícone e sua construção experimental da autenticidade no campo da moda, em que

há a confluência entre a moda de rua, o barroco, os padrões étnicos que para Iris Apfel definiriam o que seria uma cultura contemporânea divertida.



Figura 84 - Estampas adoçadas

Materiais utilizados: aquarela Rembrandt, lápis de cor sobre papel 100% algodão

Arches 300g/m² - textura cold pressed

Medições: tamanho A4

Produção da autora, 2018.

A figura 84 – estampas adoçadas – é um dos exemplos para demonstrar nessa tese o sentido de ilustrar Iris Apfel, em que se possa entender o que ela quis dizer sobre autenticidade, experimentação, criatividade e atitude dentro do campo da moda. Esses conceitos tão subjetivos seriam muito abstratos se eu apenas os expressasse através das palavras. Além disso, se a senhora Apfel foi tão assertiva no que tange à moda ser um espaço de experimentação, o convite para uma proposta experimental desenhada de pesquisa acadêmica deveria estar subentendido ao me debruçar sobre suas contribuições.

Compartilhar este trabalho desenvolvido no Design de Moda nesta tese em Antropologia tem como objetivo demonstrar o processo criativo dentro do estudo de imagens e como eu pude compreender os múltiplos pontos de vista sobre a vida da biografada, Iris Apfel.

Retomando os trabalhos em Antropologia os processos de criação dos desenhos tiveram diversas escolhas. Nos trabalhos da disciplina do professor Luis Felipe foi solicitado a produção de grafias, o que me remeteu a escolha dos desenhos associados com poesias, pois como aborda Taussig (2011) o desenho tem a sua corporalidade. Uma disciplina sobre percepção, seus fluxos e subjetividades evocava linguagens poéticas para pensar formas de como é possível a Antropologia ganhar vida (Ingold, 2015).

Por exemplo, na minha grafia salmões-pássaros tudo começou com um desenho do movimento do salmão que Ingold descreveu em sua obra “Redrawing Anthropology – Materials, Movements, Lines”. Ao que ele fez assim:

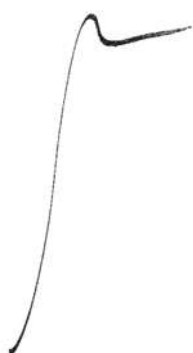


Figura 85 – movimento do salmão
Fonte: livro Redrawing Anthropology – Materials, Movements, Lines
Autor: Tim Ingold

Sua prática me envolveu por meio de sua perspectiva de *olhar atento com a linha*, revivendo o movimento. Ao que ele explica que nesta “linha, movimento, observação e descrição tornam-se um só” (Ingold, 2011, p.01, tradução minha).

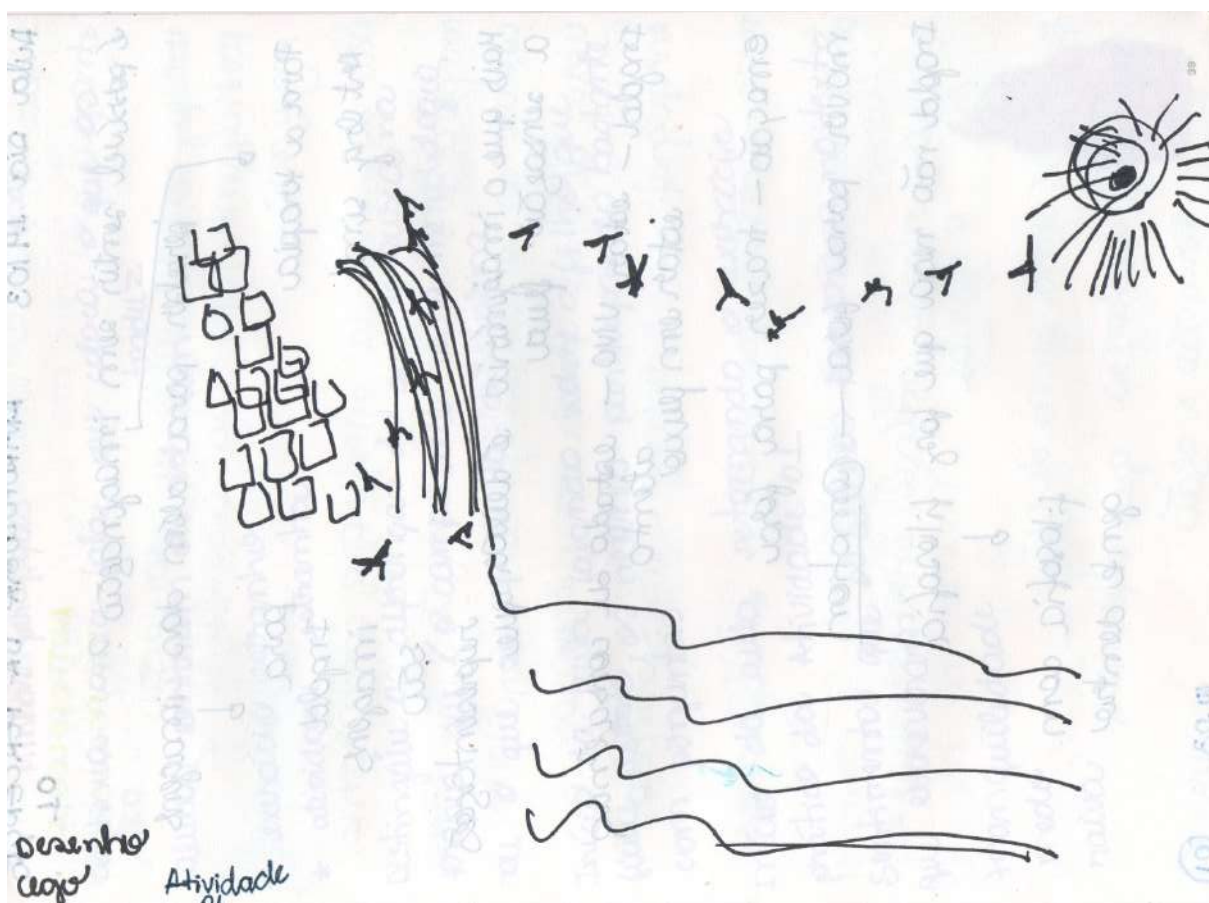


Figura 86 – Desenho cego – parte 1 da obra salmões-pássaros

Técnica: caneta preta sobre papel

Dimensões: 24 x 17,5 cm

Produção da autora, 2021

No meu desenho a experiência sensorial n.1 (figura 13), proposta pela disciplina do professor Luis Felipe, foi um convite para reimaginar paisagens e a relação com o movimento, em que destaco a importância dos fluxos contínuos de materiais, energias e seres.

A figura n.13 foi uma composição de quatro outros desenhos, porque era importante demonstrar que os sentidos não são apenas receptores, os sentidos são também emissores. A percepção não é algo dado. A gente percebe porque movimenta.

O desenho cego traz a dinâmica de ser feito no calor da emoção e o valor no gestual é sua principal característica. Escrito com caneta preta o movimento adquire força demonstrando que o fluxo é um aspecto essencial da poética gráfica.

Quando o professor Luis Felipe solicitou que nas grafias teríamos que escrever e desenhar a experiência, a emoção do movimento trouxe consigo a poesia como uma forma de engajamento prático em contraposição a uma visão estática e fragmentada do espaço e do tempo. É como Ingold (2015, p.44) nos alerta: “pensar no aberto, do lado de fora”. Posso chamar de *As Grafias das Percepções* toda a produção realizada na disciplina do professor Luis Felipe, em que proponho um diálogo onde a vida é vista como fluxo contínuo de interações, sejam elas ora em espaços fechados, como o banheiro, ora em espaços abertos como a sala, ou o quintal de casa⁶⁰.

Nessas grafias primeiro eu pensava na composição dos desenhos e depois vinha a escrita das poesias. Por exemplo, na grafia “Navegar-se” primeiro surgiu o desenho do barco e depois veio a produção da fotografia. Diferente das outras grafias, nessa eu imaginei uma relação intrínseca entre o desenho com a fotografia a partir da leitura do texto “Desenhar com uma Câmera? Filme Etnográfico e Antropologia Transformadora” de Anna Grimshaw e Amanda. Neste texto as autoras concebem o desenho como um tipo especial de prática do conhecimento que dialoga com a câmera, sem a hierarquia entre o “fazer” e o “tirar”, respectivamente, considerando em seus modos de produção fílmica a prática improvisada, a natureza processual e o engajamento crítico.

As questões que nos foram colocadas por *Beautiful colour* e *A chair* são parte de uma preocupação mais ampla sobre como trazer ao foco certos processos de conhecimento que permanecem desarticulados e resistentes à descrição – estados de consciência que podem ser mais efetivamente evocados do que representados, uma vez que eles são, por sua própria natureza, processuais, emergentes em vez de remanescentes. [...] Como descobrimos em nosso trabalho com certos sujeitos, isso envolve tanto um enquadramento, quanto um deixar em aberto, a geração de um conhecer ativo que parte de uma estrutura e também decorre do abandono do controle. [...] Ver o filme de processo como análogo ao desenhar é entendê-lo como um meio de “conhecer com”, em vez de conhecer sobre (Grimshaw e Ravetz, 2021, p. 24-25).

⁶⁰ Desenhos que fazem parte do Caderno 02 desta tese.

Como afirmei anteriormente neste trabalho a perspectiva *conhecer com* é que faz mais sentido para mim, pois o *conhecer com* é uma atitude na vida, uma forma de se posicionar em relação ao mundo, nas palavras das autoras é um “conhecer ativo que convida o/a expectador/a a participar” (idem, p.25). O desenhar com uma câmera é um processo contínuo e dinâmico que envolve atenção, percepção, imaginação e engajamento corporal criando uma relação consciente e crítica para a feitura do conhecimento antropológico. “Desenhar não é sobre ‘enquadrar’, mas sim ‘entrelaçar’”. Conhecer é fundamentalmente relacional – ou seja, um *conhecer com*, em vez de conhecer de ou conhecer sobre” (idem, p.07, ênfase minha).

O desenho é uma linguagem, logo com ele é possível comunicar ideias, emoções e experiências. O desenho como prática criativa estimula a experimentação. Com os desenhos as(os) antropólogas(os) e antropólogues podem explorar formas de pensar e ver o mundo, abrindo-se para as possibilidades que talvez não fossem consideradas em abordagens mais convencionais. O desenho cego, por exemplo, ativa coisas para além do olhar. O desenho cego evoca sentidos para além da imaginação e para além da sensação.

Falando em emoções, o desenho “a cura prática”, em que falo sobre o amor na pesquisa vem seguido de uma poesia que foi construída por meio de um *brainstorm* de palavras. O desenho digital tem o cacto que foi a primeira planta que comprei após o falecimento de minha mãe, pra simbolizar a dureza do luto, mas também a resiliência para seguir em frente. O cenário com as manchas em aquarela foi para trazer a técnica que mais me identifico na prática manual para a digital, contudo, teve também a intenção de deixar meio nebulosa a atmosfera, pois o poema foi escrito de forma a me abrir visceralmente, por isso, no desenho eu estou nua, como uma abertura completa de emoções.

Segundo bell hooks (2021) falar sobre o amor pode ser revolucionário. A autora destaca a importância do autocuidado como um ato de resistência contra a desvalorização. O amor é uma força radical que pode desafiar e transformar estruturas de opressão. Pude refletir em forma de poesia e desenho, ou seja, por grafias como minhas ações pessoais relacionadas ao amor demonstram minha postura perante o mundo, como foi meu processo de formação como antropóloga ao longo dessa trajetória no doutorado e, por fim, meu modo de inserção na sociedade.

Amor-próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham. Ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter o amor incondicional que talvez tenhamos sempre desejado receber de outra pessoa. [...] A luz do amor está sempre em nós, não importa quão fria esteja a chama. Ele está sempre presente, esperando uma fagulha que o inflame, esperando que o coração desperte e nos leve de volta para a primeira lembrança de ser a força da vida dentro de um lugar escuro esperando para nascer – esperando para ver a luz (hooks, 2021, p.106-107).

Em sua obra “Tudo sobre o amor – novas perspectivas” bell hooks propõe novas maneiras de entender e praticar o amor em nossas vidas. Fazendo uma conexão entre essa obra e Ensinando a Transgredir é possível conceber que a educação é um ato de amor. A educação, em seu sentido mais profundo, é um ato de capacitação e libertação.

As grafias resultantes das aulas do professor Luis Felipe tinham o sentido de demonstrar que não há uma só maneira de olhar, há diversos outros movimentos, como o *olhar para*; o *olhar com* e o *ouvir vendo*. As grafias são modos de subjetivação outros. Dentro do meu processo criativo de confecção das grafias foi importante compreender a mim mesma e como se dava a minha relação com os outros, com a materialidade e a imaterialidade à minha volta, havia, portanto, um aspecto transformacional na forma de conhecer.

A disciplina Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias tinha a preocupação de fazer antropologia por meio da compreensão de outros modos de existir que percebem o mundo. O professor Luis Felipe pontuou que os exercícios tinham como base a sua experiência dentro da Arte Org. Conforme Hirano:

A Arte Org foi criada por Jovino Camargo Jr. Com terapeutas do Brasil e do Chile nos anos 1980, com vistas a atualizar a teoria reichiana. Jovino e outros terapeutas observaram que o corpo e a percepção haviam mudado desde que Reich formulou sua teoria e seus métodos clínicos. Grosso modo, a Arte Org defende que, na atualidade, as defesas psíquicas estão mais concentradas no segmento perceptivo do que no corporal, sendo necessária uma prática terapêutica para equilibrar novamente a relação entre percepção e corpo (Hirano, 2023, p.02).

A percepção é um modo de subjetivação. Há múltiplas formas de ouvir e múltiplas formas de olhar, sendo a visão óptica – um olhar para e a visão tátil – um olhar com. O professor Luis Felipe ao se aproximar das perspectivas de Tim Ingold propõe exercícios que se diferenciam das metodologias passivas, em que era destacada a ontologia pelo fazer. A justificativa de solicitar os desenhos era porque

eles poderiam mostrar coisas que sem eles não veríamos. Como comentei anteriormente, o desenho traz uma ideia de olhar atento, um olhar mais demorado.

Os exercícios práticos propostos na aula compartilham da proposta de Ingold (2015) em que o agir e o pensar acontecem ao mesmo tempo. Toda observação é uma forma de participação e não há distinção entre pensar e agir. O professor citou que Ingold critica o fato que na Antropologia a experimentação aconteça apenas no trabalho de campo e que em sala de aula as experimentações pouco existem. Diante desse fato ele comentou que os exercícios ajudam a estranhar o familiar e repensar os modos de pedagogia. Ao experimentar em sala de aula é possível fazer o conhecimento crescer dentro da gente. Diante dessas considerações, produzi os seguintes desenhos:

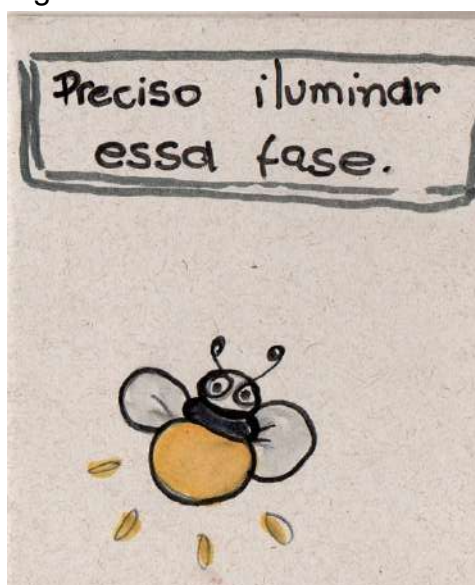


Figura 87 – Iluminar
Técnica: canetinha sobre papel reciclado
Dimensões: 7,5 x 10,5 cm
Produção da autora, 2021

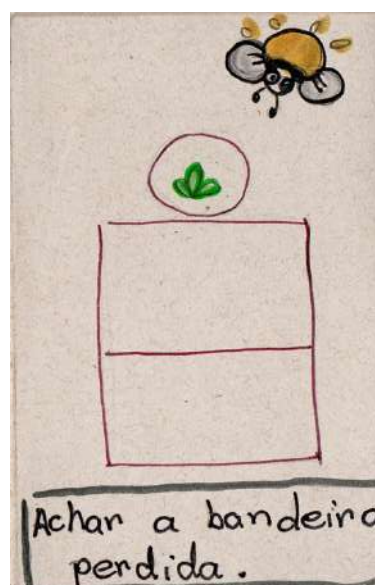


Figura 88 – Iluminar 2
Técnica: canetinha sobre papel reciclado
Dimensões: 7,5 x 10,5 cm
Produção da autora, 2021

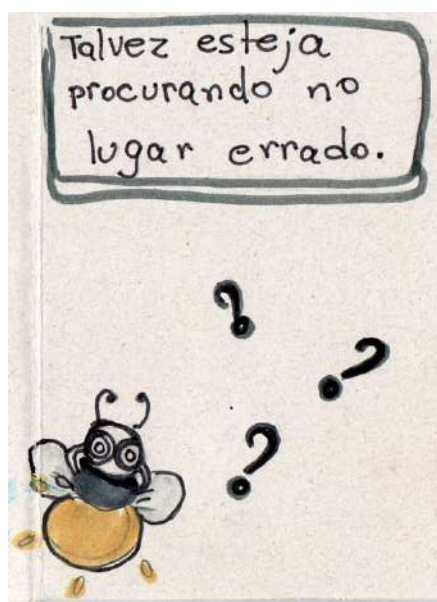


Figura 89 – Iluminar 3
Técnica: canetinha sobre papel reciclado
Dimensões: 7,5 x 10,5 cm
Produção da autora, 2021

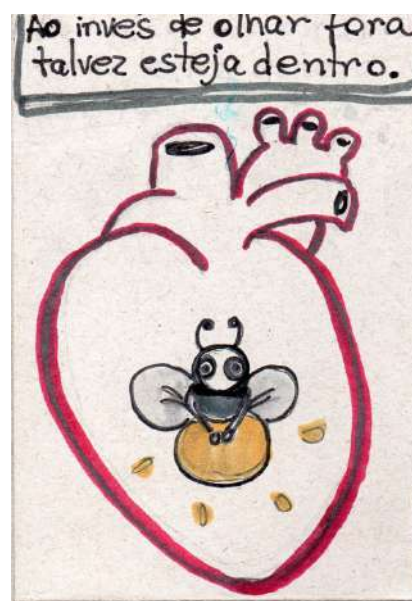


Figura 90 - Iluminar 4
Técnica: canetinha sobre papel reciclado
Dimensões: 7,5 x 10,5 cm
Produção da autora, 2021



Figura 91 - Iluminar 5
Técnica: canetinha sobre papel reciclado
Dimensões: 14,7 x 10,5 cm
Produção da autora, 2021

Na aula, o professor Luis Felipe frisou que algumas dicotomias precisam ser superadas, a exemplo que não há uma distinção entre pensar e agir, assim como ação e pensamento vem conjuntamente. Os exercícios práticos propostos nas atividades assíncronas estão dentro desta ideia de agir e pensar ao mesmo tempo.

Luis Felipe pontuou que os exercícios indicados nas aulas foram pensados minuciosamente por vinte anos dentro da Art Org e interessam não somente no processo, mas aquilo que vem como consequência. Os exercícios da disciplina Antropologia da Percepção eram superficiais, ou seja, a pessoa não acessava profundamente percepções/sentimentos sem dispor do apoio do espaço terapêutico.

Uma das alunas comentou sobre dificuldades em desenhar as propostas dos exercícios, considerou que aquilo que produzia parecia muito irrelevante e até mesmo “bobo”. O professor comentou, no final de março de 2021, que poucos alunos tinham enviado os exercícios práticos e estava preocupado. Sendo assim, iniciou a aula comentando o fato e gostaria de compreender o que estava acontecendo, pela falta de participação, pois os exercícios propostos tinham várias opções e propostas diversas. As alunas (os alunos) relataram que tinham muitas dúvidas sobre a experiência do desenho, o que significava esse expressar movimentos e sensações. Luis Felipe percebeu que as alunas (os alunos) estavam preocupadas (os) em enviar os desenhos em formato figurativo. O professor explicou que se baseava nas considerações de Ingold, em que o desenho é a expressão do movimento, o desenho como fluxo. Os desenhos deviam ser pensados não como produtos, mas o que podiam refletir a partir deles, portanto, o que se interessava eram os efeitos a partir deles.

Luis Felipe pontuou, em entrevista, que muitos dos trabalhos entregues buscaram interpretar as sensações dos exercícios, ao invés de se deter na descrição das sensações dos próprios exercícios. Ele considera que vivemos em um mundo com excesso de significados que, às vezes, atrapalham a percepção das próprias sensações corporais e perceptivas. A Arte Org, para ele, ensina a sentir sem a necessidade de atribuir nenhum significado ao sentimento, o que o mesmo considera um grande aprendizado em um mundo em que tudo precisa ter uma razão ou um significado. Portanto, se permitir apenas sentir, pode ser algo extremamente transformador nesse contexto.

Na entrevista perguntei ao professor Luis Felipe o porquê os exercícios não integraram o momento de sala de aula e ficaram no espaço privado das(os) alunas(os). Ele respondeu:

Vivemos em uma sociedade em que tudo tem que ser mostrado e exposto. Do ponto de vista da Terapia Arte Org parte de nossos problemas psíquicos contemporâneos têm relação com essa exposição exagerada, onde as pessoas não têm necessariamente defesas para lidar com o olhar e a opinião alheia. A opção de não mostrar no espaço coletivo, foi justamente para que as pessoas pudessem ter mais liberdade ao desenhar e falar sobre suas experiências com os exercícios (entrevista em 04/03/2024).

Também o questionei sobre quais eram suas abordagens pedagógicas, ou seja, como ele pensava sua relação com o tema e a experiência em sala de aula.

Compreendo que a leitura do texto é uma prática de escrita e de fala, mas nessa disciplina também tinha a dimensão dos exercícios e dos desenhos. Procuro nesse sentido uma abordagem pedagógica que prioriza a escuta e a liberdade dos discentes em poder criar e ler os textos a partir dos próprios pontos de vista (entrevista em 04/03/2024).

Luis Felipe explicou que nessa disciplina ele lia o texto da referência bibliográfica⁶¹ da aula e lembrava do roteiro do exercício corporal e perceptivo. Para dar essa disciplina, ele conversou bastante com Javiera Abufhele, terapeuta Arteorguiana, que utiliza exercícios da Arte Org em suas aulas e oficinas de canto e música. Como ela é formada em psicologia e na terapia Arte Org, ela o orientou sobre quais exercícios ele poderia utilizar com segurança entre as(os) discentes. Ele também tem formação em terapia Arte Org, o que o habilita a compreender os efeitos dos exercícios.

As aulas de Antropologia da Percepção articulavam os conceitos de Tim Ingold com os exercícios da Arte Org oferecendo uma pedagogia impulsionada pelo movimento, pela gestualidade e pela sensibilidade. O professor nos convidou a ver a percepção como um processo ativo e incorporado interligado às práticas e ao ambiente.

O fazer antropológico construído na disciplina envolveu o questionamento de fronteiras que se dizem bem definidas como corpo e mente, pessoas e materiais. A disciplina, na verdade, questionou e desafiou as divisões tradicionais dicotômicas.

⁶¹ A bibliografia dessa disciplina encontra-se nos anexos.

Uma tese sobre como ensinar Antropologia com desenhos destaca a importância das grafias como prática multifacetada que oferece diversas maneiras de engajar-se no mundo e de comunicar experiências e conhecimentos.

O próximo relato de processo criativo é sobre como se deu a construção do projeto “Desenhando o entrelaçar do cerrado goiano com as ruínas: em busca de uma simbiose possível entre humanos e não humanos”. Tudo começou com a construção de um mapa mental com os principais tópicos e citações da obra “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno” de Donna J. Haraway.

Mapa mental é uma representação visual de informações que organiza ideias em torno de um tema central, ou até mesmo vários temas/categorias, de acordo com a proposta de quem o realiza, usando palavras-chaves e ramos conectados para mostrar as relações e interdependências entre os diferentes elementos da composição visual.

O mapa mental me ajudou a compreender melhor os conceitos de Donna Haraway e como os transformaria em desenhos, figuras 26 a 34 desta tese. Abaixo está o mapa mental e os recortes do mesmo para a melhor visualização.

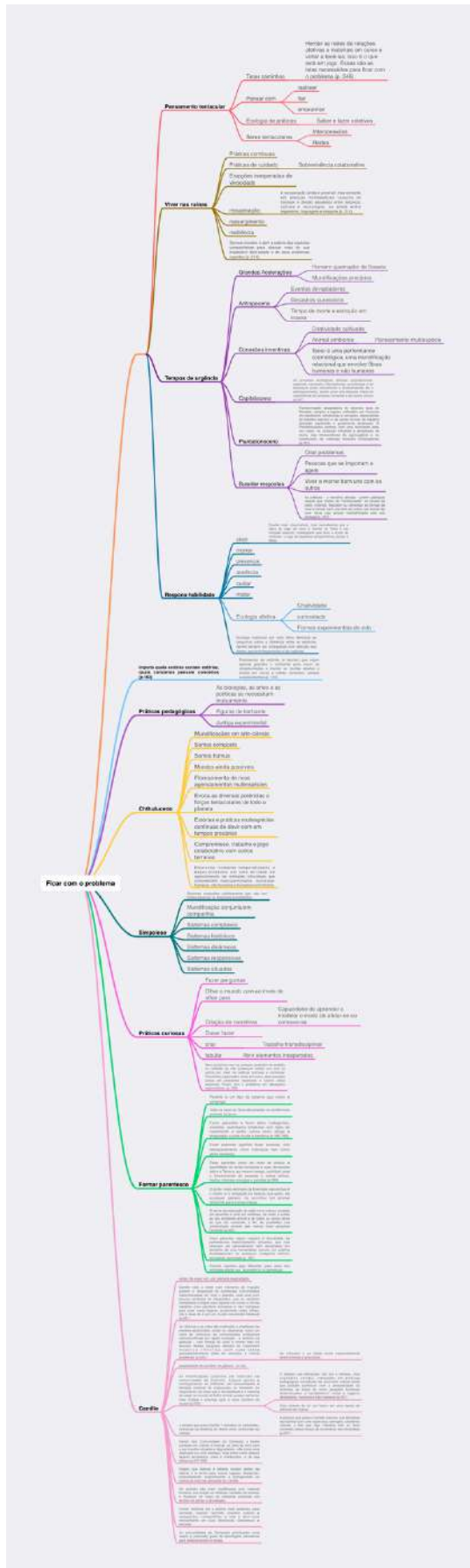
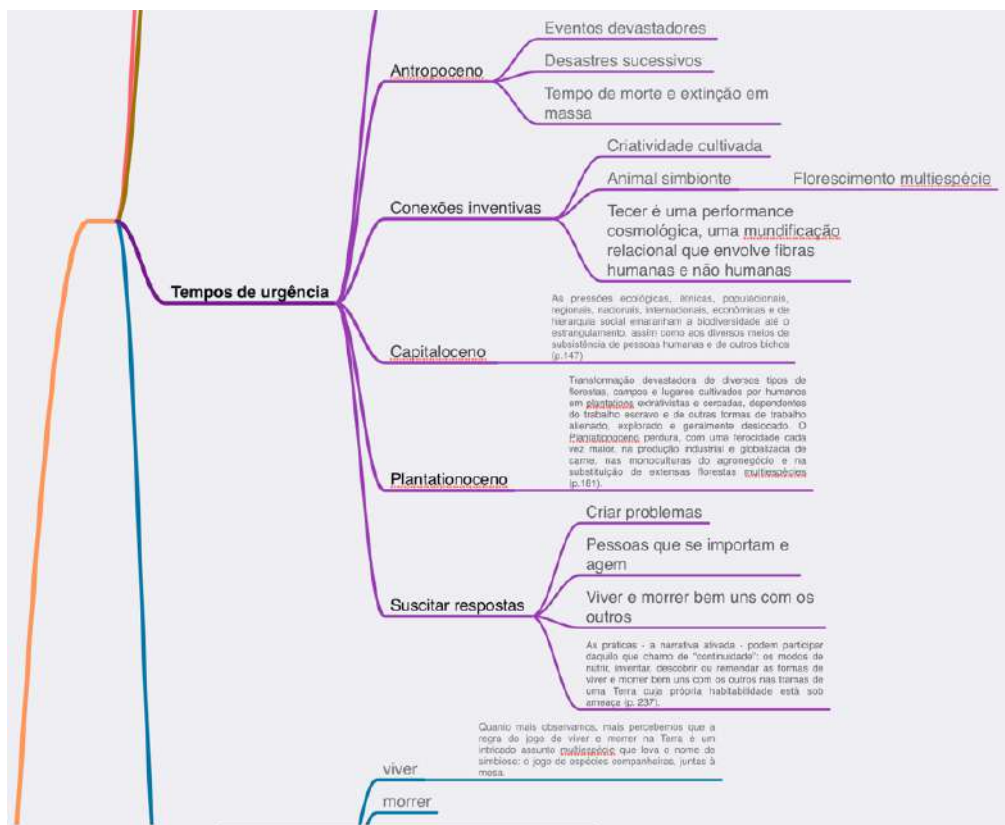
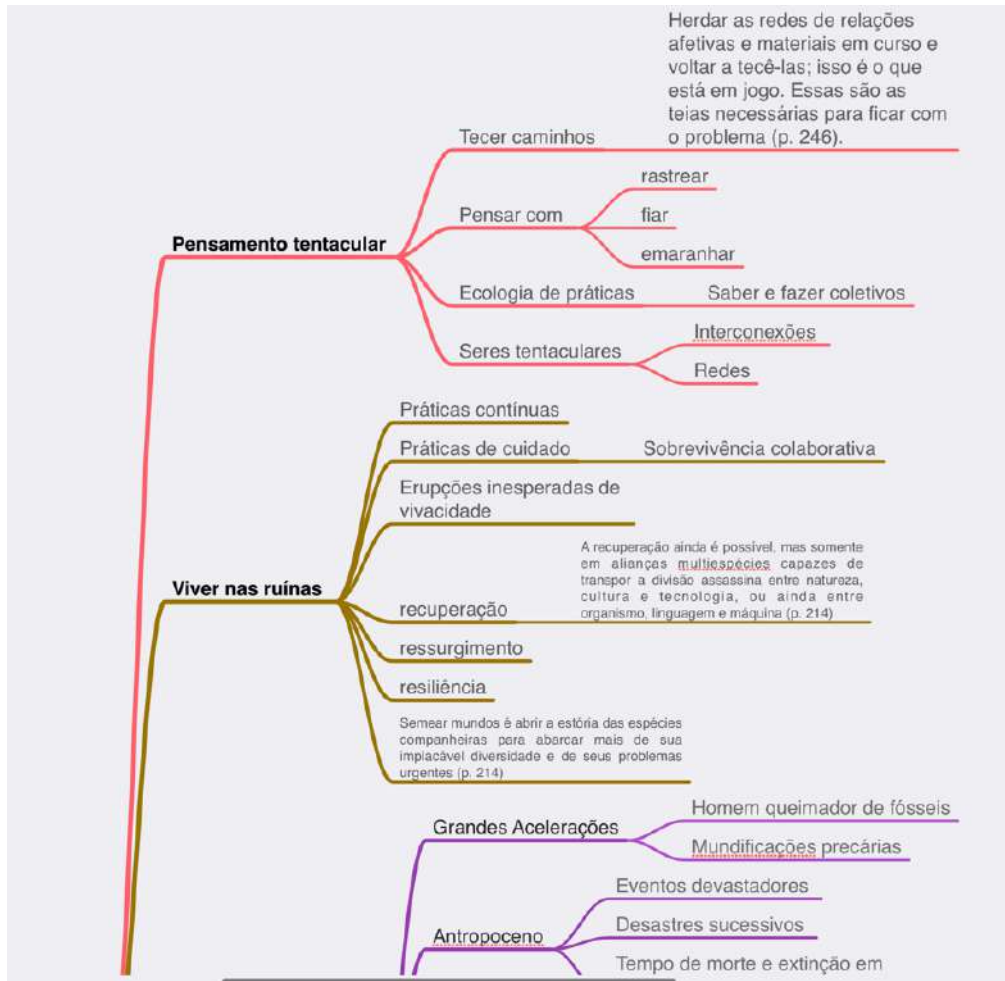
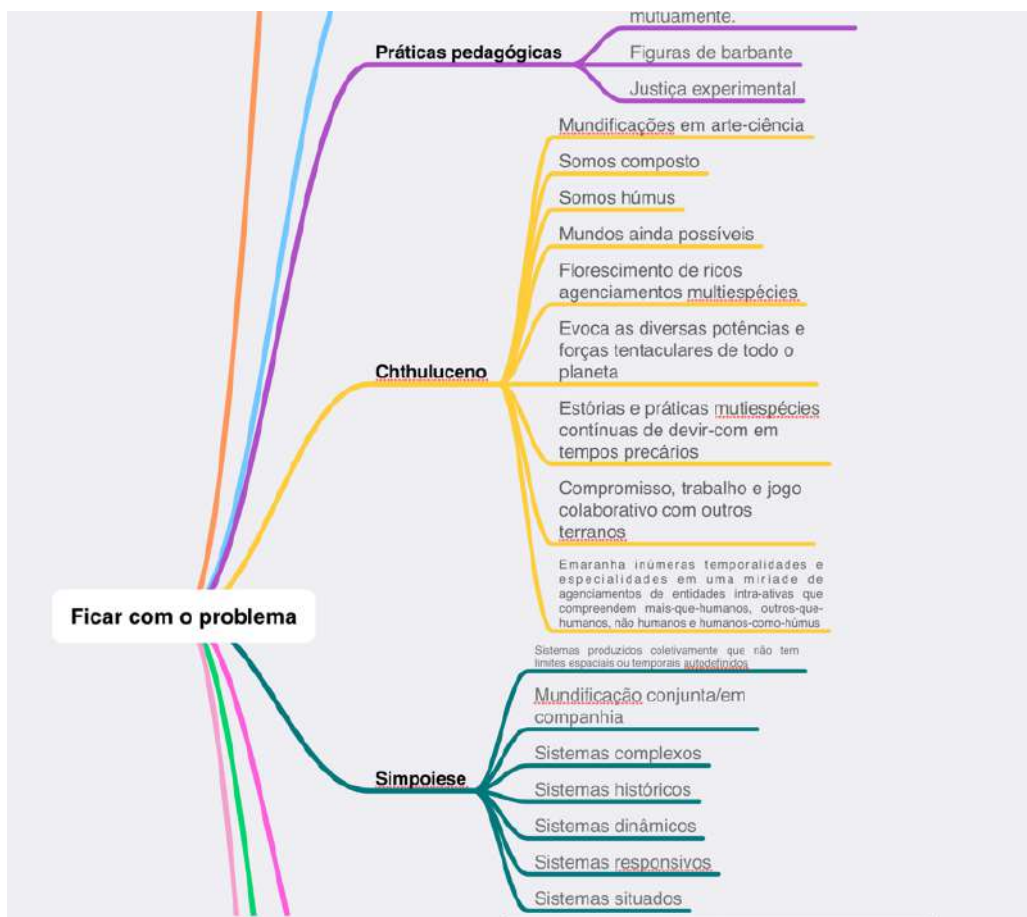
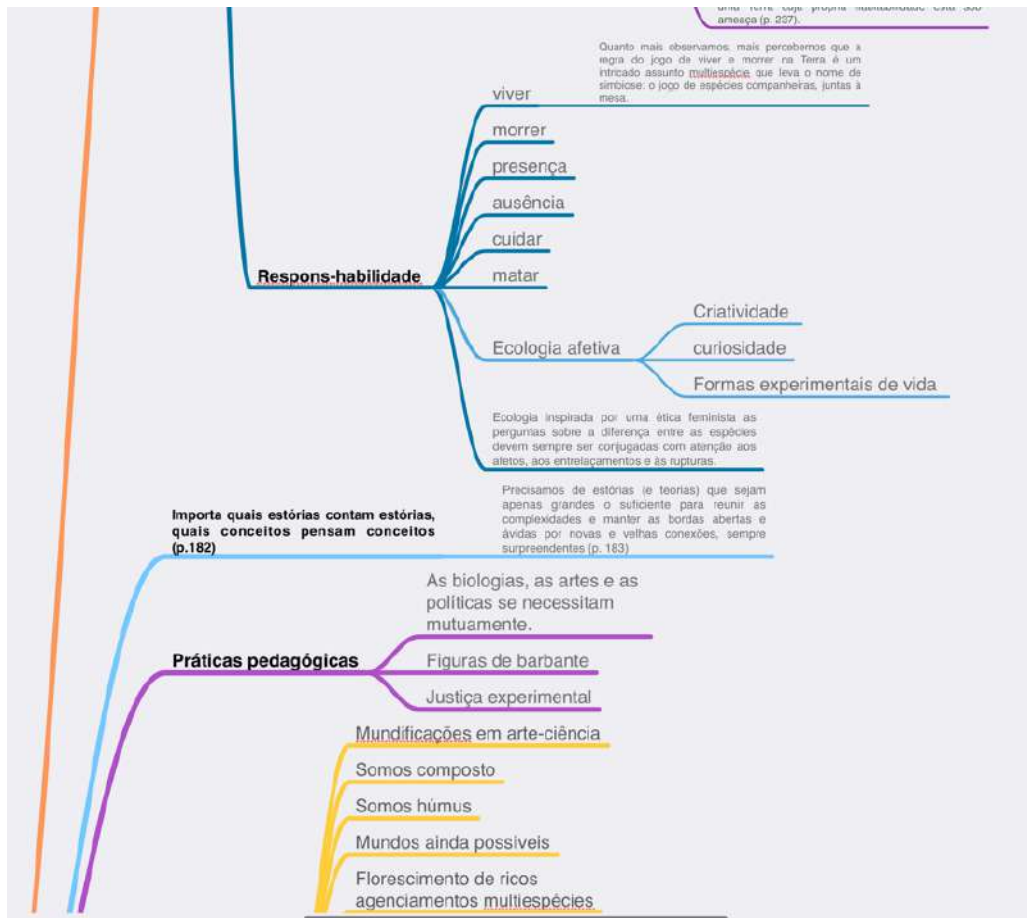
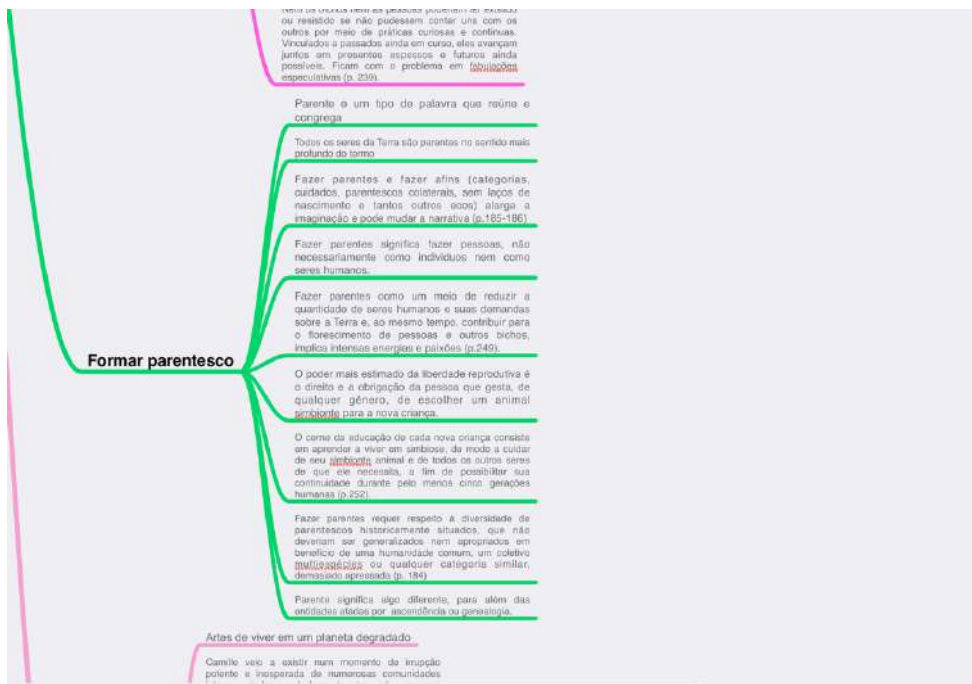
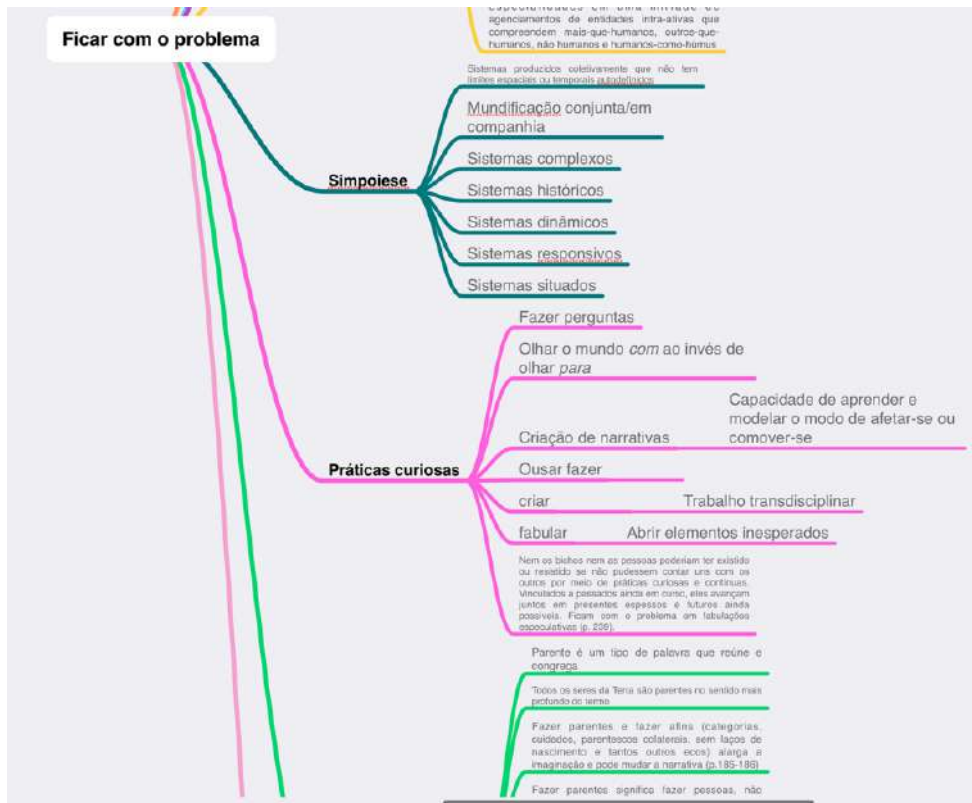
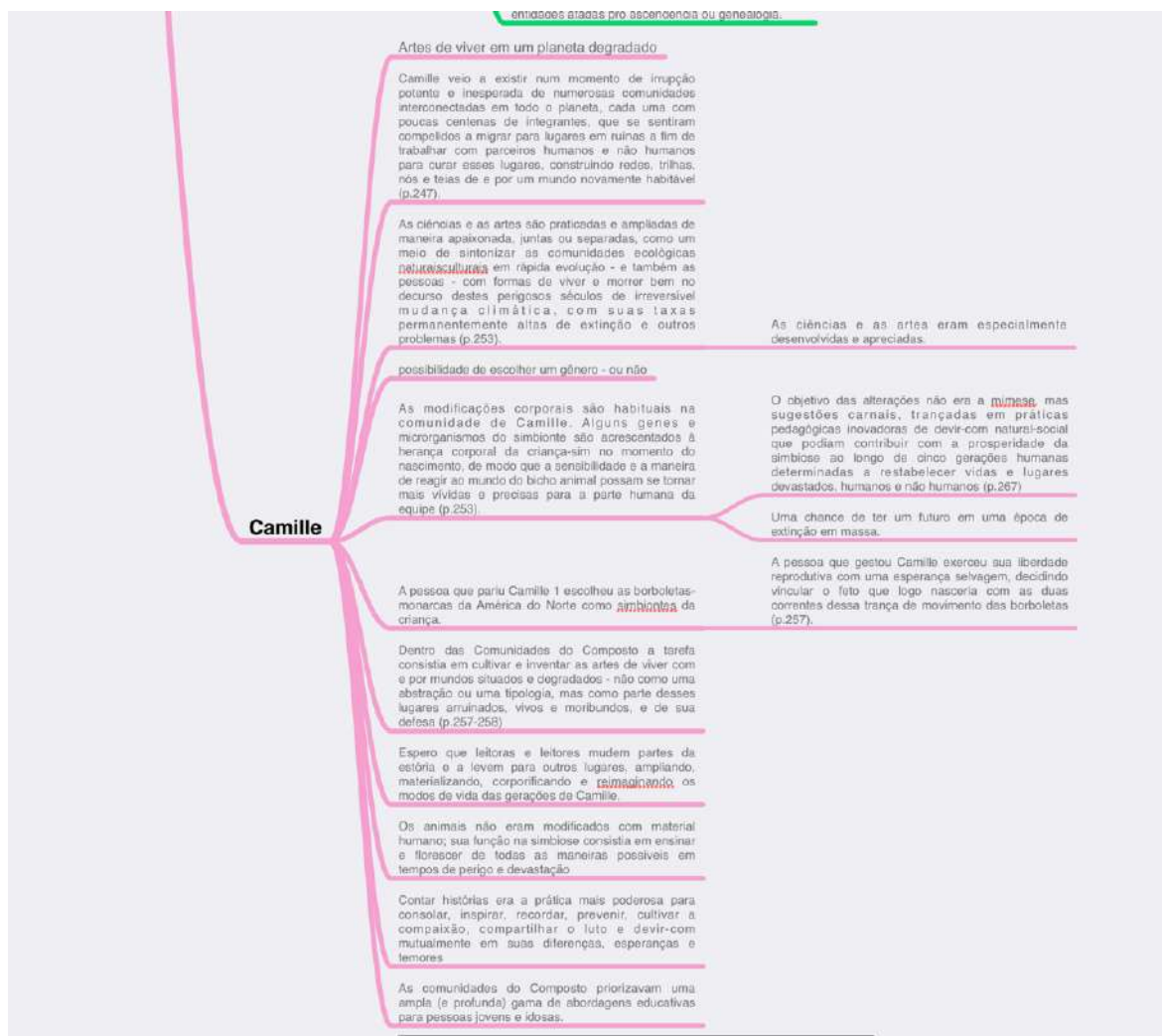


Figura 92– Mapa mental da obra “Ficar com o Problema” construído no aplicativo MindNode









As cores escolhidas foram a partir do painel conceitual abaixo.



Figura 93 – Painel Conceitual “Desenhando o Entrelaçar do Cerrado Goiano com as Ruínas: em Busca de uma Simbiose Possível entre Humanos e Não Humanos”.

O painel conceitual auxiliou a visão por imagens dos conceitos de Donna Haraway, a citar os principais que coloquei no mapa mental:

1. Tema central: ficar com o problema;
2. Pensamento tentacular;
3. Viver nas ruínas;
4. Tempos de urgência;
5. Responsabilidade;
6. Práticas pedagógicas;
7. Chthuluceno;
8. Simpoiese;
9. Práticas curiosas;
10. Formar parentesco;

11. Camille

Ao unir o mapa mental com o painel conceitual criaram-se referenciais visuais que organizaram e sistematizaram conceitos que utilizei nos desenhos destacando suas inter-relações e significados.

Outra experiência de produzir mapas mentais para a confecção de desenhos foi quando estive em Campinas (março a julho de 2023) onde frequentei como ouvinte a disciplina “Antropologia, Arte e Imagem” proferida pela Professora Doutora Fabiana Bruno.

Nesta disciplina foi requerido que lêssemos a obra “Escute as Feras” de Nastassja Martin.

O mapa mental do livro “Escute as Feras” tem como palavras-chaves:

1. Sonhos;
2. Narrativas;
3. Experiências múltiplas;
4. Encontros;
5. Metodologia;
6. Fronteiras

Em seguida do mapa mental há os recortes de cada palavra-chave para melhor visualização do conteúdo.

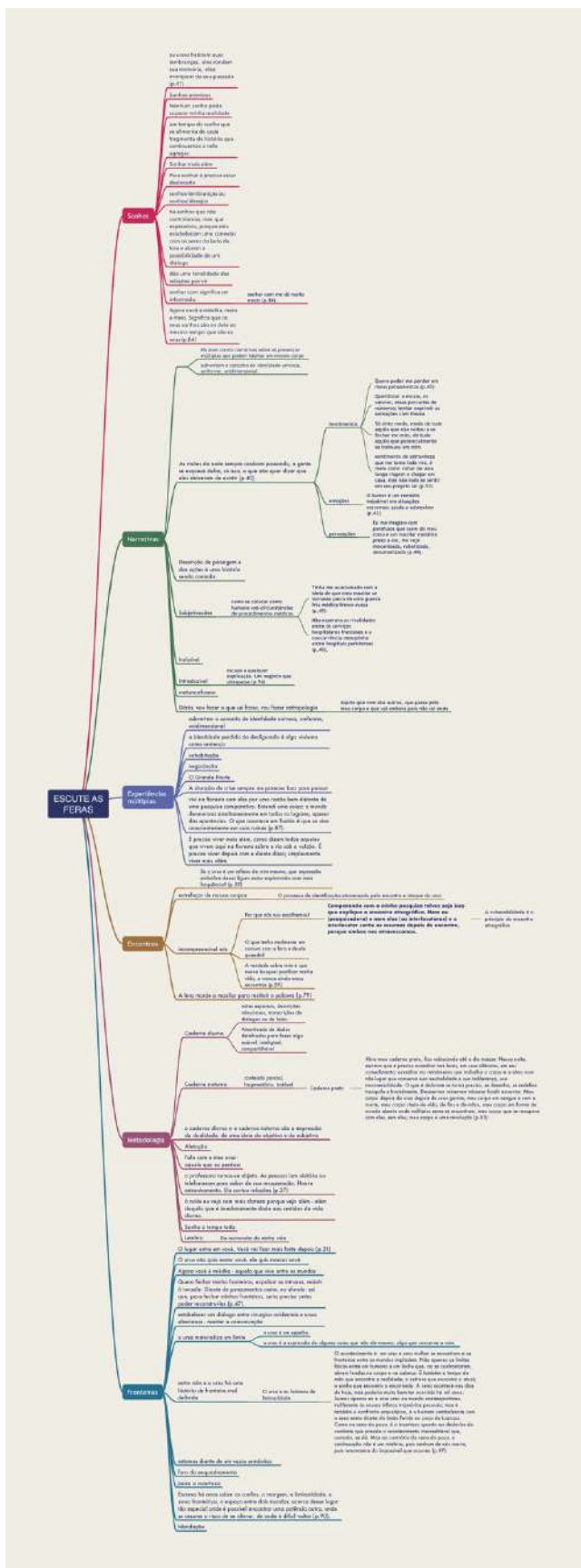
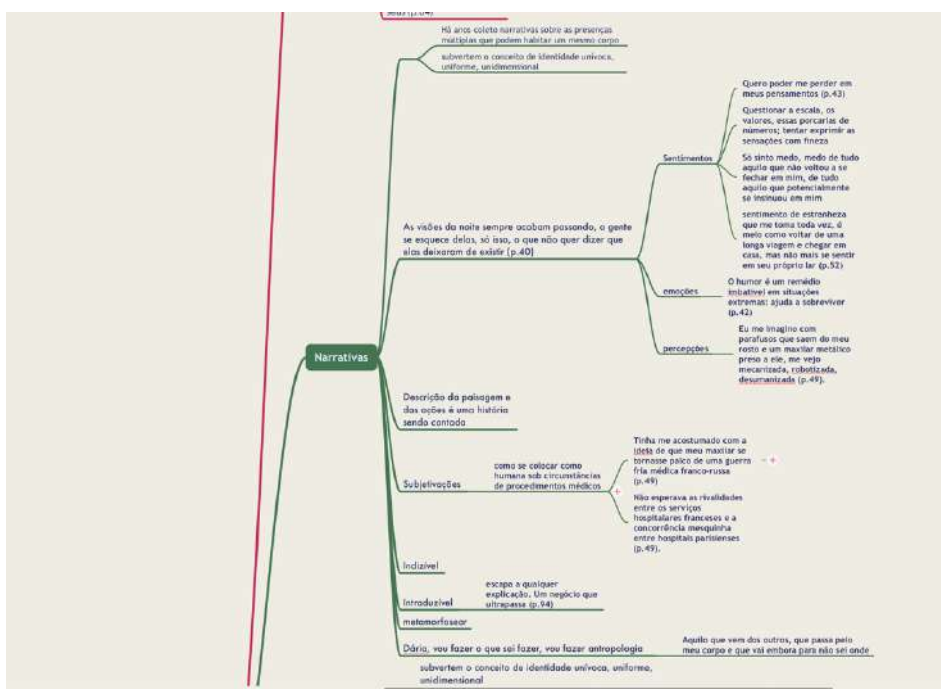
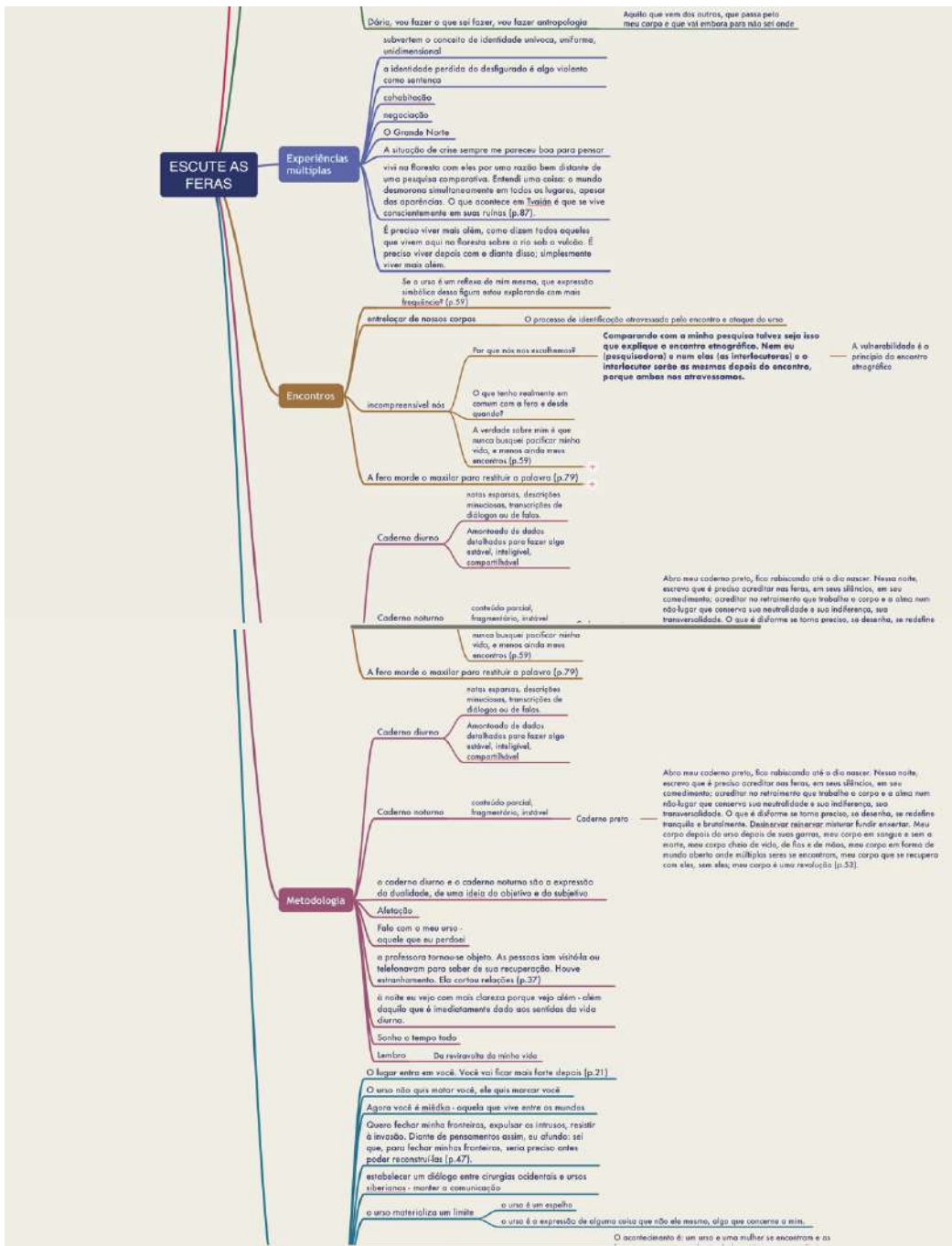
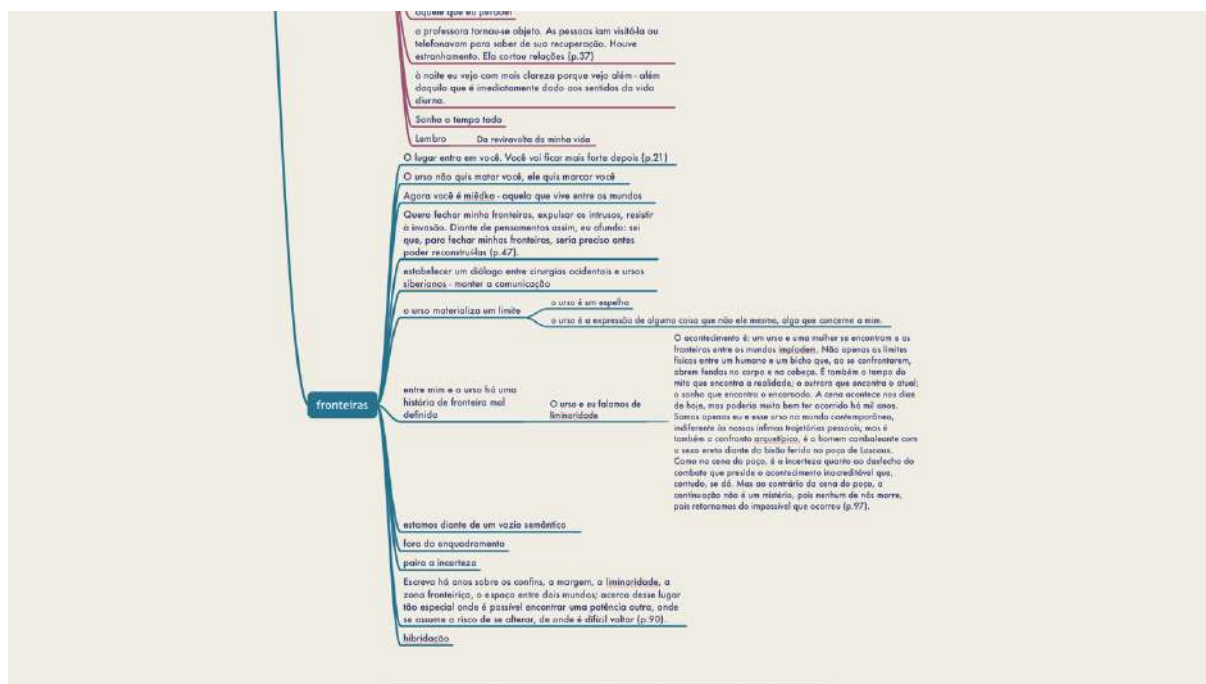


Figura 94 - Mapa mental da obra “Escute as Feras” construído no aplicativo MindNode







Depois do mapa mental foi importante produzir o painel conceitual para facilitar a produção dos desenhos. A escolha das cores do desenho seguiu a perspectiva de manter o clima gélido da Península de Kamchatka, mas com o toque do vermelho vibrante das cores do verão e também significa o encontro famigerado do urso com a pesquisadora, onde ambos foram marcados.



Figura 95 – Painel Conceitual da obra “Escute as Feras”.

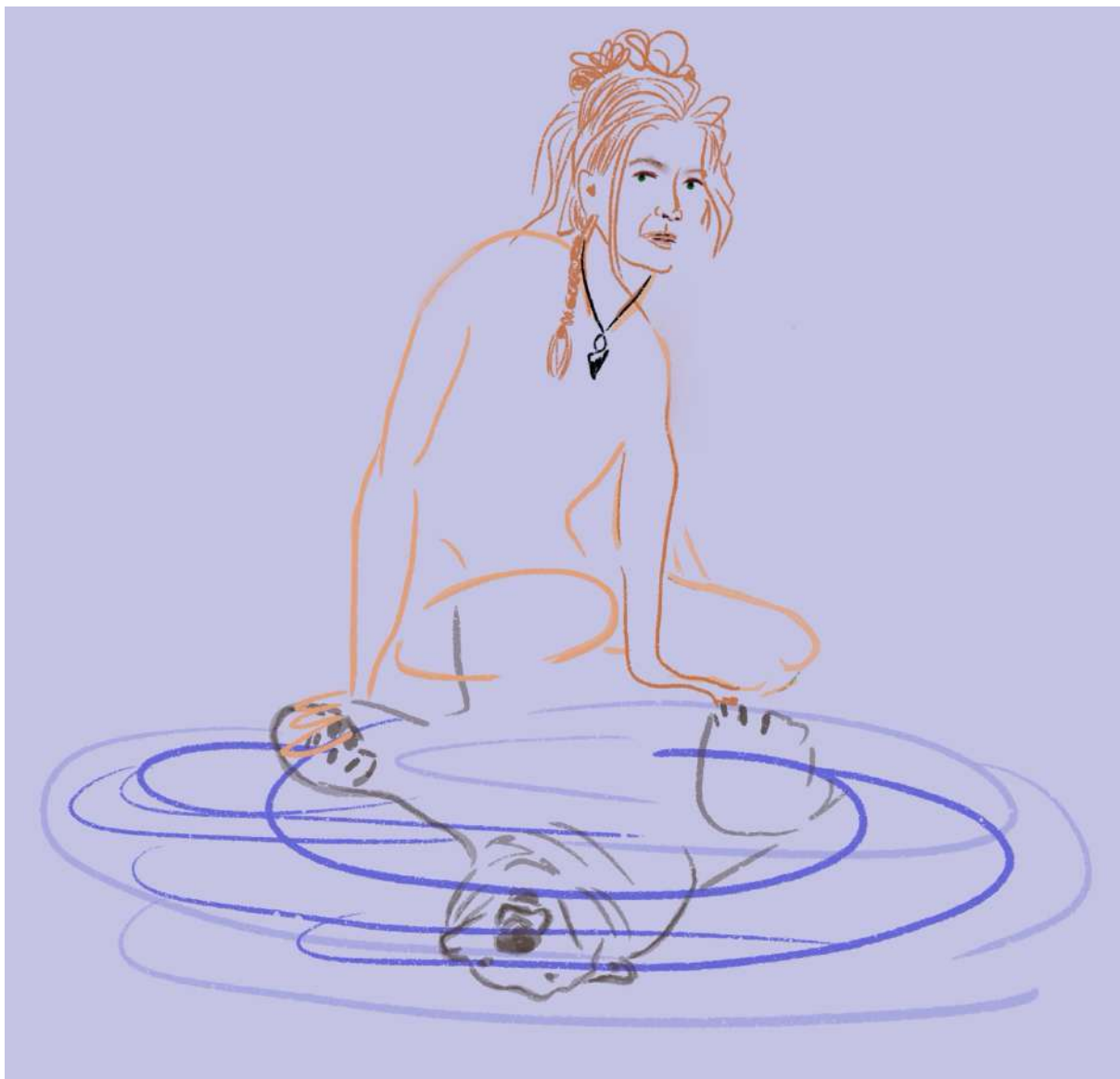


Figura 96 – O espelho/fronteira
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 1548 x 1548 px
Produção da autora, 2023



Figura 97 – O encontro
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 1557 x 2770 px
Produção da autora, 2023

O processo de ilustrar um conceito começa com a elaboração de um mapa mental que se assemelha à ação de confeccionar uma rede, ou seja, ao costurar as imagens com as palavras, as ideias vão se expandindo em vários fluxos sejam do centro para as margens, como das margens para o centro.

Ao investigar os conceitos dessas duas obras “Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthuluceno” de Donna Haraway e “Escute as Feras” de Nastassja Martin aliados à potencialização dos múltiplos sentidos e sensorialidades na articulação entre as linhas, as formas, as cores, portanto, com os desenhos, convoco uma relação expandida entre as palavras e as imagens, estimulando a imaginação como uma estratégia para se enxergar os invisíveis, os pormenores das construções narrativas e até mesmo para contribuir com os modos de ver e conhecer o mundo.

Esses desenhos, incluindo o desenho do mapa mental, são maneiras das imagens nos fazer pensar, como afirma Samain (2012, p.31) “a imagem nos provoca a pensar, nos convoca a pensar. A imagem é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante”.

Isto posto, levando em conta o estímulo proveniente das leituras, da produção dos mapas mentais, dos painéis conceituais e dos desenhos, me somo às outras pesquisadoras e pesquisadores que são multiplicadores de tessituras criativas.

Ao final, gostaria que a leitora ou o leitor compreendesse que esta tese enfatiza uma produção sensível e viva de construção da ciência, que combina a linguagem dos desenhos de modo a me somar nos esforços atuais de variadas(os) pesquisadoras(es) na promoção de transformações epistemológicas que a Antropologia passa no contemporâneo.

CADERNO 02

DESENHAR ETNOGRAFIAS

KAL – ato ou efeito de se adaptar, moldável, prática.

Elemento que age em terrenos ácidos.

Moldar, aterrar, canalizar.

Muito prazer meu nome é KAL

Katianne Almeida



Figura 98 – Posicionalidade
Técnica: aquarela e lápis de cor sobre papel Arches 300g
Dimensões: 15 x 21 cm
Produção da autora, 2024

Veio lá de longe
A convite
Como borboleta do fogo
A queimar meus
pensamentos,
A labaredar e esvoaçar
sementes
Aina Azevedo
E quanto mais próxima
Em seus detalhes
Em seus sussurros
Logo me disse
É preciso desenhar,
Na verdade, é possível
desenhar e fazer
Antropologia.



Figura 99 – *Dryas iulia*
Técnica: aquarela sobre papel toned watercolor paper Hahnemühle 200g
Dimensões: 20 x 20 cm
Produção da autora, 2023

Uma chama
incendiou o cerrado
Crepitando de
vermelho vontades
de ir além,
De escrever além,
De sentir além,
De expressar
além...

E para onde nós
vamos?
“Nós vamos para o
futuro”

Naquele momento,
Numa mesa de
café



Figura 100 – Labareda no cerrado
Técnica: aquarela sobre papel toned watercolor paper Hahnemühle 200g
Dimensões: 20 x 20 cm
Produção da autora, 2023

Romperam-se os limites da sala de aula, onde eu não era mais somente uma aluna
Ou aquela que pesquisava professoras e professores
Também não era mais uma relação entre aluna e professora,
Ou entre uma educadora e quem recebia e anotava informações e conselhos,
Eu estava ali presente na história dela,
Na história do desenho e da Antropologia no Brasil
Estabeleceu-se uma *relação com*
Era isso... que eu estava almejando
O que eu li por todo esse período
Desde 2018
Foi naquele singelo momento que eu enxerguei a *relação com*
E a partir daquele instante o mundo se ampliou muito mais
Era um mundo além.

Foi em uma ligação que o
tempo teve outro tempo

Outra batida, outro
compasso

Abriu-se uma brecha entre
o tilintar dos ponteiros do
relógio

- Oi mãe, tudo bem? Tá
sentada?

- O quê que foi Katianne? O quê
que foi? O quê aconteceu?

Fala logo

- Mãe, passei no doutorado na UFG

- Oh, minha filha, parabéns, que bom.

Pena que a mãe não vai ter
tempo de te ver doutora.

No meio daquela vastidão

Daquele cerradão

Ouçó o bater de diversas
asas

Diversas borboletas

Estava anunciada a sua
partida

Emília

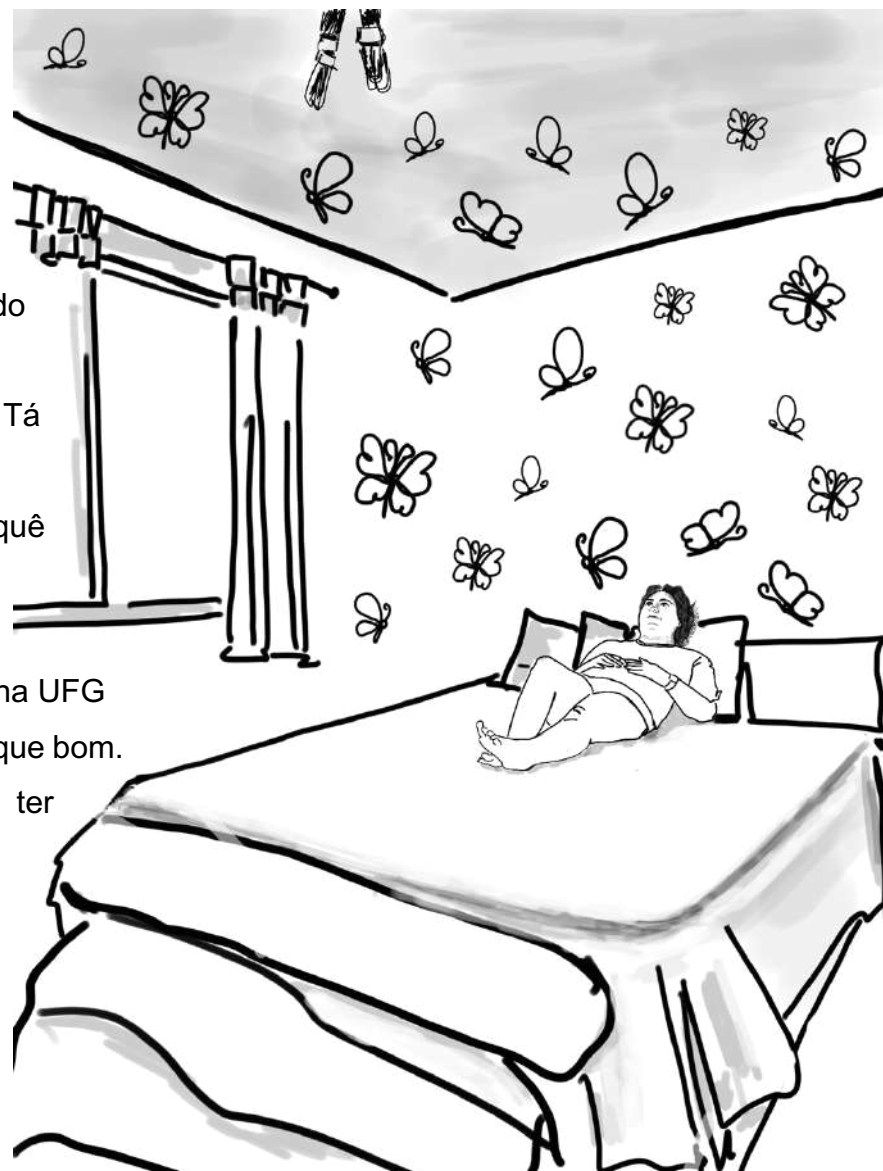


Figura 101 – Asas no quarto
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 1533 x 2038 px
Produção da autora, 2021

Nós duas

Eu e minha mãe

Eu e a família

Despedidas

Casamento

Outros processos

Outros desafios

Novas doenças

Uma pandemia

Comunidades de antropólogas e antropólogos em redes
Redes que se ampliaram pelas lives e congressos online

O tempo foi passando

1 ano

2 anos

3 anos

4 anos



Figura 102 – Redes

Técnica: aquarela e caneta nanquim sobre papel Arches 300g

Dimensões: A4

Produção da autora, 2020



Os cadernos são propostas de povoar
De semear ideias
De experimentar linguagens
Compartilhando uma manufatura do pensar

São importantes, portanto, três ideias:

1. O movimento;
2. O tempo;
3. O olhar

Figura 103 - Semear
Técnica: aquarela sobre papel toned watercolor paper Hahnemühle 200g
Dimensões: 20 x 20 cm
Produção da autora, 2023

O tempo tem uma grande relevância na minha pesquisa, porque ele se relaciona com o processo.

Processo é tempo

Nos processos as relações se movimentam

Como uma dança,

Em que os conhecimentos circulam

Formando redes.

Ao conhecer a Antropologia pelo desenho
Ao presenciar experimentações pedagógicas e metodológicas
Me sinto inquieta
Escrevo sobre a disciplina
A Antropologia
Que almeja se indisciplinar
Para povoar mundos com suas sutilezas e temporalidades diversas
Lá em 2019 na Reunião de Antropologia do Mercosul – a RAM
Escutei o chamado Antropoético
2019 e 2020 como ouvinte
2022 como comunicadora
O caminho aberto pelas pesquisadoras e pesquisadores atravessava muitas fronteiras
Diálogos para o ensinar e fazer Antropologia
Pelas experimentações
Pelas grafias
Potencializando a elaboração do pensamento antropológico
No campo, a primeira oportunidade de visualizar algumas fissuras se oportunizou na
disciplina - Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias
Com a mediação do professor Luis Felipe Hirano
Via pela tela
Ensino remoto que por vezes se tornava terremoto
Possibilidades de entrelaçar grafias
Um projeto Antropográfico se desenrolava
O foco estava no aprender-fazendo e no pensar-fazendo
Desenho e poesia
Percepções, movimentos, corporalidades e grafias
Polissemia das linguagens
Sensibilizada por Ingold a produzir conhecimentos que trouxessem a vida de volta
para a Antropologia
A vida percebida por meio de fluxos, como movimento
Compartilho a seguir três movimentos grafias
Produzindo Antropologia a partir da ontologia do fazer
Aprendendo Antropologia por meio de desenhos, pela percepção e sensorialidade
Tensionando conceitos

Valorizando processos

Espaço para o engajamento

Experimentar

Saltar no desconhecido

Desestabilização por vezes perigosa no campo da construção do pensamento científico

Experimentar é um estado de vivacidade

A potencialidade de uma produção sensível e performática faz parte de uma disputa

Convocada por pesquisadoras e pesquisadores indígenas e negras(os)

Reencantar a Antropologia

Tornando as epistemes também táteis

Poesias e desenhos como caminhos interessantes para a combinação de afetos e produção de conhecimento antropológico

Donna Haraway nos diz:

“Precisamos costurar colaborações improváveis

Na busca dos futuros possíveis

Mesmo que agora os vejamos como implausíveis

Todavia são reais”.

Movimento 01⁶²

As memórias estão espalhadas pelo corpo
 Elas irradiam para além do cérebro
 Os labirintos das sinapses se recordam do acalento do olhar para o céu
 O céu está intrinsecamente conectado ao alcance, ao mistério e à descoberta
 A que também se relaciona com o ato de meditar
 O horizonte, aquele ponto de fuga, até onde os olhos alcançam?
 Nas nuvens do céu, o pensamento dissipa-se, o olhar fica difuso.
 Era um dia de chuva, ao que se assemelhou a quase todos os dias dessa semana.
 Entretanto, parecia estranhamente fora do tropical geográfico
 Às quatro horas da tarde eu não reconhecia minha vizinhança, esse território tão cotidiano
 Muitas nuvens carregadas e deixou o claro escuro e o dia noite
 Todavia, ao longe não se reconhecia o peso do céu sobre a terra
 Havia um brilho forte que rasgava a atmosfera.

⁶² Exercício da disciplina Antropologia da Percepção: “Uma janela para o céu”

1) Leve dois caramujos, copos ou tubos de papelão com você. Sente-se em um cômodo, seja em sua sala ou em outro lugar, mas de tal forma que você tenha uma janela aberta diante de você, através da qual você possa olhar para o céu.

E dedique os próximos cinco minutos olhando para o céu.

2) Olhe para o céu, experimente colocar os dois caramujos, copos ou tubo de papelão próximos aos ouvidos.

3) Experimente olhar com a visão panorâmica da sala e mantendo o olhar na janela.

4) Volte a olhar apenas para o céu.

5) Agora mantenha o olhar para o céu, mas coloque sua atenção nos marcos da janela. Deixe os olhos bem soltos de tal forma que o marco apresente um brilho esbranquiçado de contorno difuso.

6) Continue olhando na mesma direção, feche os olhos e veja se a janela aparece como uma pós-imagem no campo de sua visão. Permaneça um tempo, de olhos fechados, observando os tons que aparecem sobre o fundo escuro de sua visão.

7) Volte agora a simplesmente olhar para o céu da forma mais distraída possível.

Grafia

1) Faça um desenho ou uma fotografia que expresse a experiência (não precisa entregar o desenho e/ou a fotografia).

2) Faça o relato seguindo as seguintes perguntas:

a) Você conseguiu ficar distraído/a?

b) O que facilita mais o ficar distraído/a o som do caramujo, a visão panorâmica ou nenhuma coisa?

c) Descreva o escutar do som dos caramujos?

d) O que acontece com a visão panorâmica da sala quando você olha pela janela?

e) E os pensamentos, eles te deixaram em paz ou estavam funcionando durante todo o tempo?

f) Descreva a pós-imagem da janela de olhos fechados?

g) Quais foram suas impressões?

Fechei os olhos e o brilho também rompia o vazio negro de camadas que se compunham para desconfigurar o cenário figurativo, ao qual estava exposta por tantos minutos.

Vidros de requeijão Itambé nos ouvidos e o corpo se lembrou do chuveiro

Retomei aquela quietude

Engraçado, pois não estava chovendo lá fora, mas dentro de mim transbordava um líquido que preenchia todo o meu ser.

Não era sangue, não era água, não eram pensamentos líquidos, era a fluidez da presença do ar vinda do céu, o ar virou líquido, pois o sentia percorrer, sentia correr, sentia navegar...

São inúmeras as camadas, os copos, a janela, o céu, o quarto, por onde fluía meu corpo para além de mim mesma era a sua busca por preencher o quarto.

O corpo, assim, se expandiu, sem gravidade, sem o peso da matéria e as nuvens nessa dança também se transformavam.

Ora nuvens, ora dragões, ora nada, porque elas não queriam ser nada, apenas a vagar ou ocupar espaços

Eu estava a flamar no puro objetivo de existir, sequer houve a dualidade da existência de pensamento ou da sua inexistência;

respirar aquele céu saciava minha sede de viver.



Figura 104 – As nuvens-dragões
Material: pastel seco sobre papel velour cinza da Hahnemühle 260g
Dimensões: A4
Produção da autora, 2021

Movimento e Grafia 02⁶³

Eu sempre tive bastante resistência à técnica do desenho cego nas aulas de artes, simplesmente eu não entendia qualquer conexão do movimento com a forma. Em 2021 fazendo duas oficinas de desenho que conectam Antropologia, desenho e esta disciplina sobre percepção, comecei a compreender o sentido de soltar o desenho quase no mesmo referencial do esforço de soltar os olhos, ou melhor, senti uma persistência para romper a força centrípeta que nos coloca no eixo do foco e expandir potencialmente o alcance da nossa visão e, conseqüentemente, os outros sentidos, no caso do desenho o tato.

⁶³ Movimento e grafia 02 – Desenhando polaridades - Exercício da disciplina Antropologia da Percepção.

Atmosfera de movimento: Sente-se em sua sala, pode ser com as janelas abertas. Ou sente-se na varanda ou mesmo no quintal de casa. Leve consigo um conjunto de giz de cera ou lápis de cor e algumas folhas de papel sulfite.

1) Desenhando o polo fechado:

a) Olhe de forma solta, com o olhar na altura do horizonte e panorâmico e se aperceba de tudo que está no seu campo de visão.

b) Veja se você se recorda em ver cores difusas com olhos fechados, quando fez os movimentos 1 e 4 (debaixo do chuveiro).

c) Desenhando ou rabiscando de forma bem difusa, tente passar este conjunto de pós imagem para o papel.

2) Desenhando o polo intermediário

a) Olhe de forma solta, com o olhar na altura do horizonte e panorâmico e se aperceba de tudo que está no seu campo de visão.

b) Agora, tente se recordar da impressão de luminosidade da sala que mais te marcou no movimento 2 (enrolando e desenrolando fios).

c) Desenhando ou rabiscando de forma bem difusa, tente passar este conjunto de imagens em um novo papel. Caso não se lembre, desenhe o que está vendo, ora colocando a atenção no olhar, ora colocando a atenção no desenho.

3) Desenhando o polo aberto:

a) Volte a olhar de forma solta, com o olhar na altura do horizonte e panorâmico e se aperceba de tudo que está no seu campo de visão.

b) Agora, tente se recordar da impressão de luminosidade do céu que mais te marcou no movimento 3 (Uma janela para o céu)

c) Desenhando ou rabiscando de forma bem difusa, tente passar este conjunto de imagens em outro papel. Caso não se lembre, desenhe o que está vendo, ora colocando a atenção no olhar, ora colocando a atenção no desenho.

4) Desenhando o contexto:

a) Volte a olhar de forma solta, com o olhar na altura do horizonte e panorâmico e se aperceba de tudo que está no seu campo de visão.

b) Preste atenção neste “todo” do campo de visão, comece rabiscar ou desenhar aleatoriamente, ora colocando a atenção no olhar, ora colocando a atenção no desenho.

Desenhe quanto tempo e quantas vezes quiser.

c) Procure também ir anotando, da forma que você achar melhor, em seu relato as principais impressões e sensações, que você teve conforme foi desenhando.

Na Grafia 02 explorei tanto a técnica do desenho cego quanto da linha contínua, como se um suspiro profundo trouxesse uma sequência de percepções panorâmicas ambientais. Além da escolha das técnicas, as ferramentas também foram importantes para o movimento, escolhi uma caneta de ponta grossa (1.2) e canetinhas para enfatizar a sensação difusa das cores.

A cada movimento de vai e vem, os olhos se libertavam do centro focal e tentavam se conectar com a pós-imagem. A memória parece um espectro que brinca com a nossa forma de vida contemporânea, essa tão automática e tão dispersa. O ambiente que é tão familiar, minha sala, nessa prisão pandêmica, como pode ser tão indecifrável em suas linhas, formas e volumes?

Em duas mesas há tantos materiais, são porta-retratos com estórias históricas, plantas que acompanhei delicadamente o crescimento de cada broto e a secura do inverno do cerrado, a parede que comecei a pintar no feriado de carnaval de 2018 e somente em 2022 que finalizei, assim como a lembrança da vela que precisei acender para iluminar os dias ou para trazer luz nesse túnel tão profundo e escuro dos momentos atuais.

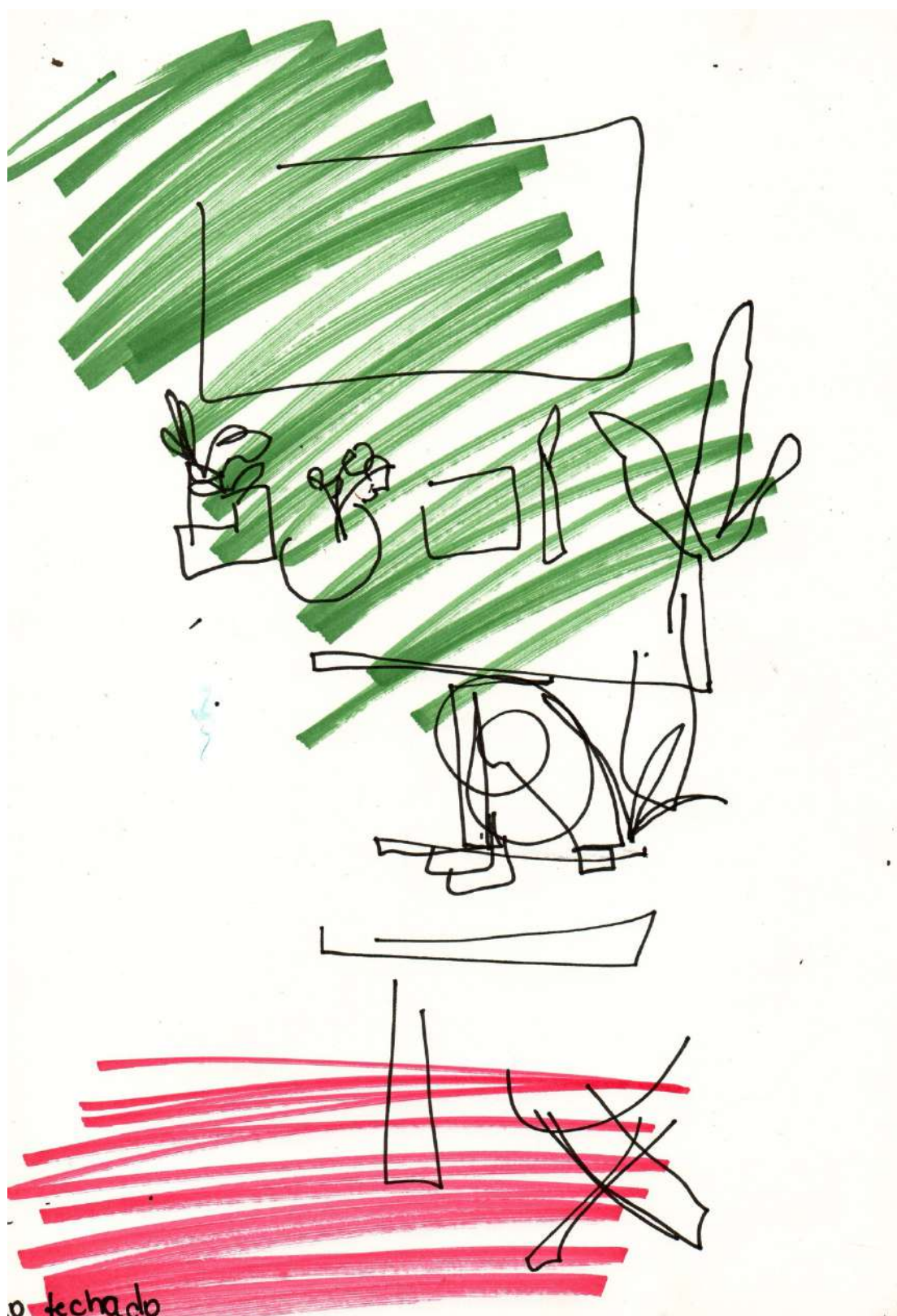


Figura 105 - Polo fechado
Técnica: marcador permanente Sharpie e Copic sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

O primeiro desenho do polo fechado há um contraste definidor entre a cor do chão, que é meu tapete, e a cor da parede e os elementos que se interpõem e demonstram minha identidade para o local.



Figura 106 - Polo intermediário
Técnica: marcador permanente Sharpie e Copic sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

Diante do exercício do polo intermediário pude me concentrar nos volumes dos objetos visualizados. Ao enrolar e desenrolar os fios do barbante, figura 14, o tempo foi o aliado para o processo de afinidade dos sentidos com o ambiente. Sem pressa, porque o movimento de vai e vem precisa de tempo e este tempo tem outra medida que está para além dos segundos e minutos, ele é o tempo do enrolar e desenrolar, ele é o tempo da ação, do toque, da circularidade.

Essa circularidade traz mais peso para o desenho abaixo, as cores tem um espaço mais definido e as formas estão mais concentradas.

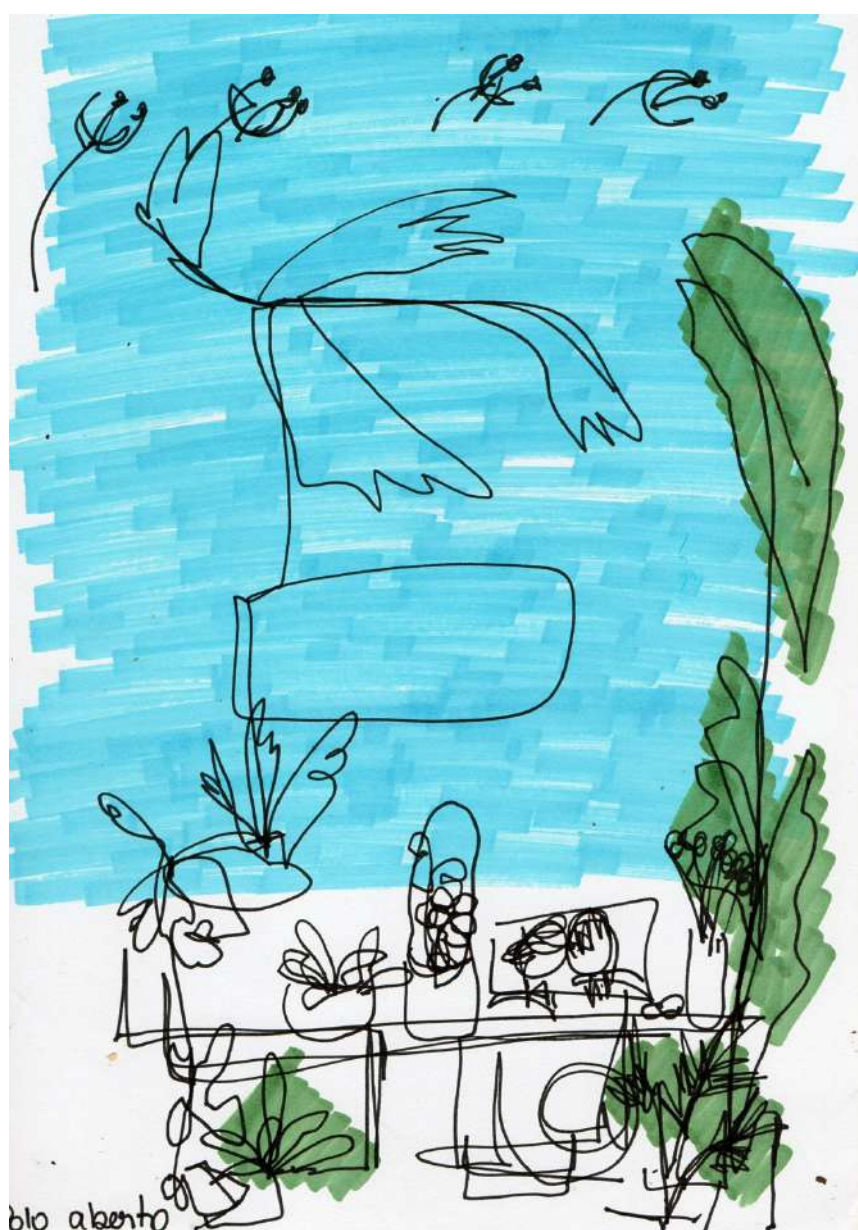


Figura 107 - Polo aberto
Técnica: marcador permanente Sharpie e Copic sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

A construção da grafia do polo aberto trouxe a lembrança do dragão que atravessou o céu e ofuscou o meu olhar relembrando viagens que hoje sei que tinham o sentido de fuga do cotidiano. E mesmo que para mim a fuga seja caracterizada como um dos princípios da liberdade.



Figura 108 - Desenhando o contexto
Técnica: marcador permanente Sharpie e Copic sobre papel Vergê 180g
Dimensão: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

Ao mesmo tempo que olhava para a minha sala, um ambiente fechado, a pós imagem do céu e as nuvens de dragão permaneciam na memória da luz que absorveu o meu corpo por inteira, fui preenchida pela luminosidade. Muito mais que a cor foi a sensação de abertura dos poros pela luz. Quero dizer que a luz é um movimento de expansão.

Ao ler a descrição do exercício, nota de rodapé n. 62, já o imaginei completamente diferente dos outros. A construção do desenho, figura 108, não foi no formato retrato, como nas figuras 104 a 107, foi no formato paisagem. O contexto precisa de espaço para ser expressado. Além disso, estão presentes mais cores, pois o contexto tem mais volume, tem mais densidade, tem mais profundidade.

O contexto também foi representado de forma mais panorâmica que os outros. Adicionei o varal de roupas e o sofá, além da cortina e do quadro na parede, assim como a luz no teto.

Ao final, é preciso ressaltar que o elemento que conecta todas as grafias foi o retângulo que representa o espelho. Ele é uma peça fundamental para a sala em sua ânsia de aumentar de tamanho. Os objetos possuem seus desejos, neste caso o desejo de expansão.

Movimento e Grafia 03⁶⁴

Para situar o leitor territorialmente a experiência do movimento foi fora do meu lugar comum, mas nem tanto... Eu moro em um apartamento de 3 quartos, onde uso para dormir apenas 1, o outro fica minhas coisas para pintar e escrever, o terceiro quarto está o guarda-roupas e algumas bagunças que não consigo desfazer, 1 banheiro, 1 sala e 1 cozinha. Mesmo com esse espaço, para o padrão dos dias atuais ser enorme, aqui o sol bate pouco, talvez apenas duas horas por dia em um pequeno fecho de luz. Apesar destas condições meu mandacaru brotou e desde fevereiro de 2021 acompanho seu crescimento com entusiasmo.

Essa narrativa começa assim pra dizer que em 2021 meu irmão morava no setor Jardim América em Goiânia. No mês de junho de 2021 ele foi para alguma cidade do interior do estado do Pará fazer um trabalho de consultoria na área de confinamento de gado e deixou toda a casa, herança de meus pais, que infelizmente faleceram, sozinha e que tinha uma infinidade de plantas.

Semana de feriado e consegui sair do esgotamento mental, ao qual me afundei, e passei por lá, com a justificativa, que dei a mim mesma, para um ânimo que cortou minhas raízes do apartamento em busca de não deixar perecer as plantas.

A infinidade de plantas assumiu sua grandiosidade descrevendo temporalmente o investimento de 55 minutos para molhá-las, o que acredito ter sido de forma satisfatória. Imagine passar quase uma hora molhando plantas e dimensionar

⁶⁴Exercício da disciplina Antropologia da Percepção: Caminhando com olhar

1) Atmosfera: na varanda ou no quintal ou num cômodo da casa, onde é possível ver diferentes distâncias a rua, árvores, casas, prédios, nuvens, etc. (próximo, intermediário e distante). Se for dentro de casa, fazer com a janela aberta. Tenha em mãos papel sulfite, lapis de cor ou giz de cera

2) Sente-se em um lugar confortável e observe com olhar as coisas que estão próximas. Desenhe ou rabisque com a mão direita aquilo que está vendo na paisagem, mas sem olhar para o desenho.

3) Sentado no mesmo lugar, observe as coisas que estão em uma distância intermediária. Desenhe ou rabisque com a mão esquerda aquilo que está vendo na paisagem, mas sem olhar para o desenho.

4) Sentado no mesmo lugar, observe as coisas que estão distantes. Desenhe ou rabisque aquilo que está vendo na paisagem com as duas mãos.

5) Caminho de volta. No mesmo lugar, olhe as coisas que estão em uma distância intermediária, desenhe ou rabisque com a mão esquerda.

6) No mesmo lugar, olhe as coisas que estão próximas. Desenhe com a mão direita.

7) Escreva sobre a experiência.

1 Exercício formulado por Jovino Camargo Jr., retirado do Cadernos de tarefas 1. 2 Exercício criado por Laura Galante durante a quarentena e adaptado por Javiera Abufhele e Luis Felipe Kojima Hirano.

a quantidade delas. Elas já demonstravam o impacto do inverno seco em Goiânia, em que a umidade relativa do ar chegava entre 25 a 30%.

Após passar tanto tempo no processo de umedecer a área, o cheiro de terra molhada era entorpecente. A água trazia os pássaros com suas disputas por território e filhotes com suas brincadeiras, as plantas também pareciam bailar com os pingos d'água que matavam sua sede, pois rotineiramente eram aguadas duas vezes ao dia e, agora, pareciam abandonadas e entregues à própria sobrevivência. Se eram plantas domésticas, onde estava seu responsável que lhes devia atenção? Como responder a elas que mesmo sendo matéria viva de respeito eram tidas como ornamentos e ficaram para segundo plano diante a ocorrência do trabalho de seu zelador?

Inebriada com o cheiro e o som do ambiente entendi que aquele momento contemplativo precisaria ter todo o seu esplendor na casa da árvore e mesmo com certo receio daquelas madeiras um pouco podres e uma altura que poderia resultar numa queda inconveniente, sentei-me na cadeira de madeira, que foi minha parceira durante infância, adolescência e juventude e olhei de forma interessada para os detalhes das coisas que estavam a minha volta.

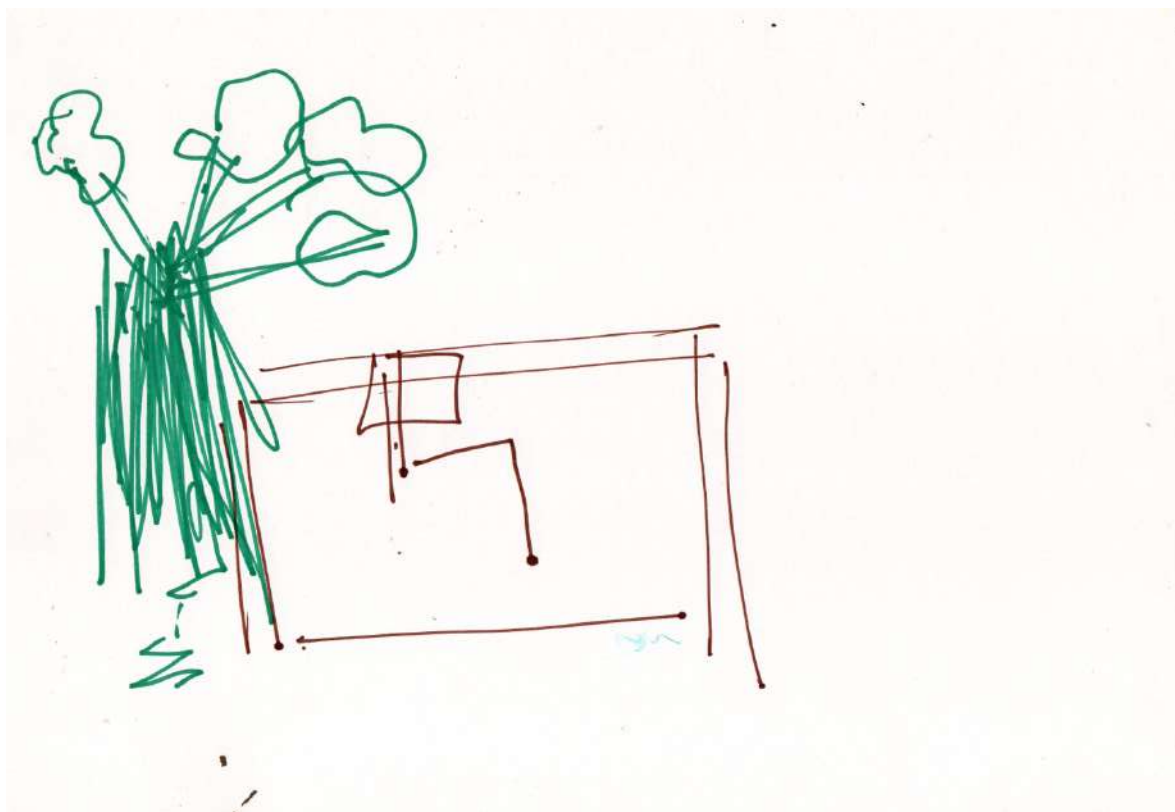


Figura 109 - mão direita - coisas próximas
Técnica: marcador permanente Sharpie sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

Estava mais próximo as cercas que delimitavam a casa na árvore e a grande árvore de siriguela. O desenho mostra como a árvore tem mais peso porque ela toma conta de quase todo o espaço e é também o sustentáculo para a casa da árvore.

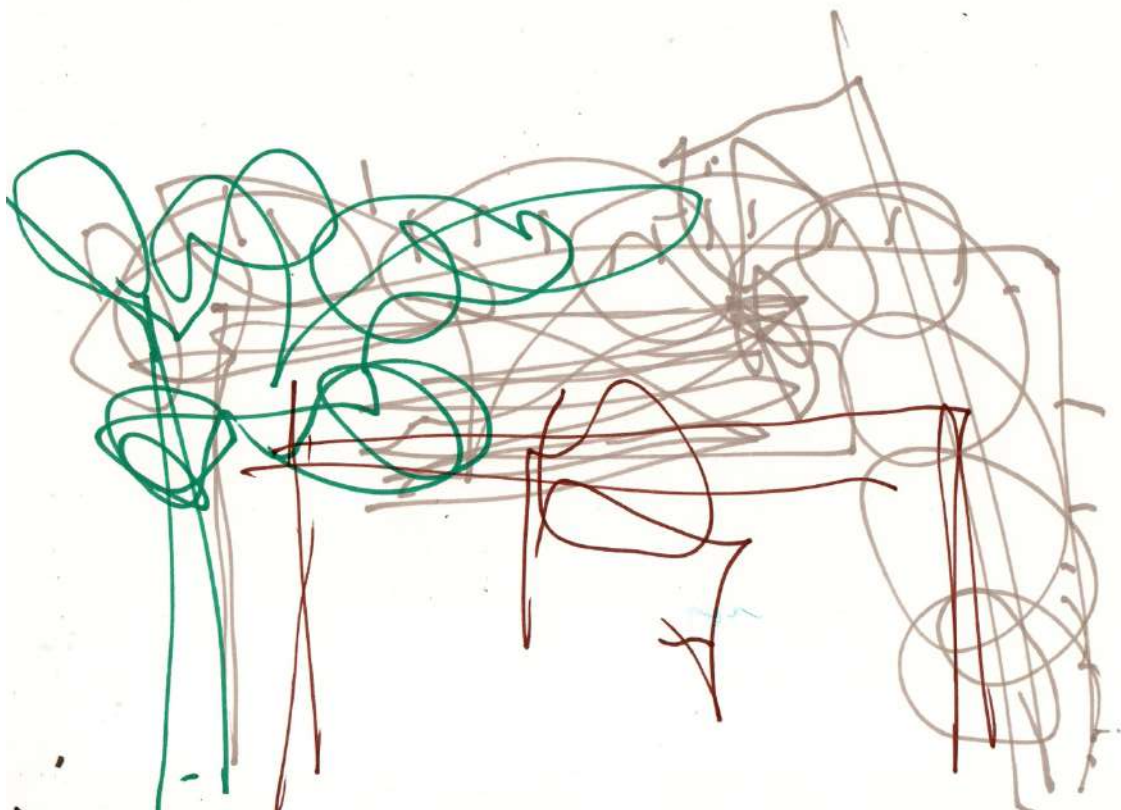


Figura 110 - mão esquerda - coisas intermediárias
Técnica: marcador permanente Sharpie sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

O olhar para uma distância intermediária já percebia os artifícios do desejo por segurança, estava ali a cerca de arame e seus pontos de corte, o portão automático, a forte presença da árvore de siriguela se mantinha e também outras árvores de tamanho intermediário, como o mamoeiro, a jurubeba, a acerola e os edifícios localizados na vizinhança.



Figura 111 - duas mãos - coisas distantes
Técnica: marcador permanente Sharpie sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

O mais impressionante do terceiro exercício com as duas mãos foi observar a capacidade de preenchimento do espaço do papel. Nos dois primeiros exercícios percebe-se a densidade de ocupação no espaço central do papel e só é possível escapar dessa centralidade quando ampliamos o movimento das mãos ao usarmos as duas ao mesmo tempo. Haveria alguma aproximação entre essa tentativa do movimento com as duas mãos e o movimento de caminhar com os olhos, de manter o olhar panorâmico?

O caminho de volta também trouxe outras percepções. O que havia passado despercebido pelos desenhos anteriores se fez necessário estar presente agora. O caminho de volta é uma segunda tentativa para o olhar se fazer panorâmico, mesmo que ele teime continuar focado. Chegando ao final dos exercícios da disciplina Antropologia da Percepção é possível compreender que o olhar focado nos deixam cegos, mesmo sendo viventes em uma sociedade dependente de imagens.

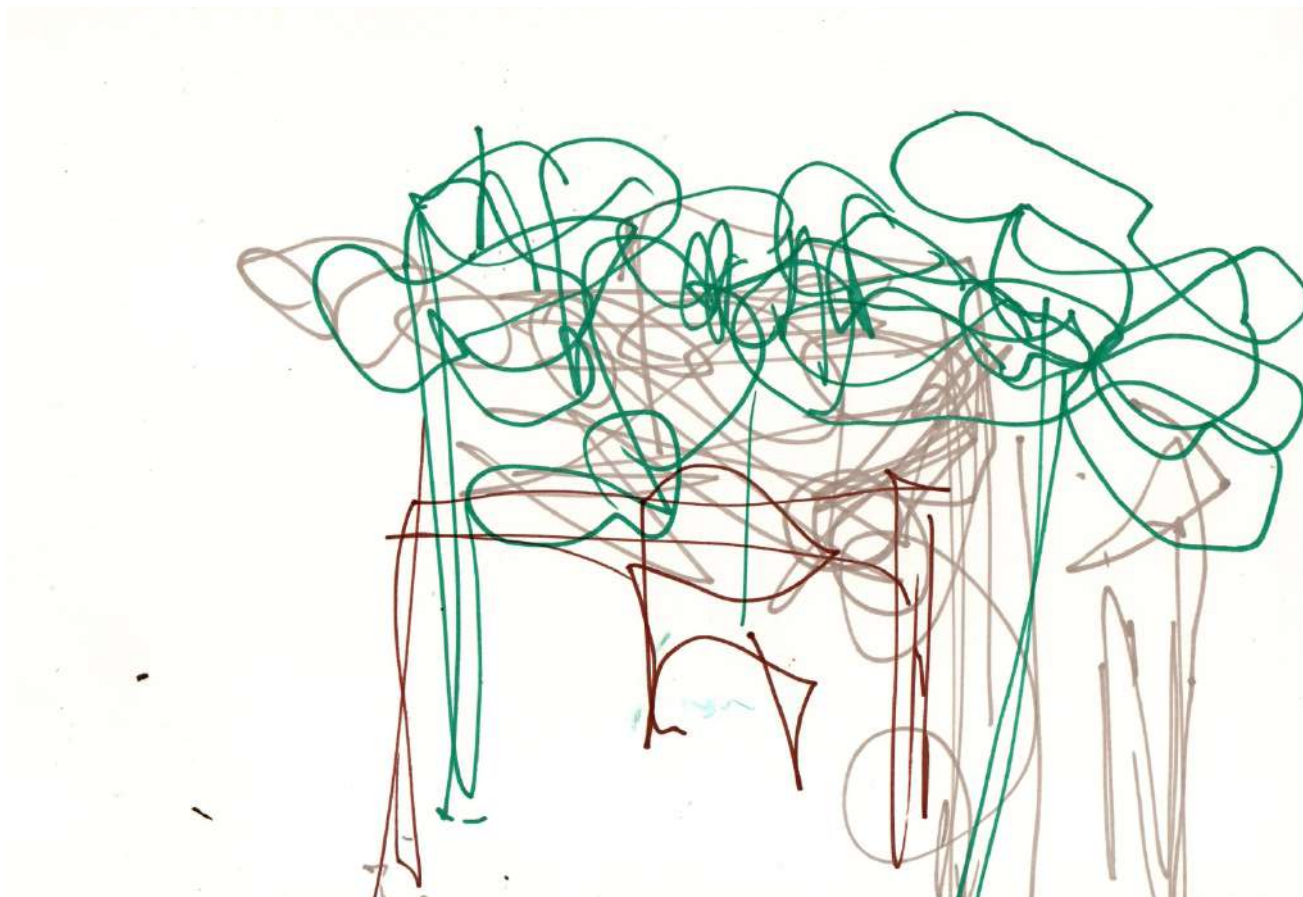


Figura 112- caminho de volta - mão esquerda - coisas intermediárias
Técnica: marcador permanente Sharpie sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

Percebi na figura 112 que não havia colocado em outros desenhos a maior árvore de todas daquele cenário. A árvore que acompanhava meus pesadelos quando criança e que me deixava sempre com medo da noite e dos mistérios que ela trazia. Dessa vez mesmo usando a mão esquerda o peso do desenho foi para o lado direito, porque essa árvore está no lado direito da minha visão e por longos anos me atormentou.

Durante o dia ela é um espaço de vida intensa, uma morada para pombas do bando que meu pai amava e sempre comprava sementes para alimentá-las. Mas à noite eu a enxergava em sonhos como ligada ao medo e ao mal.

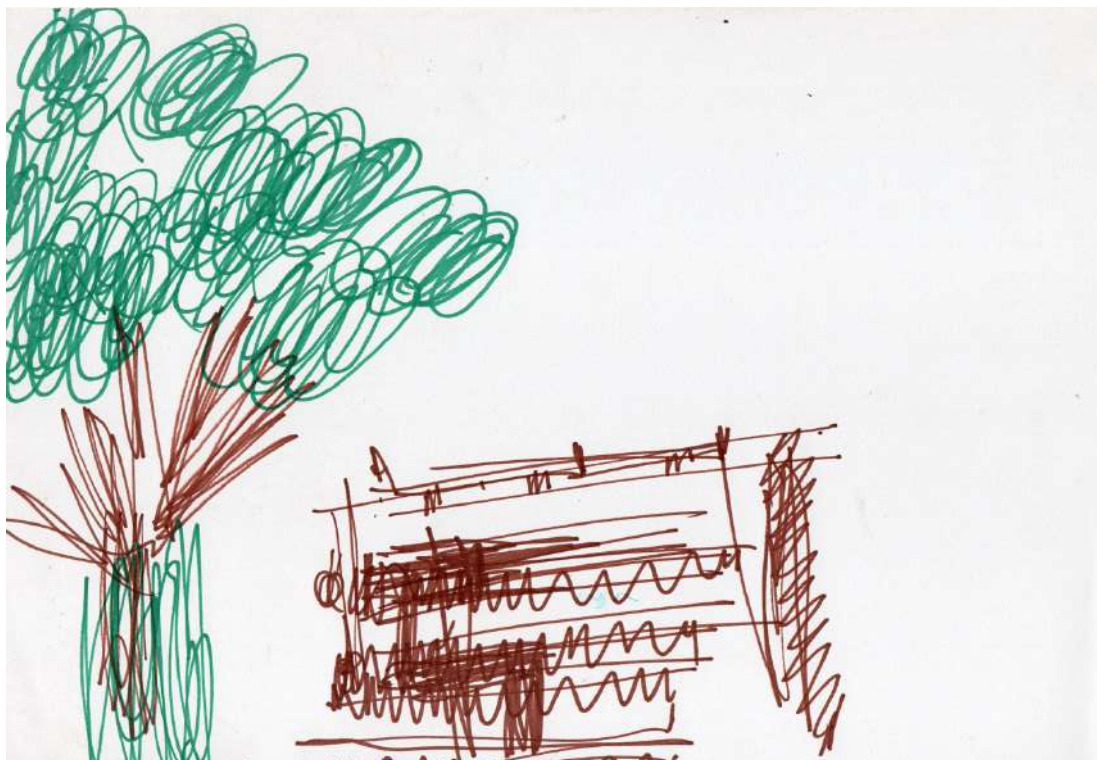


Figura 113 - caminho de volta - mão direita - coisas próximas
Técnica: marcador permanente Sharpie sobre papel Vergê 180g
Dimensões: tamanho A4
Produção da autora, 2021.

No caminho de volta com a mão direita e olhando as coisas que estão próximas senti a necessidade em fazer o preenchimento das linhas, dando a elas volume, mesmo que não soubesse se estava preenchendo no local correto. Comparando o desenho 109 com o desenho 113 nota-se o desejo de se detalhar a experiência visual que se tornou sensorial pelas texturas representadas.

Em um dos encontros do LEX (Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças) eu fiquei responsável por iniciar o debate do texto: Etnografia, ou a teoria vivida de Mariza Peirano. Para mediar a discussão eu produzi o desenho abaixo em que no lado esquerdo há um coração para a perspectiva a qual a autora se filia e no lado direito há um coração partido sobre o que a autora discorda. A etnografia para Mariza Peirano não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida (Peirano, 2008, p.03).

Fazer este desenho me ajudou a compreender o texto e tentar sintetizar ao máximo suas onze páginas de considerações. Neste desenho foi possível mostrar que “o campo”, portanto, não está lá; ele está dentro de nós, e se as surpresas nos parecem, às vezes, meros acasos, é que deles é feita a vida. Muitas vezes, inclusive, somos surpreendidos pelo fato de que a vida parece imitar a teoria” (idem, p.05).

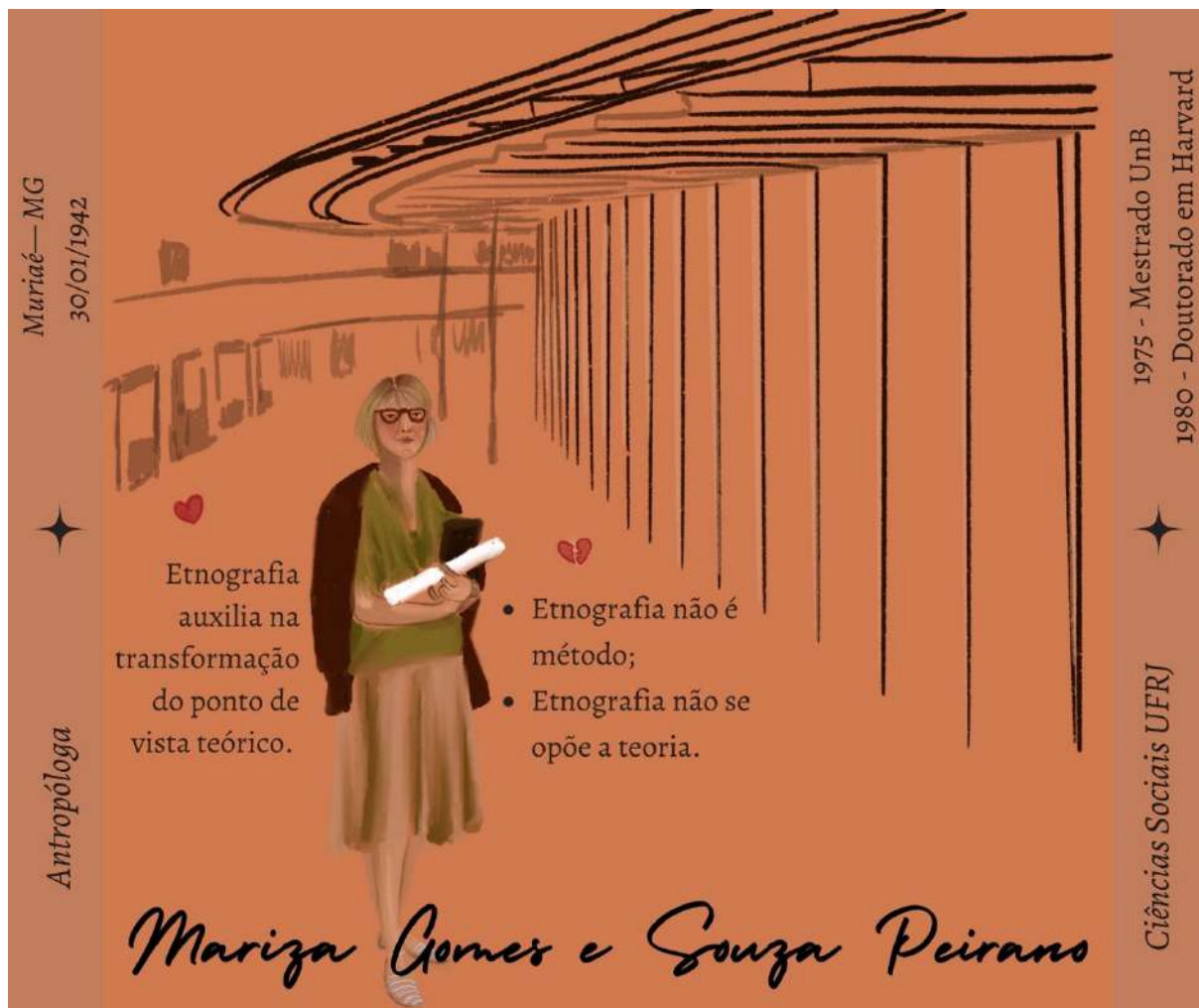


Figura 114 - Mariza Peirano
 Técnica: Desenho digital no aplicativo Procreate e Canva
 Dimensões: 2048 x 2048 px
 Produção da autora, 2022



Figura 115 – Comunidade das aranhas
Técnica: fotografia pelo celular Iphone 11
Produção da autora, 2023

Essa imagem é uma das várias tentativas de fotografar a comunidade de aranhas em frente ao Restaurante Universitário da USP. Esse foi o exercício proposto por Aina Azevedo na disciplina Antropologia e Desenho ministrada por Tatiana Lotierzo. Neste exercício me aproximo das considerações de Michael Taussig (2011), em que ele comenta que o desenho é a acentuação da realidade, ou seja, o desenho destaca uma característica. Na página seguinte está o desenho que fiz da comunidade das aranhas.

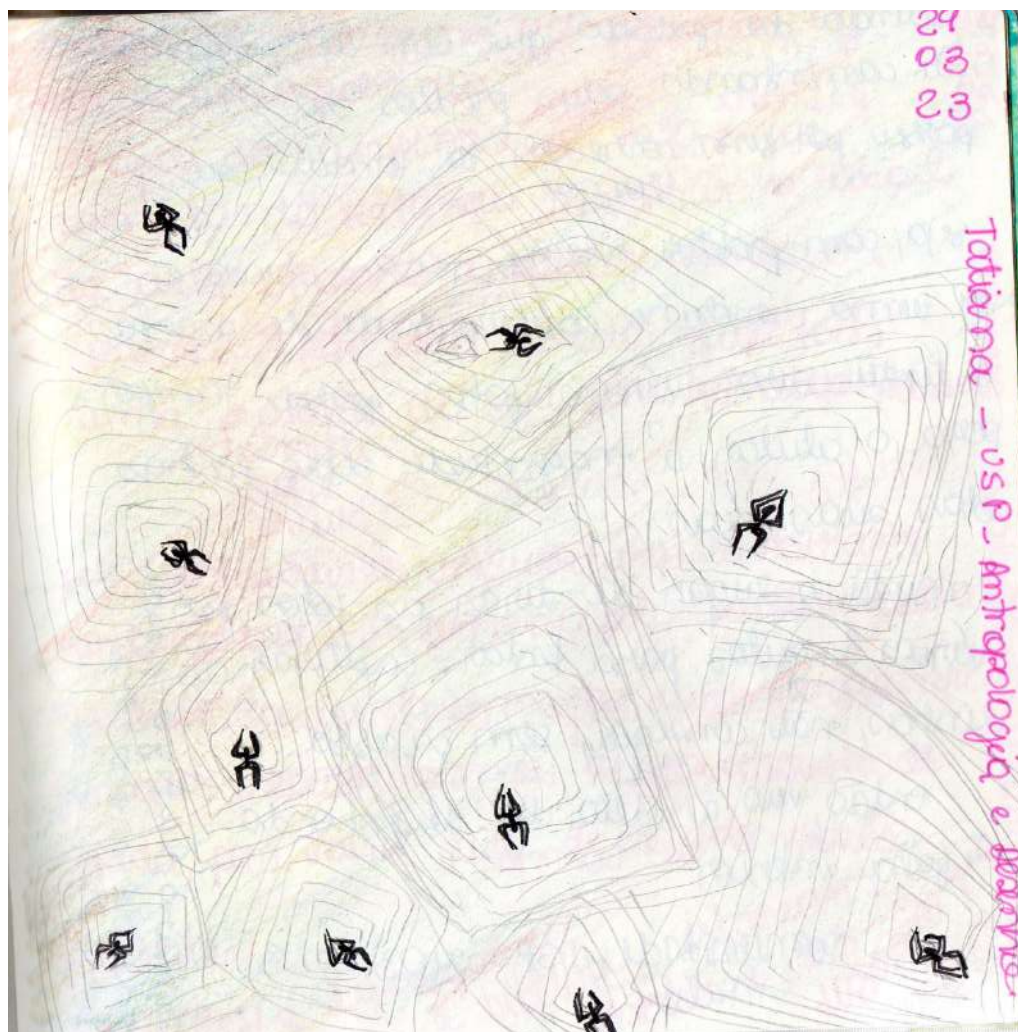


Figura 116 – Aranhas em comunidade

Técnica: caneta nanquim, lapiseira e lápis de cor sobre papel marfim 70g

Dimensões: 17,5 x 17,5 cm

Produção da autora, 2023

Produzi um jogo de palavras: comunidades das aranhas e aranhas em comunidade, porque a fotografia é uma linguagem, assim como o desenho é uma linguagem. Não desejo fazer uma hierarquização entre o desenho ser melhor que a fotografia, pois como afirma Hirano (2023) e Grimshaw e Ravetz (2021) é possível desenhar com uma câmera. Tanto com a fotografia como quanto o desenho é capaz de trazer a característica do testemunho.

A figura 115 e 116 (fotografia e desenho) fazem parte do meu processo contínuo de engajamento na pesquisa, pois o olhar é o entrelaçamento da ação e percepção. Ao combinar o testemunho pela fotografia com o testemunho pelo desenho é possível borrar os enquadramentos que ambas linguagens possuem.

Sugerimos que a antropologia, entendida como uma forma de feitura de imagens, tem potencial transformador – ou seja, é uma forma de conhecer abrangente e produtiva. Isso é possível, entretanto, apenas se aceitarmos a existência de uma tensão criativa entre enquadramento e uma exploração aberta do mundo (Grimshaw e Ravetz, 2021, p.25)

O diálogo da fotografia com o desenho oferece possibilidades diversas de ver e entender o mundo, ambos têm a potencialidade de questionar e subverter narrativas hegemônicas, proporcionando uma perspectiva crítica e alternativa.

Por último gostaria de compartilhar um desenho que me senti impulsionada a produzir depois da leitura do livro “A leste dos sonhos” de Nastassja Martin dentro de uma reunião do grupo de pesquisa LA’GRIMA. Digo por último, porque parece que quando estamos muito engajadas no campo, este nunca termina, mas, dentro da escrita de uma tese, é preciso realizar as considerações finais.

Em uma manhã de janeiro em Tsvaián, Ivan se preocupa porque o preço das zibelinas passou de 7 para 5 mil rublos. Estamos tomando chá, e ele se exalta um pouco. Sempre penso na tiôtka que passeia nas ruas de Milão, de batom vermelho, unhas pintadas e cigarro entre os dedos. Ela usa um casaco costurado com as zibelinas que matei. Isso me deixa triste pelas zibelinas. E triste pelo fato de que, no fim da cadeia, seja ela que nos faça viver. Que ela nos permita, simplesmente, comprar farinha, açúcar e cigarro. Você sabe o que seria realmente engraçado? Sabe no que penso quando me deprimos? Que essa mulher, em vez de usar um Chanel número 5 em seu casaco, exalasse o perfume das zibelinas mortas. O perfume da carne rançosa que seca. Ivan pega uma pele e joga para mim por cima do fogo. Eu a levo ao nariz fazendo uma cara de êxtase, nós choramos de rir. Isso seria realmente engraçado, completa Ivan. Eu bem que gostaria (Martin, 2023, p.181).



Figura 117 – Tiôtka e as zibelinas
Técnica: aquarela e caneta nanquim sobre papel Arches 300g
Dimensões: A4
Produção da autora, 2024

Ainda continuo com a ideia que os desenhos podem sintetizar conceitos e também que os desenhos são a própria teoria vivida nesta tese, em que projeto uma corporalidade diferente, ou seja, alongada, de se estar em campo e de se refletir sobre os dados coletados. O desenho constitui-se como um esforço analítico de compreensão por meio de imagens.

Ao se fazer uma Antropologia com desenhos temos mais uma dimensão capaz de capturar elementos que se esquivam.

[...] na medida em que, singular e precisamente, pedimos a esta imagem que seja tanto mensagem como informação crítica e estética de um real humano; na medida, também, em que esta imagem – e isto, nô-lo temos muitas vezes esquecido – alimenta, provoca e engaja, de uma outra maneira do que sob o registro da escrita, nosso pensamento e nosso imaginário (Samain, 1994, p. 36).

É importante destacar que há um mundo sensível que a escrita, por vezes, não alcança. Contudo, não se quer dizer que as imagens são apenas complementares ao que escapa da escrita, as imagens são “um olhar sobre o mundo, levadas pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo” (idem, p. 41).

O desenho nesta tese se propôs a evocar o espírito das produções sensíveis na Antropologia desafiando os velhos hábitos mentais de construção argumentativa dentro da produção antropológica, ou seja, a proposta deste trabalho foi conceber a Antropologia como um território sensível para o processo investigativo experimental e os desenhos foram um meio para a expansão dos limites da expressão da escrita acadêmica.

Brochura 05



Figura 118 – Despedida
Técnica: desenho digital no aplicativo Procreate
Dimensões: 1714 x 2428 px
Produção da autora, 2023

Considerações finais

A história da relação do desenho com a Antropologia remonta o século XIX, ou seja, está no início dos primeiros registros de observações das diferentes culturas. Conforme Azevedo (2016b):

Desde a emergência do paradigma do trabalho de campo no final do século XIX um conjunto de métodos era utilizado pelos antropólogos – entre eles, o desenho. Entretanto, ao contrário do que ocorreu com a fotografia, a coleta de objetivos, as entrevistas e as genealogias, o desenho não foi totalmente desenvolvido como um método específico (idem, p.18).

Ballard (2013) cita a pesquisa do naturalista e antropólogo russo Nikolai Miklouho-Maclay que embarcou, em 1871, em um grande projeto de investigação de campo sobre os papuas. Quando Miklouho-Maclay desembarcou pela primeira vez na Costa Ray, no norte da Nova Guiné (uma área sem experiência prévia de contato com europeus e sem língua comercial que pudesse facilitar a comunicação), ele desenhava esboços como uma estratégia de diálogo. Ballard, em seu texto, afirma que o desenho é uma forma plástica poderosa de interação social.

No entanto, apesar da importância contínua do desenho para os antropólogos na produção de conhecimento, ele está curiosamente ausente tanto do autorrelato da Antropologia sobre suas práticas de campo quanto da maioria das histórias da disciplina (idem, p.139, tradução minha).

Conforme Soukup (2014) o desenho foi substituído pela fotografia como um meio de registrar a realidade etnográfica quando os acadêmicos começaram a considerar a fotografia como um registro imparcial e confiável da realidade.

Recentemente Michael Taussig (2011) concentrou sua atenção nos desenhos do caderno de campo. Para ele o desenho tem um lugar único na documentação do processo de trabalho de campo. Um pesquisador de campo pode capturar por meio do desenho a realidade, incluindo seus próprios sentimentos, este, portanto, é uma representação de um testemunho subjetivo.

Embora a relação da Antropologia com o desenho tenha mudado ao longo do tempo, traduzir entre imagens e palavras sempre foi uma parte fundamental da nossa metodologia (Geismar, 2014).

Na atualidade o desenho está passando por um renascimento. No Brasil, as pesquisas de Aina Azevedo, Karina Kuschnir, Patrícia Reinheimer, Tatiana Lotierzo e Luis Felipe Hirano indicam a importância do desenho como uma prática etnográfica e uma estratégia de engajamento.

As interlocutoras professoras Aina, Karina, Patrícia, Tatiana e o interlocutor professor Luis Felipe mostraram, nos exercícios expostos nesta tese, várias formas de ensinar Antropologia com desenhos, reivindicando uma Antropologia aberta a encontros inesperados, justaposições e questões de pesquisa considerando o processo como um modo antropológico de investigação e um parceiro epistêmico.

Ao longo dos exercícios e depoimentos trazidos nesta tese foi possível perceber que o pensar não está separado do fazer. Desenvolvendo esta pesquisa em salas de aulas e laboratórios examinei as maneiras pelas quais o desenho mediou processos de aprendizagem em Antropologia. Especificamente, estava preocupada como as expressões gráficas destacavam a percepção, a criatividade e a habilidade em se ensinar conceitos antropológicos por meio do engajamento pelo desenho e como esses engajamentos podem ser traduzidos em contextos de aprendizagem.

As professoras e o professor expressaram que ao adicionar o desenho no processo de aprendizagem se experimenta um olhar mais profundo para os ambientes cotidianos. Além da experiência de se estar em um lugar por um longo período de tempo significa que o lugar se torna parte da(do) pesquisadora (pesquisador).

Ao observar os desenhos das interlocutoras Aina, Karina, Patrícia, Tatiana e do interlocutor Luis Felipe percebi maneiras diferentes de pensar sobre como os desenhos podem ser envolvidos em um processo de comunicação que é multidisciplinar.

Os desenhos trazidos como exercícios nas disciplinas pesquisadas nos convidam a entender a qualidade emergente do conhecimento antropológico e as maneiras pelas quais as metodologias de ensino não apenas mediam entre a subjetividade da(do) professora (professor) e a experiência com o desenho, mas também trazem a academia para o encontro de pedagogias exploratórias.

Ao avaliar sobre a produção de uma antropografia que se está construindo em aulas de disciplinas em Universidades do Brasil e em laboratórios de pesquisas coloca-se em discussão aspectos do processo de ensino e de vivências que nem sempre estiveram escritos em produções científicas.

Refletindo sobre a experiência da serendipidade (a descoberta de algo útil enquanto se busca por outra coisa) nas disciplinas que tratam das relações dos pressupostos antropológicos (olhar atento, tempo alongado, sutilezas das relações sociais) com o desenho considero que os processos e os riscos das pedagogias desenhadas criaram condições nas salas de aulas para as descobertas de pesquisas

que podem, eventualmente, dar origem à novas teorias antropológicas. A experiência da vivência pelas linhas pode contribuir para o que Peirano (2008) chamou de eterna juventude das Ciências Sociais.

Os recursos pedagógicos enfocados por Karina e Patrícia concentraram o desenho como um dispositivo etnográfico para realizar uma visão aprimorada. Elas argumentaram que ao adotar o desenho como prática as(os) pesquisadoras(pesquisadores) que desenharam suas observações aprenderão a ver mais profundamente e com mais precisão, além de serem capazes de contar histórias por meio de narrativas gráficas. O fato de desenhar continuamente também aumenta a confiança na prática do desenho, desenvolvendo uma intimidade mais profunda com os traços das linhas e, em troca, com o próprio campo.

Os exercícios presentes na Brochura 03, em especial os desenhos das interlocutoras Aina, Tatiana e do interlocutor Luis Felipe, demonstraram um afastamento das representações figurativas realistas evitando enrijecer a ideia de desenho na produção de conhecimento antropológico. Para isso eles compreendem as linhas de emoções, movimentos e ações, linhas de vida (Ingold, 2022a).

É necessário destacar a reflexividade como um ponto relevante dentro da pesquisa, dentro da Brochura 04 pude explorar como foi o processo experiencial em si mesmo. Ao longo da minha formação como antropóloga, no doutorado, os exercícios das aulas e das vivências nos laboratórios (LABareDA e LEX) aos quais eu fiz parte influenciaram minha própria prática de confecção de desenhos etnográficos. Fazer exercícios desenhando transformou a compreensão abstrata de conceitos para uma compreensão experiencial. Desta forma, desenhar para conhecer pressupostos antropológicos engendrou em uma prática etnográfica.

A jornada que tentei compartilhar com a(o) leitora(leitor) evoca uma prática exploratória por meio do desenho e uma forma de pesquisa que gera novos conhecimentos e compreensões. Esta pesquisa teve como objetivo quebrar a divisão entre ensino e pesquisa e entre teoria e prática. Além disso, os experimentos gráficos em ensino contribuíram com o objetivo da prática de desenhar ser uma maneira de fazer teoria. Levando esses princípios em consideração também reflito sobre minhas próprias práticas como antropóloga e como artista e o que significa desenhar como uma forma de aprender fazendo.

Ao final desta tese saliento que os desenhos estão entrelaçados com o texto e foi esse diálogo que me ajudou a contar as histórias de algumas disciplinas que

versavam sobre a relação do desenho com a Antropologia. O ato de contar histórias com desenhos pode ser comparado a uma jornada criativa de exploração e descoberta.

O ato de explorar as linhas seja pelo desenho ou pelo texto pode ser comparado a uma forma poética que permite que o pensamento cresça e as imagens se reúnam e se dobrem para além de si mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, v. 5, n°. 8, p. 193-226, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615>. Acesso em: 15 jun. 2021.

AFONSO, Ana Isabel. Um lugar para o desenho na pesquisa etnográfica – incursões nos arquivos de uma experiência. In ALMEIDA, Sónia Vespeira de & CACHADO, Rita Ávila. **Os arquivos dos antropólogos**. Lisboa: Palavrão, 2016, p. 89-100.

ALMEIDA, Katianne de Sousa. Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros. **Humanidades & Inovação**, Edição Especial: Epistemologias e Feminismos negros v. 6, n. 16, p. 109-117, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1833>. Acesso em: 9 jul. 2021.

ALMEIDA, Katianne de Sousa. Narrativas gráficas na produção acadêmica: novas perspectivas metodológicas com a biografia ilustrada de Iris Apfel. In: **6ª Reunião Equatorial de Antropologia – REA**. Tema: diversidades, adversidades e resistências, v. 1, Universidade Federal da Bahia, p. 298-314, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32214>. Acessado em maio de 2024

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2023.

AZEVEDO, Aina Guimarães. Desenhos na África do Sul – desenhar para ver, para dizer e para sentir. **Pós-Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 13, n.2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/13618>. Acesso em 15 de maio de 2024.

AZEVEDO, Aina Guimarães. Um convite à Antropologia desenhada. **METAgrafias: metalinguagem e outras figuras**. Brasília, v. 1, n. 1(1), p. 194-208, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/metagraphias/article/view/15821>. Acesso em: 28 dez. de 2021.

AZEVEDO, Aina; RAMOS, Manuel João. Drawing Close – on visual engagements in fieldwork, drawing workshops and the anthropological imagination. **Visual Ethnography**, v. 5, p. 135-160, 2016. Disponível em: http://www.academia.edu/27762925/Drawing_Close_-_On_visual_engagements_in_fieldwork_drawing_workshops_and_the_anthropological_imagination. Acesso em: 20 de jul. de 2019.

AZEVEDO, Aina Guimarães. Desenho e Antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 15-32, 2016b. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1096>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BALLARD, Chris. The return of the past: on drawing and dialogic history. **The Asia Pacific Journal of Anthropology**, v. 14, n. 2, p. 136-148, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263142093_The_Return_of_the_Past_On_Drawing_and_Dialogic_History. Acesso em 17 set.2024.

BANIWA, Gersem Luciano. Desafios no caminho da descolonização indígena. Novos Olhares Sociais, **Revista do PPGCS/UFRB**, v. 2, n. 1, p. 41-50, 2019. Disponível em <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/46> .

BERGER, John. Drawn to that moment. In: **Berger on Drawing**. Jim Savage (ed). Aghabullogue: Occasional Press, 2005, p.65-73.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Teresa. Desenhar o Olhar sobre o Mundo. In: **Catálogo de Exposição Diários Gráficos em Almada**. Câmara Municipal/Museu da Cidade, 2011, p.10-13.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.311-373.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, vol. 7, n.º.15, p. 107-147, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25786>. Acesso em 16 jun. 2021.

CHEN, Nancy N.. Speaking Nearby: A Conversation with Trin T. Minh-ha. **Visual Anthropology Review**, v. 8, n. 1, p. 82-91, 1992. Disponível em: <http://www.mahapavilion.com/conversations/trinh-t-minh-has-speaking-nearby>. Acesso em: 13 abril. 2023.

CLIFFORD, James. Sobre o surrealismo etnográfico. In: **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CLIFFORD, James. Introdução: Verdades parciais. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016, p.31-61.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, EdUFRJ, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: TRUTH, Sojourner et al. **Feminismos Negros: Una Apología**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012, p. 99-135.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n.º. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2021.

DIAS, Luciana de Oliveira. Quase da família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. **Humanidades & Inovação**, Tocantins, v. 6, n°. 16, p.09-12. 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1823>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DIAZ, Gustavo. O que o desenho me ensina – reflexões sobre a prática do desenho. **Gustavo Diaz**, 2017. Disponível em: <https://gustavotdiaz.com/2017/09/08/o-que-o-desenho-me-ensina-reflexoes-sobre-pratica-do-desenho/>. Acesso em: 13 abril de 2023.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007. Disponível em: <https://inegalagoas.org/wp-content/uploads/2020/05/texto-gena-2.pdf> . Acesso em: 27 de maio de 2024.

FRADIQUE, Teresa e LACERDA, Rodrigo (org). Introdução: Mais do que um e, porém, menos do que dois – Conexões parciais entre Antropologia e arte. In: **Modos de Fazer, Modos de Ser – Conexões Parciais entre Antropologia e Arte**. Lisboa: Etnográfica Press, 2022.

GEISMAR, Haidy. Drawing it out. **Visual Anthropology Review**, v.30, n. 2, p.97-113, 2014. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/var.12041> . Acesso em 18 de set. De 2024.

GOLDMAN, Márcio. O fim da Antropologia. **Novos estudos**. – CEBRAP, edição 89, vol. 30, n°.1, p. 195-211, 2011. São Paulo. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100012. Acesso em: 24 jun. 2021.

GOMES, Inês Belo. Deixei o desenho enterrado ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático. **Cadernos de Arte e Antropologia**, V 5 (2), p. 75-90, 2016. Disponível em <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/1122> >. Acesso em:10 jan. 2021.

GRIMSHAW, Anna; RAVETZ, Amanda. Desenhar com uma câmera? Filme etnográfico e antropologia transformadora. **GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia**, v.6, n.1, p.01-29, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/178546> . Acesso em 10 jun.2024.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **Cadernos CEDES** [Internet]18(43), p. 08–25, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/yB4YnZDv73qWqYZJpQZmbWb/?lang=pt>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 abril 2023.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes do Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Desenhando com a fotografia: habitando dobras entre formas expressivas. **Mana**, v. 29, p.02-32, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/kj3GJrbHBfZ87j6t6G78LgD/>. Acesso em 12 jun. 2024.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

HURSTON, Zora Neale; BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (Tradução)/ Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação – Messias Basques). **Ayé: Revista de Antropologia**, v. 1, n.º. 1, 2019, p. 106-11 Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/288>. Acesso em: 16 jun. 2021.

INGOLD, Tim. **Redrawing anthropology: Materials, movements, lines**. Farnham: Ashgate Publishing, Ltd., 2011.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v.18, p. 25-44, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, v.39, n.3, p. 404-411, 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v39n3/1981-2582-reveduc-39-03-00404.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2024.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. **Linhas**: uma breve história. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022a.

INGOLD, Tim. **Fazer**: Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022b.

Jornadas de Antropologia John Monteiro do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do IFCH Unicamp. 2021. **Mesa Experimentações etnográficas: desafios ao trabalho de campo antropológico**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42UgMbqB6jl>. Acesso em 10 jan. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, Cia das Letras, 2019.

KOFES, Suely. As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 12, n. 2, p. 12-26, 2020. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/345>. Acesso em: 19 de set. 2024.

KUSCHNIR, Karina. Drawing the city: a proposal for an ethnographic study in Rio de Janeiro. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v.8, n.2, Urban Anthropology Dossier, p.609-642, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/S9NHJ6Jwfr8R3tL7srt3HdH/?lang=en>. Acesso em: 05 de abril 2024.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. **Sociologia & Antropologia**, v.02, 04, p. 295–314, 2012. Disponível em: https://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/v2n04_13.pdf . Acesso em: 16 dez. 2021.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 23-46, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/506> . Acesso em: 16 dez. 2021.

KUSCHNIR, Karina. A Antropologia pelo desenho. Experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v.5, n.2, p. 05-13, 2016,. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>. Acesso em: 11 dez. 2021.

KUSCHNIR, Karina. Desenho etnográfico: onze benefícios de usar um diário de campo gráfico no trabalho de campo. **Revista Pensata**, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://karinakuschnir.files.wordpress.com/2019/06/kuschnir-2018-desenho-etnografico-pensata.pdf> . Acesso em: 18 dez. 2021.

KUSCHNIR, Karina. Desenho Etnográfico – **I Mostra da ABA e imagens de uma aula lúdica**. Publicado em karinakuschnir.wordpress.com. Rio de Janeiro, 14 jan.2020. Disponível em: <https://wp.me/p42zgF-3Ov> .Acesso em: 16 maio de 2024.

LEAL, Ondina Fachel et al. “Desdisciplinar a antropologia”: diálogo com Eduardo Restrepo”. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, p. 359-379, 2014. Disponível em

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832014000100013&script=sci_arttext>. Acesso em 10 de maio de 2024.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. **Textos Escolhidos**. [s.d] [Mimeo].

LUCIANO, Gersem José dos Santos; GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo de. “Educação intercultural: direitos, desafios e propostas de descolonização e de transformação social no Brasil”. **Cadernos CIMEAC**, [S.l.] 7 (1), p. 12-31, 2017. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/2216>. Acesso em 10 de maio de 2024.

MAGNI, C.; HERZOG, V.; BANEMANN, N.; BARRETO, E.; RODRIGUES, G. Desenhar para quê? Experimentações antropológicas em pesquisa e ensino. **Áltera Revista de Antropologia**, 1(6), p.136-165, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/38352>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

MARCONI, Dieison. Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados. **Cadernos de Comunicação**, v. 21, n.3, p.54-63, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/29247/pdf>. Acesso em 22 maio 2024.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.

MARTIN, Nastassja. **A leste dos sonhos**: respostas even às crises sistêmicas. São Paulo: Editora 34, 2023.

Mundo na Sala de aula: Serendípias – Há espaço para amizade no trabalho de campo? Locução: Luisa Nascimento e Hugo Virgílio. Mundaréu, 19 set. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-mundo-na-sala-de-aula-serendipia-ha-espaco-para-amizade-no-trabalho-de-campo/> . Acesso em: 13 abril de 2023.

NOVAIS, Kaito Campos de. **Gestos de Amor, Gestações de Lutas: uma etnografia desenhada sobre o movimento Mães pela Diversidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na Antropologia. In SAMAIN, Etienne G(org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p.113-119.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In **O Trabalho do antropólogo**. 2ª. edição. São Paulo: Unesp, 2000, p. 17-35.

ORTNER, Sherry. Teoria na Antropologia desde os 1960. **Mana**, v. 17, n.º.2, p.419-466, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/vW6R7nthts99kDJjSR79Qcp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ORTNER, Sherry. "Dark anthropology and its others: Theory since the eighties". **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 6 (1), p. 47-73, 2016. Disponível em < <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau6.1.004>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. **Anuário Antropológico**, v.17, n.1, p.197-223, 1993. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7404683>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

PEIRANO, Mariza. Etnografia ou a teoria vivida. **Revista Ponto Urbe**, 2(2), p. 01-10, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890#citedby>. Acesso em: 08 maio de 2024.

POLLARD, Kate. **Pocket Iris Wisdom** - witty quotes & wise words from Iris Apfel. United Kingdom: Hardie Grant Books, 2016.

QUINTILIANO, Marta. **Redes Afro-Indígenas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas de Pós-Graduação e Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Goiás**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

RAMOS, Manuel João. **Histórias Etíopes**. Lisboa: Tinta da China, 2010.

SAMAIN, Etienne. Para que a Antropologia consiga tornar-se visual com uma breve bibliografia seletiva. In NETO, Antônio Fausto e outros (orgs.). **Comunicação, Cultura Política**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda., 1994, p.33-46.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In SAMAIN, Etienne (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p.21-36.

SANABRIA, G. V., & DUARTE, L. F. D. O ensino de Antropologia e a formação de antropólogos no Brasil hoje: de tema primordial a campo (possível) de pesquisa (antropológica). **BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais**, (90), p.1–32, 2019. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/484#:~:text=O%20ensino%20de%20antropologia%20tem,s%C3%A9rias%20dificuldades%20de%20rendimento%20te%C3%B3rico>. Acesso em: 08 maio de 2024.

SANCHES, M.C.F. Projetando o intangível: as ferramentas da linguagem visual no design de moda. In MARTINS, R. F.F; LINDEN, J.C.S. (orgs.) **Pelos caminhos do design: metodologia de projeto**. Londrina: EDUEL, 2012, p. 395-416.

SCHEINBERGER, Felix. **Ser ilustrador: 100 maneiras de desenhar um pássaro ou como desenvolver sua profissão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. **Aprendizagem e ciência no ensino de Sociologia na escola: um olhar desde a Antropologia**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SCHWEIG, Grazielle Ramos; SENA, Caio Moraes; RIGHI, Isabela Froes. Experimentações com desenho na formação de professores: reflexões a partir do ensino de sociologia. **Eccos Revista Científica**, n.53, p.01-17, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1983-92782020000200105&script=sci_arttext. Acesso em: 10 abril 2024.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. Etnografia, colaboração e experimentação: apropriações e interferências entre ensino e pesquisa. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, v.54, n.3, p.323-345, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/54929>. Acesso em: 13 abril 2024.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. O Experimental e a Experimentação no Debate sobre Educação, Ensino e Antropologia. **Ilha Revista de Antropologia**, v.26, n.1, p.12-31, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/93940>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

SCOTT, Joan Wallach. Experiência. In SILVA, Alcione Leite da; SOUZA, Mara Coelho de Lago; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 21-55, 1999. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf. Acesso em: 13 abril 2023.

SEGATO, Rita Laura. Brechas descoloniales para una universidad nuestroamericana. **Observatório da Jurisdição Constitucional**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em < <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/observatorio/article/view/685> >. Acesso em: 22 maio 2024.

SHAH, Alpa. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **R@U – Revista de Antropologia da UFSCAR**, v. 12, n.º. 1, p.373-392, 2020. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/09/17.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SOUKUP, Martin. Photography and drawing in anthropology. **Slovenský národopis**, v. 62, n. 4, p. 534-546, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9976898/Photography_and_Drawing_in_Anthropology?e_mail_work_card=title. Acesso em: 18 de set. 2024.

TAUSSIG, Michael. **I swear I saw this**: Drawing in fieldwork notebooks, namely my own. University of Chicago Press, 2011.

TV ABA. Conferência 32a RBA – **Michael Taussig**. [arquivo de vídeo do Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvuqFGwe4bl>. Acesso em: 19 dez. 2020.

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas. **Lélia Gonzalez**: Primavera para as rosas negras. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In VIANNA, K. Kuschnir e CASTRO, C (organizadores). **Um antropólogo na cidade**: ensaios de Antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 69-79.

ANEXOS

ANEXO I – Ementas de disciplinas⁶⁵

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TURMA: Bacharelado/Licenciatura em Ciências Sociais

DISCIPLINA: Tópicos de antropologia 1 - Antropologia da percepção: fluxos, subjetividades e grafias				
GRADE:		MATRIZ CURRICULAR:		
SEMESTRE: 2º		ANO: 2020		
CARGA HORÁRIA TOTAL: 64 horas	CARGA TEÓRICA: 32 horas	HORÁRIA	CARGA PRÁTICA: 32 horas	HORÁRIA
DATA E HORÁRIO: Noturno: quarta-feira 08hs às 10:30 – aula remota via googlemeet (sincrônica e assíncrona) – a sala virtual será enviada com antecedência via sigaa.				
Horário de atendimento: será combinado via email.				
Textos: enviados via sigaa				
PROFESSOR: Dr. Luis Felipe Kojima Hirano. Faculdade de Ciências Sociais (FCS)/UFG. E-mail: lfhirano@ufg.br				

EMENTA: Na atual fase do capitalismo, a colonização de nossas percepções tem ganhado cada vez mais força com as novas tecnologias da informação e comunicação produzindo subjetividades fechadas em bolhas e fixadas em multitarefas, metas, focos e prazos. Sob esse pano de fundo, nesta disciplina, vamos nos debruçar sobre outros modos de perceber o mundo, capazes de produzir insurgências contra a colonização de nossos corpos, percepções e da produção de subjetividades. Serão temas privilegiados em nossas aulas: 1) uma antropologia atenta a outros estados de atenção e consciência, capaz de propiciar maior correspondência com o ambiente, como aquela proposta por Tim Ingold; 2) etnografias sobre “territórios existenciais”, onde os sonhos abrem alteridades perceptivas, a exemplo do trabalho de Bárbara Glowzcewski entre os Walpiri e de A Queda do Céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert; 3) o transe no candomblé de Rito Nagô, como linha de construção da pessoa, a partir da reflexão do bábálawó Patrick Oliveira; 4) sentidos, perceptos e os modos de subjetivação em Michael Serres, Deleuze e Guattari. A partir dessas discussões, vamos experimentar alteridades perceptivas que potencializam outras subjetividades por vir. Uma disciplina que propõe se insurgir contra a colonização de nossas percepções não poderá reproduzir os modus operandi de focos e metas atuais. Nesse sentido, o cronograma seguirá uma temporalidade desacelerada, com leituras espaçadas ao longo do tempo, intercaladas com atividades práticas de percepção e expressão a partir do desenho, da fotografia, do filme e da escrita, nas quais o conhecimento surja tanto do fazer quanto do pensar.

⁶⁵ Neste anexo estão as ementas das disciplinas do professor Luis Felipe Hirano e da professora Tatiana Lotierzo. A disciplina da professora Karina Kuschnir não teve a ementa disponibilizada na plataforma Google Classroom. O curso de extensão Desenho Etnográfico ministrado por Patrícia Reinheimer e Karina Kuschnir não teve ementa e a disciplina da Aina Azevedo teve sua ementa alterada devido a sua viagem para a França para um pós-doc.



OBJETIVO GERAL

A disciplina pretende apresentar e praticar algumas das principais discussões sobre a possibilidade de uma antropologia da percepção atravessada por fluxos, subjetivação e grafias.

METODOLOGIA/AVALIAÇÃO:

O curso será ministrado por 1) aulas expositivas; 2) atividades de análise de texto e 3) exercícios práticos de percepção e grafias via googlemeet e via SIGAA. **É obrigatória a leitura prévia dos textos indicados para as aulas.**

Frequência: por conta da pandemia de covid-19, a frequência será contabilizada pelas atividades assíncronas. Todas as aulas serão gravadas e os links das aulas disponibilizados via sigaa.

Avaliação: a avaliação consistirá em seis (6) atividades quinzenais e uma (1) complementar e opcional. A nota será a média simples das 6 melhores notas. Caso o/a discente não se sinta à vontade para realizar as atividades perceptivas e gráficas, ele/a poderá optar por realizar o fichamento dos textos sugeridos nos dias das atividades assíncronas.

Módulo 1	Mover para conhecer
-----------------	---------------------

Aula 1 (3/03) – Introdução do curso: caminhos para uma antropologia da percepção

Apresentação do curso e exibição do filme *Habitar os olhos* de Luis Felipe Kojima Hirano.

Leitura de básica: Ingold, Tim. A antropologia ganha vida. In: ____ Estar vivo. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2015.

Ingold, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. Revista PontoUrbe, 3, 2008.
<https://journals.openedition.org/pontourbe/1925>

Leitura complementar: INGOLD, Tim. The perception of the environment. London, Routledge, 2000.

Aula 2 (10/03) – Assíncrona: atividade prática e gráfica

Movimento 1 – percebendo a visão, audição e o tato em um espaço fechado (pauta será explicado em aula gravada e no sigaa);

Grafia 1 – escrever e desenhar a experiência;

Enviar via sigaa – um texto sobre a descrição da experiência.

Sugestão de leitura: Kuschnir, Karina Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência



didática e de pesquisa. Cadernos de Arte e Antropologia. Vol. 3, N.2, 2014, link: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/506#quotation>

Aula 3 (17/03) – Limpando o terreno

Leitura básica: Ingold, Tim. Parte I. In: ____ Estar vivo. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2015, pp. 43-110.

Leitura complementar: INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Link; https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832015000200021&script=sci_abstract&tlng=pt

Aula 4 (24/03) – Assíncrona

Movimento 2 – percebendo a visão, audição e o tato em um espaço intermediário (pauta será explicado em aula gravada e no sigaa);
Grafia 2 - escrever e desenhar a experiência.

Enviar via sigaa – um texto sobre a descrição da experiência.

Sugestão de leitura: Azevedo, Ainá. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan. / jun. 2016.

Aula 5 (31/03) – A malha e a narrativa

Leitura básica: Ingold, Tim. Capítulos 5, 6 (pp.111-143), 12 e 13 (pp. 211-242). In: ____ Estar vivo. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2015.

Leitura Complementar: INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horiz. antropol.* [online]. 2012, vol.18, n.37 [cited 2014-11-07], pp. 25-44 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>.

Aula 6 (7/04) – assíncrona

Movimento 3 – Percebendo a visão, audição e o tato em um espaço aberto (pauta será explicado em aula gravada e no sigaa);
Grafar 3 – Fotografar e escrever a experiência

Enviar via sigaa – um texto sobre a descrição da experiência.



Sugestão de leitura: Novaes, Sylvia Caiuby. 2021. “Por Uma sensibilização Do Olhar – Sobre a importância Da Fotografia Na formação Do antropólogo”. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil:
<https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/179923/167868>

Aula 7 (14/04) - Desenho fazendo escrita

Leitura básica: Ingold, Tim. Parte V. In: ____ *Estar vivo*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2015, pp. 43-259-325.

Leitura complementar: Ingold, Tim. *Redrawing Anthropology*. Surey, Ashgate, 2011.

Aula 8 (21/04) – Assíncrona

Movimento 4 – Ampliando a visão, audição, o tato, a atenção e sentidos no espaço fechado (pauta será explicado em aula gravada e no sigaa).

Grafia 4 – Escrever, desenhar, fotografar ou filmar a experiência.

Sugestão de leitura: Grimshaw, Anna, e Amanda Ravetz. 2021. “Desenhar Com Uma câmera? Filme etnográfico E Antropologia Transformadora: Tradução De Tatiana Lotierzo E Luís Felipe Kojima Hirano”. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil:
<https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/178546/167951>

Módulo 2	Percepção e subjetivação
-----------------	--------------------------

Aula 9 (28/04) – A cosmopolítica do sonho

Leitura básica: Glowczeski, Barbara *Entre o espetáculo e a política: singularidades indígenas*. Arquivo em word.

Leitura complementar: Glowczeski, Barbara. *Devires totêmicos: cosmopolítica do sonho*. São Paulo, 2015. (capítulos 1, pp.15 a 76)

Aula 10 (05/05) – Assíncrona

Movimento 5 - Ampliando a visão, audição, o tato, a atenção e sentidos no espaço intermediário (pauta será explicado em aula gravada e no sigaa).

Grafia 5 - Escrever, desenhar, fotografar ou filmar a experiência.

Enviar via sigaa – um texto sobre a descrição da experiência.

Sugestão de leitura: GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 15, n. 45, p. 116-130, dezembro de 2016. ISSN 1676-8965



Aula 11 (12/05) – Percepções, perceptos e afectos

Leitura básica: Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. Percepto, afecto e conceito. In:___ O que é filosofia?. São Paulo, Ed. 34, 1992

Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. Do caos ao cérebro. In:___ O que é filosofia?. São Paulo, Ed. 34, 1992.

Leitura complementar: O que é filosofia inteiro e Empirismo e Subjetividade de Deleuze.

Aula 12 (19/05) – Assíncrona

Movimento 6: Ampliando a visão, audição, o tato, a atenção e sentidos no espaço intermediário (pauta será explicado em aula gravada e no sigaa).

Grafia 6: Escrever, desenhar, fotografar ou filmar a experiência.

Enviar via sigaa – um texto sobre a descrição da experiência.

Sugestão de leitura: FERRAZ, Ana Lúcia e Castro, Rita Almeida. Caminho da cena – percursos do corpo - performance em vídeo. O Olho da História, n. 14, Salvador (BA), junho de 2010.

Aula 13 (19/05 a 09/06) – Assíncrona

Atividade complementar: refazer um dos movimentos e descrever a experiência.

Aula 14 (26/05) – Os sentidos, o eu e a palavra

Leitura básica: Serres, Michel. Véus. In:___ Os cinco sentidos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

Serres, Michel. Alegria. In:___ Os cinco sentidos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

Leitura complementar: ler o livro Os cinco sentidos todo.

Filho, Ciro Marcondes, Michel Serres e os Cinco Sentidos da Comunicação. Revista Novos Olhares, Edição 16 - 2º semestre de 2005. Link: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51413>



Aula 15 (2/06) – As percepções de um bàbáláwó – Aula com bàbáláwó Patrick Oliveira.

Leitura básica: RABELO, Mirian C.M. Aprender a ver no Candomblé. Revista Horizontes Antropológicos, vol.21 no.44 Porto Alegre July/Dec. 2015.

GOLDMAN, Márcio. Formas do Saber e Modos do Ser Observações Sobre Multiplicidade e Ontologia no Candomblé - Religião e Sociedade 25 (2): 102-120 - 2005.

Aula 16 (09/06) As percepções de um Xamã Yanomami

Leitura básica: Kopenawa, Davi e Albert, Bruce. Devir outro. In:___A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, 2015

Leitura complementar: ler o livro todo A queda do céu.

FLS5929 - Antropologia e Desenho (2023)


[Início](#) / [Ambientes](#) / [2023](#) / [FELCH](#) / [ELS](#) / [FLS5929](#)


▼ Geral


[Contrair tudo](#)


[As aulas serão no auditório do LISA-USP, Rua do Anfiteatro, 181 - Colmeia, foyo 10](#)


[AVALIAÇÃO INTERMEDIÁRIA: 12 de maio, no horário da aula](#)

 [Exercício #1 – Checando a visão do todo](#)

 [Exercício #2 – Texturas](#)

 [Exercício #3 – Tomando água](#)

 [Exercício extra – Proposto por Ana Maria de Niemeyer](#)

 [Exercício extra – proposto por Aina Azevedo](#)

[Sobre a quilca e outras questões: Lotierzo, T. \(2023\). Amarrar ressonâncias: considerações sobre desenho e antropologia. Revista De Antropologia, 65\(2\), e197963.](#)

▼ Antropologia e desenho

Docentes responsáveis: Sylvia Caiuby Novaes e Tatiana Lotierzo

O desenhar e as considerações sobre desenhos vêm ganhando força na antropologia atual. Isso ocorre em meio a propostas que visam repensar os modos de conhecimento tradicionalmente adotados pela disciplina e, particularmente, os limites da escrita para o trabalho etnográfico.

O curso segue essa tendência, propondo-se a articular textos de referência sobre desenho a temáticas e autores que embasam pesquisas recentes na linha de antropologia das formas expressivas e modos de conhecimento. Propomos pensar o desenho como relação que articula/sustenta e está implicada em outras relações, suas contribuições para a pesquisa de campo e que tipo de conhecimento ele pode produzir/expressar.

Dessa forma, as aulas visam introduzir questões fundamentais para pensar tanto a prática do desenho feito por antropólogos, quanto os modos de pesquisa que envolvem desenhos outros. Que implicações, em suma, um desenho pode ter como mediador de conhecimentos – entre antropólogos e muitos mundos da existência que ali se encontram?

?

▼ 17/03/2023 – Aula 1: Antropologia e desenho: um sobrevoo

Sugestão de leitura:

CAUBY NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, 2014, p. 57-67.

▼ MÓDULO 1: PERSPECTIVA E MOVIMENTO

▼ 24/03/2023 – Aula 2

HOCKNEY, David. **Secret knowledge**. Rediscovering the techniques of the old masters. Londres: Thames & Hudson, 2019, p. 21-180.



BERGER, John. Dibujo del natural: Vincent. In: Sobre el dibujo. Barcelona y Naucaulpan: Editorial Gustavo Gili/SL, 2011, p. 7-24.

Opcional: documentário Tim's Vermeer

Opcional: Art & Optics – New theories on opticality in Western painting of the past 600 years

▼ 31/03/2023 – Aula 3

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Projeções da Terra-Floresta: o desenho-imagem Yanomami. **L**, 2014.

SENRA, Stella. Conversações em Watoriki – Das passagens de imagens às imagens de passagem: captando o audiovisual do xamanismo. **Cadernos de Subjetividade**, ano 8, n. 13.



Leitura complementar: HIRANO, Luis Felipe K. Preliminary diffractions on the drawings of The Falling Sky by Davi Kopenawa and Bruce Albert. La Furia Umana, 43.

Opcional (vídeo): Difracciones preliminares sobre los dibujos en La caída del cielo

Conferência de Luis Felipe K. Hirano (em português).

Opcional: [Encontro de Xamãs Yanomami \(22 a 24 de março de 2011\)](#)

Opcional: [Xapiri \(dir. Leandro Lima e Gisela Motta, Laymert Garcia dos Santos e Stella Senra, Bruce Albert\)](#)

Opcional: [Povo da lua, povo do sangue \(dir. Marcello G. Tassara, 1984\)](#)

✓ 07/04/2023 – FERIADO (não haverá aula)

✓ 14/04/2023 – Aula 4

Convidada: Aina Azevedo

Leitura complementar:

KUSHNIR, Karina. [A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas](#). Cadernos de Arte e Antropologia, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016a.



[AZEVEDO, Aina. Drawing. The International Encyclopedia of Drawing, 2021.](#)

[AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. Revista de Antropologia, v. 2, n. 2, 2016.](#)



[Nieto Oliva, José Miguel. Dibujando putas: reflexiones de una experiencia etnográfica con apariciones fenomenológicas \(artigo mencionado em aula\).](#)

✓ MÓDULO 2: GRAFISMOS

✓ 28/04/2023 – Aula 5

VIDAL, Lux. [Iconografia e grafismo indígenas, uma introdução](#). In: VIDAL, Lux (org.). **Grafismo Indígena**. São Paulo: Edusp/Studio Nobel/Fapesp, 1992, p. 13-18.

Leitura complementar: [Entre imagens e o processo de fazer ver: Pesquisa sobre os desenhos figurativos Mebengokré-Xikrin do Acervo Lux Vidal. GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia 8 \(1\), 2023: e194543.](#)



[GEBHART-SAYEB, Angelika. The geometric designs of the Shipibo-Conibo in ritual context. Journal of Latin-American Lore, v. II, n. 2, 1985, p. 143-145.](#)

✓ 05/04/2023 – Aula 6

GALLOIS, Dominique T. [Arte iconográfica waiãpi](#). In: VIDAL, Lux (org.). **Grafismo indígena**. São Paulo: Edusp/Studio Nobel/Fapesp, 1992, p. 209-230.

SOUZA, Marcela Coelho de. A pintura esquecida e o desenho roubado: contrato, troca e criatividade entre os Kisêdjê. **Revista de Antropologia**, v. 55, n. 1, 2012, p. 209-253.


▼ MÓDULO 3: MAPAS


▼ 12/05/2023 – Aula 8


Convidado: Jeferson Carvalho

Leitura:

CARVALHO, Jeferson. Cidades e invenções: experimentos para a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Claude Lévi-Strauss. **Ponto Urbe** (no prelo).

 [CARVALHO, Jeferson. Cidades e invenções: experimentos para a composição de uma trajetória urbana do pensamento de Claude Lévi-Strauss. Ponto Urbe \(no prelo\).](#)

 [Leitura complementar: GELL, Alfred. How to read a map: remarks on the practical logic of navigation. *Man, New Series*, v. 20, n. 2 \(jun. 1985\), pp. 271-286.](#)

 [Leitura complementar: INGOLD, T. Contra o espaço: lugar, conhecimento e movimento. In: *Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 215-230.](#)

▼ 19/05/2023 – Aula 9

Convidada: Ana Maria de Niemeyer


NIEMEYER, Ana Maria de. **O lugar da Pobreza**. 2022.


NIEMEYER, Ana Maria de. "Indicando caminhos: mapas como suporte na orientação espacial e como instrumento no ensino de antropologia". In: A. M. Niemeyer; E. Pietrafesa de Godoi (orgs.). **Além dos territórios**: por um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado de Letras, 1998.


NOVAES, Sylvia C. Paisagem Bororo – de terra a território. In: Ana Maria de Niemeyer & Emília. Pietrafesa de Godoy (orgs.). **Além dos territórios**: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado de Letras, 1998.


 [NOVAES, Sylvia C. Paisagem Bororo – de terra a território.](#)

▼ 26/05/2023 – aula 7 (Grafismos)

 GOW, Peter. Piro designs: painting as meaningful action in an Amazonian lived world. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 5, n. 2, 1999, p. 229-246.

 LAGROU, Els. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista. In: SEVERI, Carlo; LAGROU, Els. (org.). *Quimeras em Diálogo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 67-110

 Leitura complementar: MANDELBROT, Benoit. Fractals and an art for the sake of science. LEONARDO, *Computer Art in Context*, Supplemental Issue, 1989, p. 21-24.

 Leitura complementar: SHORE, Stephen. The fractal geometry of experience, 1993.

▼ MÓDULO 4: GRAFIAS

▼ 02/06/2023 – Aula 10

Convidado: João Alípio Cunha


CUNHA, Marlene. **Em busca de um espaço**: a linguagem gestual no Candomblé de Angola. São Paulo: Hucitec, 2022. Disponível para venda aqui: <https://lojahucitec.com.br/produto/em-busca-de-um-espaco-linguagem-gestual-candomble-angola-marlene-cunha/>. Ou aqui: <https://ufrj.academia.edu/JoãoAlípio>.


FANON, Franz. Q negro e a linguagem. In: **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Z Cultural**, v. 3, n. 18, 2020.

INGOLD, Tim. Desenho fazendo a escrita; Sete variações sobre a letra A; A textilidade do fazer. In: _____. **Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 259-262; 263-282; 301-314.

Leitura complementar: KOFES, S. Grafias de vida e morte, e Ishi como um meshwork. **Fronterias**, Foz do Iguaçu, vol. 3, n. 4, janeiro-julho de 2022.

 CUNHA, João A. Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola. A memória de Marlene de Oliveira Cunha. *Cadernos de Campo*, v. 1, n. 26, 2017.


 INGOLD, Tim. Being alive: Essays on movement, knowledge and description. Abingdon: Routledge, 2011.


▼ MÓDULO 5: XAMANISMO E FEITIÇARIA

▼ 16/06/2023 – Aula 11

TAUSSIG, Michael. What do drawings want? **Culture, Theory & Critique**, v. 50, n. 2-3, 2009, p. 263-274.

GOW, Peter. Could Sangama read? The origin of writing among the Piro of Eastern Peru. **History and Anthropology**, v. 5, n.1, 1990, p. 87-103.

 [Leitura complementar: BELAUNDE, Luisa Elvira. Diseñar. In: El recuerdo de la luna: género, sangre y memoria entre los pueblos amazónicos. Lima: CAAAP, 2008. p. 195-224.](#)

 [TAUSSIG, M. What do drawings want?](#)

▼ 09/06/2023 – FERIADO (não haverá aula)

▼ MÓDULO 6: FLUTUAÇÕES

▼ 23/06/2023 – Aula 12

DIDI-HUBERMAN, Georges. [A imanência estética](#). *Alea*, v. 5, n. 1, jul. 2003, p. 119-147.

Leituras complementares:

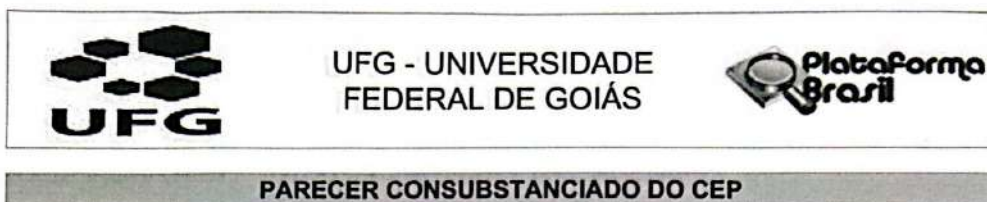
LOVATT, Anna. [Wavelength: on drawing and sound in the work of Trisha Donnelly](#). *Tate Papers*, n. 18.

IVERSEN, Margaret. [Index, diagram, graphic, trace](#). *Tate Papers*, n. 18.

 [DELEUZE, Gilles. VIII – Pintar as forças. In: Francis Bacon: a lógica da sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.](#)

Att. Disponível apenas uma versão em inglês.

ANEXO II – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** Fissuras Epistêmicas na Antropologia: Desenhar para conhecer**Pesquisador:** KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA**Área Temática:****Versão:** 1**CAAE:** 50959021.2.0000.5083**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências Sociais**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 4.995.529**Apresentação do Projeto:**

A pesquisa proposta visa identificar estratégias criativas de produção sensível e viva da ciência antropológica, por meio da combinação da linguagem escrita com a imagem, em específico o desenho, como mais um expoente da virada epistemológica do campo disciplinar. A pesquisa visa mapear as disciplinas, dentro dos cursos de Antropologia no Brasil, que utilizaram desenho em seus aspectos teóricos e práticos, assim como identificar os pesquisadores que utilizam o desenho e interpretar os seus usos como produção do conhecimento ou se a abordagem tem um caráter mais instrumental. A pesquisa também visa interpretar as narrativas de antropólogas e antropólogos, professores de Universidade, principalmente, a respeito dos usos do desenho em suas aulas, sendo importante entender a forma em que se está produzindo conhecimento a partir dos usos do desenho na Antropologia Brasileira.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é fazer uma reflexão do papel que o desenho tem na metodologia etnográfica em estudos de antropologia. Visa também construir fundamentos imagéticos e teóricos sobre o uso do desenho como produção do conhecimento e um método capaz de potencializar a argumentação na elaboração do pensamento científico antropológico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco muito pequeno de desconforto do entrevistado diante de perguntas, mas sempre com opção

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG
UF: GO
Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215
CEP: 74.690-970
E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 4.995.529

para deixar de responder.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem um enfoque interessante e tem capacidade de contribuir para a reflexão metodológica no campo, associando elementos gráficos de descrição antropológica ao processo eminentemente textual ou audiovisual (vídeos e fotos) que o relato etnográfico assume tradicionalmente. Além da relevância, a pesquisa está atrelada ao projeto de doutorado do pesquisador e conta com a supervisão de um orientador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta tanto o TCLE quanto o Termo de compromisso em acordo com as Resoluções CNS no 466/12 e Resolução CNS no 510/16. A pesquisadora também anexou os roteiros de entrevistas semiestruturadas discriminados por tipo de participante (professor/pesquisador ou aluno). Toda documentação relevante tem a aquiescência do professor orientador.

Recomendações:

Aprovação, já que as questões levantadas no parecer anterior são todas respondidas satisfatoriamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após verificado o atendimento das pendências, conclui-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa / CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. Lembramos que o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1762185.pdf	18/08/2021 20:10:16		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AO_PARECER.pdf	18/08/2021	KATIANNE DE	Aceito

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
 Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.690-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.995.529

Outros	CARTA_RESPOSTA_AO_PARECER.pdf	20:05:57	SOUSA ALMEIDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_KATIANNE DE_SOUSA_ALMEIDA.pdf	14/08/2021 20:30:03	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Outros	Roteiro_de_Observacao.pdf	14/08/2021 20:09:12	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_PARA_ALUNOS.pdf	14/08/2021 19:53:16	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_ALUN OS.pdf	14/08/2021 19:34:33	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_PES QUISADORES.pdf	14/08/2021 18:56:31	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_PRO FESSORES.pdf	14/08/2021 18:55:02	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Outros	Roteiro_para_Entrevista_Semiestruturad a_para_pesquisadores.pdf	14/08/2021 18:51:43	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Outros	Roteiro_para_Entrevista_Semiestruturad a_professora_ou_o_professor.pdf	14/08/2021 18:50:19	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_IMAGE NS_SONS_AUDIOVISUAL.pdf	14/08/2021 18:44:00	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_Katianne_.pdf. pdf	29/07/2021 18:55:51	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoKatiannedeSousaAlmeida. pdf	29/07/2021 18:30:17	KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 24 de Setembro de 2021

Assinado por:
Marilúcia Lago
(Coordenador(a))

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Nome
2. Vínculo institucional
3. Nome da disciplina
4. Data da oferta
5. Carga horária
6. Você saberia identificar quais as expectativas que alunas(os) tiveram antes de começarem as aulas?
7. Quantas(os) alunas(os) matriculadas(os) em comparação com ouvintes?
8. Alunas(os) efetivas(os) na aula?
9. O que o desenho é para você?
 - a. Nos seus desenhos o que te afeta?
 - b. O que te mobiliza nos seus desenhos?
10. Por que começou a pesquisar essa relação entre a antropologia e o desenho?
11. Como você pensa o desenho de forma geral e o desenho que se faz na antropologia?
12. Como você planeja a aula?
13. Como são suas abordagens pedagógicas? Ou seja, como você pensa sua relação com o tema e a experiência em sala de aula?
14. Como foram as escolhas dos exercícios?
15. Como dividiu a carga horária dos exercícios práticos e das leituras?
16. Como foi a sua percepção quanto aos trabalhos apresentados das(alunas)?
17. Como foi a escolha da bibliografia?
18. Como a disciplina afetou/afeta e/ou afetará ou mobiliza sua pesquisa a partir das discussões e percepções das(os) alunas(os)?

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “DESENHAR PARA CONHECER – Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia”. Meu nome é Katianne de Sousa Almeida sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Antropologia Social. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail katianne_almeida@discente.ufg.br e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **(Retirado número de telefone para publicação da Tese)** inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O *Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG)* é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender o uso do desenho dentro de pesquisas antropológicas. Você será entrevistada (o) e para isso deverá reservar um período de uma hora. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Diante a alguma pergunta que esteja desconfortável ou constrangida (o) a comentar você é livre para responder somente o que quiser. Assim como, você é livre para interromper ou desistir da entrevista, bem como retirar o consentimento a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. As gravações das entrevistas serão mantidas tão somente em meu poder, em local seguro e sigiloso. Caso você queira, terá posse dos dados originais de sua entrevista. Os benefícios desta pesquisa são impulsionar a visibilidade do desenho dentro do campo da Antropologia Visual e estimular a polissemia da linguagem na formação antropológica no Brasil.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, caso queira manter o anonimato, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
() Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de divulgarmos a sua identidade em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha identidade nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha identidade nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- () Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **DESENHAR PARA CONHECER – Experimentações como Fissuras Epistêmicas na Antropologia**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada (o) e esclarecida (o) pela pesquisadora responsável **Katianne de Sousa Almeida** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável